

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

SANDRO ADALBERTO COLFERAI

JORNALISMO E IDENTIDADE NA AMAZÔNIA
AS PRÁTICAS CULTURAIS LEGITIMADAS NO
JORNAL DIÁRIO DA AMAZÔNIA COMO
REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS DE RONDÔNIA

Porto Alegre
2009

SANDRO ADALBERTO COLFERAI

**JORNALISMO E IDENTIDADE NA AMAZÔNIA
AS PRÁTICAS CULTURAIS LEGITIMADAS NO
JORNAL DIÁRIO DA AMAZÔNIA COMO
REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS DE RONDÔNIA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora:
Profa. Dra. Ana Carolina Escosteguy

Porto Alegre
2009

C695j

Colferai, Sandro Adalberto

Jornalismo e identidade na Amazônia: as práticas culturais legitimadas no jornal Diário da Amazônia como representações identitárias de Rondônia / Sandro Adalberto Colferai. - 2009.

196 f. ; 27 cm.

Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, FAMECOS, PUCRS, 2009.

1. Jornalismo – Amazônia – Dissertação. 2. Jornalismo – Cultura - Dissertação. I. Título.

CDU 070(811.1)(043.3)

Catálogo na fonte: Paula Pêgas de Lima CRB 10/1229

SANDRO ADALBERTO COLFERAI

JORNALISMO E IDENTIDADE NA AMAZÔNIA
AS PRÁTICAS CULTURAIS LEGITIMADAS NO
JORNAL DIÁRIO DA AMAZÔNIA COMO
REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS DE RONDÔNIA

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-
Graduação em Comunicação Social da Faculdade de
Comunicação Social da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em _____.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Ana Carolina Escosteguy – PUCRS (orientadora)

Profa. Dra. Ângela Cristina Trevisan Felippi – UNISC

Profa. Dra. Ivone Maria Cassol – PUCRS

Porto Alegre
2009

Para Bruna, presente dessa vida! Você é o máximo! Você se fez forte e dedicar-lhe este trabalho é antes uma questão de justiça. Sou eternamente grato a você pela sua presença na minha vida, no meu dia-a-dia, pela sua preocupação, pela sua boa vontade e pela sua beleza, contrastando com minhas ausências, as quais não impedem, por outro lado, a existência da grande admiração e maravilhamento que tenho por você. Adoro-te e venero-te! Carinhosamente!

Para Pedro, que teve menos pai que merecia, e ainda assim se faz a mais brilhante luz que alguém pode suportar. Amor incondicional!

AGRADECIMENTOS

Tarefa necessária para este trabalho, e que não se trata de cumprir protocolos, é agradecer infinitamente a contribuição de muitos que, às vezes mesmo sem saber, co-construíram comigo o texto que se segue. O caminho foi árduo e atravessado por dificuldades de várias ordens, obstáculos vencidos com a ajuda (e que me perdoem muitos pelo esquecimento) dos bons samaritanos que se seguem.

Ao Beto, graaande amigo que nas curtas estadas em Vilhena, no ano mais maluco de minha vida, sempre tinha uma boa e velha piada e a cerveja sempre gelada e assim ajudou a tornar suportável a tarefa de estar em dois lugares ao mesmo tempo.

À Carla, de sorriso no rosto e um grande coração abriu a casa para receber a minha família durante minha ausência e se transformou no apoio fundamental para que Bruna e Pedro tivessem uma referência justamente no momento em que todos pareciam faltar.

Obrigado Rose, pelo apoio durante todo o tempo, antes do mestrado e por aquele que ainda virá. É a melhor sog... ops, mãe de esposa que alguém pode querer.

Ao pessoal do Vila Trasttevere, Seu Marcos, Dona Áurea, Dona Lila, Seu Salvador, Volnei... Gente de bom coração e bom papo que bem nos receberam e fizeram melhor a estada em Porto Alegre.

Às colegas Camila, pelos papos, os panchos e a disposição para uma cerveja; Samara pelas risadas e a companhia, principalmente nas últimas semanas de Porto Alegre; Lúcia, nova amiga e nem tão boa motorista assim, sempre presente durante todo o mestrado e pronta a quebrar gigantescos galhos. E até o Antônio, o pelotense mais grosso de que se tem notícias. Grato, novos amigos.

À professora Ana Carolina, minha orientadora, pela confiança que depositou no cara que apareceu de Rondônia dizendo que queria saber mais dos Estudos Culturais. Das orientações, quase sempre à distância, ficam as noções de comprometimento com uma linha de estudos e a necessidade de ser claro ao mostrar resultados.

Às professoras Ângela Felippi e Ivone Cassol (não, rondonianos, não é ela), pelos valiosos apontamentos no exame de qualificação.

Ao pessoal do Diário da Amazônia, principalmente Guarim, Santiago, Andréa – agora somos os dois famequianos! – que em nenhum momento apresentaram obstáculos, mas, ao invés disso, facilitaram o acesso a tudo o que foi preciso para a pesquisa.

Lúcio Albuquerque, jornalista, escritor e agora amigo, pelas histórias, os livros e pelo ótimo peixe encontrado num lugar dos mais improváveis depois de muita peregrinação por Porto Velho.

Professor Osvaldo Duarte, incentivador e leitor atento de parte deste trabalho, que antes disso é o responsável por ter mostrado que era possível fazer mais e melhor, romper as fronteiras próximas e pensar além dos próprios limites – com métodos muito particulares, é claro.

Ao Seu Santo, meu pai, espírito insatisfeito de mais um gaúcho que se juntou às levas de migrantes que vieram explorar esta terra. Homem esclarecido e visionário coube-lhe o papel de pioneiro anônimo dentre tantos outros. Eu fiquei e ele seguiu adiante, até o Peru, de onde não voltou.

À Dona Valmira, minha mãe, mulher forte que pouco estudou, mas sempre soube o quanto eram importantes os livros. A eles me agarrei e a ela devo este caminho.

E um salve para tantos outros que colaboraram, incentivaram ou que apenas não atravancaram esta jornada.

Memória é nevoeiro,
tento a raiz do intento
e me perco.
Fato é átomo
cercado de fogo fátuo.
Cada reflexo
fica impresso
nos agoras antigos.

André Carneiro

RESUMO

COLFERAI, Sandro Adalberto. **Jornalismo e identidade na Amazônia**. As práticas culturais legitimadas no jornal Diário da Amazônia como representações identitárias de Rondônia. Porto Alegre: PUCRS, 2009.

Esta dissertação tem a finalidade de compreender os mecanismos acionados no jornal Diário da Amazônia, de Porto Velho (RO), para a legitimação de práticas culturais tomadas como constituidoras da identidade de Rondônia. Para isso privilegiam-se contribuições de autores ligados aos Estudos Culturais: Stuart Hall, Néstor Garcia Canclini, e Jesús Martin-Barbero. Na discussão é feita a recuperação do percurso sócio-histórico da Amazônia e Rondônia, e dos discursos postos em circulação em diferentes épocas, principalmente a partir da década de 1960, devido à intensa imigração para Rondônia, que colocou em confronto as visões de mundo de colonos e ribeirinhos, cenário sobre o qual se constitui a sociedade rondoniense. Também é apresentado o cenário de Comunicação Social e dos veículos que atuam no estado, especialmente do Diário da Amazônia e do grupo de empresas de comunicação do qual faz parte, o SGC. A dissertação considera as coberturas de festas ligadas aos complexos culturais ribeirinho e da colonização, realizada pelo Diário da Amazônia entre os meses de junho e setembro de 2009, e centra-se no período de uma semana para análise de matérias referentes a festas de um e outro complexo cultural. A base do percurso metodológico é o Mapa das Mediações, em específico as *Matrizes Culturais*, *Lógicas de Produção* e *Formatos Industriais*, e as mediações da *institucionalidade e tecnicidade* existente entre elas, de forma a cobrir a instância da produção.

Palavras-chave: Comunicação; Identidade; Estudos Culturais; Mapa das Mediações; Jornalismo; Rondônia; Amazônia.

ABSTRACT

COLFERAI, Sandro Adalberto. **Journalism and identity in Amazônia.** The cultural practices legitimated in the *Diário da Amazônia* newspaper like representations of Rondônia's identity. Porto Alegre: PUCRS, 2009.

This dissertation has purpose to comprehend the mechanisms actuated in the *Diário da Amazônia* newspaper, of Porto Velho – (RO), for cultural practice legitimation, taken with form of Rondônia's identity for this by privilege the contributions of author connected of Cultural Studies: Stuart Hall, Néstor Garcia Canclini and Jesús Martin-Barbero. In the discussion is made out restitution of circuit sociohistorical of Amazônia and Rondônia, and of discourses standing in circulation in differents period, mainly after of decade of 1960, so intense immigration for Rondônia, that put in confrontation the world's vision colonists and riparians, scene about this constitutin the Rondônia's society. Also is introduced the scene of Social Communication and of media in acting in the state, specially of *Diário da Amazônia* and the group of communication company who do part, the SGC. The dissertation consider the coverings of parties related of the cultural complex riparian and the colonization, realized for *Diário da Amazônia* among the month of June and September of 2009, and by center in epoch of one week, for analysis of news referrings the parties of one and other cultural complex. The foundation of method assumed is the Map of Mediations, in specific the *Cultural Matrix*, *Logic of Productions* and *Industrial Formats*, and the mediations of *institutions* and *technologies* existent between them, of form cover the instance of production.

Key-words: Communication; Identity; Cultural Studies; Map of Mediations; Journalism; Rondônia; Amazônia.

SUMÁRIO

MOTIVAÇÕES E INÍCIOS.....	12
1. PONTOS DE PARTIDA.....	28
1.1. Cultura.....	29
1.2. Representação.....	36
1.2.1. Representações no campo do jornalismo.....	38
1.3. Migração, fronteira e identidade.....	40
2. MAPA DE CAMINHO.....	50
2.1. Texto e textualidades.....	52
2.2. Tomada de posição.....	54
2.3. Mapa das Mediações.....	59
2.4. Circuito de investigação.....	65
3. RONDÔNIA: DOS MITOS AO ENCONTRO DE MUNDOS NA COLONIZAÇÃO.....	73
3.1. Seca, guerra e a constituição de uma população tradicional.....	77
3.1.1. A cultura que se fez tradicional.....	83
3.2. A colonização agrícola.....	86
3.2.1. O índio no “espaço vazio”.....	90
3.2.2. A fronteira urbana da Amazônia.....	93
3.3. Encontro de mundos.....	96
4. A NU E CRU: LÓGICAS E CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO.....	102
4.1. O cenário de jornalismo em Rondônia.....	104
4.1.1. Os meios e as particularidades.....	105
4.2. Recorte de pesquisa.....	110
4.2.1. O SGC.....	112
4.3. Assim se faz o Diário da Amazônia.....	116
4.3.1. Comercialização e circulação.....	118
4.3.2. Aparatos e formas.....	121
4.3.2.1. Os recursos disponíveis.....	122
4.3.2.2. Formas narrativas possíveis.....	124
5. TEXTOS DO VIVIDO.....	128
5.1. As práticas visíveis no Diário da Amazônia.....	129
5.1.1. As presenças na cobertura do Diário da Amazônia.....	135
5.1.2. Uma semana, duas representações.....	139
5.1.2.1. Movimentos de legitimação.....	144
5.2. Das práticas às narrativas, uma identidade preferencial.....	154
DISCURSOS MOVEDIÇOS.....	159
REFERÊNCIAS.....	169
ANEXOS.....	176

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa de Cultura.....	55
Figura 2 – Mapa das Mediações.....	62
Figura 3 – Mapa de pesquisa.....	72
Figura 4 – Mapa de Rondônia.....	74

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Rede TV! Rondônia – Programação local.....	115
Tabela 2 – Tiragem e distribuição do Diário da Amazônia em 05/08/2009.....	120
Tabela 3 – Cobertura de cadernos especiais do Diário da Amazônia.....	134
Tabela 4 – Matérias ligadas aos complexos culturais ribeirinho e da colonização.....	139
Tabela 5 – Matérias sobre feiras e festas ribeirinhas em páginas específicas.....	142
Tabela 6 – Matérias selecionadas para análise.....	143

MOTIVAÇÕES E INÍCIOS

A Amazônia é terreno fértil para mitos e histórias fantásticas, um lugar que sempre povoou os imaginários do mundo com imagens tão díspares como a do paraíso na terra e de um inferno verde. Desde os primeiros registros sobre a região, e mesmo antes da chegada dos europeus, a idéia de um paraíso terrestre, a fonte da eterna juventude, das riquezas conseguidas sem esforço e lugar de monstruosidades, já povoava o universo do possível para navegadores – de marujos a almirantes – e daqueles que ficavam nas metrópoles do Velho Mundo.

A passagem do tempo, desde a vinda do europeu até a contemporaneidade, não alterou o deslumbramento com a Amazônia. As visões da natureza envolvente, de animais exóticos, e o deslocamento de mitos do velho para o novo mundo, só fizeram aumentar as narrativas fantásticas em torno da floresta. Do registro do frei dominicano Gaspar de Carvajal¹, em que se confundem mitos europeus com a narração de combates com mulheres guerreiras, passando por obras de Arthur Conan Doyle² e Julio Verne³ – em que a selva misteriosa é o centro das atenções – até produções cinematográficas contemporâneas – *Canibal Holocausto* (1980), *O Curandeiro da Selva* (1992), e *Anaconda* (1997) são alguns

¹ Autor de *Descubrimiento Del Rio de Orellana*, em que relata a descoberta e a descida do rio Amazonas por Francisco Orellana, que saiu de Quito em 1541 em busca do lendário País da Canela. O relato de Carvajal é lido na Europa de maneira que se incorpora a narrativas míticas do Éden e de Prestes João, lendário rei cristão da Etiópia (PIZARRO, 2005).

² *O mundo perdido* (GONDIM, 1994).

³ *A jangada – Oitocentas léguas pelo rio Amazonas* (GONDIM, 1994)

exemplos – o que há é a construção de uma narrativa sobre a Amazônia que sempre reforçou uma visão fantástica.

O estranhamento causado desde as primeiras entradas lusas na região, com confusões, releituras de mitos, como as lendárias El Dorado e a Fonte da Juventude, e a idéia de que ali estava o “paraíso na terra”, se manteve, sob outras formas, até os nossos dias. É este o caminho percorrido e que tem como pontos de parada os ciclos da borracha nos séculos XIX e início do XX, a Marcha para o Oeste, já no Estado Novo, e por último, mas não por fim, a colonização agrícola da região. São movimentos que têm por agentes o homem europeu e depois o brasileiro, e provocados principalmente por políticas oficiais de estado.

Nessas narrativas o fantástico da natureza é sempre posto em confronto com as motivações humanas, confronto que leva a tensões cujos resultados são imprevisíveis, criando questionamentos inquietantes frente à impossibilidade de fusão entre estes dois elementos:

Um ou outro terá de se fragilizar se for imiscuído nesse conjunto um elemento não autóctone, que pode se revestir de nomeações múltiplas, como o progresso, por exemplo, acompanhado de seu elemento inerente, que é o lucro monetário, ou ainda a cultura, e aí o missionário desordenaria a harmonia primordial (GONDIM, 1994, p. 139).

Os discursos que tomam a Amazônia como um lugar de riquezas, mistérios e perigos, tudo envolto numa bruma mítica, se mantêm até o século XX. Exemplos disso podem ser tomados do cinema, que converte a Amazônia em fértil terreno para a imaginação. E é também o olhar estrangeiro e deslumbrado com a imensa floresta que leva adiante *Aguirre, a cólera dos deuses* (1972), do cineasta alemão Werner Herzog. Neste filme é explorada a visão de delírio da mente humana frente à imponência da floresta, o que também é mote para *Fitzcarraldo* (1982), do mesmo diretor. Nas duas produções, a primeira tratando das crenças míticas de conquistadores ibéricos e a segunda dos delírios provocados pela opulência da borracha, mostram o homem diante da floresta e de sua própria insignificância, mas ao mesmo tempo o confrontam com possibilidades de riquezas e de realizações não mais

possíveis em outros lugares. Uma relação de opostos e de atração irresistível pelo maravilhoso que se abre, pleno de mistérios e possibilidades.

E da tentativa, sempre frustrada, de fazer coexistir sem prejuízos para um e outro o humano e a natureza surge uma sociedade amazônida⁴ permeada por narrativas das mais diversas, nunca livres de equívocos. São narrativas que tratam de “uma” sociedade, e deixam sob os mesmos rótulos grupos absolutamente diferentes uns dos outros e que têm como único ponto de encontro o fato de viverem na mesma região. Seja pela formação dos grupos sociais que constituem a população dos estados da Amazônia, principalmente daqueles que se encontram na região Norte – esta mesma uma divisão política que não leva em conta particularidades⁵ – seja pelas disparidades sócio-econômicas internas, trata-se de grupos heterogêneos.

Por povos da Amazônia não é possível enxergar apenas as populações tradicionais. Já são parte desse meio os grupos responsáveis pela subversão da paisagem amazônica. Trata-se de garimpeiros, mateiros, pecuaristas, madeireiros e agricultores, quase todos emigrados a partir dos anos 1970, que agora se somam a ribeirinhos, seringueiros, pescadores e índios. E esta adição não se dá sem conflitos, principalmente no campo cultural.

O não reconhecimento desta heterogeneidade se deve, em boa medida, àquelas narrativas que mostram a Amazônia como lugar de mistérios, envolto em uma aura de mitos e lendas, ao mesmo tempo desconhecida e alvo de atenções. Era assim no século XVI, e é assim ainda hoje. Mantém-se no foco das atenções por estar na pauta de discussão sobre o meio ambiente, por ser um reservatório de recursos naturais, ao mesmo tempo em que tem

⁴ Na definição de Gonçalves (2005, p. 18) o termo *amazônida* se refere ao que é interno à Amazônia, próprio de sua população, tendo como contraponto ao vocábulo *amazônico*, que seria uma definição daquilo que também é da região, mas a partir de uma classificação externa a ela, isso em função de discursos díspares dentro e fora da Amazônia. Para ele o termo “chega a ferir os ouvidos de tão pouco habituados a considerá-los [os amazônidas] estamos” (GONÇALVES, 2005, p. 10).

⁵ A região Norte é composta pelos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Amapá, Pará e Tocantins, e abrange 53% do território brasileiro, o que implica apontar que há diferenças consideráveis internamente. Este conjunto leva em consideração a divisão política, e pode ser ampliado, com a inclusão de Mato Grosso e Maranhão, formando a chamada Amazônia Legal, essa considerada por características físicas, além da flora e fauna, próprias da floresta amazônica, que extrapolam a região Norte.

incontáveis riquezas ainda não exploradas. Mas ainda é misteriosa, pois pouco se conhece da Amazônia, e das pessoas que nela vivem.

Em boa medida responsáveis por uma imagem estereotipada da Amazônia, os meios de comunicação social têm papel importante nas formas de ver a Amazônia, e na maneira como a Amazônia se vê. Se a Amazônia tem um povo heterogêneo, as narrativas sobre a Amazônia não o são. É assim que, enquanto os meios de comunicação social têm um discurso fora da região, nas suas entranhas outros se formam, na maior parte das vezes sendo eco de uma considerável parcela da população amazônica, e que vão de encontro aos discursos externos. Se há posições ambientalistas, preservacionistas, expostas e aceitas fora da Amazônia, dentro dela há plena circulação e aceitação de discursos em prol da intervenção na natureza, corroborando princípios desenvolvimentistas sob o signo do progresso.

É isso que, no dizer de Darcy Ribeiro (2006), tem feito surgir um movimento na direção de uma possível integração territorial, cultural e humana orgânica na Amazônia, o que não significa assumir que não há conflitos postos nas mais diferentes frentes:

Hoje, a Amazônia se oferece ao Brasil como sua grande área de expansão, para a qual inevitavelmente milhões de brasileiros já estão se trasladando e continuarão a se trasladar no futuro. A floresta vem sendo atacada em toda a sua orla e também desde dentro num movimento demográfico poderoso, movido por fatores econômicos e ecológicos (RIBEIRO, 2006, p. 278).

Historicamente a ocupação da Amazônia sempre se deu de maneira precária, com povoações sendo instaladas seja por ordens religiosas, seja em função da exploração de metais preciosos ou para o extrativismo vegetal, mas sempre com o propósito de retirar da região o máximo no menor tempo possível. O impacto da presença do homem de cultura européia, cristã, sempre deixou marcas, mas a paisagem humana e natural pouco se alterou. Os primeiros sinais de uma ocupação sistemática são percebidos com a exploração da borracha, mas foi a partir da chegada dos imigrantes que buscavam se fixar, primeiro sob o Estado Novo, depois por incentivo dos governos militares, que passou a haver maior impacto no modo de vida da Amazônia, com a floresta, seu elemento primordial, sendo posta a baixo,

vista como obstáculo ao modo de vida que migra junto com o colono, uma vez que o espaço deve ser transformado em pastagens e plantios comerciais.

A eficácia desse modo de ocupação é de todo duvidosa, mas sua capacidade de impor-se é inelutável, mesmo porque conta com as graças do governo. A ditadura militar chegou a subsidiar grandes empresários estrangeiros, atraídos pela doação de imensas glebas de terra e com financiamentos a juros negativos dos empreendimentos que lançassem. [...] [houve] assim a invasão sorrateira de toda a floresta por gente desalojada dos latifúndios e até dos minifúndios de todo o Brasil, que ali está aprendendo a viver na mata, criando um novo gênero de ocupação que ainda não se configurou (RIBEIRO, 2006, pp. 278, 279).

Frente às novas realidades que se impõem na Amazônia, a região constitui de fato um desafio para o Brasil. E trata-se de um desafio que deve ser encarado a partir de sua população, heterogênea, na maior parte ainda em fase de adaptação ao meio e, principalmente, carente de políticas públicas que reconheçam suas características, suas particularidades, e com isso ofereçam condições de realizar intervenções eficazes. É neste contexto que compreender quais são os discursos em circulação na região, e quais deles encontram ali legitimação, passa a ser fundamental. Os meios de comunicação como componentes sociais, principalmente aqueles que atuam na Amazônia com mensagens ali sendo produzidas e consumidas, são pontos cruciais para enxergar a região e a maneira como os amazônidas vêem a si mesmos. São responsáveis pelo surgimento, e agentes de propagação, de representações que podem estar sendo tomadas como uma identidade própria da Amazônia.

E numa sociedade de formação recente em que as representações pelas quais reconhece a si mesma ainda não estão assentadas, mas, ao contrário, em construção a partir dos mais diferentes referenciais, a questão das identidades se impõe com mais força que naquelas em que seus membros têm um percurso sócio-histórico comum. Ao propor questões frente a uma sociedade com tais características é preciso ter claro que se trata de uma totalidade, complexa, com momentos particulares que não devem ser esquecidos. E estes momentos ou instâncias particulares, responsáveis pela complexificação, devem ser identificados a fim de se conseguir apontar quais são os elementos que compõem tal

totalidade, pois “você tem que identificar as diferenças para saber o que as articula” (HALL, 2006, p. 339).

O estado de Rondônia é exemplo bem acabado das complexidades que permeiam o espaço amazônico e as suas populações. Trata-se de uma sociedade em formação que teve um crescimento vertiginoso principalmente nas décadas de 1970 e 1980, quase exclusivamente em função de levadas migratórias oriundas das regiões Sul e Sudeste. Pessoas com bases identitárias diferentes se encontraram num espaço diverso e estabeleceram as bases da nova sociedade. Diante de tais condições a questão da identidade cultural se coloca de maneira diferente daquela posta em outros lugares, como o Rio Grande do Sul. Discutir identidade no extremo sul do Brasil é pensar nas bases e nas conformações históricas que estabeleceram a maneira do gaúcho enxergar a si mesmo e como é visto pelos outros. No Norte do Brasil, e em Rondônia em particular, o pensar identidade refere-se a um processo ainda em andamento, longe de ser algo cristalizado. Os primeiros imigrantes ainda estão vivos, e uma segunda geração acaba de chegar à maturidade. Tudo aquilo que já é dado histórico com relação à formação de identidades em outras partes do Brasil, em Rondônia é um processo em andamento que ainda está no princípio, com conflitos e disputas simbólicas – não raro transportadas para embates físicos – acontecendo agora, na busca por espaço para que uma das posições se estabeleça como a representação preferencial do que é ser rondoniense e, numa escala maior, amazônica.

A pesquisa tem foco nos meios de comunicação de massa e nas suas inter-relações com o âmbito cultural da população amazônica. O recorte, sobre este pano de fundo toma o estado de Rondônia⁶ e privilegia um segmento dos meios de comunicação em particular: os jornais impressos diários. Especificamente toma-se como *corpus* de pesquisa textos publicados no jornal Diário da Amazônia.

⁶ Junto com os demais estados que configuram a região amazônica.

A opção por constituir o *corpus* de pesquisa a partir de um jornal diário se deve às características dos meios de comunicação em Rondônia. Uma vez que a proposta é tratar de discursos produzidos no estado e nele consumidos, foi preciso levar em conta o diminuto espaço dedicado pelas emissoras de televisão à programação local, o que também reduz o espaço para as mensagens produzidas em Rondônia. O rádio, por seu turno, tem intensa programação local, voltada para regiões limitadas, uma vez que não há emissoras operando em cadeia. É desta forma que o jornal Diário da Amazônia, que possui a maior circulação em Rondônia – ainda que tenha uma tiragem reduzida – se converte no veículo mais representativo de todo o ambiente de comunicação social, o que é potencializado pela articulação com outros meios, já que é parte de um grupo de comunicação, o Sistema Gurgacz de Comunicação. Trata-se de uma organização que detém o controle, além do Diário da Amazônia, de uma emissora de rádio que alcança 30 dos 52 municípios de Rondônia; a retransmissora da Rede TV!, que possui a maior grade de programação local, com equipes de produção atuando nas principais regiões do estado; e a SGC Cabo, empresa de TV a cabo na cidade de Ji-Paraná, a segunda maior de Rondônia. Concentrar atenção em um dos veículos do grupo, exatamente pela coordenação existente com os demais, se deve à compreensão de que os resultados da pesquisa podem ser relacionados não apenas ao veículo objeto de estudo, mas também estendido ao grupo e a uma parcela significativa do cenário de comunicação de Rondônia.

A questão a ser respondida trata da ação dos meios de comunicação de massa, em particular o jornal foco da pesquisa, na legitimação de práticas culturais e, conseqüentemente, na formação de identidade cultural de Rondônia. A abordagem se dará a partir de posições associadas aos Estudos Culturais, o que corresponde a assumir um lugar para a pesquisa e, principalmente, para a forma como se vê as relações culturais e a sua intersecção com a comunicação social. Stuart Hall e Richard Johnson, ligados aos *Cultural*

Studies ingleses, compreendem a cultura como todo o lado subjetivo das relações sociais, estas expressas pela linguagem, de forma que toda a qualquer ação pode ser interpretada pelo ponto de vista cultural (HALL, 1997a; JOHNSON, 2004). Esta centralidade da cultura é ponto chave para a posição assumida neste trabalho e, principalmente, para a interpretação que se fará do objeto de pesquisa. É também a partir de Hall que se toma o conceito de representação, e a importância que a linguagem assume. É a linguagem que constitui um “espaço partilhado” onde são produzidos os significados culturalmente válidos, um lugar onde as intersecções entre emissor e receptor tornam possível a interação.

Os cruzamentos e diferentes referências culturais são ponto chave, assim como posições que tomam a cultura como central e particularizam a sua abordagem no contexto latino-americano, são fundamentais. É aí que o conceito de *hibridização*, tal como apresentado por Néstor Garcia Canclini (2006), tem papel fundamental entre os fundamentos teóricos assumidos aqui. Ao tomar um objeto de pesquisa imerso numa realidade particular, permeado por movimentos migratórios e, mais do que isso, ele mesmo constituído de diferentes representações culturais, é preciso pensar nas formas como as relações ali se dão e quais os mecanismos acionados neste meio social para as negociações necessárias.

E é neste contexto de cruzamentos culturais que se propõe pensar a questão das identidades, a partir da contribuição de Stuart Hall (2003) e de autores latino-americanos neste campo. Por sua formação recente e pelas diferentes referências culturais em contato em Rondônia é fundamental um conceito de identidade que leve em consideração os pertencimentos rarefeitos e os deslocamentos que isso acarreta. É a possibilidade de identificações passageiras, num meio cultural híbrido, em que as representações se sucedem, sem que nenhuma de fato se fixe, mas sempre com disputas para que uma delas predomine.

Com relação ao método adotado há uma posição específica, tributária dos referenciais teóricos adotados, uma vez que se assume um circuito de cultura para nortear as

pesquisa. Hall (2006, p. 365) pensa tais circuitos como uma “articulação de momentos distintos, mas interligados”, como “práticas conectadas, em que cada qual, no entanto, mantém sua distinção e tem sua modalidade específica, suas próprias formas e condições de existência”. É o mesmo sentido tomado por Martin-Barbero ao “traçar um novo mapa das mediações, das novas complexidades nas relações constitutivas entre comunicação, cultura e política” (2003, p. 15). O mapa de Martin-Barbero, tal como o de Hall, tem momentos distintos, mas interligados e somente no conjunto podem apresentar uma imagem complexa da comunicação e suas implicações nas relações sociais.

O Mapa das Mediações de Martin-Barbero (2003) é a base do método adotado neste trabalho, mesmo que não seja tomado em sua totalidade. Uma vez que o interesse é pela produção nos meios de comunicação em Rondônia, privilegiam-se as instâncias que podem ser apontadas como iniciais do mapa, assim como duas das quatro mediações nele presentes. Assim o circuito proposto inicia-se nas Matrizes Culturais e alcança as Lógicas de Produção, passando pela mediação da *institucionalidade*, presente entre elas. Dali o circuito segue até os Formatos Industriais, passando pela mediação da *tecnicidade*. A finalidade é dar conta do momento da produção, desde as razões sócio-históricas por que são assumidas determinadas posições pelos meios, até o produto final, passando pelas condições de produção disponíveis⁷.

É assim, tendo claro que se trata de responder questões acerca de uma realidade complexa, mas que para ser abordada deve ser tomada pelas partes para compor um quadro mais amplo, que a questão norteadora proposta é:

Quais representações identitárias estão sendo legitimadas pelo jornal Diário da Amazônia como constituidoras da identidade do estado de Rondônia?

⁷ Martin-Barbero tem proposto mudanças no seu Mapa Noturno, entre as quais está a retirada das mediações da *institucionalidade* e da *socialidade*, por ele agora consideradas “tradicionalistas”. São alterações que entre outras levam a tratar agora de “mediações comunicativas da cultura”. Estas alterações, no entanto, não serão aqui assumidas e o Mapa das Mediações tal como apresentado em *Dos meios às mediações* (2003) é base metodológica a partir da qual se constitui a pesquisa (MARTIN-BARBERO, 2009).

Para isso será necessário responder a outras, não menos importantes na constituição do trabalho, estas elaboradas a partir do método adotado. Significa dizer que cada uma das questões específicas aqui apresentadas trata de momentos específicos do circuito de investigação. São elas:

Quais são as matrizes culturais da população de Rondônia?

Quais os discursos públicos apropriados pelo Diário da Amazônia?

Quais as condições de produção e circulação do Diário da Amazônia?

Responder cada uma destas questões e identificar as posições assumidas pelos meios de comunicação social diante do embate no campo da cultura é parte do processo de compreender como se estabelece o contato, quais as apropriações levadas a efeito entre os diferentes grupos, e como a nova sociedade amazônica vê a si mesma.

A dissertação aponta as matrizes sobre as quais se assentam as representações culturais em Rondônia, que a nosso ver não diferem muito daquilo que se observa na maior parte da Amazônia Ocidental, já que o modelo de desenvolvimento e/ou exploração foi semelhante em toda a região, seja durante os ciclos da borracha, seja na ocupação promovida a partir da década de 1960 e que teve maior intensidade nas duas décadas seguintes. Ao abordar as Matrizes Culturais houve dificuldade frente à escassez de fontes historiográficas. Poucos pesquisadores têm se ocupado do percurso histórico de Rondônia, o que leva a esta carência de fontes, e mesmo os que o fazem têm se debruçado sobre um período que cobre desde o século XVI até o início do século XX. A partir daí pouco há sobre a história de Rondônia. Em função disso a opção foi recorrer a fontes da literatura, onde há narrativas que retratam qual era a representação que se tinha de Rondônia durante sua ocupação, principalmente ao longo do século XX.

A partir das matrizes culturais buscar-se-á as práticas legitimadas e assim tornadas predominantes por meio de mecanismos de institucionalização e tidas como

representativas da população de Rondônia. Uma vez apontadas tais práticas o objetivo é verificar se os meios de comunicação, em especial os impressos, estão se apropriando dos discursos institucionalizados – sem perder de vista que a institucionalização se dá também, de alguma forma, pela mídia – e tomando-os como representativos da população do Estado de forma homogênea, surgindo assim lógicas de produção próprias destes meios.

A constituição do corpus de pesquisa é tomada a partir da localização de uma série de eventos realizados em Rondônia. Durante uma semana, entre os meses de junho e julho de 2009 aconteceram a Feira Agropecuária, Comercial e Industrial de Vilhena, Expovil, no interior do Estado, e o Arraial Flor do Maracujá, em Porto Velho. A análise levada a efeito preocupa-se com a cobertura destes eventos, simultâneos, pelo Diário da Amazônia. No entanto estas festas não são tomadas de forma particular, mas colocadas em perspectiva, como parte de uma série de festas ligadas ao complexo cultural ribeirinho, no caso do Arraial Flor do Maracujá, e ao complexo cultural do colono, no caso do circuito de festas agropecuárias que acontece anualmente em Rondônia.

Procedimentos específicos para a abordagem em campo são da mesma forma assumidos, com claro destaque para as entrevistas realizadas com jornalistas que detêm o poder de decisão no Diário da Amazônia. É a partir das entrevistas realizadas com editores, secretário de redação, editores de cadernos e diretores do jornal, do corpus de pesquisa selecionado, e de tais elementos colocados em perspectiva diante do contexto sócio-histórico próprio de Rondônia, que se pretende apontar resultados acerca das questões propostas.

A busca pela identificação e compreensão das práticas culturais legitimadas como representações identitárias próprias de Rondônia se justifica em função das narrativas diversas sobre a Amazônia. Se essas narrativas têm algo em comum é o fato de serem, quase na totalidade, externas à região. Assim, não se conhece aquelas produzidas pelos povos que nela vivem, e quais as que encontram, ali, em meio a disputas, legitimação. Tais disputas

refletem os inúmeros interesses que se cruzam na Amazônia em geral, e em Rondônia em particular, principalmente quando se observa com atenção as ideologias e modelos econômicos contrapostos a partir do contato entre as diferentes populações. Ao tomar-se esta preocupação como legítima é possível ver nos meios de comunicação social um lugar privilegiado para se compreender as formas sob as quais se dão as disputas simbólicas. Com isso constituem um dos locais para a apreensão das posições a partir das quais falam os povos da Amazônia.

As inquietações que motivam a pesquisa, no entanto, não têm origem apenas em percepções tomadas de maneira objetiva. A trajetória pessoal do pesquisador é fator dos mais relevantes para o empenho em que implica o trabalho de levantamento de dados, a escolha de um objeto de estudo e a constituição de seu *corpus*. No meu caso ser um dos imigrantes sulinos, catarinense filho de “gaúcho cansado”⁸, que aportou em Rondônia em 1980 e por isso ter sido, mesmo que involuntariamente, testemunha do princípio de uma nova sociedade, e de um dos maiores movimentos migratórios do Brasil contemporâneo, constitui a base do interesse na configuração das relações sociais na Amazônia. Durante a década de 1980 testemunhei o surgimento de cidades à beira de estradas, quase sempre a partir de acampamentos de colonos ou no entorno de serrarias. Presenciei o movimento de tomada de espaços por imigrantes – que com indiferença às populações indígenas e ribeirinhas “abriam lotes” – ouvindo histórias de embates entre agricultores e tribos inteiras, sempre com posições que tendiam para a necessidade de extermínio do índio e do seringueiro, que pouco ou nada contribuía para o “progresso”. Acompanhei meu pai por estradas empoeiradas, passando por caminhões carregados de toras e parando em sítios recém habitados por colonos esperançosos mesmo diante de uma realidade de abandono das mesmas instituições que os fizeram ali se

⁸ A expressão é usada (no documentário *Conquista do Oeste* (2004), da RBS TV), pelo governador de Rondônia, Ivo Cassol, catarinense, para designar os emigrantes gaúchos que se fixaram em Santa Catarina, estado próximo do Rio Grande do Sul, em contraste com aqueles que seguiram diretamente em direção a outras regiões. Muitos desses gaúchos depois deixaram o Sul e chegaram à região Norte.

fixar. Era a fronteira de colonização, sou parte dela e como memória ela e as pessoas que construíam a partir de suas próprias referências um novo espaço de convívio são extremamente presentes para mim.

A intersecção com o campo da comunicação passou a se configurar na experiência como jornalista provisionado⁹ durante uma década – entre 1996 e 2006 – sempre na cidade de Vilhena, seja em jornais semanais locais, como correspondente regional do Diário da Amazônia, ou mesmo em trabalhos *free-lance* para publicações de outros estados. Foi a partir daí, e no curso de Comunicação Social/Jornalismo, que passou a se configurar um objeto de estudo: a maneira como os meios de comunicação de Rondônia, e por extensão da Amazônia, representam a sociedade em que estão inseridos. Constituir o *corpus* de pesquisa com textos impressos leva a marca da formação em Letras, e da atuação como jornalista sempre em jornais. A familiaridade seja com o objeto, seja com o tipo de *corpus*, é com certeza o principal determinante para as decisões tomadas e, adiante, explicitadas. A proximidade com o discurso dos meios de comunicação de Rondônia sobre o próprio estado e a Amazônia tornou claro o contraste entre estes e aqueles veiculados pelos meios de alcance nacional e difundidos a partir dos principais centros, como São Paulo e Rio de Janeiro. Trata-se de posições absolutamente diferentes, pois enquanto os meios de Rondônia defendem a manutenção da intervenção do homem no meio ambiente, as mensagens recebidas de fora de Rondônia, principalmente através da televisão, vão em direção oposta. Discutir as posições a partir das quais falam os meios de circulação nacional pareceu-me sempre menos interessante do que pensar nas motivações dos meios locais, imersos numa realidade própria, numa lógica bastante particular, historicamente constituída, com suas próprias disputas, configuradas pelo conflito no campo das representações, colocando ribeirinhos e colonos em posições antagônicas.

⁹Trata-se da situação legal, prevista pelo decreto lei 83.284/69, daqueles que não sendo habilitados em Jornalismo eram autorizados, por tempo limitado, a exercer a função de jornalista em municípios onde houvesse postos de trabalho disponíveis, mas sem profissionais para ocupá-los.

O que há, então, é a convicção de que um campo de disputas simbólicas está estabelecido na Amazônia através dos sentidos postos em circulação pelos meios de comunicação – como parte desta sociedade, o que faz deles, também, parte dos mecanismos de legitimação –, e por isso tais sentidos acabam tendo relevância mais ampla que aquela pretendida por uma visão meramente instrumental. Eles podem demonstrar em que termos se dá a disputa na cultura pela preponderância de uma ou outra visão de mundo, o que tem ecos na forma dos amazônidas enxergarem o espaço em que vivem e, a partir daí, decidirem as formas de agir sobre ele.

O contexto em que os textos de cultura são apropriados, produzidos e reproduzidos se dá num meio de migração, uma ocupação irregular ao longo dos séculos XIX e XX, em que membros de diferentes populações são postos em contato em um ambiente diverso e adverso. Aí são dados os elementos essenciais para o choque entre práticas simbólicas na Amazônia. A primeira leva de imigrantes – composta quase que exclusivamente por nordestinos – teve como principal rota de acesso os rios da região, o que significa dizer que alcançaram seus destinos a partir do rio Amazonas e seus afluentes – aqui nos interessa os imigrantes fixados à margem direita do rio Amazonas, em especial na região do Alto Madeira¹⁰ para a exploração da borracha. Trata-se então de uma população que se distribui no sentido norte-sul. O segundo grande grupo de imigrantes – este constituído por colonos do centro-sul brasileiro, com claro destaque para a região Sul – chega à região distribuindo-se a partir da borda da Amazônia, no sentido sul-norte, uma vez que a estratégia do governo federal incluía a construção de estradas para facilitar esta penetração.

Thiéblot (1977) nomeia os complexos culturais, transpostos pelos dois grandes grupos de imigrantes para Rondônia, como cultura *amazonense* – esta já constituída a partir

¹⁰ Como Alto Madeira reconhece-se a região que margeia este rio a partir do município de Humaitá (AM), até a divisa entre Brasil e Bolívia, aí já no estado de Rondônia. Nesta área está localizado o município de Porto Velho, capital do estado. A extensão desta área se dá até os rios Mamoré e Guaporé, estas as principais vias de acesso ao território que viria a se tornar Rondônia, e por onde se iniciou a sua ocupação.

de bases nordestinas – e cultura do *migrante do sul*. O encontro entre eles constitui aquilo que agora pode ser considerada uma fronteira interna no Brasil, já que são movimentos populacionais distintos, tanto na sua constituição como nos períodos em que se deram. As práticas culturais, as representações simbólicas apreendidas por um e outro grupo e, principalmente, a relação que mantêm com o meio ambiente que os cerca são absolutamente distintas umas das outras.

Culturas distintas entre si, as trocas que se estabelecem entre os seus componentes são tomadas como as bases para a constituição de uma cultura própria de Rondônia. No entanto não é um movimento de integração que se percebe no percurso sócio-histórico do estado, mas, ao invés disso, a subjugação e a conseqüente substituição de um complexo cultural e de seu sistema de representação por outro. As populações tradicionais – ou a cultura *amazonense*, como prefere Thiéblot (1977) – têm o seu modo de vida e as formas de conhecer e de se fazerem conhecer invadido e desqualificado frente ao modo de vida trazido pelos novos imigrantes. Para isso corroboram ações oficiais, principalmente através da ação do INCRA¹¹, que garantiam apoio técnico aos colonos¹², enquanto as atividades tradicionais eram praticamente ignoradas.

Os seringueiros desenvolveram ao longo das décadas uma relação de troca com o seu ambiente, notadamente a floresta, se apropriando de mitos indígenas e adaptando outros à nova realidade. Os colonos, a segunda grande leva migratória, tanto pela sua experiência como pelo modelo de desenvolvimento proposto por órgãos oficiais, tinham posição distinta, uma vez que a sua atividade exigia a intervenção na natureza: para plantar era necessário

¹¹ O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, INCRA, foi o órgão responsável pela colonização de Rondônia e pela criação de projetos de assentamentos, além de ter fomentado a criação de núcleos urbanos. Nos primeiros anos da colonização era na maior parte de Rondônia a única presença do Estado, o que acaba por ampliar, de maneira informal suas atribuições, o que significava, inclusive, assumir funções de polícia, por exemplo.

¹² Aqui o termo “colono” é usado para todos os indivíduos voltados para atividade agrícola e que, na sua maioria, chegaram a Rondônia a partir da década de 1970, de uma forma ou de outra em função das políticas oficiais do governo federal. Cemin (1992) diferencia “colonos” e “capitalistas agrários”: os primeiros seriam os trabalhadores do campo e pequenos proprietários, enquanto os outros são latifundiários. Tal distinção não é assumida aqui.

substituir a floresta pela lavoura. Isso levava à negação da relação de reciprocidade com a floresta (CEMIN, 1992; TEIXEIRA, 1996). Práticas diferentes e distintas formas de encarar o ambiente e uns aos outros: estava dado o contexto da disputa cultural a ser travada.

E as disputas travadas no campo da cultura encontram nos meios de comunicação social um local privilegiado de investigação. É nesta intersecção que se buscará as pistas para a compreensão de tal disputa. E identificar quais são as representações legitimadas como próprias da constituição da identidade rondoniense torna-se relevante diante da novidade em que ainda se constitui tal sociedade: apontar qual destas posições são assumidas pelos meios em Rondônia e como isso se dá – tendo um corpus constituído a partir do Diário da Amazônia –, é a tarefa aqui proposta.

1. PONTOS DE PARTIDA

Ao se propor à pesquisa no cruzamento entre comunicação e cultura e, no caso deste trabalho, buscar identidades legitimadas nos meios de comunicação social é preciso perseguir a clareza com relação às categorias utilizadas para isso, de maneira a dar conta da proposta apresentada. Três conceitos são fundamentais para o trabalho em andamento: *cultura*, uma vez que se trata de compreender as práticas culturais em circulação em Rondônia, em suas particularidades, mas sem perder de vista sua ligação com outros complexos culturais; *representação*, por se entender que é nos significados das práticas que se estabelecem os laços sociais, e que a própria prática jornalística constitui uma representação de contextos determinados; e *identidade*, uma vez que as identificações em determinado contexto social se dão tendo como pano de fundo a maneira como se relacionam em sociedade os sujeitos que a compõem e, para isso, precisam ter visões comuns de mundo. Identidade é aqui tomada em apropriação conjunta com os conceitos de *migração* e *fronteira*, para aproximar noções a partir das quais se parte para abordar o objeto de pesquisa proposto.

Estes conceitos são apropriados para dar conta de instâncias particulares do circuito de pesquisa apresentado, mas também de uma visão global, necessária para a construção dos discursos sobre identidades e do processo de legitimação aqui proposta. São pontos de partida para pensar a prática do jornalismo em Rondônia nas suas relações com a sociedade. O rigor com que os conceitos devem ser tomados é primordial, tanto para demarcar

de onde o pesquisador aborda os fenômenos sobre os quais se propõe refletir, como para dar conta das questões apresentadas. Objetivo pretensioso, mas que não deve ser perdido de vista quando se pretende traçar um panorama de como se dão as relações entre comunicação e cultura numa sociedade de formação recente como as que se constroem, agora, nas fronteiras simbólicas da Amazônia

1.1. Cultura

Em princípio o conceito de *cultura* é objeto de controvérsias, uma vez que ao mesmo tempo é tomado para designar as práticas sociais de forma ampla, no seu sentido antropológico, também é usado para apontar práticas artísticas identificadas com as elites sociais, distantes das camadas populares. O termo *cultura* começou a ser estudado com maior atenção às suas implicações sociológicas a partir do começo da segunda metade do século XX. Raymond Williams (2000) aponta que o vocábulo surgiu primeiro como o nome de um processo, relativo ao cultivo da terra e à criação de animais. Por extensão acabou por se relacionar a mesma palavra ao “cultivo” da mente humana. A partir do século XVIII, especialmente no inglês e no alemão, passou a designar a “configuração ou generalização do ‘espírito’ que informava o ‘modo de vida global’ de determinado povo” (WILLIAMS, 2000, p. 10). Mais propriamente, cultura passa a ser empregado com a possibilidade de plural, uma vez que podia ser contraposto à idéia de *civilização*, este, ainda durante o século XIX, termo para designar um modo de vida global.

Nesta recuperação Williams destaca as classificações idealista e materialista. À segunda é dado o sentido de atividades “primárias”, enquanto à primeira cabe a noção de “espírito formador”, ligando a noção idealista de cultura à ilustração, estilos de arte, trabalho intelectual, aos valores e interesses de um “povo”. Por sua vez, a compreensão materialista

seria o caráter conhecido e verificável de uma ordem social, chegando às formas assumidas pelas manifestações em sociedade.

A partir da década de 1950, Williams passa a enxergar uma convergência entre as duas posições atribuídas à palavra “cultura”, e dos interesses que se formavam em torno do estudo da Cultura. Esta convergência entre o sentido antropológico, ou materialista, e o especializado, ou idealista, proporciona uma nova compreensão das práticas culturais, com a possibilidade de um entendimento amplo do que seja cultura. Ao mesmo tempo em que cultura pode significar todas as formas de atividade social – sentido antropológico – também pode se aplicar a atividades artísticas e intelectuais – sentido especializado –, e nos dois casos há um afrouxamento dos seus limites. Exemplo disso é a entrada em cena, como atividades especializadas, do jornalismo e da moda (WILLIAMS, 2000).

Mas a convergência, ou aproximação, apontada por Williams não é necessariamente o final das discussões em torno do que seria cultura e das aplicações do termo. A diferenciação entre uma cultura material e outra, especializada, persiste e acaba por motivar discussões sobre qual deveria ser o seu sentido habitual, não distorcido. Muito da tomada dessa discussão nos meios acadêmicos foi motivada por Williams ao colocar por terra a definição da cultura como as atividades especializadas, e aplicar o significado da palavra num sentido inverso:

Cultura é ordinária: este é o primeiro fato. Toda sociedade humana tem sua própria forma, seu próprio propósito, seus próprios significados. Toda sociedade humana os expressa nas instituições, nas artes e na educação. O fazer da sociedade é a busca dos significados e direções comuns, e eles surgem no ativo debate e no aperfeiçoamento pressionado pela experiência, contato e descoberta, escritos eles mesmos na terra (WILLIAMS *apud* FELIPPI, 2006, p. 37).

Com este posicionamento o que estava sendo colocado em questão era a noção de cultura dada pelo senso comum, como uma produção de homens – de poucos homens – comumente pertencentes a uma elite, enquanto às classes populares e às suas práticas restava um papel secundário. Williams segue no mesmo sentido ao dizer que “uma cultura é

significado comum, o produto do conjunto das pessoas, e oferecido como significado individual, o produto do conjunto dos homens entregue à experiência social e pessoal” (WILLIAMS *apud* FELIPPI, 2006, p. 38). Assim passa a ter a cultura um papel fundamental na conformação social e na ligação entre os indivíduos em sociedade, uma vez que a partir dela surgem as identificações que garantem o sentimento de pertença a um grupo.

Da perspectiva dos Estudos Culturais contemporâneos a cultura é tomada como ponto central na discussão e estudo dos fenômenos sociais, e determinante na alteração dos modos de viver, causando impacto sobre os sentidos dados à vida. Esta centralidade da cultura é definida por Stuart Hall (1997a) em função das significações dadas pelos sujeitos às práticas realizadas em sociedade, ou por grupos na sociedade. As ações distintas daquelas determinadas por programação genética, biológica ou instintiva são “ações sociais”, que requerem e são relevantes para as significações. A partir disso os seres humanos são tomados como seres interpretativos, instituidores de sentido, capazes de criar códigos que dão sentido às ações. É o conjunto formado pelas ações e pelos códigos que permite interpretar significativamente as ações alheias, é isso que, no conjunto, constitui o “cultural”. Assim todas as ações sociais são culturais, uma vez que “expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação” (HALL, 1997a, p. 16).

Esta é também a posição de Richard Johnson, que por reconhecer a polissemia do termo cultura prefere usar “termos-chave”, como *consciência* e *subjetividade*, e entre eles localizar o ponto de atuação dos Estudos Culturais. Este campo de estudos diz então respeito às formas históricas de consciência e subjetividade, às formas subjetivas através das quais vivemos. Numa síntese considerada perigosa por Johnson, os Estudos Culturais dizem respeito ao lado subjetivo das relações sociais. Em função desta compreensão não se pode então limitar a cultura às práticas especializadas, ou mesmo às atividades populares. Todas as

práticas sociais podem ser analisadas do ponto de vista cultural, seja o trabalho fabril, a vida em torno de instituições, a produção das mídias e o consumo (JOHNSON, 2004).

Para esta perspectiva é importante ver a natureza histórica das formas subjetivas, e “histórica”, neste contexto, significa duas coisas bastante diferentes (JOHNSON, 2004, p. 29). A primeira delas é que há a necessidade de examinar as formas de subjetividades a partir das suas pressões e tendências, e os seus lados contraditórios, ou seja, mesmo na análise abstrata é preciso examinar tantos os princípios dos movimentos como suas combinações. A outra é a necessidade de se ter histórias das formas de subjetividades “nas quais possamos ver como as tendências são modificadas pelas outras determinações sociais, incluindo aquelas que estão em ação através das necessidades materiais” (JOHNSON, 2004, p. 30). Tomar esta posição é assumir, também, que as formas que apontam para regularidades e princípios de organização, não são suficientes, de maneira isolada, para dar conta do lado subjetivo da vida social.

A “centralidade da cultura” pode ser notada em diversos pontos da sociedade, tanto em aspectos *substantivos* como *epistemológicos*. O primeiro aspecto se refere à organização das atividades, instituições, relações culturais em sociedade, num dado momento histórico. Diz respeito, em primeiro lugar, às transformações ocasionadas pela multiplicação das tecnologias da informação, que mantêm um fluxo constante de informações em circulação em todo o planeta e com isso causam transformações em nível global, em função da interconexão. São alterações que se refletem nos sentidos dados à vida, e nas aspirações de futuro, uma vez que ao tender para a homogeneização e ocidentalização da cultura altera a “geometria do poder” em todo o mundo e dá novas implicações às relações entre o global e o local.

Também diz respeito à vida cotidiana, pois trata da revolução cultural que se dá no microcosmo das pessoas comuns. Esse é um movimento que remonta à Revolução

Industrial e tem nas alterações das relações de trabalho o mais bem acabado exemplo. Se antes as jornadas de trabalho eram extenuantes e o tempo de lazer restrito, hoje se trabalha menos enquanto, por outro lado, há maior insegurança de se manter o emprego; se a igreja e o casamento tinham papel central nas vivências, isso se alterou com a instituição do divórcio; as pessoas estão mais velhas e com isso surgem os dilemas da terceira idade; o conflito entre gerações exacerbou-se, talvez se tornando mais visível nas últimas décadas do que em qualquer outra época. São mudanças que não se dão exclusivamente nas classes sociais, mas também no que se refere a situações sociais e geográficas.

Ao mesmo tempo não se trata apenas de deslocamentos *da* cultura, mas também *pela* cultura. O acesso a diferentes representações culturais diariamente colocam em circulação os mais diversos significados. Trata-se de verdadeiro bombardeio de mensagens e seduções. Quase não há lugares fora do alcance das mensagens, das forças culturais que desorganizam e causam deslocamentos. Desde os países mais desenvolvidos até os periféricos todos têm acesso à cultura de todos, e isso altera as práticas e significações em todos os lugares.

A expressão “centralidade da cultura” indica aqui a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, mediando tudo. [...] Ela é elemento-chave no modo como o meio ambiente é atrelado, pelo consumo, às tendências e modas mundiais (HALL, 1997a, p. 22).

Ainda como aspecto substantivo a cultura é central na constituição da subjetividade, da identidade e da pessoa como ator social. Para Hall a separação convencional que se fazia entre sociologia e psicologia, disciplinas que se encarregam de, separadamente, estudar o homem em suas relações, em especial as referidas acima, torna-se cada vez mais tênue:

Até os mais céticos têm se obrigado a reconhecer que os significados são subjetivamente válidos e, ao mesmo tempo, estão objetivamente presentes no mundo contemporâneo – em nossas ações, instituições, rituais e práticas. A ênfase na linguagem e no significado tem tido o efeito de tornar distinta, senão de dissolver, a fronteira entre as duas esferas, do social e do psíquico (HALL, 1997a, p. 24).

No aspecto *epistemológico* é fundamental a apreensão da chamada “virada cultural”, expressão adotada para apontar a mudança de paradigma, que deixou de tomar a cultura como variável dependente para tê-la como condição constitutiva da vida social. Esta mudança foi fundamentalmente relacionada à linguagem, que passou a assumir posição privilegiada na construção e circulação de *significado*. Tratou-se de admitir a relação direta entre linguagem e “realidade”. Com isso pressuposições dadas em relação à natureza e à essência das coisas puderam passar a ser questionadas, uma vez que o significado deixou de estar nelas, mas na forma como este objeto é socialmente construído.

Com isso surgiu um vácuo entre a existência e o significado de um objeto, uma vez que o significado surge não do objeto em si, mas “dos jogos de linguagem e dos sistemas de classificação nos quais as coisas estão inseridas. O que consideramos fatos naturais são, portanto, também fenômenos discursivos” (HALL, 1997a, p. 29). A “virada cultural” está diretamente ligada a esta nova posição adotada com relação à linguagem, uma vez que a cultura é tomada como a soma dos sistemas de classificação e formações discursivas através dos quais a língua significa. O significado é resultante não de uma essência natural, mas de seu caráter discursivo.

A “virada cultural” amplia esta compreensão acerca da linguagem para a vida social como um todo. Argumenta-se que os processos econômicos e sociais por dependerem do significado e terem conseqüências em nossa maneira de viver, em razão daquilo que somos – nossas identidades – e dada a forma como vivemos, também têm que ser compreendidos como práticas culturais, como práticas discursivas (HALL, 1997a, p. 29).

Richard Johnson explica que a prática discursiva se dá através do texto, mas ao mesmo tempo questiona o que é um texto. Para responder recorre a exemplos como a produção de um carro pela indústria inglesa. O próprio carro pode ser considerado um texto em função dos significados que aciona, e o mesmo pode acontecer com qualquer ação ou produto, desde que remeta a significados. Mas, adverte sobre os perigos de um posicionamento estruturalista, que faz desaparecerem os aspectos concretos e privados da

cultura diante do texto. Para ele o texto não deve ser estudado por ele próprio, mas pelos efeitos sociais que produz, sendo então, para os Estudos Culturais, apenas um meio pelo qual as narrativas subjetivas podem ser extraídas (JOHNSON, 2004).

Isso, no entanto, não significa dizer que não haja nada fora do discurso, mas implica no papel constitutivo da cultura na análise social, ao invés de dependente. Isso se aplica principalmente a partir da noção segundo a qual toda a prática social tem seu caráter discursivo. Uma vez que é na discursividade das práticas sociais que residem os seus significados, é consequência que a cultura adquira papel central uma vez que é a partir dela que se fixam tais práticas. Assim, Hall destaca que toda prática social tem condições culturais ou discursivas de existência, e depende do significado para funcionar e produzir efeitos. Logo, as práticas se situam dentro do discurso, são discursivas.

É este o ponto em que se situam os Estudos Culturais, a referência a partir da qual se lançaram: repensar a centralidade da cultura e as suas articulações entre o material e o cultural, os fatores simbólicos na análise social (HALL, 1997a, p. 32). É neste sentido que Hall afirma que a cultura não é apenas um retorno, uma redescoberta:

A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu “trabalho produtivo”. Depende de um conhecimento da tradição enquanto “o mesmo em mutação” e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse “desvio através dos passados” faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições (HALL, 2006a, p. 43).

É a partir desta noção de cultura que se lança o olhar sobre Rondônia. A cultura é a instância simbólica que permeia toda a sociedade e, para chegar até ela, toma-se uma matéria-prima em condições determinadas para, a partir daí, sair em busca das formas subjetivas, das representações ali legitimadas pelos meios de comunicação social. Tem-se claro que os significados agem sobre as práticas, e estas sobre aqueles, num processo que é também discursivo e constituidor das formas de representação. Um olhar lançado sobre toda a conformação social, e parte-se da cultura por ser a partir dela que os reconhecimentos se

fixam, que os sujeitos se reconhecem como tal e têm condições de agir sobre o meio social que lhes é dado.

1.2. Representação

Uma vez que os Estudos Culturais têm posicionamento epistemológico específico, pois deixa de tomar a cultura como variável dependente para tê-la como condição constitutiva da vida social, é fundamental o seu relacionamento com a linguagem, que assume posição privilegiada na construção e circulação de significado. Hall argumenta que até os mais céticos acabam por reconhecer os significados como subjetivamente válidos, isso ao mesmo tempo em que estão objetivamente presentes no mundo contemporâneo sob a forma de ações, instituições, rituais e práticas. “A ênfase na linguagem e no significado tem tido o efeito de tornar distinta, senão de dissolver, a fronteira entre as duas esferas, do social e do psíquico” (1997a, p. 24)

Esta ênfase na linguagem e no significado só é possível por que a linguagem funciona como um *sistema de representação*, uma vez que utilizamos sinais e símbolos (sons, palavras escritas, imagens, notas musicais e até objetos) que significam ou representam para outras pessoas. As pessoas, membros de determinada cultura, devem ser capazes de reconhecer o que é colocado em circulação entre si, ou seja, devem partilhar os mesmos códigos culturais, podendo compreender conceitos, idéias e sentimentos. Devem ser capazes de fazer isso de forma mais ou menos parecida, uma vez que o significado, colocado em circulação através da linguagem, é um diálogo – mas apenas parcialmente compreendido, sempre um intercâmbio desigual.

E o funcionamento da linguagem só é possível, como já referido, através da *representação*. Elementos específicos, como sons, palavras, gestos, expressões, roupas, fazem parte do mundo natural e material, mas sua importância é reconhecida não pelo que *são*, mas pelo que *fazem*, pela sua função. Ao deixarem de serem reconhecidos por si mesmos ganham

importância simbólica e, por isso, deixam de referir a si mesmos para *representar* outras coisas. É esta a dinâmica que forma a linguagem e seus significados, a relação que se estabelece entre significado, linguagem e representação.

Os sinais significam ou *representam* nossos conceitos, idéias e sentimentos de forma que possibilitem que outros “leiam”, decodifiquem ou interpretem seu significado mais ou menos do mesmo jeito que nós o fazemos (HALL, 1997b).

Este jogo entre receptor e emissor faz com que a linguagem não pertença nem a um, nem a outro. Para Hall (1997b), ela “é um ‘espaço’ cultural partilhado em que se dá a produção de significados”. Esta é sua definição para representação, aquilo que é construído na interseção entre as apreensões das leituras que emissor e receptor têm de determinados significados colocados em circulação através da linguagem.

E esta ênfase na abordagem discursiva da representação é calcada na especificidade histórica de determinadas formas e regimes de representação, “não na ‘linguagem’ como preocupação geral, mas em *linguagens* ou significados específicos, e como são dispostos num tempo e espaço determinados” (HALL, 1997b). Com isso, se assinala uma especificidade histórica maior, a forma como as práticas de representação funcionam em situações históricas concretas, na prática real.

É possível, inclusive, tratar de posicionamentos ideológicos, nos termos sob os quais coloca Hall (2006, p. 170), em que “as ideologias são sistemas de representação materializados em práticas”, sem, no entanto, se deixar cair na compreensão que não há nada além da ideologia. As ideologias fazem com que se fixem determinados sistemas de representação, estes ancorados em práticas culturais particulares e que, por seu turno, legitimam e são legitimadas pelas posições assumidas.

Termos positivamente marcados “significam” por causa de sua posição em relação àquilo que está ausente, não marcado, não dito, ou quase é impronunciável. O significado é relacional dentro de um sistema ideológico de presenças e ausências (HALL, 2006, p. 178).

Hall prefere, em função desta interdependência, apontar para circuitos onde todos os momentos têm a mesma importância e precisam uns dos outros para apresentar uma

visão não limitada das conformações sociais, e da maneira que se dá a circulação e fixação de significados num determinado contexto. Com isso se encaminha para afirmar que os sujeitos não são posicionados em relação ao campo das ideologias “exclusivamente”, mas também por formações discursivas de formações sociais específicas. Isso, claro, se dá sem a clara consciência dos sujeitos de que estejam operando dentro de determinado campo. Mas, como as normas da linguagem se apresentam abertas à inspeção racional, é possível proceder à análise e a desconstrução de discursos ao ponto de se chegar até os fundamentos que permitam observar as categorias que os geraram (HALL, 2006).

1.2.1. Representações no campo do jornalismo

Ao colocarem em circulação determinados discursos os produtores podem fazer isso em função de atrelamentos a determinados grupos de práticas e de representações, mas isso não é condição necessária para a reprodução. Podem reproduzir discursos de forma não deliberada, sendo reprodutores inadvertidos de mensagens que legitimam um grupo de práticas culturais como constituidoras de identidade, enquanto outros grupos são silenciados.

O jornalismo constitui um campo específico de atuação e, em função de suas particularidades, é uma área em que a noção de representação se confunde com as práticas cotidianas daqueles que fazem jornalismo. Ao apresentar narrativas como fatos os meios de comunicação realizam uma releitura da realidade, o que por si só constitui uma representação. Daí advém a impossibilidade de estabelecer claramente a distinção entre a realidade e a versão desta apresentada pelos meios, pois ao circularem as versões passam elas mesmas a constituir a realidade. Uma das razões para isso é o uso da linguagem como instrumento pelo jornalismo, ela própria uma representação, de maneira que uma posição neutra por si só se torna uma impossibilidade. Ponto fundamental é a estruturação que os meios fazem das representações possíveis, seja em função da organização do trabalho, limites financeiros e de

ligações dos veículos de comunicação com outras instituições e organizações da sociedade (TRAQUINA, 2005a, pp. 168, 169).

Outro é a posição assumida pelo produtor de notícias, o jornalista, no cotidiano e diante das práticas necessárias para a isso. Não se trata de uma posição passiva diante dos acontecimentos, mas de uma participação ativa na construção da realidade em que a constituição cultural do indivíduo, colocada diante da constituição e ideologia assumida pelo grupo e pelo meio de comunicação, faz surgir uma visão específica acerca de determinado recorte da realidade. Assim, as notícias e todo o fazer jornalístico seriam uma narração marcada pela cultura do jornalista como indivíduo e parte de um campo específico, e pela cultura da sociedade onde está inserido, elementos que são todos acionados para constituir a representação daquela realidade.

Assim o momento da “construção” da notícia envolve um processo de identificação e contextualização em que mapas culturais do mundo social são utilizados na organização, sem que este seja o único fator determinante. Outros são a organização burocrática dos meios e os critérios de noticiabilidade (TRAQUINA, 2005a, p. 176). Mas, pensar o jornalismo como representação, sem discutir suas condições de produção, é basicamente considerar que se trata de dar notícias, e estas são, a priori, narrativas. Elas orientam, são culturais, não naturais, constroem totalidades significativas a partir de acontecimentos dispersos (MOTTA, 2002). É assim que, embora não sejam ficção, as notícias são narrativas da realidade e não a realidade em si. Uma vez que a função primeira do jornalismo é produzir notícias todo este campo pode ser tomado como produtor de representações, que são por um lado produzidas a partir de leituras particulares da realidade, e por outro por contingências impostas por grupos e organizações profissionais e sociais.

Neste processo o jornalismo narra o mundo em que vivemos, o que torna esta relação com o real sua principal característica, mesmo que a realidade por ele apresentada seja exterior aos que observam.

Nesse sentido, as noções de fato e de acontecimento encontram-se sempre no ponto de partida da palavra jornalística. [...] O fato é uma construção e uma soma.[...] A aparição do acontecimento no jornal constitui assim, uma segunda aparição, uma construção de segunda ordem. O discurso jornalístico é um metadiscurso – um discurso que se constitui a partir de outros discursos. Ele não constitui, porém, uma simples repetição; ao contrário, a sua construção cria uma nova realidade (FRANÇA, 2002, pp. 488, 489).

Essa constituição de discursos sobre a realidade faz parte das práticas cotidianas no jornalismo exatamente por se tratar de um campo em que constituir representações acaba por ser sua atividade primeira, mesmo que isso seja trespassado por mitos como aqueles que prevêm a possibilidade de objetividade e imparcialidade, o que levaria a um relato sem envolvimento.

Superada a idéia dessa possibilidade, Stuart Hall argumenta que as posições dos jornalistas estariam ligadas, preferencialmente, àquelas dos grupos hegemônicos e estas, por sua vez, partiriam de instituições privadas e da sociedade civil, aparentemente fora da ação direta do Estado, quando os interesses estariam intrinsecamente relacionados, com predominância das posições legitimadas pelo Estado. “Se tudo está, mais ou menos, sob a supervisão do Estado, é bem fácil perceber porque a única ideologia que se reproduz é a dominante” (HALL, 2006, p. 165).

1.3. Migração, fronteira e identidade

A maneira como são compreendidas *cultura e representação* sugere que a construção da *identidade* não se dá a partir de um centro interior, mas no “diálogo” entre “os conceitos e definições que são representados para nós pelos discursos de uma cultura e pelo desejo (consciente ou inconsciente) de responder aos apelos feitos por estes significados” (HALL, 1997a, p. 26). Mas, dizer que a identidade não é construída em um centro interior não

é renegar a questão das identidades como central, mas que as identificações se dão dentro das representações, através da cultura. As representações permitem que seja possível se posicionar nas definições de discursos culturais, estes exteriores, ou na subjetivação, dentro dos discursos, uma vez que as duas posições – interior ou exterior ao discurso – encontram-se imbricadas.

Stuart Hall (2003) vê as identidades culturais em crise em função das alterações que acontecem a partir das mudanças ocorridas na contemporaneidade. As crescentes migrações, os meios de comunicação de massa, as quedas de fronteiras como tradicionalmente constituídas, as novas tecnologias da informação, o emergir das minorias, e tantos outros elementos, são ingredientes desta equação que leva aos deslocamentos e à conseqüente crise da identidade. Num mundo em que as culturas mantêm cada vez mais contato e, com isso, acabam por se apropriar umas de características das outras, é certo que as identificações também são afetadas. Os indivíduos perdem cada vez mais as referências sólidas, puras – se é que algum dia foram assim – de identificação e, em conseqüência, a identidade deixa de ser uma para se fragmentar e se constituir a partir das mais diferentes representações. Mesmo as identidades biologicamente constituídas perdem espaço e, cada vez mais, são apenas uma das possíveis de serem assumidas. Assim, o mesmo indivíduo pode se reconhecer pelas semelhanças que tem com alguns grupos, ou pelas diferenças que apresenta perante outros. É possível que a identificação se faça de formas diferentes em momentos diferentes de acordo com as exigências, seja pelo gênero, pela opção sexual, pela filiação política, pela etnia, o local de moradia ou de nascimento... e assim por diante.

O sujeito centralizado, consagrado pelo Iluminismo, passou por diversos deslocamentos ao longo dos séculos XIX e XX, até que o descentramento total se concretizasse (HALL, 2003). Esta fragmentação é fundamental para se compreender que não há mais uma identidade essencial, idéia que na maior parte das vezes é ligada a uma

identidade nacional, esta uma noção posta em xeque desde o aumento da movimentação de populações. Ainda de acordo com Hall, uma das formas de se abordar a questão das identidades contemporâneas é através desse movimento, e para isso cunha a noção de *diáspora*. É a partir das migrações modernas e no cada vez mais intenso deslocamento de populações entre países e continentes, ou dentro de um mesmo país, que deve ser compreendida tal noção.

A identidade na *diáspora* é permeada por contradições, uma vez que o mesmo indivíduo, que deixou seu local de origem, não pode voltar para lá, pois ao retornar não encontrará a mesma realidade que deixou. A origem passa a ser um lugar mítico, impossível de ser resgatada, enquanto o lugar de destino nunca o acolherá plenamente. Trata-se então de uma identidade fragmentada:

E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma “chegada” sempre adiada (HALL, 2006, p. 393).

Esta é a situação que pode ser verificada nos contatos às bordas da Amazônia, que ocorreram e ocorrem em função da movimentação de populações de diversas regiões do Brasil em direção ao Norte, o que tem constituído verdadeira fronteira tanto no entorno da Amazônia brasileira, como em enclaves que se constituem no interior dos seus estados. A *imigração* para a Amazônia, a partir da segunda metade do século XIX, ocorreu predominantemente em função de condições conjunturais internas no Brasil. Num primeiro momento, até as décadas iniciais do século XX, foram as secas na região Nordeste que motivaram a migração para a exploração da borracha. Após isso nova leva migratória a partir da década de 1960, novamente por razões conjunturais, desta vez a escassez e conflitos por terras no Sul e Sudeste brasileiros. Tanto em um como em outro momento a imigração significou não apenas a ocupação do espaço amazônico, mas também os principais incrementos na sua base cultural.

Trata-se de um contexto propício a identificações passageiras, da forma como é definida por Stuart Hall (2003), em que cada um pode ter diferentes identidades na medida em que circula pelos diversos espaços sociais. Trata-se de identidades definidas não a partir de conceitos biológicos, mas históricos, e nunca unificadas, e cada uma delas empurra em direções diferentes, o que significa dizer que o deslocamento é constante. Para Hall

[...] se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” (HALL, 2003, p. 13).

E tais narrativas na Amazônia são permeadas pelas mais diferentes fontes de influência, mesmo que sua ocupação a partir da segunda metade do século XX não tenha sido, quantitativamente, a mais significativa do período. Entre 1960 e os anos 1990 os deslocamentos do Nordeste para os centros urbanos do Sudeste, ou de zonas rurais de todo o país para centros regionais, foi muito mais significativo. No entanto, as especificidades da colonização da Amazônia são relevantes pelos complexos culturais colocados em contato e, posteriormente, reformulados a partir deste movimento (BECKER, 1991). Os migrantes nordestinos, ao chegarem, encontraram raros ribeirinhos e grandes populações indígenas em diferentes etapas de contato com o homem civilizado. Uns assumiram práticas dos outros, ao ponto de, ao começarem a chegar os colonos depois de 1960, nordestinos e seus descendentes serem tomados como população local e, neste novo contato, novamente haver uma intensa troca formando uma complexa teia de relações interculturais que

[...] repercute na formação dos processos identitários a partir da constituição, pelos migrantes, de múltiplas e fluidas identidades fundamentadas ao mesmo tempo nas sociedades de origem e nas “adotivas”. Enquanto alguns migrantes identificam-se mais com uma sociedade do que com a outra, a maioria parece desenvolver várias identidades, relacionando-se simultaneamente com mais de uma nação (COGO, 2006, p. 15).

Mas, migrar não significa cortar relações com o local deixado para trás, uma vez que as relações com as sociedades de origem ocorrem, na contemporaneidade, predominantemente em função das tecnologias de comunicação, que permitem o contato permanente e fluido com as regiões de onde se migrou. E isso implica que, ao mesmo tempo

em que há o contato com o lugar onde se vive, também não se deixa totalmente para trás o lugar onde se nasceu, num jogo de constantes contatos e de multiplicação das influências, verificado na colonização da Amazônia de forma geral, e em Rondônia em particular. É a vivência cotidiana num ambiente de múltiplos pertencimentos, em que se forma uma base cultural híbrida, compartilhada a partir de diferentes referenciais por todos que habitam o lugar.

Este é um ambiente de *fronteira* e, ao localizar este fenômeno no interior do Brasil, pode-se traçar um paralelo com o verificado na relação entre a América Latina, Europa e Estados Unidos, numa aproximação em que surgem relações entre mercado e interculturalidade. O processo histórico de interação nunca foi unicamente intercultural, mas assumiu sempre uma perspectiva também mercantil (COGO, 2006, p. 25). É o que se verifica na trajetória histórica de ocupação da Amazônia, motivada por interesses claramente comerciais, mas que acabaram tendo um impacto muito maior nas suas particularidades culturais.

E o deslocamento do lugar de origem para outros, permeado por contingências impostas por relações mercantis, torna o pertencimento rarefeito, desfazendo-se e refazendo-se como maneira de garantir a sensação de agregação entre indivíduos que se vêm distanciados de um espaço que se configura em escala planetária. Sem identidades fixas, a possibilidade de múltiplas identificações surge como alternativa possível, e torna os espaços de intersecções preferíveis às posições que, de alguma forma, levam a noções de pureza e unicidade do pertencimento cultural. Os posicionamentos nas intersecções, nos pontos de encontro de práticas e de sistemas simbólicos parecem, em boa medida, ser a tônica quando se trata de fronteiras onde diferentes grupos se encontram e colocam, da mesma forma, em contato toda sua história sócio-cultural, com suas representações diferenciadas, e tornam possível a agregação, não sem disputas, em busca de espaços para si.

Néstor Garcia Canclini (2006) vê o deslocamento apontado por Hall de forma ainda mais profunda ao contextualizá-lo na América Latina. Ao tratar das representações do nacional Canclini observa haverem movimentos fundamentais, no continente, para a construção das identidades nacionais, e destaca a ocupação de territórios. Assim, ter uma identidade seria pertencer a um país, a uma cidade ou a um bairro, uma entidade que seja compartilhada por todos aqueles que ocupam o mesmo espaço, de forma a tornarem-se idênticos. É também compartilhar os mesmos símbolos e objetos, rituais e costumes, e aqueles que não compartilham tais coisas, são os outros, os diferentes. Trata-se do patrimônio comum formado a partir do território que garante a identificação.

Uma vez recuperado o patrimônio, ou ao menos uma parte fundamental dele, a relação com o território volta a ser como antes: uma relação natural. Posto que nasceu nessas terras, em meio a essa paisagem, a identidade é algo inquestionável. Mas como ao mesmo tempo tem-se a memória do que foi perdido e reconquistado, são celebrados e protegidos os signos que o evocam (CANCLINI, 2006, pp. 190, 191).

É para dar conta de tais particularidades das relações culturais e identitárias, das quais a América Latina está impregnada, que o autor usa o conceito de *hibridação*¹³. Com ele quer indicar as complexidades que transpassam a América Latina de influência predominantemente ibérica e as suas práticas culturais, cada vez mais imbricadas umas nas outras. Assim, híbridos são os arranjos para que convivam num mesmo espaço elementos simbólicos tradicionais e outros, próprios da modernidade; a manutenção das tradições por indígenas nas cidades, ao mesmo tempo em que se tornaram expectadores de telenovelas, por exemplo. É o encontro, a mistura de práticas dos diferentes grupos sociais nunca completados, uma heterogeneidade multitemporal que leva a novas modalidades de organização da cultura e de identificação. Trata-se de um processo constante de encontros e negociações, fundamental na abordagem dos fenômenos sócio-culturais (CANCLINI, 2006, pp. 18-20). Tal

¹³ Canclini apóia o uso do termo *hibridação* em contraponto com *sincretismo* e *mestiçagem*. Para ele *hibridação* dá conta de mesclas interculturais, enquanto *mestiçagem* remeteria a mesclas unicamente raciais, e *sincretismo* referiria “quase sempre” a fusões religiosas e a movimentos simbólicos tradicionais (CANCLINI, 2006, p. 19).

conceito é destacado para a busca de compreensão dos mecanismos através dos quais se dão as negociações no campo da cultura na Amazônia e em Rondônia.

E é no cultural que a fronteira se torna explícita, seja nas bordas ou nos enclaves no interior da Amazônia. E fronteira aqui deve ser tomada como um lugar de embates simbólicos, sempre móvel e atravessada pelas mais diferentes influências. A fronteira simbólica referida aqui é sustentada por uma fronteira concreta – com características bastante específicas, como trataremos adiante – surgida a partir do movimento de milhares de imigrantes, que colocaram em contato diferentes complexos culturais. Como aponta Canclini (2006), ao se referir às sociedades latino-americanas, as fronteiras podem estar em qualquer parte, e as “misturas” que se verificam nessas “bordas” da Amazônia constituem uma fronteira exatamente pelo contato entre culturas diferentes, e pelas apropriações possíveis dali decorrentes. As fronteiras, ao contrário do que pretendem os tradicionalismos, não são mais apenas “balizas, barreiras, arames farpados, linhas pontilhadas”, estas apenas a parte visível de limites muito mais fluidos, e impostos pelos contatos e apropriações do que por barreiras físicas. A fronteira surge onde se dá a hibridação, onde uns e outros dos atores sociais apresentam suas representações, que são renegadas em parte, enquanto outras são apropriadas, sem que haja a predominância de um grupo sobre outro.

O incremento de processos de hibridação torna evidente que captamos muito pouco do poder se só registramos os confrontos e as ações verticais. O poder não funcionaria se fosse exercido unicamente por burgueses sobre proletários, por brancos sobre indígenas, por pais sobre filhos, pela mídia sobre os receptores. Porque todas as relações se *entrelaçam* umas com as outras, cada uma consegue uma eficácia que sozinha nunca alcançaria. Mas não se trata simplesmente de que, ao se superpor umas formas de dominação sobre as outras, elas se potenciam. O que lhes dá sua eficácia e a obliquidade que se estabelece na trama (CANCLINI, 2006, p. 346).

É o mesmo que dizer que apontar o hegemônico e o subalterno pouco significa, se afinal há movimentos de afeto, a participação em ações solidárias ou cúmplices, em que um precisa do outro (CANCLINI, 2006, p. 347). Tal noção pontencializa a dificuldade de apontar o subalterno e o hegemônico numa sociedade de formação recente, como a amazônica, e em especial a de Rondônia, em que tais posições se confundem, uma vez que se trata de um

complexo societário de formação recente. Trata-se então de uma fronteira de expansão física, mas também simbólica, que tem as condições sob a quais se estabelece criadas a partir de um contexto sócio-histórico particular, e permeada por discursos dos mais diversos, desde mitos até a tentativa de apagamento de populações para a efetiva predominância de uma narrativa sobre outras.

Nesse contexto diferentes complexos culturais são postos em contato e isso leva a influências profundas de uns sobre os outros, como de um lado o contato entre as populações tradicionais, formadas a partir de caboclos e nordestinos, principalmente, e da mestiçagem entre eles; e por outro os colonos imigrantes, estes já uma junção de diferentes complexos culturais europeus, abasileirados, surgem antagonismos, mas também trocas e apropriações. São maneiras diversas de identificações que são postas frente a frente, em condições pelas quais se vêem obrigadas à integração, a concessões que conduzam à possibilidade de manter a convivência no mesmo espaço.

[...] afirmo que a reorganização de cenários culturais e os cruzamentos constantes das identidades exigem investigar de outro modo as ordens que sistematizam as relações materiais e simbólicas entre os grupos (CANCLINI, 2006, p. 309).

As atenções devem, então, estar voltadas para todo o complexo cultural posto em contato, e não mais se deter às noções segundo as quais um grupo pode sobrepujar outro, ou mesmo determinados elementos, como as tecnologias utilizadas nos processos de comunicação e na circulação de representações. No caso de Rondônia aplica-se o que Canclini chama de desterritorialização e subdivide em dois processos: “A perda da relação ‘natural’ da cultura com os territórios geográficos e sociais e, ao mesmo tempo, certas realocações territoriais relativas das velhas e novas produções simbólicas” (CANCLINI, 2006, p. 309).

Esse não pertencimento, num primeiro momento, afeta a todos os migrantes – e em Rondônia a maior parte da população é de imigrantes recentes – igualmente. A perda de uma relação “natural” com uma área geográfica faz com que práticas culturais sejam

transpostas para outras, e postas em contato com as práticas já fixadas, além de ser necessária a releitura e adaptação dos sistemas simbólicos que são levados junto nos deslocamentos. Sem um território é preciso tomar um novo como seu, e naturalizá-lo a partir de uma nova leitura do próprio sistema simbólico que comporte as influências ali recebidas. Trata-se de um processo que afeta profundamente as maneiras de enxergar as próprias práticas e a si mesmo, mas também uma mudança na maneira de enxergar e se relacionar com o outro, uma vez que este passa a ser tanto influenciado como fonte de influência, elemento fundamental no processo de hibridação, que pode culminar com um novo complexo cultural.

Neste processo de busca por espaço para as próprias representações, os meios de comunicação se convertem no espaço privilegiado de publicização de demandas populares dos diferentes grupos que compõem uma sociedade. Isso se evidencia, no Brasil, principalmente a partir da implantação da ditadura militar – o que ocorre em boa parte dos países da América do Sul no mesmo período –, a conseqüente retirada de partidos, sindicatos e quaisquer outros meios de agrupamento e reunião popular da discussão política. A participação do público foi reduzida ao âmbito individual e a mídia se transformou na grande mediadora, em substituição às interações coletivas (CANCLINI, 2006, p. 289).

Em Rondônia, que teve sua atual conformação social estabelecida justamente a partir do planejamento do Estado sob governos militares, o quadro apresentado por Canclini é ainda mais aparente. A escassez de organismos de representação popular leva à tomada dos meios de comunicação social como os principais espaços para a discussão de políticas em tais áreas. Sem um complexo cultural definido, mas com o contato entre dois distintos sistemas simbólicos em processo – da população tomada como tradicional e dos imigrantes – o que há é a busca para que um e outro sistema de representações garanta espaços e condições para impor suas próprias práticas, quase prioritariamente através dos meios de comunicação social.

Um e outro grupo busca nos meios de comunicação social espaço para tornar públicas e legítimas suas posições e demandas, convertendo-os em espaço público para disputas políticas. É o que torna possível que, a partir das posições dos meios, possa-se indicar quais são as representações identitárias que são legitimadas como próprias de Rondônia. Em um contexto de hibridação cultural, em que as identidades não estão definidas, se impõem como fundamentais os reconhecimentos das práticas culturais para que a nova gente que surge a partir dos contatos às bordas da Amazônia possa reconhecer a si mesma.

2. MAPA DE CAMINHO

A pesquisa em comunicação, especificamente acerca de questões localizadas na intersecção com a cultura, exige um posicionamento claro por parte do investigador e, em função disso, a tomada de um método que possa – se não dar conta – chegar o mais próximo possível de uma tradução das diferentes nuances que permeiam este campo em toda a sua envergadura, e neste recorte em particular. É preciso ter claras as particularidades do objeto proposto e a abordagem que será levada a efeito, instâncias fundamentais para a construção da pesquisa e busca por resultados.

A simples aplicação de modelos pré-concebidos parece não ser adequada quando o objeto de atenção apresenta nuances tão particulares que saltam diante do investigador e se convertem elas próprias no principal ponto de interesse. Estas nuances podem ser representadas pelo contexto sócio-histórico, pelas características sócio-culturais daí advindas, ou mesmo pela forma como ambos são compreendidos e como se dão as articulações entre o contexto e as características culturais de dada sociedade. De qualquer maneira o que há é a necessidade de se buscar solução específica para o objeto de estudo, um percurso de investigação que consiga oferecer condições para a apreensão das relações deste objeto com o seu contexto.

O que há aqui é o esforço de buscar a mais adequada forma de abordagem das questões culturais pertinentes a uma sociedade de formação recente, permeada pela

experiência de intensa imigração e à qual é imposto o embate entre diferentes representações e, conseqüentemente, de identificações contraditórias, uma vez que ocorreu o brusco contato entre práticas culturais distintas, o que leva à constituição de discursos fragmentados. A abordagem desta sociedade se dará basicamente através de textos de mídia nela produzidos e, também ali, postos em circulação. Assim se impõe a definição do conceito de texto e das formas como devem ser apresentados e encarados os circuitos de investigação a serem utilizados.

A opção por abordar questões sociais a partir da análise dos textos postos em circulação num dado contexto é aqui privilegiada. Esta posição é lançada, originalmente, dentro do espaço dos Estudos Culturais, por Raymond Williams¹⁴, principalmente ao estabelecer os instrumentos teóricos do materialismo cultural. Inspirado nessa contribuição não se assume a análise do texto em si como suficiente, posto que ele deve ser encarado em suas ligações com o contexto sócio-histórico em que se dá sua produção. Os textos, nas suas diferentes formas, são assumidos como uma das instâncias de investigação, articulados com outros momentos, sendo que são postos em primeiro plano os ingredientes simbólicos deles advindos. Trata-se de rejeitar a idéia de privilegiar a análise dos textos legitimados por um cânone e por isso alocados no bojo dos que “vale a pena estudar”. Assim, a partir da segunda metade do século XX, se estende a noção de texto e tornam-se legítimas as preocupações com produções realizadas pelos meios de comunicação, e as práticas simbólicas advindas de classes populares e de grupos juvenis, por exemplo.

¹⁴ Este posicionamento é explicitado já nas abordagens tomadas como fundadoras dos Estudos Culturais: *Culture and Society* (1958), de Raymond Williams; e *The Uses of Literacy* (1957), de Richard Hoggart (ESCOSTEGUY, 2001, pp. 21, 22).

2.1. Texto e textualidade

Por Texto¹⁵, tal como aponta Nick Couldry (2000), entende-se “[...] um complexo de significados interrelacionados que seus leitores tendem a interpretar como um todo distinto e unificado”¹⁶ (COULDRY, 2000, pp. 70, 71). Assim, o texto é encarado como um objeto aberto, com toda uma gama de significações acionadas a partir de determinada leitura, seja pelo conhecimento prévio do “leitor”, seja pela ligação que se faz com outros “textos”, e não como objeto fechado sobre sua própria estrutura. O conceito de texto então solta as amarras que o mantiveram como um objeto lingüístico e pode ser encarado a partir das mais diferentes formas, seja camisetas, brinquedos, filmes e qualquer outra manifestação significativa.

A isso Couldry liga a noção de *textualidade*, esta fundamental, uma vez que o Texto não deve ser tomado como ponto de partida para a investigação, mas os significados por ele acionados. Como *textualidade*, então, compreende-se a maneira como os diferentes Textos são encarados pelas audiências, seja na forma de recebê-los ou mesmo nas relações feitas a partir deles. É o que ocorre, por exemplo, com os textos colocados em circulação sob a forma de filmes ou revistas. Enquanto no cinema admite-se que o espectador ficará nele concentrado até o final, na leitura de impressos reconhece-se que pode haver atenção fragmentada. De qualquer forma o que interessa saber, em ambos os casos, é sob quais convenções esses Textos são “lidos”, e por quem? Aí, liga-se à noção de *textualidade* a idéia de *intertextualidade*, pois os leitores acionam todo um repertório prévio sob o qual têm conhecimento sempre que são colocados em contato com um novo Texto. Como destaca Couldry, dar conta das questões que envolvem *textualidade* e *intertextualidade* requer ir além

¹⁵ A partir daqui a opção é por apresentar o termo grafado com maiúscula, de forma a diferenciar textos impressos, constituidores do *corpus* da pesquisa, de Textos, os “complexos de significados interrelacionados”, de que trata Couldry (2000).

¹⁶ “[...] a complex of interrelated meanings which its readers tend to interpret as a discrete, unified whole” (tradução minha).

de questões subjetivas, e estar atento às “operações reais do campo textual contemporâneo”¹⁷ (COULDRY, 2000, p. 72).

Num contexto em que uma gama cada vez maior de Textos é oferecida numa profusão nunca antes vista, estratégias são desenvolvidas pelos “leitores” a fim de selecionar onde deverão centrar atenção. Mas, quais são estas estratégias e de que forma são colocadas em ação? Para pretender uma resposta é preciso levar em conta o universo de Textos potencialmente legíveis. Da mesma forma é preciso considerar o contexto, como já referido acima, se houver a pretensão séria de se reconhecer como os significados são colocados em circulação e, depois, apropriados. É fundamental deixar de ver o Texto como unidade isolada e passar a reconhecê-lo como integrado a uma extensa rede de significações sociais que orienta e colabora na tomada de significados.

A partir destas noções Couldry aponta para uma questão que parece fundamental diante do objeto que se tem em vista aqui: como fazer análise textual diante de uma enorme proliferação de textos? Em seguida parece deixar a pista para uma resposta, pois destaca que o objeto de estudo não deve ser um conjunto determinado de textos, mas todo o ambiente textual, como funcionam e como ocorrem as negociações dos leitores diante dele. O descentramento da noção tradicional de texto é fundamental para a leitura proposta por Couldry, e tal posicionamento leva a outro descentramento: “Ao invés do texto ser fonte de certeza, tornou-se o lugar de um enigma, ou pelo menos de cuidadosa exploração”¹⁸ (COULDRY, 2000, p. 87).

É esta a posição a partir da qual se tomará os textos do jornal Diário da Amazônia. E estes textos serão tomados a partir dos contextos social, histórico e cultural sob os quais foram produzidos. O trabalho de pesquisa nesta intersecção é assumido como

¹⁷ “[...] actual operations of the contemporary textual field” (tradução minha).

¹⁸ “Instead of the text being the source of certainty, it has become the site of an enigma, or at least cautions exploration” (tradução minha).

estratégia para identificar os Textos que podem tornar umas e não outras representações como constituidoras da identidade da população de Rondônia.

2.2. Tomada de posição

A apreensão de “todo o ambiente textual”, como aponta Couldry, coloca em destaque a necessidade de se obter uma visão ampla da realidade que se pretende abordar. Não se trata de tarefa simples, pois qualquer olhar sobre um todo requer a compreensão dos complexos sobre os quais se organiza uma sociedade. Modelos de circuitos de cultura e comunicação têm sido propostos a fim de dar conta dos diferentes momentos e instâncias que compõem este campo, primordialmente interdisciplinar, de modo que possa comportar posições sociais e pontos de vista diversos.

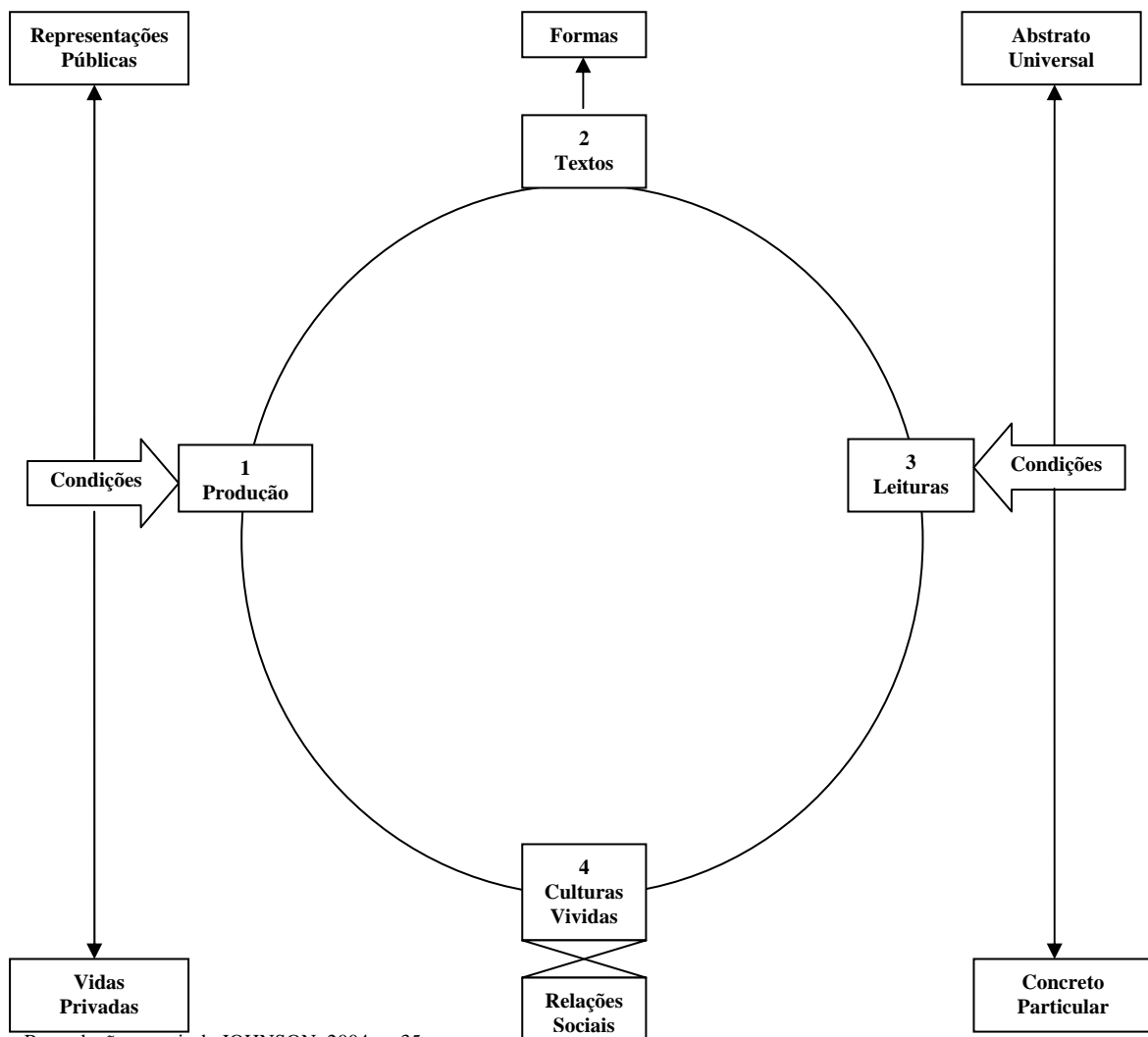
Como destaca Richard Johnson (2004, pp. 32, 33) – ao propor o seu circuito de investigação – um modelo não deve ser encarado como uma abstração ou teoria acabada, mas pelo seu valor ilustrativo, e na melhor das hipóteses servir de guia para apontar quais seriam as orientações desejáveis para abordagem, ao mesmo tempo em que deixa espaço para modificações e diferentes combinações¹⁹. A finalidade é representar o circuito da produção, circulação e consumo dos produtos culturais, em que cada momento depende dos outros e é indispensável para o todo. A importância da tomada do circuito é a possibilidade de buscar a apreensão de todos os momentos, pois uma vez que nos coloquemos em uma dessas instâncias, e apenas numa, não conseguimos enxergar o que acontece em outra, assim como as maneiras de apreensão de outras pessoas, em outros pontos do circuito, também são diferentes. Isso faz com que os processos desapareçam nos produtos.

¹⁹ Exemplo da aplicação da premissa de Richard Johnson é o trabalho de Aline Strelow. A autora, em sua tese de doutoramento, propõe, a partir do circuito do pesquisador inglês, a sua Análise Global de Periódicos Jornalísticos (AGPJ): “Trata-se de uma metodologia de pesquisa que permite o emprego de diferentes técnicas, desde que voltadas ao estudo da produção, do texto, da leitura e das relações sociais de um objeto específico. Compreende quatro momentos: análise sócio-histórico-cultural; análise de produção; análise de textos; análise de leituras e retornos” (STRELOW, 2007, p. 63).

Johnson aponta para a impossibilidade de inferir as condições de produção examinando apenas os textos. Para ele é preciso uma compreensão mais ampla, que leve em consideração outros fatores e outros momentos de um circuito de cultura, além daquele em que se encontram os produtos, ou os textos. Dessa mesma forma é preciso ter claro que se trata de levar em consideração as leituras feitas pelo público em geral, estas diversas das realizadas por “especialistas”. É assim que o circuito de Johnson apresenta uma instância própria da produção, e outra voltada para a leitura dos produtos culturais.

Para compreender as transformações, pois, nós temos que compreender as condições específicas do consumo e da leitura. Estas incluem as simetrias de recursos e de poder – materiais e culturais. [...] Esses *reservatórios* de discursos e significados constituem, por sua vez, material bruto para uma nova produção cultural. Eles estão, na verdade, entre *condições* especificamente culturais de produção (JOHNSON, 2004, p. 34). [destaque meu]

Figura 1 – Mapa de Cultura



Reprodução a partir de JOHNSON, 2004, p. 35.

No circuito as condições sob as quais se dão produção e leitura são fundamentais para sua compreensão. Assim, quanto mais tais condições tendem para as representações públicas (produção) ou o abstrato universal (leituras), mais estarão atreladas aos textos, ou formas, de amplo domínio. Ao contrário, quando as condições são tensionadas para o concreto particular (leituras) ou às vidas privadas (produção), maior sua proximidade com especificidades que encontram ancoragem nas culturas vividas, estas fundamentais para as relações vividas. Trata-se de movimentos entre o público e o privado, e entre as formas mais abstratas e as mais concretas. “Estes dois pólos estão relacionados de forma bastante estreita: as formas privadas são mais concretas e mais particulares em seu escopo de referência; as formas públicas mais abstratas, mas também têm uma abrangência maior.” (JOHNSON, 2004, p. 38) Entre uns e outros estão intrínsecos processos nos circuitos de cultura, e tais processos são produzidos por relações de poder, ao mesmo tempo em que tais relações produzem os processos que se desenrolam nos circuitos, o que mostra a interdependência total no interior dos circuitos e entre suas diferentes instâncias.

Um circuito de investigação, no entanto, deve ser tomado como aberto, na medida em que novos elementos podem ser acrescentados e as posições, dentro dele, alteradas. Ao compor tal circuito a intenção é manter também abertas as diferentes possibilidades de abordagens dos textos que podem ser produzidos e consumidos em diferentes contextos e, com isso, acionar os mais diversos mecanismos subjetivos de intertextualidade. Trata-se da pretensão de, ao mesmo tempo em que há uma “estrutura” para a pesquisa, garantir sua aplicação aos diferentes objetos.

É desta forma que o texto será, aqui, abordado, não por ele próprio, mas de maneira descentrada. O que importa são menos os efeitos sociais que ele pode produzir do que as formas subjetivas ou culturais que efetiva e torna possíveis.

O texto é apenas um meio no Estudo Cultural; estritamente, talvez, trata-se de um material bruto a partir do qual certas formas (por exemplo, da narrativa, da problemática ideológica, do modo de endereçamento, da posição do sujeito, etc.) podem ser abstraídas. (JOHNSON, 2004, p. 75).

É assim que, para Johnson, o quê se busca não é o texto, mas a vida subjetiva das formas sociais, o que para ele significa dizer que se trata de buscar as manifestações subjetivas da cultura impressas no texto, as relações que se formam nas culturas vividas e emergem nos Textos. A abordagem do Texto, então, deve buscar por estas formas subjetivas e compreendê-las a fim de compreender as relações presentes na cultura.

A constituição de circuitos pode então ser tomada como opção possível para apreender tanto as determinações impostas como as aberturas possíveis, distanciando a análise social daquilo que Hall (2006, p. 129) – ao rever o posicionamento de Raymond Williams – chama de materialismo vulgar e determinismo econômico. As críticas feitas tanto ao estruturalismo como ao culturalismo tornaram possível pensar novas formas de abordagens dos fenômenos sociais. Se por um lado o estruturalismo é criticado por tratar de “processos sem sujeitos”, o culturalismo conceitua um sujeito da cultura com caráter transitório e universal, um sujeito social que não é historicamente determinado, sem linguagens específicas socialmente determinadas (HALL, 2006, p. 145).

A combinação de posições estruturalistas e culturalistas torna possível uma visão ampla sobre os objetos sociais e, com isso, análises que consideram as estruturas sob as quais os indivíduos e/ou grupos sociais estão colocados, mas também consideram as suas autodeterminações e, mais importante, as tensões que se criam entre um e outro momento: o das determinações e os outros, aqueles em que se fixam resistências ou negociações. Trata-se então de pensar a sociedade a partir de diferentes posições antagônicas, mas não mutuamente excludentes, na confrontação dialética entre condições e consciência. É colocar a

questão da relação entre a lógica do pensar e a “lógica” do processo histórico [...] duradouros antagonismos, que se reforçam mutuamente, [e] não prometem uma síntese fácil. [Mas] definem o espaço e os limites dentro dos quais essa síntese poderá ser constituída (HALL, 2006, p. 148).

As tensões daí decorrentes devem ser consideradas no momento da análise, assim como os momentos que as constituem. O contexto sócio-histórico é um desses momentos, assim como os momentos de produção de Textos e aqueles em que se dá a recepção. Compreender as relações destes momentos implica em, primeiro, compreendê-los em suas particularidades. Isso, no entanto, não é o mesmo que dizer que eles devem ser vistos de maneira isolada. Ao contrário, eles constituem um circuito em que cada instância é por outras determinada e, ao mesmo tempo, determina a todas as outras. Trata-se de uma estrutura complexa, uma “articulação de momentos distintos e interligados” (HALL, 2006, p. 365), que somente num nível analítico é passível de ser concebida como tendo cada um dos instantes de um circuito de comunicação como distinto, o que é absolutamente diferente de compreendê-lo como auto-suficiente (HALL, 2006, p. 339).

Ao tratar do modelo de Codificação/Decodificação, Hall (2006, p. 336) argumenta que ele vale mais pelo que sugere do que como um mapa acabado para investigação no campo da comunicação e da cultura. O modelo propõe questões e mapeia um terreno, abre possibilidades de abordagem, em especial por considerar a não homogeneidade tanto do momento da produção como do momento da recepção, o que pode ser estendido aos mais diferentes objetos de investigação, uma vez que mais do que apresentar fins o que há é meios para a abordagem da cultura na comunicação.

Com isso é possível compreender que tanto a constituição das competências próprias da produção de Textos como das competências para sua recepção são constituídas em diferentes momentos, articulados entre si. E da mesma maneira as particularidades de um objeto são, em boa medida, determinantes na maneira como ele pode ser abordado numa investigação. Isso ocorre por que diferentes referências podem levar a diferentes práticas e leituras, em múltiplos movimentos. A fragmentação analítica dessa totalidade permitiria compreender o todo, mas para isso é preciso não perder de vista que os momentos apontados

não são auto-suficientes, mas parte de um complexo e que somente nele cada parte tem sentido. A constituição de mapas/circuitos de pesquisa que partam dessas premissas permite a devida adequação às particularidades de um objeto, passando ao largo de reduções que podem prejudicar sua devida compreensão.

É dentro dessas premissas que constituir, ou assumir, um circuito de comunicação e cultura parece pertinente ao abordar uma sociedade ainda em processo de constituição – no caso em tela, a amazônida – em que, em função de recente e intenso movimento migratório, não há valores tradicionais a ela intrínsecos. Ao tomar textos publicados em jornais como objeto para a investigação desta sociedade na sua intersecção com o campo da comunicação, uma série de elementos precisa ser considerada: a constituição sócio-histórica; as bases culturais sobre as quais procura se assentar esta sociedade; os discursos que se institucionalizam; as práticas profissionais; as tecnologias e formatos disponíveis; e, finalmente, os textos produzidos. Em cada uma dessas instâncias é possível encontrar tanto elementos estruturais como espaços para a ação dos sujeitos, e é na articulação entre elas que se tornará possível a compreensão de como se dá o preenchimento das lacunas existentes no embate constituidor das relações sociais articuladas na cultura e na comunicação.

2.3. Mapa das Mediações

Ao traçar um mapa para investigação em comunicação pode-se assumir posicionamentos preferenciais pelos quais é preciso apresentar diferenciações e especializações na organização social, nas esferas da ciência, moral, cultura, economia e política, por exemplo. No entanto, tais posições são superadas ao se reconhecer que há deslocamentos nestas diferenciações e não se pode mais admitir o olhar a partir das especializações (MARTIN-BARBERO, 2004, pp. 224, 225). A consequência é a necessidade

de se olhar para o quadro como um todo, sem reduzi-lo ao ponto de incorrer em visões homogeneizadoras. Novos Textos são colocados em circulação a partir dos deslocamentos levados a efeito em nossas sociedades, esta uma ação em que a comunicação tem papel preponderante, uma vez que atravessa e desterritorializa discursos.

Esta articulação está presente na América Latina principalmente em função de seu contexto sócio-histórico. Os Textos postos em circulação no continente são atravessados pelos mais diferentes significados em função da formação das populações, e a abordagem deles a partir de sua *textualidade* é fundamental para buscar compreensões sobre as estratégias assumidas pelos leitores/produtores latino-americanos. Para Martin-Barbero pensar a comunicação na América Latina é cada vez mais uma tarefa de envergadura antropológica, uma vez que se trata de colocar em evidência operações que trazem à discussão “estratos profundos da memória coletiva, ao mesmo tempo em que movimentam imaginários que fragmentam e des-historicizam” (MARTIN-BARBERO, 2004, p. 209). Estes estratos profundos podem ser compreendidos como elementos determinantes na instituição de *intertextos* responsáveis pela apreensão de Textos e das suas formas mais subjetivas.

Ao movimentar imaginários há o deslocamento histórico que acaba por criar novos *contextos* des-historicizados que, por sua vez, podem legitimar os mais diferentes posicionamentos assumidos por grupos hegemônicos numa sociedade. Esta é a dinâmica que se verifica, empiricamente, no movimento migratório para a ocupação do Centro-Oeste e Norte brasileiros. Em Rondônia, especificamente, ao assumir o discurso desenvolvimentista a partir da década de 1960 – o que implicou na substituição do modelo sócio-econômico do então território federal – foi necessário criar novos contextos sob a idéia de oferecer “uma terra sem homens, para homens sem terra” e “integrar para não entregar” a Amazônia²⁰. Um novo conjunto de representações, calcado na exploração madeireira, na agricultura e na

²⁰ Trata-se de slogans da propaganda do governo federal para motivar o deslocamento de trabalhadores rurais, e mesmo grupos urbanos, para o Centro-Oeste e Norte do Brasil (OLIVEIRA, 2007, p. 122; SOUZA, 2001, p. 51).

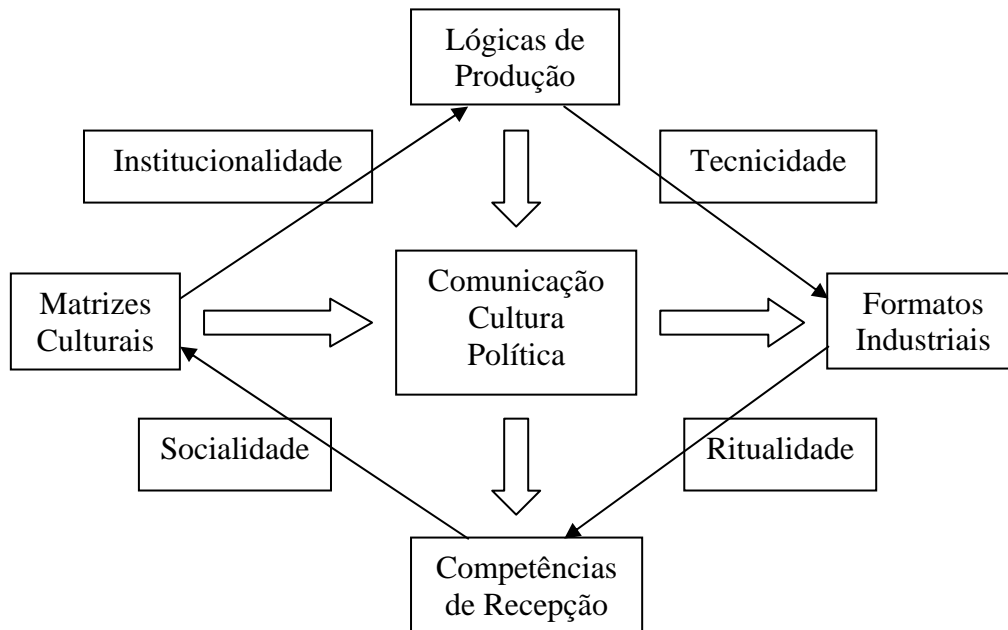
pecuária, precisou antes deslocar a história até ali construída, para a partir de um novo *contexto*, des-historicizado, apresentar sua própria história, voltada para os interesses então nascentes.

Na América Latina a constituição do campo da comunicação deu-se sob os mesmos princípios, como mostra Martin-Barbero (2004, p. 215), num movimento cruzado de duas hegemonias, a primeira do paradigma informacional/instrumental procedente da investigação norte-americana, e a segunda a crítica ideológica denunciante nas ciências sociais do continente. Para ele entre as duas havia, ainda, o estruturalismo semiótico francês, que as modulava. As particularidades da região e a necessidade de organizar um pensamento próprio fizeram com que novos posicionamentos fossem adotados a partir de movimentos como os advindos da globalização. Assim surge a consciência de que tratar o tema das mídias e das indústrias culturais é cada vez mais um estatuto transdisciplinar, o que se reforça pela “multidimensionalidade dos processos comunicativos e sua gravitação cada vez mais forte em torno dos movimentos de desterritorialização e hibridações que a modernidade latino-americana produz” (MARTIN-BARBERO, 2004, p. 219).

As mudanças na tecnicidade e na identidade latino-americanas fazem com que seja necessário pensar as mediações culturais em sua complexidade de Textos e profusão de sentidos, as *textualidades* postas em circulação. Para isso Martin-Barbero propõe o mapa em que os diferentes momentos, da produção à recepção de Textos, são contemplados de forma articulada, sem que nenhum deles se sobreponha, mas funcionem em conjunto.

A articulação pensada por Martin-Barbero tendo como objeto a América Latina, imersa no que se denomina tardomodernidade, parece adequada para pensar também as articulações que se fixam na sociedade amazônica frente aos contatos entre imigrantes e populações tradicionais.

Figura 2 – Mapa das Mediações



Reprodução do Mapa proposto por Jesús Martín-Barbero (2003, pág. 16)

As Matrizes Culturais (MC) são as bases sobre as quais se assentam as práticas culturais de uma sociedade, ou grupo social. Trata-se das práticas em circulação, mas também das práticas residuais, estas remanescentes de um percurso histórico-social que transforma as práticas que marcam um coletivo. As Lógicas de Produção (LP) se referem às dimensões econômicas, ideologias profissionais e rotinas produtivas; à capacidade de interpelar públicos audiências e consumidores; e aos usos das tecnicidades. Entre MC e LP está posta a mediação pela *institucionalidade*, que remete à tomada de discurso pelo Estado, que busca dar estabilidade à ordem constituída; e seus usos pelos cidadãos, maiorias e minorias, que buscam defender seus direitos e fazer-se reconhecer.

A próxima instância no esquema de Martín-Barbero, os Formatos Industriais (FI), diz respeito aos “produtos” que são postos em circulação, referindo-se diretamente aos *discursos públicos*. Em função do contexto sócio-histórico-cultural os formatos dos discursos se alteram para conformar os interesses postos em movimento. A mediação entre LP e FI é feita pela *tecnicidade*, que remete aos suportes técnicos utilizados, mas, mais do que isso, aos

operadores perceptivos apresentados por eles. É assim que se pode abordar os novos cenários surgidos desde a globalização e do uso da internet. É preciso, como frisa Martin-Barbero (2003; 2004) atentar que se trata de questionamentos acerca do novo estatuto social da técnica e não da técnica como um fim em si.

Por fim as Competências de Recepção (CR), que dizem respeito aos mecanismos utilizados pelos receptores/consumidores das mensagens e postos em ação no momento de decodificar as mensagens em circulação. A mediação entre FI e CR é feita pela *ritualidade*, que remete ao nexó simbólico que sustenta toda a comunicação, a ancoragem na memória, aos seus ritmos e formas. Ainda ligada às CR está a mediação da *socialidade*, esta ligada também às MC, fechando o circuito. Esta mediação diz respeito à práxis comunicativa e resulta dos modos e usos coletivos da comunicação: interpelação/constituição dos atores sociais e suas relações com o poder.

Dois outros movimentos se impõem no mapa, um diacrônico, entre MC e FI, e outro sincrônico, entre LP e CR. Nos dois casos as mediações entre estas instâncias são feitas pela tríade Comunicação, Cultura e Política. A *comunicação* é assumida como lugar estratégico para o contato entre grupos com diferentes práticas simbólicas, um “motor de desengate e inserção de culturas” (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 13), e os meios de comunicação podem ser tomados como locais privilegiados para a verificação da forma de articulação entre diferentes grupos sociais. A *cultura*, na articulação proposta por Martin-Barbero, é tomada sem a divisão de ambientes especializados da antropologia e da sociologia. Esta divisão desaparece à medida que aumenta a especialização comunicativa do cultural pelos meios, estes apresentados como sistemas de “máquinas produtoras de bens simbólicos ajustados aos seus ‘públicos consumidores’” (MARTIN-BARBERO, p. 14). É a especialização comunicativa da cultura que ajusta os bens simbólicos ao público consumidor, o que acaba por obscurecer a divisão da cultura entre as visões antropológica e sociológica, e

contribui para tomada de toda a vida social, antropologizada, como cultural. O âmbito da *política* tem a comunicação e a cultura como campos primordiais de batalha, uma vez que é através das práticas e de sua tomada pelos meios que se dão as negociações em sociedade. Os meios, então, não se limitariam a traduzir as representações existentes, nem de apenas as substituir, mas passam a constituir uma cena fundamental da vida pública. E a política, uma vez que é feita através dos meios de comunicação, invade o espaço doméstico, cotidiano, toda a vida social.

[...] pensar a política a partir da comunicação significa pôr em primeiro plano os ingredientes simbólicos e imaginários presentes nos processos de formação de poder. O que leva a democratização da sociedade em direção a um trabalho na própria trama cultural e comunicativa da política (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 15).

O esquema, concebido de forma circular, pode ser percorrido – *a priori* – em qualquer sentido, com diferentes formas de abordagens de suas instâncias. Assim, se a partir das MC se buscar o olhar sobre a *socialidade*, a comunicação revela-se pela questão dos fins; por outro lado, se vista a partir da *institucionalidade* a comunicação é convertida em questão de meios, ou seja, da produção de discursos públicos. Do mesmo modo, ao se olhar para a relação entre CR e FI, a mediação da *ritualidade* pode, se vista a partir dos meios, tratar da imposição de regras nos jogos de significação e situação; e, se vista a partir dos receptores, referir-se o uso social dos meios pela audiência.

Mas, em qualquer das direções a atenção está centrada nos mediadores, estes fundamentais para compreender os significados que são apropriados na sociedade entre cada um dos momentos de produção de sentido. As mediações da *institucionalidade*, *tecnicidade*, *ritualidade* e *socialidade* dão a trama das relações em cada um dos momentos do circuito. São os mediadores socioculturais que propiciam o surgimento de novos atores e movimentos sociais, introduzem novos sentidos do social e novos usos sociais das mídias.

Este esquema busca, em última instância, abranger todos os momentos, desde a produção até o consumo dos Textos, ao mesmo tempo em que apresenta possibilidades de

apreender as estratégias pelas quais se articulam as *textualidades* através dos diferentes *intertextos* possíveis. Há aqui o cruzamento entre comunicação e cultura como forma de compreender como se dão as interações em sociedade, em especial na América Latina, uma vez que abre espaço para as diferentes nuances que são apresentadas neste contexto específico.

2.4. Circuito de investigação

Tendo clara a busca por compreender os mecanismos acionados no processo de produção simbólica em um jornal regional de Rondônia, a opção é por traçar um percurso que privilegie os diversos momentos desde as práticas adotadas pela população até os produtos colocados em circulação pelo veículo objeto de estudo. É feita a opção pelo Mapa das Mediações, de Jesús Martín-Barbero (2003), em função da ênfase dada aos processos históricos na análise das movimentações sociais e na relação entre Comunicação, Cultura e Política, fundamentais para a análise a que nos propomos. No caso do objeto de pesquisa aqui tomado há uma visão particular desta relação.

Admitindo que haja um grupo predominante em Rondônia em termos de representações em circulação, suas representações identitárias podem estar sendo apropriadas pelos meios de comunicação social como legítimas do estado, enquanto outros grupos não encontrariam espaço para suas próprias representações. Tal grupo seria constituído pela parcela de migrantes chegados ao estado a partir da segunda metade do século XX e ligados a atividades agropecuárias, ao tempo em que o grupo com um papel que pode ser tomado como secundário é aquele constituído pela população já fixada em Rondônia antes de 1960. Assumindo-se que há a ausência de referências culturais comuns, qualquer prática tornar-se-ia passível de ser tomada como representativa de toda a população. É este o princípio a partir do qual pode ser aberto um canal para legitimar determinadas práticas culturais, em detrimento

de outras, como próprias da identidade do rondoniense. A imprensa assumiria esta estratégia, corroborando com as posições de um grupo determinado, e apresentaria aos seus leitores mensagens a elas ajustadas. Assim os meios acabam por assumir papel de arena de discussão e a possibilidade de serem reconhecidos como instrumento da democracia, abrindo espaço para discursos, mas num espaço que se mostraria limitado, já que não seriam tomados por todos os grupos que compõem esta sociedade, mas apenas parte deles, aqueles que constituiriam a parcela predominante desta população.

Uma vez que este é um trabalho centrado na produção de textos midiáticos apenas uma parte do Mapa das Mediações será utilizada, em que estão presentes três momentos e as duas mediações existentes entre eles. Assim, o percurso a ser cumprido se inicia nas Matrizes Culturais (MC) e segue até os Formatos Industriais (FI), passando pelas Lógicas de Produção (LP). As mediações que serão objeto de análise, fundamentais para a compreensão dos diferentes momentos do percurso e como se estabelecem, modificam e solidificam as relações entre eles, serão a *institucionalização*, entre MC e LP; e a *tecnicidade*, entre as LP e os FI.

Cada um dos momentos do mapa de investigação aqui apresentado deve ser abordado de forma específica, a fim de dar conta das necessidades que se impõem. É assim que estratégias específicas serão adotadas para cada instante da investigação, sempre tendo a articulação e cruzamentos entre elas como os mais importantes fatores a serem considerados.

As Matrizes Culturais são tomadas como as práticas residuais, tal como compreendido por Raymond Williams a partir dos conceitos de culturas arcaica, residual e emergente²¹. A primeira se refere a práticas não mais em circulação, enquanto as residuais diferem delas justamente por ainda estarem vivas, terem relevância num contexto cultural contemporâneo (KARAM, 2009). As práticas emergentes, por sua vez, são aquelas de

²¹ As noções de culturas arcaicas, residuais e emergente, de Raymond Williams, surgem em *The Long Revolution* (1961), como apontado por Karam (2009).

conformação recente, ainda em busca de consolidação entre os grupos sociais. A noção de cultura residual é tomada de acordo com a apropriação de Martin-Barbero (2003), como uma cultura ainda vivida no cotidiano e nas representações em circulação. A busca é por identificar as raízes das práticas atuais da população de Rondônia, transformadas ou não pelo contato com outras práticas, todas colocadas em circulação no estado por grupos de imigrantes que chegaram ao longo do século XX. Ao mesmo tempo em que as diferentes levadas de imigração serão contempladas, a intensificação das entradas a partir da década de 1970 deve ser privilegiada, tanto por constituir o maior contingente – tanto absoluto quanto relativo – como por se tratar do grupo que atualmente é predominante nos contextos sócio-econômico e político em Rondônia.

Entre as Matrizes Culturais e as Lógicas de Produção há a mediação da *institucionalidade*. É a partir desta mediação que se buscará compreender a regulação de discursos, principalmente do Estado²², que acabam por ser apropriados por outras instâncias da sociedade. Uma vez que existam interesses contrapostos, por parte do Estado a busca é por dar estabilidade à ordem constituída, enquanto por parte dos cidadãos, tanto maiorias como minorias, busca-se defender direitos e fazer-se reconhecer. Nesse movimento há a legitimação dos discursos pelas instituições e, no âmbito da comunicação, passa a estar em questão a produção de discursos públicos pelos *meios*, mas cuja hegemonia encontra-se, paradoxalmente, do lado dos interesses privados. Ao mesmo tempo, para Martin-Barbero, há a busca por outras institucionalidades que possam dar conta dos deslocamentos da cidadania para o âmbito da cultura e, no plano da representação, para o do “*reconhecimento* instituinte” (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 18).

Para recuperar essa trajetória sócio-histórica e apontar a institucionalização de determinados grupos de práticas culturais são usadas fontes bibliográficas que extrapolam o

²² Aqui se fará a diferenciação entre estado, unidade federativa, espaço geográfico, e Estado, grafado com maiúscula, como referência à instituição político/administrativa.

registro historiográfico, seja pela carência de fontes ou a insuficiência delas para dar conta das narrativas que compõem representações sobre Rondônia e como sua população enxerga a si mesma. Assim, como fontes bibliográficas são usadas, além de historiografias, obras literárias que têm como pano de fundo momentos determinados da história da Amazônia e de Rondônia, cordéis, filmes e análises sobre obras cinematográficas que têm como cenário a Amazônia. Minisséries de televisão, documentários e textos acadêmicos – teses e dissertações – que analisam a conformação social na região e a institucionalização de práticas culturais também são usados para construir um cenário a partir do qual é possível identificar narrativas sobre a Amazônia e, particularmente, sobre Rondônia.

A busca pela compreensão das Lógicas de Produção passa pelo questionamento de três outras instâncias: a estrutura empresarial, competência comunicativa e competitividade tecnológica. Por estrutura empresarial, como já referido, Martin-Barbero compreende as dimensões econômicas, ideologias profissionais e rotinas de produção; já a competência comunicativa é a capacidade de interpelar públicos, audiências e consumidores; enquanto a competitividade tecnológica diz respeito à próxima mediação do percurso proposto. A *tecnicidade* é a mediação que se estabelece entre as LP e os FI, e diz respeito ao delineamento do novo cenário que procura se impor, o da globalização, e as formas como se dá a conexão entre os diversos âmbitos da produção dos discursos dos meios. Neste ponto é fundamental ter claro que mesmo havendo aqui a atuação clara da técnica, as questões que devem ser levantadas não podem ser a ela reduzidas. Trata-se, sim, de um “novo estatuto social da técnica”, com o restabelecimento de sentidos do discurso e da *práxis* política (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 19). Então é muito mais a maneira como são utilizados os equipamentos proporcionados pela técnica do que o acesso a eles.

Para dar conta da instância das Lógicas de Produção e da mediação da *tecnicidade* privilegia-se entrevistas com editores, repórteres e diretores do Diário da

Amazônia. Os entrevistados foram selecionados de acordo com suas funções no Diário da Amazônia e no Sistema Gurgacz de Comunicação, SGC, grupo do qual faz parte do DA: Guarim Liberato, editor-geral do Diário da Amazônia; Santiago Roa Júnior, secretário de redação; Aurimar Souza, editora de cadernos especiais; Liz Noele Lelo, encarregada de distribuição e circulação; Waldo Taeskovinsky, diretor financeiro e administrativo; além de Adão Gomes, diretor de jornalismo da Rede TV!, que prestou informações sobre a constituição e estrutura do Sistema Gurgacz de Comunicação. As entrevistas seguem a técnica apresentada como *entrevista reflexiva*:

Reflexividade tem aqui o sentido de refletir a fala de quem foi entrevistado, expressando a compreensão da mesma pelo entrevistador e submeter tal compreensão ao próprio entrevistado, que é uma forma de aprimorar a fidedignidade [...] Ao deparar-se com sua fala, na fala do pesquisador, há a possibilidade de um outro movimento reflexivo: o entrevistado pode voltar para a questão discutida e articulá-la de uma outra maneira em uma nova narrativa, a partir da narrativa do pesquisador (SZYMANSKY, 2002).

Esse retorno ao entrevistado garante a ele o direito de se ouvir, discordar e alterar proposições ainda durante a realização da entrevista, o que se converte numa forma de assegurar que as respostas obtidas sejam “verdadeiras”. Trata-se de mais cuidados dispensados ao entrevistado e às informações por ele fornecidas durante o momento da entrevista.

Também se utiliza observações das rotinas de produção do Diário da Amazônia. As ações observadas são utilizadas como material de suporte às entrevistas e para compor o relatório final. A finalidade tanto das entrevistas como da observação é amear dados sobre as rotinas de produção do Diário da Amazônia, a dinâmica na redação e entre os editores e correspondentes no interior de Rondônia. Também há a busca pelas relações entre o Diário da Amazônia e os demais veículos de comunicação que compõem o SGC, e o papel deste no cenário de comunicação de Rondônia e no grupo empresarial do qual faz parte.

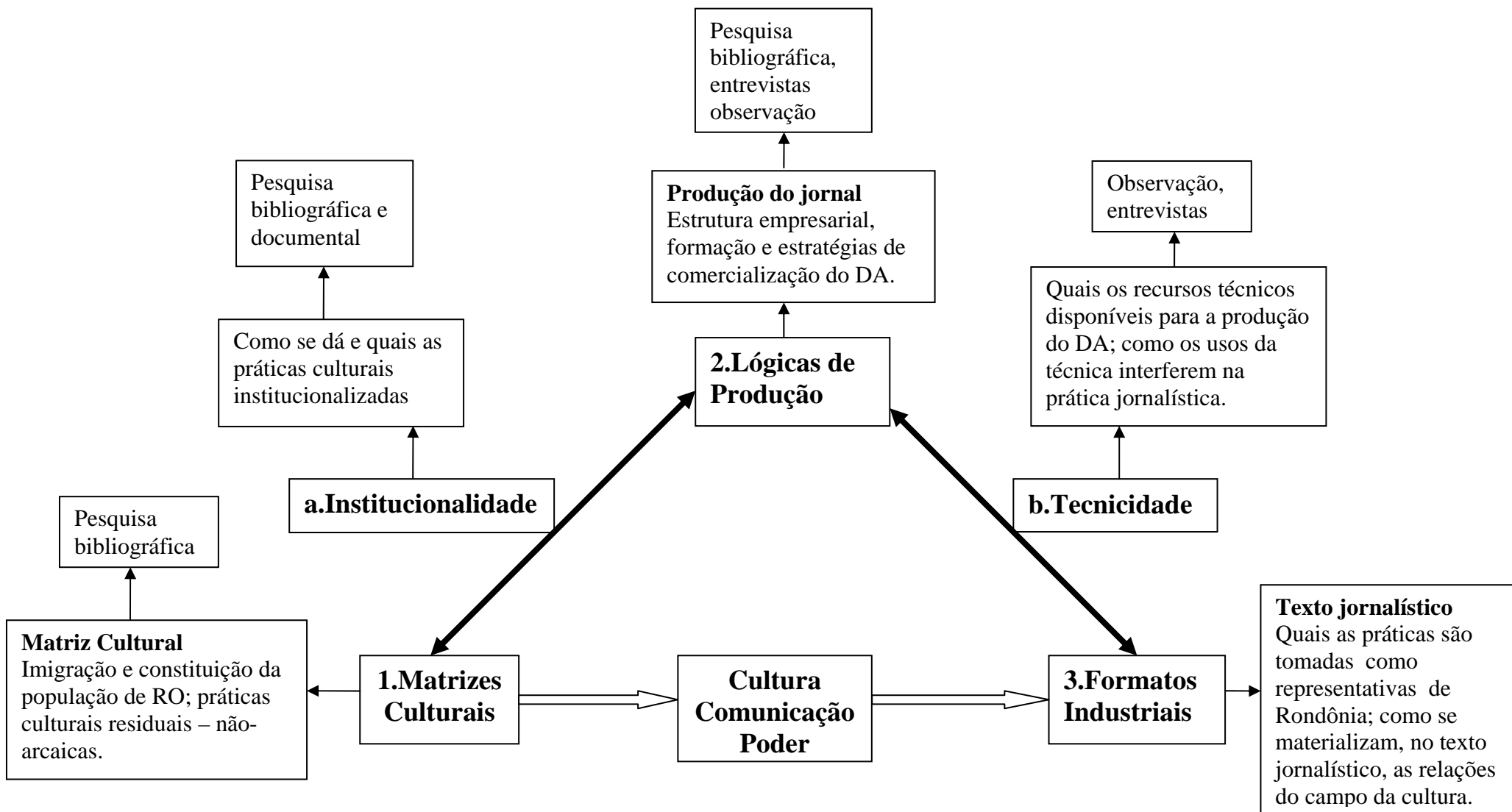
A última instância do Mapa de Pesquisa são os Formatos Industriais, ou os textos jornalísticos produzidos pelo Diário da Amazônia, o que implica a sua análise através

de *contexto* específico e diretamente ligado às MC e a cada um dos diferentes momentos e mediações anteriormente listadas. A seleção dos textos publicados tem o critério definido a partir da cobertura de eventos ligados às práticas culturais dos grupos que compõem a população de Rondônia. Para isso é feito o recorte no período em que aconteceram festas agropecuárias e festas ribeirinhas. Os textos que tratam de um e outro grupo de práticas culturais são identificados e a partir deles selecionados aqueles que de fato são analisados: a opção é por privilegiar as matérias sobre festas identificadas com um e outro complexo cultural e publicadas em espaços do Diário da Amazônia apontados como não específicos para temática. Aqui é importante já apresentar esta distinção com clareza: como espaço específico são tomados cadernos especiais de festas agropecuárias, publicados pelo DA, e páginas assinadas, como a Zé Katraca, voltada para a cultura ribeirinha e suas manifestações. Desta forma, apesar deste material ser mencionado a fim de apresentar um panorama, a atenção para análise recai sobre os textos informativos sobre a temática publicados fora desses espaços no período selecionado. A busca é por elementos residuais das MC, mediados pelos outros momentos do circuito proposto. Assim o que se privilegia são os Textos de cultura que estão submersos nos formatos presentes no Diário da Amazônia, nas narrativas construídas no jornal – o que implica a consideração de uma sempre presente *intertextualidade* – que possam ser tomados pelos produtores deste discurso como representação do estado, tal como apresentado na seção anterior a partir de Nick Couldry, Stuart Hall e Richard Johnson.

A conclusão do circuito proposto remete diretamente ao seu início, em função da relação diacrônica existente entre as MC e os FI. As relações entre LP e CR não serão tratadas na pesquisa. Estas dão conta de uma relação sincrônica, e acabam por contemplar, principalmente, a instância da recepção no circuito proposto por Martin-Barbero, em especial as mediações da *ritualidade*, entre os FI e as CR, e da *socialidade*, entre as CR e as MC (2003, pp. 17-20). Uma vez que o interesse centra-se na instância da produção, a opção é por

não contemplar o momento da recepção, o que implicaria não apenas em ampliar o trabalho, mas também o arcabouço teórico em foco.

Figura 3 – Mapa de Pesquisa*



*Elaborado a partir do mapa conceitual de Felippi (2006)

3. RONDÔNIA: DOS MITOS AO ENCONTRO DE MUNDOS NA COLONIZAÇÃO

O estado de Rondônia está encravado numa faixa de transição entre o cerrado mato-grossense e a floresta amazônica, e por isso apresenta diferentes constituições físicas, o que influenciou de maneira decisiva sua ocupação, que se deu de forma gradual ao longo de quatro séculos e através de diferentes levas migratórias. A presença de exploradores e de moradores teve as mais diferentes motivações e, na maior parte das vezes, deixavam a região quando tais razões deixavam de existir ou seus atrativos rareavam, o que tornou a fixação problemática e rarefeita até o princípio do século XX. É a partir deste século que passa a haver a fixação de fato, e os contrastes e disputas que hoje estão postos.

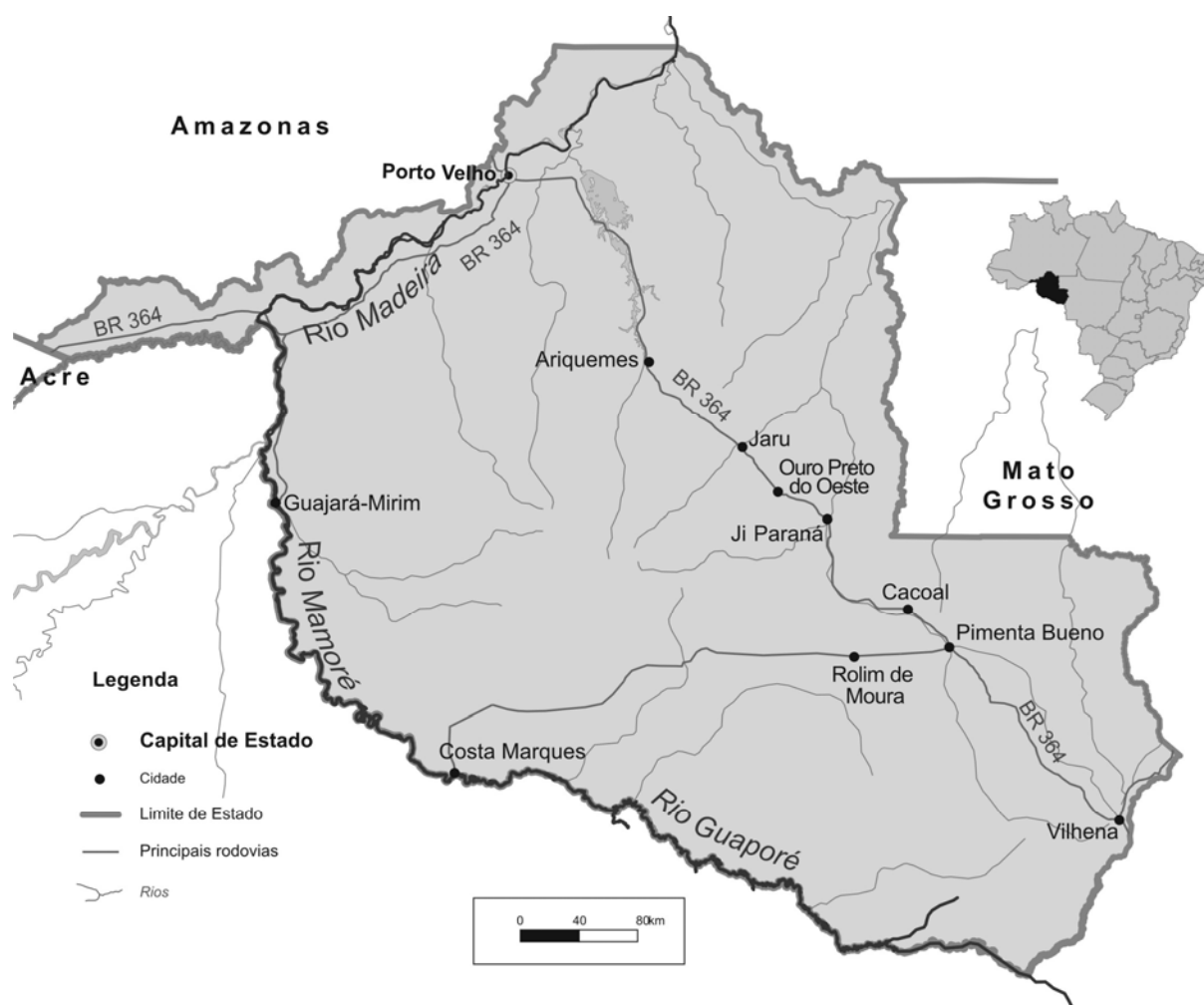
A área ocupada por Rondônia foi desmembrada dos estados do Amazonas e Mato Grosso e perfaz um total de 237.576,197 quilômetros quadrados, praticamente a mesma de São Paulo. São 52 municípios, quase todos surgidos em função do movimento migratório ocorrido a partir do final da década de 1960. A economia tem como base a pecuária e a agricultura, situação bastante diferente daquela vivida até o começo da segunda metade do século XX, quando o extrativismo era o principal pilar da insipiente economia rondoniense.

Dos cerca de 1,5 milhão de habitantes 46,7% são de pessoas que nasceram em outros estados brasileiros. Este índice revela uma considerável alteração no quadro nas últimas duas décadas, uma vez que até o final da década de 1980 o incremento populacional em função de migrações era a principal razão para o crescimento populacional e, por isso,

índices muito maiores de “não-naturais” eram registrados. O índice de analfabetos e analfabetos funcionais atinge 34,7%, e a parcela da população com 15 ou mais anos de escolaridade é de 4,3%.

As principais atividades são aquelas ligadas aos setores agrícola (35,8%) e de serviços (31,8%). Cerca de 65% da população se concentra nas áreas urbanas, especialmente nas cidades ao longo da BR-364, principal rodovia do estado, às margens da qual estão as cidades mais populosas: Porto Velho (369.345 habitantes), Ji-Paraná (107.679), Ariquemes (82.388), Cacoal (76.155), Vilhena (66.746) e Jaru (52.453)²³.

Figura 4 – Mapa de Rondônia



²³ Números da contagem populacional de 2008 (IBGE, 2009)

No setor agrícola, o destaque é da pecuária, atividade que, com 11 milhões de cabeças de gado, é tomada pelo governo estadual como a principal fonte de rendas de Rondônia. Outro destaque é a produção de grãos, principalmente arroz, milho e soja, que em 2007 tiveram área plantada superior a 285 mil hectares, com produção estimada de 654 mil toneladas. Mas a maior área plantada segue sendo a de mandioca, chegando a 530 toneladas anuais. No entanto, no conjunto os três principais grãos cultivados em Rondônia representaram em 2007 rendas de R\$ 245 milhões, enquanto a mandioca alcançou R\$ 154 milhões. Dado fundamental para entender esta relação é o perfil dos agricultores que se dedicam a um e outro plantio. Ao contrário do cultivo de grãos, realizado em grandes propriedades com estrutura empresarial, o plantio de mandioca acontece quase que exclusivamente em pequenas propriedades de uma população identificada, em boa parte dos casos, com uma base cultural diferente daquela dos plantadores de grãos.

Quanto à ocupação da região que viria a ser Rondônia ainda durante a primeira metade do século XX poucos eram os núcleos urbanos e os moradores estavam distribuídos preferencialmente às margens dos principais rios e, muitas vezes, se confundiam com a população indígena nas suas práticas e na relação com a floresta. Os primeiros registros de expedições de europeus ao rio Amazonas em busca de riquezas – histórias que se aproximam de narrativas fantásticas – são feitos em 1541 pelo frei dominicano Gaspar de Carvajal, cronista da viagem de Francisco Orellana entre o Peru e o Oceano Atlântico, em que se buscava por cidades lendárias, detentoras de incontáveis riquezas. Em *O descobrimento do rio de Orellana*, Carvajal relata o contato dos espanhóis com mulheres guerreiras, logo associadas às míticas Amazonas:

Estas mulheres são muito altas e alvas, com o cabelo muito comprido, entrançado e enrolado na cabeça. São muito membrudas e andam nuas em pêlo, tapadas as suas vergonhas, com os seus arcos e flechas nas mãos fazendo tanta guerra como dez índios (CARVAJAL, Gaspar de. *Descobrimto do rio de Orellana*. *apud* GONDIM, 1994, p. 83).

A expedição de Orellana ainda penetrou no rio Grande, atual Madeira, onde saqueou milho de tribos ali encontradas. Ainda no século XVI dão-se as primeiras tentativas de se alcançar os vales dos rios Guaporé, Mamoré e do Alto Madeira, esta a região onde está Rondônia. De acordo com Oliveira (2007), em 1524 o espanhol Aleixo Garcia subiu o rio Guaporé até alcançar o rio Paraguai, demarcando assim a possibilidade de ligação entre as bacias Amazônica e Platina pelo interior do continente. Com as constantes incursões de portugueses, e o conseqüente alargamento dos limites impostos pelo Tratado de Tordesilhas, a região passa ao domínio definitivo da Coroa Portuguesa, ao mesmo tempo em que Belém se transforma no ponto de entrada para toda a região amazônica, incluídas aí as áreas peruanas ricas em ouro. A chamada Grande Bandeira de Limites, liderada por Antônio Raposo Tavares, percorre a partir de 1647 os vales do Mamoré, Guaporé e Madeira, chegando ao Amazonas, e consolida estes rios como limites extremos a oeste dos domínios portugueses.

As entradas bandeirantes na Amazônia confundiam interesses econômicos – apreensão de índios e a exploração das drogas do sertão – com um imaginário europeu sobre a existência de um paraíso terrestre. Descrições em que a natureza amazônica é comparada com o Jardim do Éden ajudavam a reforçar este imaginário. Isso, entre outras conseqüências, fez ressurgir em Portugal no século XVIII o projeto do Quinto Império (PINTO, 1993, p. 8), a utopia de fixar Portugal como uma grande potência a exemplo dos romanos, que se via então transportado para o Novo Mundo.

Mesmo tendo como motivação as visões míticas, durante todo o século XVI e a primeira metade do século XVII não há registro da fixação de povoações na maior parte da região. Isso vai acontecer a partir de 1669, quando começam a ser fundadas as missões jesuíticas na Amazônia. A primeira delas, a Tupinambarana, se estabelece na foz do rio Madeira, na atual cidade de Parintins, e gradualmente outras foram sendo instaladas nas

margens deste rio. Em 1714 foi fundada a primeira missão nos limites do atual estado de Rondônia (OLIVEIRA, 2007, p. 13).

A descoberta de ouro nos afluentes do rio Guaporé, em 1734, somada a outras regiões de exploração do minério, faz com que a Coroa Portuguesa funde, em 1748, a capitania de Mato Grosso e implemente ações de povoamento a fim de garantir a posse da região. Como forma de manter as atenções da nova capitania voltadas para o oeste é fundada Vila Bela da Santíssima Trindade, às margens do rio Guaporé – hoje fronteira com a Bolívia – para ser a capital de Mato Grosso, e a navegação pelos vales do Guaporé, Mamoré e Madeira, a partir do rio Amazonas se torna o principal meio de acesso à região. Ao longo desse trajeto o primeiro governador da nova capitania, Antônio Rolim de Moura Tavares, funda diversos povoados como forma de garantir a presença de portugueses na região²⁴. Com foco na exploração de ouro, a ocupação se mantém até a década de 1830, quando a capital de Mato Grosso é transferida para Cuiabá em função dos riscos da navegação na fronteira com os domínios espanhóis e da decadência da exploração aurífera (OLIVEIRA, 2007, p. 25)

3.1. Seca, guerra e a constituição de uma população tradicional

Com a decadência da mineração e com a definição da fronteira oeste do país a região do atual estado de Rondônia se mantém fora do foco de interesse do governo brasileiro durante o Período Imperial, por quase meio século. O surgimento do interesse pelo látex, a partir do qual se produz a borracha, extraído da seringueira, árvore nativa da região amazônica, faz com que haja novas ações de incentivo ao povoamento. A demanda mundial por borracha fez com que se constituíssem os períodos conhecidos como Ciclos da Borracha, que fizeram com que migrassem para a Amazônia nas últimas décadas do século XIX e nas

²⁴ Estes povoados eram formados principalmente por negros escravos, e alguns poucos europeus. Depois de esgotado o ouro em Vila Bela da Santíssima Trindade estes negros foram deixados nas margens do rio Guaporé e, junto com negros fugidos, acabaram por constituir quilombos, cujas remanescentes ainda hoje habitam a região (TEIXEIRA, 2004).

primeiras do século XX, por volta de 500 mil pessoas, principalmente nordestinos (BENCHIMOL, 1977, p. 251). Este é o primeiro movimento migratório que terá reflexos diretos na conformação atual de Rondônia.

É o mistério e as promessas e crenças numa vida melhor que atrai os imigrantes do Primeiro Ciclo da Borracha, entre 1870 e 1915, principalmente cearenses, quase sempre famílias que fogem das severas secas que atingiram a região nas últimas décadas do século XIX e no início do século XX. De acordo com Benchimol não há estatísticas sobre o número exato de pessoas que aportaram na Amazônia nesta época, e os poucos dados existentes se referem principalmente às saídas ocorridas em portos do Nordeste. Mesmo assim considera seguro afirmar que cerca de 350 mil nordestinos entraram na Amazônia até 1915 (BENCHIMOL, 1977, p. 251). O contingente de cearenses encaminhados para a região teria sido tão alto que chegou a preocupar os proprietários de terras, que se viram sem mão-de-obra disponível (SILVA, 2000, p. 49). Estas pessoas eram atraídas com propostas de rendimentos tentadores e chegavam à Amazônia pelo porto de Belém e dali eram encaminhadas para seringais em toda a região. Na área onde hoje é Rondônia a distribuição desses imigrantes se deu principalmente em seringais às margens dos rios Madeira e Mamoré e diversos de seus afluentes.

É nessa época que são produzidos os primeiros filmes com imagens da Amazônia. Trata-se, na maioria, de narrativas de viagens ou obras de cineastas pioneiros atraídos pela borracha e pela riqueza por ela proporcionada. Exemplo disso são os filmes do cineasta português Silvino dos Santos. Tendo como principal tema o rio Amazonas ele realizou pelo menos nove longas-metragens, 57 documentários de média e curta-metragem, além de séries pessoais. Entre os longas-metragens estão principalmente filmes que tratam de uma realidade amazônica permeada por mitos, como é o caso de *Amazonas, o maior rio do mundo* (1918), *No paiz das Amazonas* (1921), *Terra encantada* (1923) e *No rastro do El*

Dorado (1924/1925). “Silvino Santos, um dos pioneiros do cinema no Brasil, apontou suas lentes para a região amazônica lançando um olhar sensível sobre sua realidade, e as bases de um cinema comprometido com a região e o homem amazônico” (SORANZ, s/d).

E a Amazônia, desconhecida e plena de mistérios, que inspira obras permeadas pelo conflito entre o real e o imaginário cresce aos olhos de cineastas das mais diferentes vertentes ao ponto de atrair a atenção do nacional-socialismo alemão. Em 1938 os irmãos Edgar e Franz Eichhorn lideram uma expedição para a filmagem de *Inferno Verde*, concebido de acordo com as regras do Ministério para o Esclarecimento Social e Propaganda alemão (SORANZ, s/d). O filme, que segue uma narrativa militarista de conquista imperial, conta como os britânicos romperam o monopólio da borracha brasileira.

Com o declínio da borracha no mercado mundial a partir da segunda década do século XX a maior parte dos seringueiros foi abandonada nas colocações²⁵, e mais uma vez houve desinteresse na região. Retratos das conseqüências desse período são mostrados na obra de Milton Hatoum²⁶, em que os dramas e conflitos de famílias de uma Manaus urbana têm como pano de fundo um sociedade profundamente marcada pela cultura da borracha, mas decadente depois do fim do período de opulência proporcionado pela exploração de látex. Os seringueiros que ficaram na Amazônia tornaram-se ribeirinhos, em boa parte, e assimilaram a vivência na selva, principalmente assumindo hábitos indígenas.

O Segundo Ciclo da Borracha teve início em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial. Com o domínio dos países do Eixo sobre os seringais malaios, principais concorrentes da borracha da Amazônia e motivo da sua decadência no mercado internacional, as atenções se voltaram para o Brasil. O Estado Novo volta a oferecer incentivos para a

²⁵ A *colocação* é a unidade de produção do seringal. Na definição de Teixeira (1996) é composta basicamente pela barraca de palha onde o seringueiro mora – sozinho ou com a família – o *tapiri*, lugar onde se defuma o látex para transformá-lo em borracha e, depois do afrouxamento das relações de poder nos seringais, por uma pequena roça de árvores frutíferas (normalmente bananeiras e limoeiros) e pés de mandioca. Ainda há duas ou três “estradas” de seringa, cada uma podendo ter entre 100 e 150 árvores. No total uma colocação pode abranger até 300 hectares, sendo que não mais do que um acre a clareira onde vive o seringueiro.

²⁶ *Relato de um certo oriente* (1990), *Dois Irmãos* (2000), *Cinzas do norte* (2005) e *Órfãos do Eldorado* (2008).

migração, mas agora principalmente de homens solteiros, os Soldados da Borracha, que deveriam se envolver na Batalha da Borracha, nome dado à operação brasileira para cumprir os termos do Acordo de Washington. Entre 1941 e 1945 chegaram à Amazônia cerca de 150 mil imigrantes. Mais uma vez eram pessoas oriundas do Nordeste e pelo menos metade delas foi encaminhada para seringais remanescentes do primeiro ciclo nos atuais estados do Amazonas, Acre, Roraima e Rondônia (BENCHIMOL, 1977, pp. 250, 251). Com o final da Segunda Guerra Mundial as atenções mais uma vez se voltaram para os seringais asiáticos e, novamente, os seringueiros levados à Amazônia foram abandonados.

Ainda durante o Primeiro Ciclo da Borracha teve lugar a Questão do Acre²⁷, evento histórico revisitado em *Galvez, o Imperador do Acre*, de Márcio Souza (1977), romance que se passa entre 1897 e 1899 e narra

A vida e a prodigiosa aventura de Dom Luiz Galvez Rodrigues de Aria nas fabulosas capitais amazônicas e a burlesca conquista do Território Acreano com perfeito e justo equilíbrio de raciocínio para a delícia dos leitores (SOUZA, 1977, p. 3).

Galvez cria, com o apoio de seringalistas brasileiros, a República do Acre, sob o argumento de resistir à tomada da região pela Bolívia. O litígio entre Brasil e Bolívia coloca em disputa a região dos rios Purus e Acre, área rica para a exploração do látex e tomada por seringalistas brasileiros, mas pertencente à Bolívia. O nordestino, convertido em seringueiro, foi quem engrossou as fileiras da resistência brasileira ao exército boliviano, como fica claro no depoimento de Sérgio Bernardo Pinto, cearense que aos 16 anos migrou para a Amazônia e se tornou seringueiro:

“Eu estava no Acre desde 1897. [...] Fui me alistando, lutei um ano e três meses sob ordens do Chefe [Plácido de Castro]. Não tem ninguém que ganhe do brasileiro. [...] Eu tenho honra de ter sido veterano do Acre.” (BENCHIMOL, 1977, p. 260).

²⁷ A Questão do Acre, os dois ciclos da borracha e mesmo os conflitos gerados a partir da colonização agrícola e a conseqüente substituição do modelo econômico na Amazônia são o pano de fundo da minissérie *Amazônia*, produzida pela Rede Globo de Televisão, exibida entre os dias 02/01 e 06/04 de 2007 em 55 capítulos. Escrita pela acreana Glória Perez e dirigida por Marcos Schechtman, a minissérie foi adaptada dos livros *Terra Caída*, de José Potyguara, e *O seringal*, de Miguel Ferrante. A minissérie tem o enredo ancorado nas figuras históricas do espanhol Galvéz, do gaúcho Plácido de Castro e do acreano Chico Mendes.

O acordo firmado entre Brasil e Bolívia terminou por garantir a posse do atual estado do Acre para o Brasil, mas entre as compensações que deveriam ser oferecidas ao país vizinho estava a construção de uma ferrovia que cobrisse o trecho encachoeirado dos rios Mamoré e Madeira. Isso garantiria o acesso da borracha boliviana ao rio Amazonas, e dali ao Oceano Atlântico (OLIVEIRA, 2007, p. 52).

Houve várias tentativas de construção da ferrovia, desde 1872, mas somente depois do acordo entre Brasil e Bolívia foi efetivamente realizada, entre 1907 e 1912. Durante este período as empreiteiras responsáveis pela obra encaminharam para região 21.817 trabalhadores (OLIVEIRA, 2007, p. 53). Eram homens oriundos de diversos países – Antilhas, Alemanha, Estados Unidos, Portugal, Espanha, Colômbia e Itália, principalmente. Milhares desses trabalhadores morreram durante a construção da ferrovia, vítimas de doenças endêmicas, ataques de índios e acidentes.

Um relato forte das condições encontradas na floresta e dos encontros entre homens de diferentes países e culturas é dado em *Mad Maria*²⁸, de Márcio Souza (2005). O cadinho de homens que ali se formou também foi a razão de conflitos, mortes em meio ao trabalho de construção da ferrovia em plena selva:

Os chineses trabalhavam no desmatamento, iam avançando pela floresta. Os alemães cuidavam do serviço de destocamento e da terraplanagem. Os barbadianos estavam no serviço de colocação do leito ferroviário. Os espanhóis, egressos do sistema repressivo colonial em Cuba, faziam as vezes de capatazes e compunham a guarda de segurança. [...] Todos estavam maltrapilhos, abatidos, esqueléticos, decrépitos como condenados de um campo de trabalhos forçados (SOUZA, 2005, p. 20).

Foi nessas condições que começou a efetiva ocupação da região que seria Rondônia. A maior parte dos homens que trabalhou na Madeira-Mamoré voltou para os países de origem, mas uma parcela considerável permaneceu em Porto Velho e Guajará-Mirim, as cidades nos extremos dos trilhos da estrada de ferro. Com a perda de importância da borracha

²⁸ O romance de Márcio Souza, que trata tanto dos dramas humanos nas frentes de trabalho como das políticas de Estado e ações empresariais para a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, foi levado à televisão em 2005. A minissérie *Mad Maria* foi produzida pela Rede Globo de Televisão e exibida entre os dias 25/01 e 25/03 de 2005, em 35 capítulos, adaptada por Benedito Ruy Barbosa e dirigida por Ricardo Waddington.

e com as construções de estradas, a ferrovia tornou-se obsoleta e, em 1972, foi desativada (OLIVEIRA, 2007, p. 57).

A estrutura da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré foi, ainda durante o Estado Novo (1937-1945), a base para a instalação do território federal do Guaporé, como parte do projeto “Marcha para Oeste”, que pretendia ocupar as grandes áreas no interior do país. A Amazônia foi uma das regiões consideradas estratégicas para ocupação. Previa-se uma nova política demográfica, que num primeiro momento transformaria a exploração nômade em fixa e depois garantiria o povoamento e a colonização do Norte brasileiro, com estrangeiros se necessário. Ao desencadear a campanha do “Marcha para Oeste” o governo pretendia sensibilizar a sociedade brasileira a apoiar seus propósitos de ocupar, desenvolver, integrar e dominar o território brasileiro. Foi com estes parâmetros, aos quais foi somado o discurso da segurança nacional, que em 1943 foi instalado o Território Federal do Guaporé²⁹ (PINTO, 1993).

O território do Guaporé foi criado no auge do Segundo Ciclo da Borracha, atividade que entrou em declínio logo em seguida. Com a borracha brasileira em baixa no mercado internacional, a base econômica do território se volta para a exploração de minérios.

Garimpos de cassiterita e ouro foram as principais atividades, alternando períodos em que grandes quantidades de garimpeiros chegavam a Rondônia e outras em que a exploração era limitada por leis que proibiam o garimpo manual³⁰. Mesmo assim, a idéia do enriquecimento rápido, uma espécie de retomada dos discursos dos primeiros exploradores da Amazônia, atraía milhares de pessoas e contribuía para a difusão da imagem de uma região

²⁹ Em 1943 o governo de Getúlio Vargas cria cinco territórios federais em áreas estratégicas de fronteira: Amapá, Rio Branco (atual estado de Roraima), Ponta Porã e Iguazu (estes extintos pela constituição de 1946), e Guaporé, todos em regiões consideradas estratégicas para a segurança nacional.

³⁰ O governo federal proíbe, em 1971, a garimpagem manual em Rondônia, o que provoca crise econômica no território e a transferência, muitas vezes em aviões da Força Aérea Brasileira, de garimpeiros para outras áreas de região Norte (SILVA, 1984). A garimpagem manual é reaberta em 1975, mas já aí o modelo de ocupação e exploração de Rondônia estava centrado na colonização agrícola, o que acaba por criar novos focos de tensão: “Hoje Rondônia está agitada por jagunços que vem de fora, os filhos de Rondônia já foram gente cabeça fria, hoje em dia já aprenderam até matar [...]” (RODRIGUES, s/d).

aberta à migração. Este momento é captado no romance *De ouro e de Amazônia*, de Oswaldo França Júnior, em que o protagonista, mineiro, vai em busca de fortuna aos garimpos do rio Madeira.

Na Amazônia era diferente. Tinha visto muita gente se encher de dinheiro em pouco tempo.

– Na Amazônia tem ouro para botar este Brasil todo rico. É só o pessoal ter coragem enfrentar as coisas e apanhar (FRANÇA JÚNIOR, 1989, p. 123).

No entanto, a presença de garimpeiros, por se tratar de grupos em constante movimentação, não pode ser tomada como parte significativa da constituição do estado. Não houve fixação permanente, bem ao modo como é mostrado por França Júnior: em *De ouro e de Amazônia* o protagonista consegue o dinheiro que havia ido buscar e retorna para Belo Horizonte.

3.1.1. A cultura que se fez tradicional

Diante deste contexto apontar uma cultura tradicional em Rondônia só é possível em contraste com outras bases culturais que se fixaram na região após a constituição das primeiras populações. É sob esta perspectiva que se busca mostrar aqui as práticas de ribeirinhos e seringueiros, principalmente, mas também de uma variada gama de grupos que se fixaram em Rondônia desde o século XIX, predominantemente. A característica primeira desses grupos é a forma de se relacionar com o ambiente em que se viram colocados por contingências sócio-históricas bastante específicas, como já explorado.

Na região onde está Rondônia não há uma população nativa – com exceção dos povos indígenas, o que será tratado adiante – ou mesmo cabocla ali constituída. O que houve foi a transposição de população nordestina, e de outras como no caso daqueles pertencentes às diversas nacionalidades que participaram da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, para um novo ambiente onde suas próprias bases culturais precisaram ser

reorganizadas para garantir a sobrevivência. São estes grupos que passam a constituir, a partir do olhar lançado por imigrantes ainda mais recentes, a população tradicional de Rondônia.

O nordestino feito ribeirinho, agora habituado ao corte da seringa, com a caça e a pesca, quase que exclusivamente para subsistência, apropria-se de novas práticas, estas por sua vez aprendidas no contato com habitantes da Amazônia chegados antes, e com a população indígena. E neste novo ambiente, pleno de novas práticas cotidianas, a floresta se impõe como o principal elemento a ser apreendido. A proximidade inevitável com a mata e com os rios, e a distância de qualquer núcleo urbano, fazem o homem amazônico depender da natureza, e isso leva ao surgimento de representações míticas dos elementos com os quais convive em tamanha intimidade.

Diante da floresta e dos rios o homem percebe-se apenas mais um elemento, um dos menores deles, e por isso deve respeitar os ciclos impostos pela natureza. É esta a postura do ribeirinho quando das cheias e vazantes, e frente à selva. O seringueiro, por exemplo, tem sua casa numa clareira aberta à margem do rio, e este passa a constituir o seu domínio. O limite entre o seu terreiro e a mata é claro, pois lá é território dos seres da floresta, que têm suas próprias leis. Entrar na mata significa entrar neste outro mundo, maior que ele, e que apenas parcialmente entende, e por isso deve submeter-se. Há uma relação de reciprocidade, pois se de um lado tira algo da mata, o faz com respeito e observando as regras por ela impostas. A floresta representa para o ribeirinho, e para todos aqueles que dela dependem, vida e morte, num ciclo interminável. A floresta que morre transforma-se em nova floresta, e tudo o que está ali faz parte de um todo que deve ser mantido em equilíbrio (YAMAGUCHI, 1969).

É esta também a percepção de Paes Loureiro (2001) ao dizer que ao depender do rio e da floresta o homem usufrui esses bens, mas também os transfigura nas trocas e traduções que se mostram na cultura.

Há, no mundo amazônico, a produção de uma verdadeira teogonia cotidiana. Revelando uma afetividade cósmica, o homem promove a conversão estetizante da realidade em signos, por meio dos labores do dia-a-dia, do diálogo com as marés, do companheirismo com as estrelas, da solidariedade dos ventos que impulsionam as velas, da paciente amizade dos rios (PAES LOUREIRO, 2001, p. 73).

Os seres míticos que surgem numa verdadeira miríade de entidades fantásticas são o melhor exemplo da proximidade e da influência que a natureza tem sobre a vida das populações tradicionais, e daquelas feitas tradicionais, na Amazônia. Em Rondônia há relatos sobre entidades como o Curupira, o Mapinguari, Iara, o Pai da Mata e a Mãe da Seringa (THIEBLÓT, 1977; TEIXEIRA, 1996). São seres da mata e das águas que surgem em outras regiões da Amazônia, mas passam por releituras, como ocorre em Rondônia. Há, por exemplo, na tradição oral relatos que indicam ser o Curupira, entidade protetora das matas, um homem. Há ainda, em função da origem nordestina da maior parte da população tradicional, a presença do Bumba-meu-boi, como mostra Thieblót (1977), que verificou na década de 1970 diversos grupos organizados para disputas em Porto Velho, capital do estado, mas já com modificações relacionadas às tradições amazônicas, o que difere a prática daquela verificada no Nordeste. O que importa notar são as alterações que ocorrem nas representações surgidas a partir do ambiente amazônico e fixadas em Rondônia, mas que mostram a clara ligação com a população tradicional amazônica.

A cultura do mundo rural de predominância ribeirinha constitui-se na expressão aceita como a mais representativa da cultura amazônica, seja quanto aos seus traços de originalidade, seja como produto de acumulação de experiências social e de criatividade de seus habitantes. Aquela em que podem ser percebidas, mais fortemente, as raízes indígenas e caboclas tipificadoras de sua originalidade, florescentes ainda em nossos dias (PAES LOUREIRO, 2001, p. 65).

A cultura do homem da Amazônia se formou em um meio peculiar, onde as particularidades do ambiente foram determinantes para o estabelecimento das relações com o meio e, por consequência, das práticas ali fixadas. O tempo dos rios, com intermináveis curvas, as distâncias medidas em dias, e as imposições da floresta para a sobrevivência, fizeram surgir práticas próprias de produção, circulação e consumo, que foram e são transmitidas sobretudo na forma oral. Este homem não se encontrava integrado às modernas

práticas presentes na sociedade com que se deparou em Rondônia a partir de 1970. Supria suas necessidades cotidianas com o que rios e a mata ofereciam, numa relação de reciprocidade e respeito, e viu-se diante de outras práticas, de acumulação e consumo que exigiam a subversão do ambiente para que fossem impostas.

3.2. A colonização agrícola

Ainda durante o período de garimpagem há o início da penetração pelo sul na região, já sob os auspícios do governo militar instalado em 1964, numa reedição da Marcha para Oeste, mas agora através de entradas feitas por rodovias. A principal delas em Rondônia, a BR-364, foi construída sobre o traçado da linha telegráfica instalada a partir de 1907 pelo marechal Cândido Mariano Rondon, para interligar Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, e Santo Antônio do Madeira, principal estação da estrada de ferro Madeira-Mamoré. A Comissão Rondon alcançou, em 25 de dezembro de 1909, a cidade de Santo Antônio do Madeira, hoje Porto Velho, capital de Rondônia, com um picadão de 45 metros de largura aberto no cerrado e na selva. A finalidade era garantir a integração do vale do Madeira, importante pólo produtor de borracha, com as outras regiões do país (OLIVEIRA, 2007). A maior parte do trabalho da Comissão Rondon foi registrada em filmes realizados pelo major Luiz Thomaz Reis, e serviam tanto como divulgação das atividades do grupo como para o registro e fichamento das populações tradicionais. A imagem do índio apresentada por Reis nos diversos filmes que realizou, alguns sendo apresentados em sociedade geográficas fora do Brasil, é uma visão não de exclusão, mas de integração ao conjunto da nação. Rondon e Reis, juntos, constituíam um olhar único, pois se por um lado um era o responsável pela captação das imagens, o outra tratava da divulgação das imagens dos indígenas e das regiões exploradas. É o que constitui a “caixa preta” da Comissão Rondon, e talvez a razão pela grande visibilidade que acabou por ter (TACCA, 2004).

A inauguração da linha telegráfica aconteceu, oficialmente, em 1915, mas nesta época o telégrafo já era obsoleto e o rádio estava em pleno uso. No entanto a Comissão Rondon teve fundamental importância para o mapeamento do oeste de Mato Grosso e de boa parte do que é hoje o estado de Rondônia, principalmente da hidrografia desta região do país (OLIVEIRA, 2007). Ao longo da linha telegráfica foram instalados postos que deram origem a cidades tanto em Rondônia como em Mato Grosso. A importância das atividades realizadas pela comissão foi reconhecida quando, na década de 1940, o então território federal do Guaporé passou a chamar-se Rondônia, em homenagem ao marechal Cândido Mariano Rondon³¹, que a chefiou.

A efetiva abertura de uma rota de acesso ao território de Rondônia começou a ser desenhada a partir dos primeiros meses de 1960. O governo federal de Juscelino Kubitschek implantara política que privilegiava a construção de estradas e diversas obras estavam em curso. O então governador do território de Rondônia, Paulo Nunes Leal, relata no livro *O outro braço da cruz* a construção da rodovia, e o interesse do governo federal em viabilizá-la (LEAL, 1984). A proposta para a construção da estrada teria sido feita durante uma reunião dos governadores da Região Norte, em Brasília, no dia 02 de fevereiro de 1960, em que Paulo Nunes Leal desafia o presidente Juscelino Kubitschek:

- Presidente, o senhor já ligou Brasília à Belém e a Porto Alegre, e a está ligando a Fortaleza, por que não completa o outro braço da cruz, construindo a rodovia Brasília-Acre?

[...]

Houve um silêncio total e pesado por um curto período, que o Presidente, no seu estilo bem característico, chamando-me pelo nome, perguntou:

- Uai, Paulo. E pode?

[...]

Respondi num impulso o que o raciocínio frio não aconselharia:

- Pode, Presidente, mas é negócio para homem!

Dando um riso aberto o Presidente retrucou, espalmando as mãos sobre a mesa:

- Então vai sair (LEAL, 1984, p.19).

³¹ A homenagem é proposta por Roquette-Pinto ainda na década de 1910, no seu livro *Rondônia*, como forma de designar a faixa de terra na fronteira oeste do Brasil, entre o chapadão cuiabano e o rio Madeira, uma vez que a região foi explorada em detalhes por Rondon (ROQUETTE-PINTO, 1950).

Em 04 de Julho de 1960, Juscelino Kubitschek, em ato simbólico, fez tombar em Vilhena, na divisa entre Rondônia e Mato Grosso, a última árvore existente numa faixa de sessenta metros de largura e dois mil, setecentos e noventa e seis quilômetros de extensão, ligando Acre e Rondônia à Brasília e ao litoral. Com a estrada pronta havia uma ligação terrestre do oeste do Brasil com as outras regiões do país.

As tensões no campo nas regiões Sul e Sudeste, com trabalhadores rurais buscando terras para ocupar, passaram a ser preocupação permanente do governo federal a partir da década de 1960. Isso, aliado às grandes extensões de terras consideradas desocupadas no Centro-Oeste e no Norte do Brasil, motivou a retomada do “Rumo Oeste”, que consistia em incentivar o deslocamento desses excedentes do campo para as regiões onde havia disponibilidade de terras.

Novo movimento migratório passa a ser registrado a partir dos últimos anos da década de 1960 e intensifica-se nos 20 anos seguintes. Desta vez trata-se de uma estratégia do governo federal tanto para ocupar a região amazônica, como para solucionar problemas fundiários registrados no centro-sul do país. Com isso iniciou-se uma das maiores migrações internas de que se tem notícias no Brasil. Apenas para a região Norte, nas décadas de 1970 e 1980, se encaminharam 7,5 milhões de pessoas, o que significou um crescimento populacional, em duas décadas, de 200% (SOUZA, 2001, pp. 52 e 59). Rondônia, um dos destinos preferenciais dos colonos imigrantes, teve no mesmo período um crescimento populacional próximo a 1.000%. Em 1970 a população do estado, em números absolutos, era de 111 mil habitantes, e chegou a 1,13 milhão em 1991 (PERDIGÃO & BASSEGIO, 1992, p. 178). Esse incremento populacional alterou o modo de vida em Rondônia e, principalmente, a relação que havia entre os moradores e a meio em que viviam.

Rondônia foi sacudida pelo mais espetacular movimento humano. O silêncio das florestas foi interrompido. A propaganda do governo tinha dado certo. Mobilizou o país inteiro com comunicação pesada para implantar o maior projeto de reforma agrária – a colonização da Amazônia (MOURA, 2002, p. 44).

O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, INCRA, foi o órgão do governo federal responsável pela distribuição de terras. Os assentamentos obedeceram, no princípio, a um planejamento que previa a fixação dos colonos em diversas regiões de Rondônia, e a criação de núcleos urbanos. Foram criados, entre 1970 e 1974, cinco Projetos de Integrados de Colonização, PIC, que com o tempo – sem exceção – deram origem a municípios³². Em pouco tempo as áreas destinadas para colonização se esgotaram e novos projetos surgiram (OLIVEIRA, 2007). Por fim, já na década de 1980, foram criados os Projetos de Assentamento Rápido, PAR, a fim de dar conta do grande número de imigrantes que aportava em Rondônia.

Uma nova fronteira agrícola. A frase caiu como uma bomba, mexeu com os interesses e esperanças de milhares de pobres sem terras de todas as regiões do país. Era gente se debandando de todos os lados para o Mato Grosso e Rondônia. Fugindo todos de um inimigo invisível – a miséria e a exclusão no sul e sudeste brasileiros. Tomavam o rumo de um mundo desconhecido, mas grandioso (MOURA, 2002, p. 44).

Frente ao número de colonos em busca de terras era realizada triagem para verificar a aptidão do imigrante para o trabalho no campo. Em 1980 foram inscritas 18.890 famílias pelo INCRA, das quais 14.749 foram selecionadas. O excedente seguiu na busca por lotes de terra mesmo sem o aval do INCRA. Esta situação criou tensões no campo, tanto entre os colonos como entre colonos e a população tradicional, já fixada em Rondônia. Oliveira (2007) aponta que já a partir de 1975 o jornal *Alto Madeira*³³, então com a maior circulação em Rondônia, noticiava conflitos pela posse de terras. Os mais sérios, naquele ano, teriam ocorrido no centro do território, nos seringais Curralinho e Setenta (OLIVEIRA, 2007, p. 131).

A seleção do INCRA para se habilitar a um lote era um ritual olímpico; só para os fortes de paciência coube o reino das terras. Aprovados na seleção, receberiam mais

³² O PIC-Ouro Preto deu origem ao município de Ouro Preto do Oeste; o PIC-Sidney Girão originou Guajará-Mirim; a cidade de Cacoal teve início com o PIC-Gy-Paraná; o PIC-Paulo de Assis Ribeiro levou à constituição do município de Colorado do Oeste; e o PIC-Padre Adolpho Rohl foi o início do município de Jaru. Os PAD (Projetos de Assentamento Dirigido) Burareiro e Marechal Dutra, deram origem ao município de Ariquemes.

³³ O *Alto Madeira* é o mais antigo jornal em circulação em Rondônia. Fundado em 1917 por Joaquim Augusto Tanajura, médico da Comissão Rondon, entre as décadas de 1920 e 1950 esteve sob o controle dos Diários Associados. Em seguida foi comprado pelo Grupo Tourinho, situação que persiste até hoje (FERREIRA, s/d). Durante o período de colonização agrícola de Rondônia era o principal meio impresso em circulação no estado.

tarde a propriedade, o lote. Os solteiros e os reprovados ficaram com o atrevimento das invasões de terras devolutas e mesmo de duvidosa origem (MOURA, 2002, p. 70).

O fluxo migratório e as tensões e conflitos cada vez mais freqüentes foram algumas das razões para que o governo federal apressasse a elevação de Rondônia à categoria de Estado. Isso efetivamente acontece em 1981. O então governador do território foi mantido no governo do novo Estado, nomeado pelo governo federal (OLIVEIRA, 2007, p. 158). A orientação era dotar Rondônia de infra-estrutura a fim de garantir a fixação nos lotes e a produção agrícola e madeireira. Como unidade da federação Rondônia nasce em função da população de imigrantes da segunda metade do século XX.

3.2.1. O índio no “espaço vazio”

A penetração do europeu na Amazônia teve o índio como o principal elemento de influência e resistência. No contato houve a apropriação de práticas das populações indígenas pelos ribeirinhos, em boa parte eles próprios caboclos. Isso, no entanto, não significa que não houve embates entre os dois grupos ao longo da ocupação da região. Desde as primeiras entradas uma das principais finalidades era o contato com o indígena, seja para aprisioná-los, seja catequizá-los, tanto que missões jesuíticas foram instaladas por toda a região Norte durante a primeira fase da colonização, entre os séculos XVI e XVIII. Missionários jesuítas, durante o século XVII, conseguiram reunir até 200 mil índios em missões que se transformaram em verdadeiros feudos em que brancos não podiam entrar, ao mesmo tempo em que se consolidavam como prósperas áreas econômicas. A utilização bem-sucedida da mão-de-obra indígena por religiosos levou ao incentivo dos *resgates* – equivalente amazônico das *bandeiras* paulistas. A língua franca na região, como no restante do país, era o *nheengatu*, que ainda hoje resiste em áreas com o Alto Rio Negro, no Amazonas. Toda a situação se modificou com as reformas promovidas pelo Marquês de Pombal, no século XVIII, que também determinou a expulsão dos jesuítas.

Sem a presença dos jesuítas os resgates se tornaram maiores e mais freqüentes, o que acabou por causar verdadeiras guerras entre nações indígenas e portugueses. Uma das mais significativas foi a movida pelos Manau, que liderados por Ajuricaba, impediram por mais de quatro anos, entre 1723 e 1728 a presença de embarcações inimigas no rio Negro. Os portugueses venceram a resistência dos Manau somente depois de deslocar para a região um sofisticado navio de guerra que bombardeou as margens e aldeias. Os índios se renderam e Ajuricaba foi preso³⁴. Outras guerras de resistência foram travadas, principalmente na região do rio Negro, e estimativas da época estimaram em mais de três milhões o número de índios mortos (PREZIA & HOORNAERT, 1992).

Outra revolta levada a efeito por índios na Amazônia é o movimento que ficou conhecido como Cabanagem. Na primeira metade do século XIX 30% da população “civilizada” da Amazônia era composta por escravos indígenas ou mestiços, e a Cabanagem foi o resultado da revolta desta parcela contra a opressão por eles sofrida. Depois de eclodir em Belém – cidade que em 1830 tinha pouco mais de 12 mil habitantes – o movimento espalhou-se pelo interior da Amazônia. A resistência, que em 1936 perdera Belém para tropas do governo imperial, se manteve no interior até 1839, quando a maior parte dos revoltosos foi anistiada e os líderes presos (PREZIA & HOORNAERT, 1992).

Em Rondônia, muito em função de sua localização, distante dos principais centros comerciais da Amazônia e do Sudeste, a presença da população tradicional, composta por ribeirinhos, pouco afetou as populações indígenas. Os pequenos núcleos urbanos estavam concentrados nos vales do Madeira e do Mamoré-Guaporé, e mesmo assim pouco representavam de ameaça ao modo de vida indígena. O primeiro impacto significativo acontece no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, com a construção da

³⁴“Ajuricaba foi preso em 1728 e levado a Belém. Diz a tradição que ele se jogou na água do rio ao avistar a cidade de Belém, onde só lhe restava a humilhação, a tortura e a morte vergonhosa./Sua morte é um exemplo, entre muitos, que mostra que os indígenas não se submeteram passivamente aos brancos, mas que resistiram, muitas vezes à custa da própria vida, na defesa de sua liberdade e de suas terras” (PREZIA & HOORNAERT, 1992, p. 123).

Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, e afeta as nações que ocupavam as áreas previstas para seu traçado. Este é o caso dos Karipunas, que resistiram aos trabalhadores, mas foram vencidos e atualmente são uma população inferior a 100 pessoas. Seringueiros eram constantemente atacados por índios, mas como sua presença pouco representava em impacto ao meio não redundou em redução da população indígena do estado e em mudanças no seu modo de vida. Isso pode ser verificado, por exemplo, na comparação dos relatos feitos pela Comissão Rondon, na primeira década do século XX, nas observações realizadas por Claude Levy-Strauss na década de 1930, e nos registros de contatos de sertanistas no início da década de 1970 (MINDLIN, 1985).

Os efeitos profundos passaram a ser notados a partir da década de 1960, com a abertura de estradas e com o início da colonização agrícola. O grande número de imigrantes que eram assentados em áreas consideradas vazias de presença humana, na verdade estava ocupando territórios históricos indígenas, e por isso os embates passaram a ser mais frequentes e violentos. Os relatos de assassinatos cometidos por índios e massacres realizados por brancos em Rondônia eram na década de 1970 frequentes em jornais do Sudeste (MINDLIN, 1985). Alguns casos, como o sequestro de uma criança na região de Ariquemes por índios Uru-eu-wau-wau em 1979 mereceram cobertura continuada da imprensa nacional. Se por um lado o episódio elevou a hostilidade entre colonos e índios, por outro foi um dos fatores que acelerou a demarcação de terras indígenas em Rondônia, tanto que a maior delas é justamente a dos Uru-eu-wau-wau, o que evitou inclusive a construção de uma estrada federal em seu território³⁵.

Mas a colonização agrícola, que deveria ser planejada, havia fugido ao controle dos órgãos oficiais. O número crescente de imigrantes obrigava a assentamentos rápidos e, quase na totalidade dos casos a presença do índio foi ignorada. Somente sob pressão

³⁵ Esta ação é mostrada em detalhes no documentário *Na trilha dos Uru-eu-wau-wau* (COWELL, 1979).

internacional, e depois de boa parte do estado estar ocupada, é que começaram as demarcações. Atualmente em Rondônia ainda resistem as nações Karitiana, Uru-eu-wau-wau, Suruí, Arara, Gavião, Jabuti, Cinta-Larga, Karipuna, Pakaás-Novos, Zoró, Makurap, Tupari, Canoé, Corumbiara, Aripaka, Aikanã, Kaxarari, Arikem e Aruá, perfazendo pouco mais de 5,5 mil índios (SAMPAIO & SILVA, 1997, p. 18).

Mas terem sobrevivido ao auge da colonização agrícola não significa ter superado os conflitos com não-índios. As invasões de terras indígenas ainda são constantes, seja para a instalação de propriedades rurais, exploração de madeiras ou de minérios. Neste último caso, situação exemplar é a ainda enfrentada pelos Cinta-Larga no Parque Indígena Roosevelt. Na última década a reserva tem sido invadida por garimpeiros em busca de diamantes, que são levados principalmente para a Europa por contrabandistas internacionais (COLFERAI, 2001). Em 2004 pelo menos 26 garimpeiros que estavam ilegalmente em Roosevelt foram mortos por guerreiros cinta-larga, depois que índios haviam sido assassinados dentro da reserva (Diário da Amazônia, 18/04/2004, p. A8).

De maneira geral não há estrutura para a permanência dos índios nas reservas e isso faz com que muitos se desloquem para as zonas urbanas onde – como acontece em todo o país – passam a viver em periferias, principalmente de cidades como Cacoal, Espigão do Oeste, Vilhena e Ariquemes, subempregados e vítimas de discriminação por parte da população, onde perdem gradativamente a identificação com suas culturas.

3.2.2. A fronteira urbana da Amazônia

Dentre as particularidades sobre a fronteira de colonização amazônica está o seu surgimento já como uma “fronteira urbana”. Bertha Becker (1991) aponta esta particularidade tendo como referência projetos de colonização levados a efeito pelo governo federal e implementados tanto por instituições federais, como o INCRA, como por empresas

particulares, principalmente nos estados de Mato Grosso, Pará, Goiás – na sua porção que depois se tornaria Tocantins – e Rondônia. No caso específico deste último a ocupação dos espaços por colonos oriundos do centro-sul do país se dá através de projetos de assentamento coordenados exclusivamente pelo INCRA a partir do começo da década de 1970. No planejamento desta ocupação os núcleos urbanos seriam a base de sustentação para as atividades dos colonos.

Uma fronteira urbana é a base logística para o projeto de rápida ocupação da região, acompanhando e mesmo se antecipando à expansão de várias frentes. Trata-se de uma feição original da fronteira contemporânea. A urbanização não é aí uma consequência da expansão agrícola: uma fronteira já nasce urbana, tem ritmo de urbanização mais rápido que o resto do Brasil. E esta feição está intimamente ligada à migração (BECKER, 1991, p. 44).

Fazer surgir uma fronteira de expansão com feições urbanas é uma estratégia do Estado para a ocupação e, principalmente, para a distribuição das atividades. Entre 1970 e 1980 a migração rural para a Amazônia foi de aproximadamente 500 mil pessoas, parcela menor dos números do êxodo rural no Brasil durante o mesmo período – que atingiu 13 milhões de pessoas – mas extremamente significativo ao se levar em conta que se tratava de uma região pouco povoada. Os migrantes que tomaram o rumo da Amazônia eram, na sua maior parcela, oriundos de áreas rurais, mas acabaram se destinando às nascentes zonas urbanas nos estados do Norte. Tanto que entre 1970 e 1980 a população urbana da região dobrou, atingindo 5 milhões de habitantes, enquanto o incremento da população rural foi de 45% (BECKER, 1991, p. 45).

A promessa de terras atraiu imigrantes, mas nem todos tiveram acesso a ela e então a concentração nas cidades se acentuou. Mesmo aqueles que tiveram acesso à terra pouco apoio de órgãos oficiais encontraram e a maior parte acabou também nas cidades. A estrutura oferecida nas pequenas zonas urbanas, mesmo que incipientes, como escolas e postos de saúde, atraíam os colonos. No que se relaciona com a estratégia de ocupação promovida pelo Estado as zonas urbanas se constituíam em locais de concentração de mão-de-

obra temporária para os proprietários rurais, estes cada vez mais amealhando propriedades antes nas mãos de pequenos agricultores.

A constituição da fronteira, com referência à formação do mercado de trabalho, se dá não segundo o modelo clássico de proletarização. Ela se organiza com trabalho móvel

com trabalhadores assalariados (temporários e permanentes) e com pequenos produtores que vendem sua força de trabalho, empregando-se em atividades rurais e urbanas diversas, mesmo a custo de deslocamento que alcançam, em média, mais de cem quilômetros de seu local de moradia. Essa força de trabalho móvel reside em grande parte nos núcleos urbanos (BECKER, 1991, p. 47).

As características sob as quais se constitui a fronteira de colonização na Amazônia mantêm a ligação do migrante com o campo, mesmo depois de seu deslocamento para as áreas urbanas. As cidades são constituídas como pontos de apoio logístico para as regiões onde foram distribuídos lotes de terras e seus moradores são mão-de-obra para estas propriedades. Ao mesmo tempo em que a mobilidade do trabalho atende as necessidades de fazendas e empresas, faz avançar os limites físicos da fronteira. No campo simbólico garante a manutenção, e a conseqüente identificação, para imigrantes que não se tornaram proprietários rurais de uma representação social predominantemente ligada ao campo. Trata-se, ao mesmo tempo, de estratégia de sobrevivência e de legitimação social.

A constituição das cidades na Amazônia e a sua relação com os imigrantes que se fixam em propriedades rurais entregues por órgãos oficiais é verificada em relatos dos mais diversos, como o feito pelo documentarista Richard Chappelle a partir de uma viagem realizada em 1978:

Pimenta Bueno é uma cidadezinha de pioneiros. Sem automóveis, seria exatamente um cenário de western. É cortada ao meio pela estrada que vai de Cuiabá a Porto Velho. A colonização acentuou-se e Pimenta Bueno cresceu. Os carpinteiros não param, martelando ruidosamente. A maior parte das casas é de madeira, com o soalho um pouco levantado, para proteção contra inundações e insetos. [...] Colonos percorrem as ruas a cavalo, devagar. Vêm da mata, da floresta onde trabalharam durante meses, às vezes anos, sem descanso, sem sair. Exaustos da derrubada de árvores gigantescas, com o trabalho nas roças, com as demoradas expedições em busca de diamantes ou com caçadas de animais de peles valiosas, viram os companheiros cair, vencidos pela febre ou trespassados pelas flechas dos índios. Durante meses de sofrimentos e privações não pensavam em outra coisa senão em Pimenta Bueno. Pra eles, é a cidade mais bela do mundo (CHAPELLE, 1982, pp. 43, 44).

Ao assumir a urbanização como estratégia de ocupação das regiões de colonização também houve um posicionamento específico com relação à forma de apropriação daquele espaço social. Trata-se de uma integração ideológica e cultural particular, que difunde os valores e comportamentos da vida moderna, antagônicos aos que já estavam estabelecidos na mesma região, e que tinham como base um relacionamento próprio com o meio agora tomado pelos colonos.

3.3. Encontros de mundos

Os homens da floresta e os colonos se encontraram na mata, com dois complexos culturais a lhes acompanhar, e nem um, nem outro, deixou de influenciar e ser influenciado. Trata-se de um choque de culturas, mas não apenas isso. Teixeira (1996) registra o choque entre duas culturas distintas postas abruptamente em contato como, também, uma ação de solidariedade imposta por contingências bastante específicas. Trata-se da alteração das práticas do seringueiro em contato com o colono, mas também das práticas do colono, alteradas na aprendizagem necessária para sobreviver na floresta. Apesar do estranhamento entre os dois grupos, estabelecem-se relações de vizinhança e apropriações ocorrem de ambos os lados. É assim no caso do seringueiro, que vê sua relação com a terra alterada: “Nós nunca pensava em ser dono da terra. Aonde a gente cortava a seringa, a gente falava assim: por onde tinha aquelas estradas de seringas tudo era da gente” (TEIXEIRA, 1996, p. 295).

A apropriação por parte do colono se dá na tomada da terra e na relação com a natureza, já que precisa, além de conhecer, aprender a lidar com a floresta:

“Nós pensava que eles cortava seringa na mata era com facão ou com faca de cozinha; mas depois que nós chegemo o filho do Valdemar chamou nós para cortar seringa. Aí nós foi aprendendo com ele.” [...] “Aprender a pescar nós aprendeu mesmo foi com eles também. Agora se nós for, nós já pega! Aprendemo a caçar e fachiari” (Depoimento de um colono da região de Ariquemes-RO, in: TEIXEIRA, 1996, pp. 298, 299).

Uma explicação plausível para a cooperação entre seringueiros e colonos seria a situação de fragilidade que tanto um como outro grupo estaria vivendo na mata. Os seringueiros, quando da chegada dos colonos, já não tinham a estrutura do barracão³⁶ como apoio e estavam, em boa medida, sozinhos na selva. Os colonos, por sua vez, seriam em boa parte agricultores deixados à margem dos projetos de colonização, e por isso também estariam à margem das ações de instituições oficiais de apoio (TEIXEIRA, 1996, p. 299).

A profusão de contrastes nos discursos de colonos e das populações tradicionais é índice das posições antagônicas que se colocam na sociedade rondoniense. Há solidariedades entre os dois grupos, mas não se deve perder de vista que se trata do contato de dois sistemas de representação distintos e conflitantes. A noção da presença de tais conflitos e disputas no campo da cultura é reforçada pela predominância de um desses discursos apenas, de somente um grupo de representações atualmente tomado como legítimo, o que pode ser verificado a partir dos discursos dos meios de comunicação social em Rondônia.

É neste contexto que a relação do homem com a natureza é fundamental na compreensão de como se dá a fixação de um sistema de representação cultural em Rondônia, enquanto outro é relegado a um segundo plano e, posteriormente, desqualificado. De acordo com Cemin (1992), a relação social do homem com a natureza passou, a partir da colonização agrícola de Rondônia, a ser condicionada à presença de colonos oriundos de regiões de agricultura mecanizada que passam a agir numa área de floresta tropical. Com isso estabelecem-se relações de estranhamento, expressas em inúmeras perdas materiais e simbólicas.

Embora a política desenvolvimentista dos militares para a Amazônia tivesse por lema a ocupação dos vazios demográficos, a colonização apropriou-se, na verdade, de terras tribais, ou de terras cujos habitantes encontravam-se inseridos em sistemas econômicos baseados no extrativismo vegetal; tratava-se de populações sustentadas, portanto, pela manutenção das condições da “primeira natureza”. O processo de

³⁶ O barracão era a unidade central do seringal, o lugar onde se estocava a borracha produzida nas colocações, e onde os seringueiros iam buscar itens para sua subsistência, principalmente alimentos. Era, ao mesmo tempo, o acesso ao alimento e roupas, por exemplo, mas também o símbolo do círculo de endividamento que atrelava o seringueiro ao seringalista (TEIXEIRA, 1980).

colonização estabelece uma ruptura nesta relação, instalando um consumo predatório das forças produtivas humanas e naturais (CEMIN, 1992, pp. 266, 267).

Esta ruptura não ocorre sem ambigüidades, pois o meio, em específico a floresta, torna-se um espaço de junção entre as diferentes representações, de um lado aquela da cultura já tradicional, e do outro os colonos imigrantes. É neste espaço comum, saturado de ambigüidades, que podem ser identificadas relações de estranhamento dos homens entre si e com a natureza. Esse estranhamento tem o seu ponto crítico nos processos de perda, de ambos os grupos, e nas relações que viabilizam as condições de reprodução social por parte dos colonos, uma vez que uma nova estrutura social é organizada para lhes dar apoio e manutenção. A floresta, então, torna-se espaço de articulação entre sistemas excludentes.

No interior da oposição binária, entre a racionalidade desenvolvimentista, de um lado, e os grupos sociais ditos “primitivos”, de outro, identificamos uma diversidade de oposições, através das quais indicamos uma aproximação com o processo contraditório de produção da natureza a partir da colonização em Rondônia. (CEMIN, 1992, p. 272)

Por um lado há a implantação de um projeto desenvolvimentista, e por outro a articulação com a natureza, que não chega a ser realizada. Isso gera tensões e ambigüidades entre os diferentes agentes sociais envolvidos no processo, mas em diferentes condições sócio-econômicas. A posição desenvolvimentista representa os colonos imigrantes, ao mesmo tempo em que se contrapõe à lógica das populações tradicionais. Uma estratégia pode ser percebida aí, tornada possível por uma *ideologia da modernização* (CEMIN, 1992, p. 273), para garantir o controle sobre os homens, a partir da figura do colono, e do espaço, neste caso a floresta amazônica.

Este foi o caso principalmente do INCRA, que fez surgir no âmbito dos Projetos Integrados de Colonização, os PICs, cidades que hoje são as principais de Rondônia. Tal ação atraiu imigrantes não apenas em busca de terras, mas que se tornariam uma elite urbana ávida por fazer avançar a infra-estrutura urbana e instalaria uma crescente rede de beneficiamento de recursos naturais e agrícolas, que mais tarde se transformou em indústrias de transformação. Este movimento de modernização, que ocorreu num espaço de tempo

relativamente pequeno – não mais de 30 anos desde a chegada das primeiras grandes levas de imigrantes – foi financiado por órgãos oficiais de fomento, principalmente bancos como Banco da Amazônia SA e Banco do Brasil.

Na última década a ênfase dada pelo governo de Rondônia à campanha de erradicação da febre aftosa do rebanho bovino, com o determinante apoio de entidades organizadas por fazendeiros, contrasta com o tratamento voltado para outros setores públicos. Da mesma forma o governo do estado tem feito campanhas oficiais de publicidade para “vender” o rebanho bovino, considerado base da economia, como é o caso da campanha “Rondônia: estado natural da pecuária”³⁷. Trata-se de uma posição que torna legítimas as práticas culturais relacionadas ao complexo agropecuário, este surgido a partir da presença de colonos imigrados para Rondônia.

As mesmas posições desenvolvimentistas que tornam possível a *ideologia da modernização* podem ser verificadas em torno da construção das Usinas do Madeira³⁸. O discurso oficial, mostrado em campanhas publicitárias do governo estadual e corroborado por entidades classistas, tem como principal ponto a necessidade de geração de energia elétrica para a atração e fomento de indústrias em Rondônia. O envolvimento com a questão levou à troca de áreas protegidas pelo governo federal por outras, mantidas pelo governo do estado, a fim de garantir o local que será tomado pelo lago de uma das usinas. A ação do governo estadual foi amplamente divulgada e apoiada pela sociedade rondoniense.

O contraste neste processo de institucionalização pelo Estado das posições desenvolvimentistas, que têm origem na colonização agrícola, pode ser notado no discurso

³⁷Uma parceria entre o governo de Rondônia, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, MAPA, e organizações de pecuaristas promoveu a campanha que pretendia apresentar a possibilidade de haver a criação extensiva de gado – o “boi a pasto” – e ao mesmo tempo garantir a sustentabilidade ambiental. Posições contraditórias, uma vez que a pecuária, tal como praticada em Rondônia, necessita de grandes áreas de pastagens.

³⁸ Trata-se da construção das usinas hidroelétricas de Jirau e Santo Antônio, no rio Madeira, distantes 18 e 110 quilômetros de Porto Velho, respectivamente. A previsão é de que produzam até sete mil megawatts de energia elétrica quando estiverem em plena operação – o que deve acontecer em uma década. Isso corresponderá a 8% de toda a energia elétrica produzida no Brasil, e garantirá a interligação com o sistema de distribuição de Itaipu (OBERST, 2005).

dos meios de comunicação, que ao mesmo tempo em que legitimam o papel do Estado, tendem para o apagamento das populações tradicionais e fazem uma releitura do passado de Rondônia. Isso é referendado em outra pesquisa (COLFERAI, 2009), em que é realizada a análise de uma série de editoriais do jornal diário Folha de Rondônia. A Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, em um desses editoriais, é tomada como exemplo de perspicácia na busca de benefícios econômicos relacionados às atividades predominantes atualmente em Rondônia, enquanto nada se diz das razões que levaram à sua construção. Na mesma série de editoriais pode-se notar o movimento de crítica e cobrança que legitima o Estado como única entidade capaz de oferecer respostas aos problemas sociais de Rondônia e, conseqüentemente, torna legítimas suas ações.

Reflexo desta institucionalização e conseqüente legitimação das práticas de colonos imigrantes pode ser notado nas produções em vídeo realizadas em Rondônia. É o caso das obras de Jair Rangel, e do seu personagem Pistolino, este inspirado em Charles Chaplin e Mazaropi. O curta-metragem de Jair Rangel *Na maior pindaíba*, que tem o caipira Pistolino como protagonista, foi premiado no III Fescine Amazônia, 2005, com cinco prêmios Mapinguari. O dado relevante aqui é o contraste entre a proposta do festival, voltada para o que denomina “cinema ambiental”, e a personagem e o mote do filme de Jair Rangel. Pistolino é apresentado como um estereotipado colono, que no enredo de *Na maior pindaíba* está na cidade em busca de trabalho. Mesmo com a distância que se coloca entre a proposta do único festival de cinema de Rondônia, e a produção do imigrante paranaense Jair Rangel, o curta-metragem recebeu cinco prêmios no Fescine Amazônia de 2005.

Seja sob a forma de interações entre imigrantes e ribeirinhos, na sua convivência nas zonas urbanas ou nas áreas rurais, o que há é uma base cultural que se fixa no contato entre complexos diferentes. São estes os alicerces sobre os quais está constituída a sociedade rondoniana, e foi essa a busca empreendida nesta parte do trabalho: apontar as

Matrizes Culturais dos rondonianos. Há contradições que não se configuram como dicotomias, pura e simplesmente, mas como processos complexos em que apenas parte deles são assumidos pelo Estado e, por isso, institucionalizados. É uma instância importante da pesquisa, uma vez que é a partir dela que serão compreendidas as limitações e motivações inerentes ao objeto de estudo aqui em tela. Os meios de comunicação social de Rondônia são parte desta sociedade e é para ela que dirigem seus Textos, estes produtos de uma matriz cultural que é em parte institucionalizada, e em parte não.

4. A NU E CRU: LÓGICAS E CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

O prosseguimento do circuito de pesquisa proposto a partir do Mapa das Mediações passa pela compreensão das Lógicas de Produção e da identificação das *tecnicidades*, aqui compreendidas como as condições existentes para a produção nos meios de comunicação. Na constituição do objeto de pesquisa foi feita a opção por tomar o Diário da Amazônia como foco de interesse, como já explicitado, e um dos seus momentos – a cobertura de festas populares – em particular. Para isso é necessário ter compreensão do meio em que está inserido o Diário da Amazônia. Por esta razão, a fim de caracterizar o cenário de comunicação em que este veículo atua, será traçado um panorama da comunicação social em Rondônia.

Também será apresentado um contexto particular do qual faz parte do Diário da Amazônia, uma vez que está inserido em um grupo de comunicação com atuação marcante em Rondônia, o Sistema Gurgacz de Comunicação, SGC. Trata-se de uma noção fundamental para tratar das Lógicas de Produção e condições às quais os produtores de notícias estão submetidos. Além disso, ao fazer parte de um grupo maior, que envolve outros veículos de comunicação, com suporte em diferentes mídias, torna-se possível tomar o Diário da Amazônia – não sem alguma arbitrariedade nesta redução – como índice de todo o ambiente de comunicação de Rondônia. Neste ponto, se as generalizações são perigosas, as inferências

são válidas, seja como um rumo a seguir na investigação dos meios na Amazônia, ou mesmo na procura pela compreensão dos meios nas condições aqui apresentadas.

Ao tratar das Lógicas de Produção é necessário ter clara a necessidade de conhecer as estruturas sob as quais está posto o veículo de comunicação objeto de estudo, seja na sua organização empresarial, na formação e ideologia dos profissionais, e mesmo nas estratégias de comercialização e circulação, esta última compreendida tanto como forma de atingir o público receptor, como maneira de garantir argumentos para a comercialização. Importante salientar que se trata de duas instâncias comumente tomadas como separadas na estrutura dos meios, a redação e o departamento comercial, mas que devem ser postas em termos de paridade para a compreensão das Lógicas de Produção.

Finalmente, este capítulo trata, também, das condições de produção, que no circuito de pesquisa proposto é apresentado como *tecnicidades*. É aí que devem ser conhecidos os recursos disponíveis para a construção do produto jornalístico Diário da Amazônia. A estrutura sob a qual se organiza o trabalho dos produtores no jornal é fundamental neste momento, principalmente por se tratar o Diário da Amazônia de um veículo impresso, que pretende cobrir todo o estado de Rondônia, além de regiões vizinhas de outros três estados, pelo menos. Lança-se mão, para isso, de técnicas próprias do campo do jornalismo, mas que são conjugadas com os equipamentos e a estrutura industrial posta à disposição dos produtores.

É a conjugação destes elementos que torna particular a constituição de cada veículo de comunicação e, neste trabalho, configura as disputas e possibilidades presentes no Diário da Amazônia. O que, por extensão e proximidades, pretende-se assumir para Rondônia e parte da Amazônia.

4.1. O cenário de jornalismo em Rondônia

Nas primeiras décadas do século XX o jornalismo na região que viria a ser o estado de Rondônia foi uma sequência de pequenas publicações, dos mais variados tipos, desde periódicos humorísticos – o *Pun!* (1916) – até religiosos – como *A Luz da Verdade* (1919). Mas desde as primeiras tentativas de estabelecer veículos de comunicação social na região até o surgimento de uma empresa jornalística que se consolidasse foram percorridos pelo menos 30 anos.

O semanário *Humaythaense*, fundado em 1891 por seringalistas em Humaitá, no Amazonas, e com circulação até Santo Antônio, região hoje próxima a Porto Velho, foi o primeiro veículo de comunicação social a circular na região de Rondônia. O jornal deixou de existir logo depois do final do Primeiro Ciclo da Borracha. Quase duas décadas depois, quando estavam em andamento as obras da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, passa a circular em Porto Velho, entre funcionários norte-americanos da Madeira-Mamoré Railway Co., o jornal *The Porto Velho Times*. Todo em língua inglesa, o jornal foi lançado no dia 4 de julho de 1909 e fez parte das comemorações da independência norte-americana. Ainda em 1909 outro jornal em língua inglesa foi o *Porto Velho Corrier*. Suas instalações e equipamentos foram usados para a criação do primeiro periódico em língua portuguesa em Rondônia, *O Município*, em 1915. Em 1917 *O Município* deixa de circular e a partir dele é criado o jornal *Alto Madeira*, este ainda hoje em circulação, um dos 15 jornais mais antigos do Brasil e que entre 1936 e 1953 fez parte dos Diários Associados (ALBUQUERQUE, 2009).

Afora Porto Velho até a década de 1970 somente em Guajará-Mirim surgiram periódicos, como foi o caso do *Imparcial*, fundado em 1951. Durante a maior parte do século XX além dos jornais impressos o que havia nas duas únicas cidades do território do Guaporé eram serviços de alto-falantes, como o *Rio Madeira*, instalado em Porto Velho em 1949,

como uma espécie de rádio comunitária. As emissoras de rádio começam a surgir a partir de 1955, quando entra no ar a Rádio Difusora Guaporé, em Porto Velho. Em 1974 a televisão chega a Rondônia, com a instalação da TV Cultura, que funcionou apenas naquele ano. Ainda em 1974 a Rede Amazônica de Televisão, afiliada da Rede Globo, instala uma repetidora, também em Porto Velho.

Ao longo dos anos 1970 uma série de pequenas publicações surge nas cidades que se formam em função da colonização agrícola, e as emissoras de rádio começam a se multiplicar pelo interior do estado. Repetidoras da Rede Amazônica de Televisão são instaladas em várias cidades, principalmente ao longo da BR-364. Em 1980 é criado o jornal diário *O Estadão do Norte*, que rapidamente se transforma na principal publicação a circular em Rondônia.

Com a instalação do estado de Rondônia – em 1982 – é acelerada a concessão de autorizações para que se instalem emissoras de televisão e rádio. Muitas dessas concessões se concentram nas mãos de políticos e acabam por dar origem a pequenos grupos de comunicação, boa parte deles ainda atuando em Rondônia. É durante os anos 1980 que outras emissoras de televisão passam a ter o sinal retransmitido em Rondônia, como o SBT, Bandeirantes e a extinta Manchete. Ao mesmo tempo em que uma série de concessões para emissoras de rádio são autorizadas pelo governo federal, principalmente a grupos políticos, o que possibilita a criação das primeiras emissoras associadas³⁹. É a partir deste período que começa a se configurar o que é, atualmente, o cenário da comunicação social em Rondônia.

4.1.1. Os meios e as particularidades

O recente processo de colonização, os índices de escolaridade e a distribuição da população podem ser tomados como constituidores do atual cenário da comunicação social

³⁹ Sobre a ligação dos meios de comunicação de Rondônia com políticos, há a dissertação do professor Antônio Vieira Júnior (VIEIRA JÚNIOR, 1993). A partir do que é mostrado ali é possível inferir que desde a década de 1980 pouco houve de alteração neste cenário.

em Rondônia. No primeiro caso a concentração dos meios se dá, além da capital Porto Velho, prioritariamente nas áreas urbanas surgidas a partir da ocupação agrícola, e notadamente no eixo da BR-364. É assim que cidades como Ariquemes, Ji-Paraná, Cacoal e Vilhena são os lugares onde há maior número de emissoras de rádio, TV, e onde está a maior parte dos veículos impressos. No outro, o nível de escolaridade e a distribuição da população, a situação reflete-se no maior número de emissoras de rádio, mesmo que isso não signifique que este seja o meio com maior presença nos domicílios rondonienses.

De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios, PNAD 2008, 89,93% das casas de Rondônia têm aparelhos de televisão, enquanto 77,87% dos domicílios têm aparelhos de rádio⁴⁰. A programação no rádio é, quase na totalidade, produzida no próprio estado, e 44,3% dos municípios têm emissoras⁴¹, o que garante a cobertura, estimada, de aproximadamente 95% das localidades de Rondônia. E trata-se de programas produzidos nas próprias cidades, mesmo quando as emissoras de rádio fazem parte de grupos de comunicação. Esta é uma característica no estado: a programação, no rádio, atende a um público restrito às micro-regiões que cada emissora atinge.

Quanto à televisão 13,5%⁴² dos municípios têm algum tipo de programação local, na maior parte cerca de cinco minutos diários de jornalismo, apesar de pelo menos 90%⁴³ dos municípios receberem sinal de retransmissoras locais. Também neste caso praticamente inexistente programação em rede gerada em Rondônia – com exceção da Rede TV! Rondônia, o que será tratado adiante – e na maior parte repete-se a programação veiculada pelas redes nacionais e, no caso da Rede Amazônica, afiliada da Rede Globo de Televisão, programação produzida em Manaus (AM).

⁴⁰ Dados disponíveis em <www.ibge.gov.br>

⁴¹ Número apresentado a partir de dados coletados no site <donosdamidia.com.br>, acesso em 21/07/2009.

⁴² Idem

⁴³ Número apresentado a partir de dados informados por diretores regionais da TV Rondônia.

Com relação aos veículos de comunicação impressos o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Rondônia, Sinjor, estima que haja publicações em circulação em um quarto dos 52 municípios do estado. Não há índices precisos, o que se deve principalmente à falta de periodicidade desses veículos, e pela efemeridade da maior parte deles. Trata-se na maior parte de jornais semanais e revistas mensais publicados principalmente no eixo da BR-364. O destaque entre os impressos é dos diários *O Estadão do Norte* (em circulação desde 1980), *Diário da Amazônia* (desde 1993) e *Alto Madeira* (1917), os três de Porto Velho, e *Folha de Rondônia* (1999), de Ji-Paraná, todos com circulação estadual. Ainda há o diário *Correio Popular* (1990), também de Ji-Paraná, mas com circulação restrita à zona central de Rondônia (ALBUQUERQUE, 2009).

Há ainda uma profusão de sites noticiosos, que de acordo com levantamentos do Sinjor poderiam chegar, no primeiro semestre de 2009, a 200 em atividade, a maior parte em Porto Velho⁴⁴. Também aqui não há dados precisos, muito em função à velocidade com que os sites de notícias surgem e desaparecem. Característica comum é a busca pela instantaneidade na publicação das notícias, a simplicidade na apresentação visual e a primariedade dos textos presentes nestes sites. Outro dado importante é a limitação de alcance, levando-se em conta a disseminação da internet em Rondônia. De acordo com dados da PNAD 2007, apenas 15,35% das casas em Rondônia têm acesso à internet.

Neste contexto há o destaque a grupos de comunicação surgidos em Rondônia a partir da década de 1980, entre os quais se destacam o Sistema Meridional de Comunicação, Rede Amazônica de Televisão, Sistema Gurgacz de Comunicação, Sistema Imagem de Comunicação e grupos menores.

O Sistema Meridional de Comunicação começou a se formar a partir de concessões de emissoras de rádio e canais de TV feitas à empresária Rita Furtado na década

⁴⁴ Pode-se destacar o <rondoniagora.com>, <portovelhone.com>, <oobservador.com.br>, <ocombatente.com>, <extraderondonia.com.br>, <correiodenoticias.net> e <rondoniaovivo.com>, como exemplos.

de 1980, então deputada federal⁴⁵. Atualmente é constituído por emissoras de rádio FM nas cidades de Jaru, Vilhena, Pimenta Bueno, Colorado do Oeste e Ji-Paraná, além de retransmitir os sinais do SBT e Rede Bandeirantes para o estado, pelas TVs Meridional e Allamanda, respectivamente.

O sinal da Rede Globo de Televisão em Rondônia, assim como em todos os estados da Amazônia Ocidental⁴⁶, é retransmitido pela Rede Amazônica de Televisão, controlado pela família Daou, de Manaus (AM). A TV Rondônia tem emissoras nas cidades de Porto Velho, Guajará-Mirim, Ariquemes, Ji-Paraná, Cacoal, Rolim de Moura e Vilhena, com equipes de reportagem em todas elas, além de retransmissoras em 37 dos 53 municípios do estado (MERLO, 2009). Em Porto Velho ainda há um escritório do Amazonsat, canal UHF da Rede Amazônica, que tem toda a programação produzida em Manaus com temáticas voltadas para a região Norte. Ainda há, em Rondônia, a rádio Guajará-Mirim FM e o Amazônia Cabo, em Porto Velho.

O Sistema Imagem de Comunicação, SIC, é composto pelas rádios Parecis FM e Vitória Régia FM, ambas em Porto Velho, e detém para o estado o sinal da Rede Record de Televisão, com retransmissores nas cidades de Cerejeiras, Alvorada do Oeste, Cacoal, Espigão do Oeste, Presidente Médici, Ji-Paraná, Pimenta Bueno e Porto Velho, e está sob o controle do radialista e ex-deputado estadual Éverton Leoni - eleito em 2002 pelo PSDB, concorreu à reeleição quatro anos depois pelo Prona.

Há ainda o Sistema Gurgacz de Comunicação, SGC, de propriedade da família Gurgacz, que detém o controle de um grupo empresarial composto por 39 empresas e tem marcante atuação política em Rondônia, o que será tratado de maneira detalhada adiante.

⁴⁵ Rita Furtado foi deputada constituinte eleita pelo PDS. Ainda na década de 1980 foi superintendente das emissoras de rádio da Amazônia, função ligada à Radiobrás, além de membro da Comissão da Família, Educação, Cultura e Esportes, Ciência e Tecnologia e Comunicação, na subcomissão da Ciência e Tecnologia e Comunicação.

⁴⁶ A designação Amazônia Ocidental é uma referência aos quatro estados mais a oeste da região: Roraima, Amazonas, Acre e Rondônia.

Outros grupos de comunicação com menor alcance podem ser destacados, como é o caso do Grupo Cassol, com emissoras de rádio nas cidades de Vilhena e Rolim de Moura e controlado pelo governador do estado, Ivo Cassol⁴⁷; o Grupo Morimoto, com emissoras de rádio em Vilhena e Ji-Paraná, pertencente ao empresário e ex-deputado federal Antônio Morimoto⁴⁸; e as rádios Nova Fronteira, em Jaru e Presidente Médici, de propriedade do ex-governador e atual prefeito de Ji-Paraná, José Bianco⁴⁹.

Nos meios de comunicação de Rondônia é marcante a presença de jornalistas provisionados⁵⁰. Isso se deve tanto à abertura dada pela legislação vigente até 2009, que permitia a atuação em redações de pessoas não habilitadas em jornalismo, como à ausência de profissionais de comunicação no estado, principalmente no interior. O Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Rondônia, Sinjor, tinha em outubro 2009 cerca de mil registros de jornalistas profissionais expedidos. No entanto, o sindicato não tem dados referentes ao número deles que de fato está em atividade e nem quantos desses são bacharéis de Comunicação Social (SILVA, 2009). O primeiro curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo foi instalado em Rondônia em 2002, em Porto Velho. Atualmente há quatro cursos instalados, dois deles na capital e outros dois nas cidades de Ji-Paraná e Vilhena⁵¹.

⁴⁷ Ivo Cassol foi eleito governador de Rondônia em 2002, quando era filiado ao PSDB. Em 2005 transferiu-se para o PPS e foi reeleito no ano seguinte. Em 2009 nova mudança, desta vez para o PP.

⁴⁸ Antônio Morimoto exerceu mandatos de deputado estadual e federal por São Paulo, durante a década de 1970, pela extinta Arena. Na década seguinte foi novamente deputado federal, desta vez por Rondônia, eleito pelo PDS. Na década de 1990 exerceu funções na executiva estadual do PPR.

⁴⁹ José Bianco exerceu mandatos de deputado estadual em Rondônia (1982-1987) e prefeito em Ji-Paraná (1989-1993) pelo PDS, e depois de senador (1995-1999) e governador (1999-2003), pelo PFL. Atualmente é mais uma vez prefeito de Ji-Paraná, agora no DEM

⁵⁰ Trata-se de jornalistas sem formação superior, mas com registro profissional que, amparados pelo Decreto nº 83.284, de 13 de março de 1979, exerciam a profissão sob a obrigatoriedade de não tomar vagas de graduados em Jornalismo e com a necessidade de renovação do registro provisionado a cada três anos. Tal expediente se tornou comum em Rondônia diante da falta de jornalistas com formação superior.

⁵¹ Há em Rondônia quatro cursos de Comunicação Social. Dois em instituições privadas em Porto Velho: Uniron (Publicidade e Propaganda e Jornalismo) e Faro (Relações Públicas, Publicidade e Propaganda e Jornalismo); um em Ji-Paraná: Ceulji/Ulbra (Publicidade e Propaganda e Jornalismo); e um público: Universidade Federal de Rondônia, em Vilhena (Jornalismo).

4.2. Recorte de pesquisa

Neste ambiente, em que organizações e veículos de comunicação se apresentam ainda – na sua maioria – como organizações semi-profissionais em que atuam produtores sem conhecimento específico, seja de técnicas ou das exigências humanísticas, para atuar como tal, tem tomado corpo uma experiência que começa a se configurar como a mais bem sucedida investida no setor de comunicação social de Rondônia. O Sistema Gurgacz de Comunicação, o SGC, é uma organização recente que por receber investimentos significativos, principalmente para a realidade do setor na região Norte, começa a se fixar como o mais importante de Rondônia. Importância que é amplificada por reunir veículos com suporte em três diferentes mídias – impresso, rádio e TV – e cobrir quase a totalidade do estado.

O recorte de pesquisa é feito a partir deste grupo de comunicação e, em específico, considerando um dos veículos que o compõem. O Diário da Amazônia é o veículo de mídia impressa do SGC e foi o primeiro a ser gerido pela família Gurgacz, proprietária do SGC e de um grupo empresarial com presença em vários estados brasileiros. Desta forma é necessário conhecer o SGC, sua ligação com o grupo empresarial a que é atrelado para compreender com maior profundidade as relações que influenciam o Diário da Amazônia.

A opção pelo Diário da Amazônia se deve às características dos meios de comunicação em Rondônia. Em princípio a opção pela mídia impressa pode levantar questões sobre sua representatividade num universo de 1,5 milhão de pessoas, em que também estão presentes rádio e televisão. Razões já foram expostas anteriormente: apesar de haver emissoras de televisão nas principais cidades e emissoras de rádio serem quase onipresentes, não são estruturadas de maneira que permita levar a todo o estado as mesmas mensagens, de forma a poder constituir um discurso a atingir as diferentes regiões.

As emissoras de rádio possuem programação voltada para um público bastante restrito, quase sempre as cidades onde estão instaladas. As poucas horas de programação em cadeia, mesmo assim limitadas a algumas cidades apenas, não podem ser tomadas como suficientes para realizar a análise proposta. Pode-se inferir que, pela fragmentação, a programação das rádios acaba por não ter circulação com amplitude para atingir diferentes regiões, em que estão presentes diferentes grupos culturais. Terminam por representar comunidades menores, que apresentam maior homogeneidade.

A televisão, por sua vez, mesmo tendo em alguns casos o mesmo conteúdo veiculado em todo o estado, tem reduzida programação local, colocando em circulação discursos não produzidos em Rondônia. Ao considerar a televisão é preciso descartar a programação recebida por antenas parabólicas, já que nesse caso não há absolutamente nenhum programa de produção local. A maior parte dos canais com alguma programação local não consegue atingir mais do que algumas cidades. Uma situação particular é a da TV Rondônia, que atinge quase a totalidade do estado, mas possui como produção local apenas programas jornalísticos de pequena duração⁵², razão pela qual também foi descartada para a pesquisa.

Outro canal de televisão com grande alcance é a Rede TV! Rondônia, que tem considerável programação local, e poderia ter sido tomado para a realização da pesquisa, de forma particular. No entanto, e aqui se revela uma escolha do pesquisador, optou-se por um veículo impresso que compõe o mesmo grupo de comunicação, o SGC. Esta decisão está vinculada à compreensão de que, por haver uma coordenação central do grupo de comunicação, e colaboração entre os veículos que dele fazem parte, trata-se não apenas de partes de uma organização, mas de linhas editoriais semelhantes, inclusive com jornalistas que atuam tanto na Rede TV! como no Diário da Amazônia, tanto na sede dos dois veículos

⁵²Trata-se de telejornais, com duração máxima cinco minutos, com transmissão para pequenos grupos de municípios, e dos telejornais em rede estadual, com duração de até 40 minutos.

como nas sucursais, onde muitas vezes o mesmo repórter é correspondente tanto de um como de outro.

4.2.1. O SGC

O Sistema Gurgacz de Comunicação foi criado pela família Gurgacz, que desde a década de 1960 atua no setor empresarial em Rondônia. Os Gurgacz fizeram fortuna a partir do transporte de passageiros. Em 1964 o patriarca Assis Gurgacz comprou em Cascavel, interior do Paraná, um ônibus para transportar passageiros entre as cidades da região. Com o início da migração para o Centro-Oeste e Norte do Brasil passou também a fazer o transporte de colonos para as regiões de colonização de Mato Grosso e Rondônia, especialmente para este último. Os Gurgacz dizem que suas empresas cresceram junto com Rondônia, tanto que é no estado que se concentram suas principais atividades, que ainda têm no transporte o principal lastro.

A Empresa União Cascavel de Transporte e Turismo, a Eucatur, ainda tem como principais itinerários aqueles feitos entre cidades da região Sul e Rondônia, e neste estado detém quase a totalidade das concessões de transporte intermunicipal de passageiros. A Eucatur tem, atualmente, duas sedes, uma em Cascavel (PR), e outra em Ji-Paraná (RO). Foi a partir da Eucatur que outras empresas foram criadas, como é o caso da Faculdade Assis Gurgacz, FAC, em Cascavel; a Gramazon, exportadora de granito explorado no município de Machadinho do Oeste e beneficiado em Ji-Paraná, ambos em Rondônia; a concessão do transporte municipal em Manaus (AM); e diversas outras empresas de transporte intermunicipal de passageiros, além de várias empresas de menor porte em Rondônia e Paraná, principalmente.

Os Gurgacz sempre tiveram atuação relevante na política de Rondônia, desde antes da instalação do estado, em 1982, principalmente oferecendo apoio a grupos políticos e

a candidatos aos diversos cargos nas diferentes esferas. A partir de ano 2000 a maneira de participação política da família mudou, e os Gurgacz passaram a participar de forma mais “ativa” dos processos políticos no estado, mudança evidenciada pela eleição de Acir Gurgacz⁵³, filho de Assis Gurgacz e um dos presidentes do grupo empresarial, à prefeitura de Ji-Paraná, a segunda maior cidade de Rondônia e a principal do interior do estado. Em 2002 Acir foi candidato ao governo do estado. Não se elegeu, ficou em terceiro na disputa, mas os Gurgacz deixaram claro, a partir daí, que as pretensões do grupo haviam extrapolado o campo empresarial. Em 2006 nova candidatura de Acir, ao Senado, desta vez com a segunda votação em Rondônia⁵⁴. Ao mesmo tempo em que mantêm candidaturas, os Gurgacz oferecem apoio a candidatos em todas as esferas de poder, tanto que o engajamento da Eucatur e, por consequência, de todo o grupo empresarial em campanhas, mesmo de forma velada, é tomado em Rondônia como adesão importante para fortalecer projetos políticos.

A constituição do SGC como grupo de comunicação aconteceu em 2000 e foi motivado pela concessão de um canal de TV aberta na cidade de Ji-Paraná, que mais tarde se estendeu a todo o estado. No mesmo ano foi comprada a rádio Alvorada AM, também em Ji-Paraná, emissora que já estava no ar havia mais de duas décadas. À rádio e ao canal de TV foi incorporado o jornal Diário da Amazônia, que havia sido fundado pela família Gurgacz em 1993, em Porto Velho.

A rádio Alvorada AM tem o sinal recebido em 30 municípios da região central de Rondônia, afiliada da rádio Jovem Pan, de São Paulo – retransmite parte da programação da emissora paulista, cobrindo aproximadamente 50% da sua grade de programação. A sede da emissora é em Ji-Paraná e, assim como aconteceu com os outros veículos que compõem o

⁵³ Acir Gurgacz é filiado ao PDT desde o início de sua atuação política, partido que atualmente preside em Rondônia, e pelo qual é pré-candidato ao governo do estado.

⁵⁴ O primeiro colocado na disputa, Expedito Júnior (PSDB), foi cassado depois de condenado por irregularidades na campanha. Acir Gurgacz assumiu a vaga de senador por Rondônia em novembro de 2009.

SGC, recebeu aporte financeiro considerável desde que passou a fazer parte do grupo, principalmente para aquisição de equipamentos e para contratação de profissionais.

O veículo de maior visibilidade e com maior relevância no SGC é o canal de TV, que retransmitia a programação da CNT do Paraná, passou a repetir a programação da TV Gazeta e, finalmente em 2000, se tornou a Rede TV! Rondônia, retransmitindo o sinal da emissora de São Paulo. A sede da Rede TV! Rondônia se manteve, até 2004, em Ji-Paraná, quando foi transferida para Porto Velho, e com a mudança transferiu-se também a sede do SGC para a capital de Rondônia. As razões para a transferência são explicitadas pelo diretor de jornalismo da Rede TV!, Adão Gomes:

Foi uma questão de logística. Porto Velho é melhor centralizada, aqui se está mais perto dos grandes centros, e as informações chegam mais rápido através das instituições federais e estaduais. E foi também uma estratégia comercial. Estar na capital é marcar terreno para o futuro, é tomar espaço comercialmente. O projeto sempre foi colocar a emissora em Porto Velho (GOMES, 2009).

A Rede TV! Rondônia em Porto Velho foi instalada no prédio em que até meses antes funcionava a sede da Eucatur. Em 2009 foi concluído um novo prédio, no mesmo local, que passou a ser ocupado pela direção do SGC, pela Rede TV! Rondônia, e pelo Diário da Amazônia, que foi transferido para o local. Além da mudança de local o Diário da Amazônia ainda recebeu novos equipamentos de informática e melhorias no parque gráfico.

Quanto à articulação entre os veículos de comunicação do SGC, ela acontece principalmente no nível estratégico, o que é facilitado pela direção centralizada. Campanhas são realizadas pelo grupo e levadas a efeito na emissora de rádio, na TV e no jornal. Não chega a haver, como expresso pelos diretores do Diário da Amazônia e da Rede TV!, interferências diretas nas linhas editoriais e no trabalho cotidiano, mas há uma clareza por parte dos editores com relação ao papel que os veículos exercem como parte de um grupo empresarial e político. É o que pode ser notado na posição explicitada pelo secretário de redação do DA, Santiago Roa Júnior: “Nunca recebi uma instrução não fazer isso, não cobrir aquela matéria, não falar aquilo. [...] Mas, a gente sabe muitas vezes, até por uma questão

preventiva” (ROA JÚNIOR, 2009). Trata-se de uma posição refletida em toda a estrutura mantida pelos veículos que compõem o SGC. O Diário da Amazônia possui correspondentes nas principais regiões de Rondônia, assim como a Rede TV!.

A rádio Alvorada tem a estrutura de transmissão e de jornalismo concentrada na cidade de Ji-Paraná, de onde saem as equipes para cobrir eventos em outras cidades da região central de Rondônia, exatamente aquela que concentra o maior número de cidades e de população fora da capital.

Tabela 1
Rede TV! Rondônia - Programação local

Programa	Gênero	Periodicidade	Horário	Duração
Fala Rondônia	Revista	Diário	11h15	1h30*
Fique Ligado	Revista	Diário	6h30	1h
Plantão de Polícia	Policial	Diário	12h45	1h
Jornal da Rede	Telejornal	Diário	18h	50min.
Ta na Rede	Esportivo/debate	Segundas	21h05	1h45
Show Rural	Revista rural	Domingos**	8h40	1h
Sábado Total	Auditório	Sábados	12h15	2h
Rede de Opiniões	Entrevista	Terças	21h05	1h

*50 minutos diários destinados a versões locais produzidas pelas emissoras do interior

**Com reprise nas tardes de domingo

No caso da Rede TV! há uma extensa programação local transmitida para Rondônia, toda ela com a produção concentrada em Porto Velho, onde a estrutura da emissora conta com dois estúdios e um terceiro em construção. Há oito programas locais, quatro diários e quatro semanais, num total de 28 horas e 15 minutos semanais de programação local (tabela 1). O destaque da programação é a revista eletrônica diária Fala Rondônia, que no total tem 1 hora e 30 minutos de duração, dos quais 50 minutos são de produção de equipes do interior do estado e transmitidas para suas regiões. Em 2008 o investimento em equipamentos realizado pelo Sistema Gurgacz de Comunicação cresceu significativamente⁵⁵, o que pode ser

⁵⁵ A direção do SGC não disponibilizou informações detalhadas.

verificado na ampliação da capacidade técnica de transmissão. Exemplo disso são duas unidades móveis de transmissão, instaladas em um ônibus e numa van, além de um caminhão equipado com *up link*, capaz de transmitir sinais ao vivo por satélite. Trata-se de um investimento feito no SGC, diretamente na Rede TV! Rondônia, pelo grupo Eucatur, e o reflexo imediato tem sido a transmissão ao vivo de eventos realizados principalmente no interior de Rondônia. Aí podem ser elencados festivais folclóricos, como o Desafio da Fronteira, em Guajará-Mirim, uma disputa de grupos de bois-bumbá; feiras agropecuárias de Ariquemes, Ji-Paraná e Vilhena; e as finais do campeonato rondoniense de futebol, com jogos que aconteceram também no interior.

4.3. Assim se faz o Diário da Amazônia

O Diário da Amazônia é um jornal em formato *standard* composto por quatro cadernos: o principal, com oito páginas, além dos cadernos de Capital, Cidades, Esportes e Cultura, cada um com quatro páginas. Todos são publicados diariamente, com exceção do Cidades, que não circula às segundas-feiras. Na edição de sábado, que sai com as datas do dia de circulação e do dia seguinte, domingo, ainda circula o caderno Revista TV, tablóide com oito páginas de matérias sobre celebridades, comportamento, resumos de novelas e sinopses de filmes. Também aos domingos sai o caderno Agronegócio, em quatro páginas *standard*, e às sextas-feiras é publicado o caderno Educação – oito páginas em formato tablóide – voltado para instituições e cursos de nível superior. O jornal ainda publica classificados diariamente, que podem chegar a 20 páginas.

Uma característica do Diário da Amazônia que o diferencia dos demais diários em circulação em Rondônia é o fato de circular às segundas-feiras. É comum que, em função das reduzidas equipes, os diários rondonienses não circulem às segundas-feiras e em boa parte dos dias seguintes a feriados. No Diário da Amazônia a folga da redação acontece aos sábados

e, por isso, às sextas-feiras é fechada a edição que circula com as datas de sábado e domingo. No domingo a redação trabalha com escala reduzida, com metade da equipe – há revezamento e cada repórter e editor trabalha dois domingos a cada mês. A edição que circula no sábado e leva também a data de domingo é, na maior parte, composta por cadernos produzidos durante a semana e reportagens frias. Na segunda-feira não circula o caderno Cidades – a folga dos correspondentes é no domingo – o que reduz o jornal das habituais 24 páginas para 20 páginas.

Como empresa jornalística o Diário da Amazônia deve ser tomado como parte integrante do Sistema Gurgacz de Comunicação, e sua atuação está diretamente atrelada a este fator. O jornal é o mais antigo entre os veículos de comunicação social que compõem o SGC. Foi fundado em 1993 por iniciativa do empresário Assis Gurgacz e teve como primeiro diretor o seu filho, Acir Gurgacz. A organização do jornal foi feita pelo jornalista Emir Sfair, que foi também o primeiro editor e responsável por compor a equipe, na maior parte constituída por profissionais oriundos de outros jornais regionais. Um parque gráfico foi instalado, com todo o investimento assumido pelo Grupo Eucatur como parte de uma estratégia que pretendia consolidar o relevo político e a influência das empresas da família Gurgacz em Rondônia.

No conjunto de empresas o Diário da Amazônia é tomado como parte da estratégia de marketing do Grupo Eucatur, o que garante o aporte financeiro feito por ele, o que é fundamental para a manutenção do jornal, uma vez que não consegue captar recursos suficientes para cobrir os custos com sua operação. De acordo com o diretor administrativo e financeiro do jornal “o Diário é deficitário, mas ele é interessante para o grupo, é necessário ter o Diário da Amazônia, entende?” (TAESKOVINSKY, 2009). O faturamento do Diário da Amazônia consegue arcar com 85% dos seus custos operacionais, enquanto o restante é pago com repasses feitos pelas empresas do Grupo Eucatur.

Para o grupo é importante ter o Diário da Amazônia, pois do contrário teria de fazer publicidade em outro jornal, em outros veículos de comunicação. Então ele atende aos interesses do grupo Eucatur. Afinal o nosso chefe é um político, ele trabalha dentro da política, e ter um meio de comunicação ajuda nessa situação política (TAESKOVINSKY, 2009).

A estrutura administrativa interna do DA é composta por um gerente administrativo e financeiro, um gerente comercial, e o editor-geral. Além de cada um deles ter funções definidas também acumulam outras, arranjo forçado pelo reduzido quadro gerencial. Assim, o gerente administrativo e financeiro é o responsável pela estrutura do jornal e pela gestão de recursos. Trata-se de um cargo de indicação direta da família Gurgacz, considerado de confiança na organização. A gerência comercial, à qual se subordina a circulação, é responsável pelas vendas do jornal e pelas estratégias de comercialização. Em julho de 2009, quando foram realizadas as visitas ao Diário, não havia um gerente comercial e esta função estava sendo acumulada pelo gerente administrativo e financeiro. Já o editor-geral é o responsável pela redação do Diário da Amazônia, e acumula funções voltadas tanto para a gestão e planejamento da redação, como pela execução dos trabalhos. Até o primeiro semestre de 2009 no Diário da Amazônia não havia a figura do secretário de redação, criada em junho deste ano.

4.3.1 Comercialização e circulação

As estratégias de comercialização presentes no DA são traçadas a partir de particularidades do mercado de Rondônia e das condições de circulação e venda do jornal. A tiragem do Diário da Amazônia é de 6,5 mil exemplares diários, em média, e pelo menos 4,1 mil exemplares circulam na capital, Porto Velho. No interior de Rondônia circulam por volta de dois mil exemplares diariamente, preferencialmente nas cidades de Cacoal, Ji-Paraná, Ariquemes e Vilhena, onde se concentra pelo menos 75% da circulação do jornal fora de Porto Velho. Na capital os assinantes respondem por um terço das vendas do jornal, enquanto

no interior este índice fica em torno de 20%. Dos cerca de 2,7 mil exemplares destinados a venda em banca, pelo menos 25% retorna para o jornal todos os dias.

Para compreender os números referentes à tiragem é preciso conhecer outro cenário. Como possível explicação para que a tiragem reduzida possa, ainda assim, significar a maior circulação em Rondônia, coloca-se a taxa de analfabetismo verificada no estado, como já apresentado anteriormente: 34,7%⁵⁶. Outro fator significativo é que, apesar de 65% da população viver em áreas urbanas, trata-se na maior parte dos casos de pequenas cidades, onde a circulação de jornais impressos é reduzida em função das condições de acesso.

Quanto aos leitores do Diário da Amazônia tanto a direção do jornal como a editoria não dispõem de pesquisas que mostrem qual o seu perfil. O que há são inferências e levantamentos a partir de listas de assinantes. Esses levantamentos revelam que se trata basicamente de servidores dos diversos níveis do poder público. É o que afirma o editor-geral do Diário da Amazônia, Guarim Liberato:

A população economicamente ativa do estado é basicamente composta por servidores públicos, e esse é o leitor do jornal, por que compra ou por que as instituições públicas assinam o Diário, que é entregue nas repartições. Além disso, há uma parcela de comerciantes, e uma pequena parcela de intelectuais, que usam o jornal para fins de informação e até para estudos (LIBERATO, 2009).

Como anunciante o setor público representa um quarto do faturamento do Diário da Amazônia, enquanto o restante busca-se entre anunciantes do setor privado, que são caracterizados pelo diretor financeiro como as “grandes empresas do estado” (TAESKOVINSKY, 2009), sem que haja, no entanto, um perfil particular que possa ser indicado. Uma fonte extra de faturamento são cadernos especiais publicados ao longo do ano, em especial o de feiras agropecuárias. Em 2009 foram publicados 46 deles, distribuídos em nove feiras agropecuárias em Rondônia. Os recursos oriundos da comercialização de espaços publicitários, no entanto, não são suficientes para cobrir os custos de operação do Diário da Amazônia.

⁵⁶ O número corresponde à soma de analfabetos totais e analfabetos funcionais.

Entre as razões apontadas pela direção financeira do Diário da Amazônia para as dificuldades de captação de recursos entre anunciantes está a maneira como empresários e comerciantes encaram a publicidade. A quantidade maior de anúncios é registrada em épocas de expansão de vendas, enquanto na retração também se retrai a publicidade, movimento que seria exatamente o oposto do verificado em outras regiões do país, em que os anúncios aumentam na proporção em que crescem as dificuldades de atrair clientes.

No interior de Rondônia o Diário da Amazônia mantém cinco escritórios de representantes, nas cidades de Ariquemes, Ji-Paraná, Cacoal, Rolim de Moura e Vilhena. Trata-se de pequenas empresas terceirizadas responsáveis pela comercialização de publicidade, vendas de assinaturas e pela circulação do jornal nas diversas regiões do estado. Esta presença, no entanto, pouco representa na comercialização do jornal, e é mantida principalmente em função da necessidade de atender assinantes e manter a organização da circulação. Dos 6,5 mil exemplares impressos diariamente, cerca de 4,1 mil são destinados a Porto Velho, dos quais cerca de 1,3 mil vão para bancas. Para o interior de Rondônia são enviados por volta de 1,5 mil exemplares. O restante da tiragem é distribuído em outras localidades do interior e fora de Rondônia.

Tabela 2
Tiragem e distribuição do Diário da Amazônia 05/08/2009

Cidades	Assinaturas	Bancas	Total
Porto Velho	2.900	1.250	4.150
Ariquemes	200	60	260
Cacoal	258	48	306
Ji-Paraná	400	100	500
Vilhena	280	70	350
Interior e outras UF*	-	-	902

*Brasília (DF), Cascavel (PR), São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Recife (PE), Juína e Aripuanã (MT), Humaitá (AM) e Rio Branco (AC).

A circulação do Diário da Amazônia, desde sua fundação, sempre teve como principal apoio logístico a empresa Eucatur. O jornal usa os ônibus da empresa como meio de transporte para fazer chegar exemplares de cada edição a todos os pontos de Rondônia. Isso

faz com que o jornal precise atender aos horários de partidas de ônibus, causando interferências no horário de fechamento das edições, no trabalho de impressão e na distribuição no interior do estado. O Diário da Amazônia alcança 48 localidades de Rondônia, entre municípios e distritos, além de outras 10 cidades de outros estados, aí incluídas capitais como Recife (PE), e Brasília (DF). Mas, fora de Rondônia, o foco preferencial do jornal tem sido as cidades de Humaitá (AM) e Rio Branco (AC). Neste caso trata-se de uma estratégia de expansão: “Passar a atuar em Rio Branco e Humaitá é uma estratégia comercial. Ao mesmo produto é preciso agregar pouco custo para ter uma expansão maior de venda” (TAESKOVINSKY, 2009).

4.3.2. Aparatos e formas

Para produzir o Diário da Amazônia repórteres e editores têm à disposição uma estrutura modesta, mas considerada satisfatória por eles próprios. A redação do DA está instalada em um prédio novo – o mesmo em que está a sede da Rede TV! Rondônia – que na avaliação de repórteres e editores é adequado para as necessidades do jornal e funcional para a atuação de todo o pessoal de redação e de outros setores, percepção que se deve principalmente às deficiências enfrentadas nas instalações anteriores.

Os recursos técnicos e as contingências impostas pela estrutura oferecida ao jornalista para o exercício de suas atividades constituem ponto fundamental para determinar as técnicas utilizadas na prática jornalística. É isso que pode ser verificado no Diário da Amazônia a partir de sua organização como empresa jornalística e na estruturação da redação e das demais instâncias que constituem o jornalismo impresso, como a impressão e a circulação do jornal, o que aqui é tomado como os aparatos disponíveis para a produção do jornal; por formas se entende os temas, pautas e textos efetivamente postos em circulação.

Compreender as influências de um sobre o outro é fundamental para chegar à compreensão dos mecanismos que levam a legitimação de determinados conjuntos de práticas culturais.

4.3.2.1. Os recursos disponíveis

Para “fazer” o Diário da Amazônia a equipe de jornalistas da redação é formada por quatro repórteres e oito repórteres-editores, além de dois fotógrafos que trabalham em turnos, um pela manhã e outro durante a tarde. Há apenas um carro para reportagem, com motorista, e o jornal mantém convênio com empresas de táxis para atender aos repórteres. É comum que ao saírem dois repórteres da redação para cobrir diferentes pautas, um utilize o carro do jornal junto com o fotógrafo, enquanto outro siga em táxi. A orientação, nesse caso, é para que o mesmo fotógrafo consiga as fotos para as duas matérias.

Essa é uma forma de driblar a falta de pessoal. Acho que essas situações se devem à falta de conhecimento, e até à prática de jornalismo em Rondônia. Durante muito tempo o pessoal fazia jornal com equipes reduzidas, sem grandes preocupações com qualidade. Isso gerou uma zona de conforto, que é mantida pelos gestores dos jornais (ROA JÚNIOR, 2009).

Na redação os jornalistas têm o equipamento básico: telefone e computador com internet banda larga. Além do telefone da redação há três telefones celulares usados pelos repórteres nas saídas da redação e para determinadas ligações. “A estrutura é razoável, poderia ser melhor, mas para a nossa realidade está adequada” (LIBERATO, 2009).

Nas sucursais no interior do estado a estrutura oferecida aos correspondentes é ainda mais modesta. Nas cidades de Ariquemes, Cacoal, Rolim de Moura e Vilhena os repórteres têm um computador, uma máquina fotográfica digital compacta e o telefone celular corporativo, destinado exclusivamente para ligações entre outros telefones celulares do Diário da Amazônia, e uma linha de telefone fixo. Todas as sucursais do Diário da Amazônia funcionam nos mesmos prédios onde também estão instaladas as emissoras locais da Rede TV! Rondônia, e normalmente os correspondentes utilizam o carro de reportagem da TV. A

exceção, quanto à estrutura para correspondentes, está em Ji-Paraná, onde há dois repórteres, um fotógrafo, e um carro de reportagem exclusivo para a sucursal.

O trabalho da redação é organizado para que o fechamento aconteça até as 20 horas, para que os primeiros exemplares impressos, destinados à distribuição no interior do estado, estejam prontos até as 22 horas. Isso se deve à estrutura de distribuição utilizada pelo DA, que lança mão dos ônibus da empresa Eucatur para fazer chegar exemplares às cidades do interior de Rondônia. Um ônibus de passageiros sai de Porto Velho, no extremo norte de Rondônia, às 22h30, chega em Vilhena, no extremo sul do estado, por volta da 9 horas do dia seguinte, depois de percorrer 700 quilômetros e passar pelas principais cidades, dispostas do longo da BR-364. Este horário garante a distribuição do matutino para todas as regiões de Rondônia, mas por outro lado, se há atrasos na redação ou na impressão, a próxima possibilidade de envio ocorre apenas no final da madrugada, atrasando a entrega do jornal em todas as cidades do interior.

A necessidade de fechar a edição até as 20 horas traz conseqüências para a dinâmica de produção do jornal. Qualquer evento ocorrido a partir das 18 horas é, normalmente, deixado de lado pela redação e coberto apenas para a edição do dia seguinte, ou ignorado. Outro fator é a necessidade de todo o material ser produzido basicamente durante a tarde até as 16 horas e os textos são concluídos muitas vezes sem toda a apuração que seria possível realizar. Além disso, parte do material a ser publicado é redigido durante a manhã, com informações apuradas no dia anterior.

As rotinas de produção do Diário da Amazônia são, desta forma, determinadas pelas condições que repórteres e editores têm para realizar o seu trabalho. Assim, tanto a estrutura que têm à disposição como a forma como é realizada a distribuição do Diário da Amazônia são determinantes para a seleção do que é publicado no jornal, independente de planos que possam ser traçados pela editoria.

4.3.2.2. Formas narrativas possíveis

A influência das condições de produção sobre as rotinas do Diário da Amazônia podem ser apontadas como determinantes na forma como se apresenta o jornal como produto final de um processo. É assim que metade do conteúdo do Diário da Amazônia é produzido pela equipe de jornalistas, enquanto o restante é levado às páginas depois de terem sido recebidos das mais diversas fontes, como textos prontos para serem publicados. Entre estas fontes as mais utilizadas são agência de notícias e assessorias de imprensa, principalmente de órgãos públicos.

Entre os cadernos veiculados diariamente pelo jornal dois deles, Capital e Cidades, cada um com quatro páginas, são fechados com material produzido pelos repórteres do Diário. No caso dos correspondentes, não há pautas a serem cumpridas e, diariamente, cada um faz seu próprio programa de trabalho e envia o material que conseguir amearhar durante o dia, até às 14 horas, horário limite para o envio de matérias produzidas pelos correspondentes do interior. A editoria não descarta que tanto correspondentes como repórteres do caderno Capital utilizem *releases*⁵⁷ seja como sugestão de pauta ou como textos que serão adaptados para serem publicados. Já o caderno Esportes, também com quatro páginas, tem pelo menos 60% do espaço tomado por material de agências de notícias. O conteúdo do caderno Cultura é basicamente produzido pela redação.

A maior presença de material de agências de notícias está no primeiro caderno do Diário da Amazônia, onde até 80% do conteúdo veiculado não é da redação. É neste caderno que estão as seções Política, Economia, Mundo e Amazônia. Destas apenas Política é, em parte, de produção dos jornalistas do Diário da Amazônia, enquanto o restante é material

⁵⁷ “Texto informativo distribuído à imprensa (escrita, falada ou televisionada) por uma instituição privada ou governamental etc., para ser divulgado gratuitamente entre as notícias publicadas pelo veículo. Geralmente preparado por equipes de divulgação, assessorias de imprensa, de relações públicas ou publicidade, o release é enviado a redações ou distribuído pessoalmente aos repórteres de cada setor. É a notícia do ponto de vista da instituição e, por isso, seu valor jornalístico é relativo (depende de um tratamento adequado, se possível enriquecido com novos dados apurados pelo repórter)” (RABAÇA & BARBOSA, 2001).

de agências. Até mesmo a seção Amazônia é de material produzido por agências de notícias, seja grandes agências ou agência regionais que atuam em estados da região Norte.

A Agência Globo dá muita coisa sobre a Amazônia, então às vezes é material nacional. Na página de Amazônia sempre tem uma notícia do Acre, do Amazonas, do Pará, Roraima. A gente sempre procura, nessa página, dar uma notícia sobre cada estado (LIBERATO, 2009).

Entre o material que é veiculado a partir daquele comprado de agências de notícias podem ainda ser elencado o Revista Diário, todo ele composto por matérias que fazem parte do caderno Extra, da Agência Globo. Os outros dois cadernos semanais, Agronegócio e Educação, trazem material produzido na redação, em especial o Agronegócio, em que a presença de matérias de correspondentes é marcante. No Educação há a predominância de matérias enviadas pelas assessorias de imprensa de instituições de ensino superior – neste caderno ainda há uma página destinada ao material de assessoria da Faculdade Assis Gurgacz, de Cascavel (PR), de propriedade da família dona do Diário da Amazônia.

A presença de *releases* nas edições do Diário da Amazônia também é significativa. A orientação na redação é utilizar *releases* como sugestões de pauta, mas trata-se de algo praticamente não realizado, em função da equipe reduzida. “Então muito *release* acaba saindo na íntegra, mas a gente tá procurando dar uma peneirada boa, e um tratamento para publicar, mas às vezes isso passa” (LIBERATO, 2009). O uso do *release*, da maneira como é usado no Diário da Amazônia, é contraditório. Se por um lado há a tentativa de deixar de utilizá-lo como matéria pronta a ser publicada, por outro existem limitações que não permitem abandonar essa prática.

Uma das práticas que a gente tá tentando quebrar aqui é a indústria do *release*. [...] É, o que chega sai, mas isso eu já acompanhei em outros jornais. [...] Nós clamamos a Deus aqui quando a assessoria fala: sugestão de pauta, dia tal, hora tal... (ROA JÚNIOR, 2009).

O uso de *releases* e material de agências em metade do Diário da Amazônia ocorre apesar da tentativa de fazer aumentar o conteúdo produzido pelos repórteres do jornal,

e mesmo passar a utilizar gêneros narrativos diferentes daqueles mais comumente presentes em jornais, quase sempre voltados para a notícia. A tentativa, no Diário da Amazônia, seria por ter textos interpretativos, mas isso tem ocorrido pontualmente, e em raras pautas durante a semana. Exemplo disso é a série de reportagens sobre aleitamento materno veiculada durante uma semana, entre 3 e 10 de agosto de 2009.

Segunda-feira fizemos a abertura, e já prevemos pra sexta-feira o balanço. [...] Na abertura, trabalhamos o banco de leite, pessoas beneficiadas, como é que está esse trabalho. Sexta-feira vamos buscar o feedback, depois mostramos o que mudou, se melhorou alguma coisa, vamos em busca de um personagem: dona Maria de Tal, que não teve leite quando seu filho Zequinha nasceu, graças a esse leite que achou conseguiu melhorar e aí vai... [...] Estamos partindo pra outras vertentes de jornalismo, buscando o serviço (ROA JÚNIOR, 2009).

Esta tentativa se deve à crescente preocupação no Diário da Amazônia com os sites de notícia, e pela percepção – no jornal – de que se trata de uma disputa por leitores: “Então, como o que acontece hoje amanhã tá velho, por causa dos sites, a gente tem trabalhado na medida do possível para acompanhar [...]” (ROA JÚNIOR, 2009). Além disso, os sites se convertem, assim como os *releases*, em fontes para o jornal, o que se deve, em grande medida, à falta de jornalistas à disposição da redação.

Nós temos uma briga com os sites por noticiar o factual. E nós perdemos essa briga. Então nós temos que trabalhar com o conflito, com a falta de hábito de leitura, junto com o oferecer algo que atraia a leitura. Qual seria a solução? Trabalhar serviços, trabalhar a informação de maior qualidade, trabalhar o como do como. Buscar o interpretativo. Mas é um vôo cego, não tem uma pesquisa pra saber se é isso que o leitor quer (ROA JÚNIOR, 2009).

E aqui surge o que pode ser tomado como uma contradição no Diário da Amazônia: para tentar oferecer material diferenciado daquilo já publicado em sites de notícias e em outros jornais, o DA acaba por utilizar maior quantidade de *releases* e matérias que têm como fonte sites de notícias, a fim de tentar liberar jornalistas para cumprir pautas “interpretativas”. Isso tem feito surgir coberturas mais elaboradas, de maior fôlego, mas com o prejuízo das coberturas cotidianas, que acabam ficando atreladas ao que é enviado por assessorias e por aquilo já veiculado em outros meios de comunicação, havendo aí apenas a checagem e alguma modificação no texto a ser publicado. Se por um lado maior atenção para

à cobertura do factual é observada no jornalismo nacional, no Diário da Amazônia fica atrelada ao que chega até a redação, sem que tenha sido por ela de fato produzido. É assim que boa parte do que é apurado e redigido cotidianamente por repórteres do Diário é o material enviado pelos correspondentes das sucursais do interior de Rondônia, estes também permeados por *releases* reescritos. Isso em função seja da falta de estrutura e de pessoal de redação, ou na maneira como se configuram as limitações impostas pela organização da circulação do jornal.

Não temos tempo de estabelecer uma rotina, então ela [se refere a uma repórter] tá ligando, pra ver se acha o pessoal, pra correr atrás de fazer a matéria. Muitas vezes resolve o teu problema por que dá pra fazer por telefone. [...] Nos falta condições, digamos de tempo, até por uma política da empresa nós temos aqui uma carga horária de cinco horas, em cinco horas você sabe que não dá pra fazer nada (ROA JÚNIOR, 2009).

Estas são nuances fundamentais para compreender o Diário da Amazônia como produto final colocado em circulação e ao qual têm acesso os leitores. A tentativa de inovar este produto final, que no circuito de Martin-Barbero é tomado como Formato Industrial, encontra limites nas contingências impostas seja pelas estruturas empresárias do Diário da Amazônia e àquelas às quais está atrelado; na formação dos produtores e nas condições a eles oferecidas; e mesmo no cenário delineado pela/para a comunicação social em Rondônia. São fatores que precisam ser tomados à luz de um contexto maior, o das legitimações e apropriações decorrentes de um percurso sócio-histórico-cultural particular de Rondônia e da Amazônia.

5. TEXTOS DO VIVIDO

A última instância do circuito de pesquisa aqui proposto trata dos Formatos Industriais, ou seja, dos Textos postos em circulação pelo Diário da Amazônia. O corpus de pesquisa é pensado em termos de recorte temporal, de forma que possa ser representativo e, ao mesmo tempo, limitado o suficiente para viabilizar a proposta de análise assumida. É assim que é feita a opção por sete edições do jornal Diário da Amazônia. A escolha por este conjunto de edições se deve às significações possíveis de serem apreendidas a partir dele, uma vez que dois dos principais eventos cobertos no período são, cada um, ligados a um dos complexos culturais tratados ao logo deste trabalho.

O recorte do corpus levou em consideração o período de realização do Arraial Flor do Maracujá, que acontece em Porto Velho e ligado ao complexo cultural identificado como próprio das populações ribeirinhas, aqui tomadas como as populações tradicionais de Rondônia. Durante o mesmo período, em 2009, teve lugar a Exposição Feira Agropecuária, Industrial e Comercial de Vilhena, Expovil, no interior do estado, esta ligada ao complexo cultural da colonização agrícola. A proposta é realizar a análise dos Textos referentes às festas ligadas ao complexo cultural tradicional do ribeirinho e ao complexo ligado ao colono imigrante como forma de apontar representações identitárias legitimadas no Diário da Amazônia. Para isso não se deve perder de vista que os eventos e os Textos são parte de um contexto amplo, considerando as Matrizes Culturais a que estão ligados; a efetiva

institucionalização de um e outro; as Lógicas de Produção, e a *tecnicidade*, esta compreendida como os usos dos recursos técnicos disponíveis por parte dos meios de comunicação.

Nesta seção acontecerá a análise e discussão, primeiro com relação aos elementos para a constituição do corpus da pesquisa e os pormenores das decisões, e as razões para se tomar um e outro evento como índice das relações entre os complexos culturais. Em seguida será realizada a aproximação necessária entre os conceitos até aqui apresentados e os dados reunidos em entrevistas, observação e a análise dos Textos.

5.1. As práticas visíveis no Diário da Amazônia

A discussão até aqui realizada sobre as características da população de Rondônia procura deixar claro a existência de dois complexos culturais distintos, cada um formado a partir de diferentes migrações, motivadas por distintos ciclos de ocupação do estado e da região Norte. Estes complexos culturais têm na realização de suas festas um dos mais marcantes pontos de diferenciação e é nesta característica particular que a atenção deve ser concentrada para a constituição do *corpus* de pesquisa. Para isso toma-se as festas populares como elementos de fixação de um “sentido histórico [que] intervém na constituição de agentes centrais para a constituição de identidades modernas”, uma vez que os ritos e comemorações têm papel relevante na renovação de uma hegemonia política (CANCLINI, 2006, p. 160).

As festas populares são aqui tomadas como movimentos de teatralização do poder num esforço de apresentar uma origem, uma instância fundadora com a qual se deve relacionar hoje. Esta posição é relevante para que se possa perceber as relações entre cultura e poder que se estabelecem em sociedade, e que acabam por legitimar um conjunto de práticas

em detrimento de outros, ao fazer surgir coincidências ontológicas entre a realidade e a sociedade com a representação e os símbolos que as representam.

Daí que sua principal atuação dramática seja a comemoração em massa: festas cívicas e religiosas, comemorações patrióticas e, nas sociedades ditatoriais, sobretudo restaurações. Celebra-se o patrimônio histórico constituído pelos acontecimentos fundadores, os heróis que os protagonizaram e os objetos fetichizados que os evocam. Os ritos legítimos são os que encenam o desejo de repetição e perpetuação da ordem (CANCLINI, 2006, p. 163).

Essa ritualização do poder através de festas apresenta um único e excludente patrimônio histórico, que desautoriza transformações e a agregação de outras representações, impedindo mobilidades, desterritorializações e ações que tendam para a heterogeneidade. Um complexo cultural busca a afirmação de suas próprias representações, enquanto outras são tomadas como exógenas e por isso não assimiláveis. Pelo lado das populações tradicionais, o que pode ser aplicado a Rondônia, as comemorações tornam-se práticas compensatórias, uma vez que não se pode competir com o complexo cultural antagônico, e por isso celebra a si própria. Por sua vez os colonos imigrantes assentam suas festas no desconhecimento do passado e “[...] pode-se supor que sua ‘ignorância’ se deve ao interesse em preservar os privilégios que conquistaram no período idealizado” (CANCLINI, 2006, p. 168).

Aqui se deve observar que, ainda a partir de Canclini (2006), não há – ao que se apresenta na configuração social de Rondônia – complexos culturais que podem ser identificados como tradicionalistas e renovadores. Ao invés disso nota-se que há, sim, o conflito entre dois grandes grupos tradicionalistas, mas com bases culturais e práticas absolutamente distintas e disputando o espaço de hegemonia. Tanto ribeirinhos – aqui identificados com uma cultural tradicional⁵⁸ – como colonos – apontados como o elemento novo na sociedade em questão – ligam-se a representações tradicionais, uma nordestina

⁵⁸ Como foi anotado no capítulo 3, não se trata de uma população tradicional no sentido de ter uma relação autóctone com a região em que se encontra Rondônia. Diferente disso, a terminologia é tomada para diferenciar as populações do complexo ribeirinho daquelas chegadas na segunda metade do século XX. Assim, o termo tradicional refere-se mais ao tempo em que este grupo está fixado em Rondônia, em comparação com garimpeiros e colonos, por exemplo.

adaptada ao meio amazônico, e outra sulista que ao invés de adaptação, busca a subversão do meio.

Nestes termos uma característica, já explorada anteriormente, é aquela que mostra a concentração da população tradicional, e das suas representações culturais, na porção norte e oeste de Rondônia, às margens dos principais rios do estado, enquanto a população formada a partir da colonização está concentrada no centro e no sul, área que abrange quase a totalidade dos municípios do interior rondoniense. Se há, por um lado esta constituição de regiões com a predominância de uma ou outra população, mais importante é a inferência que aponta para a existência de uma fronteira simbólica entre um e outro complexo cultural.

Os eventos e festas populares ligadas à população tradicional de Rondônia se concentram nos vales dos principais rios do estado, como o Madeira, o Mamoré e o Guaporé. É nas cidades às margens destes rios que está fixada a maior parte da população que tem suas bases culturais nos ciclos de ocupação anteriores à década de 1960, principalmente nos períodos correspondentes à exploração de seringais. Entre os eventos e festas que podem ser destacados estão as disputas de quadrilhas e bois-bumbás e festas religiosas.

No Vale do Guaporé o destaque é para a Festa do Divino Espírito Santo, tradição que remonta à segunda metade do século XIX e tem raízes em festas semelhantes na Europa. Atualmente é mantida por populações remanescentes de quilombos surgidos na região ainda no século XVIII, durante a exploração de ouro. Na festa se reúnem moradores de vilas tanto da margem brasileira como boliviana do rio Guaporé, em uma procissão de barcos que pode durar até 40 dias e percorre as principais localidades do vale. Outra festa religiosa tradicional é a Procissão de São Pedro, realizada por pescadores de Porto Velho e de

localidades próximas. O destino é a Igreja de Santo Antônio, na localidade de Santo Antônio⁵⁹, e acontece sempre no dia 29 de junho, Dia dos Pescadores.

As disputas de quadrilhas e bois-bumbás acontecem nas cidades de Guajará-Mirim e Porto Velho. Na primeira tem lugar o Festival Folclórico Pérola do Mamoré, realizado há 15 anos. Conhecido como Duelo da Fronteira – Guajará-Mirim fica às margens do rio Mamoré, na fronteira com a Bolívia – é polarizado entre os bumbás Flor do Campo e Malhadinho⁶⁰, cada um com cerca de quatro mil integrantes. No festival, que aconteceu no mês de agosto de 2009 e durou três dias, foi inaugurado o bumbódromo de Guajará-Mirim, lugar projetado para a realização do evento anual.

Já a principal festa tradicional é o Arraial Flor do Maracujá. Trata-se de um festival em que são realizadas disputas entre grupos de boi-bumbá e quadrilhas, e é reconhecido tanto pela população como pelo governo do estado como o maior do gênero em Rondônia. O evento acontece desde 1982, sempre em Porto Velho, e teve origem na competição de quadrilhas organizada por moradores do bairro Triângulo, um dos mais antigos da cidade e formado principalmente por pessoas oriundas da região Nordeste.

As escolas do bairro Triângulo tinham grupos de quadrilhas e estas foram reunidas pelos moradores e, junto com a quadrilha Flor do Maracujá – que ensaiava no pátio da estação da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré – foi organizado o primeiro Arraial Flor do Maracujá. Já no primeiro festival aconteceu a disputa entre grupos de bois-bumbás, formato que ainda é mantido, mas com a prevalência da disputa entre quadrilhas, divididas em várias categorias de idade. O evento, que reúne em média 15 mil pessoas a cada dia, não tem um local específico para ser realizado, e uma estrutura temporária é montada para atender o

⁵⁹ A vila de Santo Antônio, uma das mais antigas de Rondônia, distante 14 quilômetros de Porto Velho, vai desaparecer sob as águas da barragem da hidrelétrica de Santo Antônio, uma das duas usinas que compõem o Complexo do Madeira. A outra é a hidrelétrica de Jirau.

⁶⁰ Com acontece na cidade amazonense de Parintins, em Guajará-Mirim os bumbás também têm as cores azul e branca como principais símbolos e, entre outras características, os adeptos de um ou outro grupo não pronunciam o nome do adversário. Ao invés disso referem-se ao “contrário”.

festival, com espaço para comidas típicas do Norte e Nordeste brasileiro, e para a apresentação de bandas de forró.

Por seu turno as festas agropecuárias em Rondônia começaram a ser realizadas já a partir da primeira metade dos anos 1980, e se multiplicaram a partir da década seguinte, principalmente no interior do estado. Atualmente há um calendário de feiras agropecuárias, reconhecido pela secretaria de estado de Agricultura, de forma que as principais aconteçam em datas diferentes, mas numa sequência que acaba por configurar um circuito estadual. As feiras são classificadas como eventos mistos, pois reúnem além de setores diretamente ligados ao agronegócio, empresas varejistas e indústrias. Nelas há a comercialização, exposição e leilão de animais, venda de implementos agrícolas e veículos, estandes de lojas e indústrias e shows musicais, quase que exclusivamente de cantores sertanejos de renome nacional. O período de duração é variável entre três e nove dias, de acordo com a relevância do evento no contexto estadual.

De acordo com dados da secretaria estadual de Agricultura, a confluência de setores nestes eventos faz com que, no conjunto, tenham sido movimentados em 2005 cerca de R\$ 110 milhões⁶¹. Dos 52 municípios de Rondônia pelo menos metade deles realiza sua feira agropecuária, eventos que na maior parte são considerados o ponto alto no calendário anual de atividades pelas prefeituras e pelo governo estadual. As feiras ainda podem ser tomadas como os principais eventos populares nas maiores cidades de Rondônia.

Exemplo da relevância das festas agropecuárias são as chamadas cavalgadas de abertura, que reúnem milhares de pessoas em percursos que tomam as cidades em direção aos parques de exposições, áreas específicas para o evento que no restante do ano são quase totalmente ociosas. A estimativa das entidades responsáveis pelas feiras agropecuárias realizadas anualmente nas cidades de Porto Velho, Ariquemes, Ji-Paraná e Vilhena, é de que

⁶¹ FEIRAS agropecuárias movimentam US\$ 3 bilhões ao ano, 2005.

em média 20 mil pessoas passem pelos parques de exposições a cada dia de evento. A considerar que cada um desses eventos tem duração de nove dias, mais de 700 mil pessoas passam somente por estas feiras – aqui vale lembrar que a população de Rondônia é de 1,5 milhão de pessoas.

A definição do corpus de pesquisa levou, então, em consideração a existência desses dois grupos de eventos, ligados um à população tradicional e o outro à população de migração recente, e a cobertura do Diário da Amazônia a estes eventos. Com isso verificou-se que durante 2009 o jornal optou pela cobertura de um grupo de nove feiras agropecuárias, realizadas entre junho e setembro, usando cadernos especiais diários referentes a estes eventos. No total foram publicados 46 cadernos especiais neste período, que corresponde à realização das principais feiras agropecuárias de Rondônia.

Tabela 3
Cobertura de cadernos especiais do Diário da Amazônia

Evento	Cidade	Período	Edições*
Expovel	Porto Velho	05/06 a 14/06	7
Agrishow	Jaru	24/06 a 28/06	3
Expovil	Vilhena	27/06 a 05/07	7
Expojipa	Ji-Paraná	04/07 a 12/07	7
Expoari	Ariquemes	25/07 a 02/08	7
Expoagro	Rolim de Moura	05/08 a 08/08	4
Expoac e Agrishow-Norte	Cacoal e Ouro Preto do Oeste	12/08 a 16/08	4**
Expopib	Pimenta Bueno	05/09 a 13/09	7
	Total	56 dias	46 cadernos

*O Diário da Amazônia não circula aos domingos.

**Os cadernos especiais cobriram dois eventos neste período.

É também entre junho e agosto que acontecem as festas religiosas e as disputas de bumbás e quadrilhas juninas. Assim focou-se atenção nos períodos em que houve a coincidência de datas entre feiras agropecuárias e festas tradicionais. Com isso definiu-se o período entre 27 de junho e 5 de julho para a constituição do *corpus* a ser analisado. É entre estas datas que teve lugar o 28º Arraial Flor do Maracujá, em Porto Velho, enquanto na cidade de Vilhena, no interior de Rondônia, foi realizada a 24ª Exposição Agropecuária,

Industrial e Comercial de Vilhena, a Expovil. A estratégia para análise consiste, então, na comparação dos Textos postos em circulação a partir da cobertura do Diário da Amazônia destinada a um e outro grupo de eventos: aqueles ligados ao complexo cultural ribeirinho, com destaque para o Flor do Maracujá; e aqueles ligados ao complexo cultural identificado com a colonização agrícola de Rondônia, em especial a Expovil. A partir dos resultados alcançados buscar-se-á apontar quais são as práticas culturais legitimadas, no Diário da Amazônia, como representações identitárias preferenciais de Rondônia.

5.1.1. As presenças na cobertura do Diário da Amazônia.

A cobertura dos eventos e festas próprias dos ribeirinhos ou dos colonos deve ser tomada a partir do contexto em que está inserida nas Lógicas de Produção do Diário da Amazônia. É assim que a publicação de sete edições de um caderno especial sobre a feira agropecuária de Vilhena precisa ser colocada em perspectiva e compreendida como parte do grupo de 46 cadernos referentes a nove eventos agropecuários. Da mesma forma, os espaços destinados ao Flor do Maracujá precisam ser relacionados ao que foi publicado sobre outros eventos da cultura tradicional.

O Diário da Amazônia mantém uma coluna direcionada aos eventos culturais próprios da população tradicional de Rondônia. Trata-se da página Zé Katraca, assinada pelo jornalista Silvio Santos, que entre segunda e sábado é publicada na página 3 do caderno Cultura, e nos domingos é deslocada para a página 2 do Diário Revista, encarte em formato tablóide. Durante os períodos de realização da procissão de São Pedro, do Duelo da Fronteira e do Arraial Flor do Maracujá, não houve um planejamento específico para a cobertura dos eventos. Os produtores do Diário da Amazônia sinalizam que há um esforço para a cobertura dos eventos ligados à cultura ribeirinha.

Eu acho que o jornal trabalha essa questão cultural, estamos até buscando dedicar um espaço maior, para que esse processo econômico que está acontecendo hoje não acabe oprimindo essas manifestações culturais. A gente entende que isso faz parte da

identidade cultural do estado e deve ser preservado. [...] sempre pautamos também matérias referentes aos povos tradicionais da floresta, à questão ambiental, povos indígenas, quilombolas. Tem sido tema recorrente, não é um tema que a gente abandonou (LIBERATO, 2009).

Isso, no entanto, não se reflete no volume de conteúdo veiculado, este relativamente escasso – como pode ser visto na Tabela 5 – e com uma abordagem que não apresenta estas festas populares com o mesmo destaque dado a outros eventos. A maior parte da cobertura destes eventos aconteceu na página Zé Katraca, sem que outros espaços fossem destinados.

É um movimento inverso que se pode verificar quando se observa os espaços voltados para as festas agropecuárias. Além dos cadernos especiais, a cobertura das práticas voltadas para este outro complexo cultural já estava presente no caderno Agronegócios, que circula aos domingos, e matérias diretamente a ele ligadas são distribuídas em diversas editoriais, principalmente Cidades, onde se concentra a cobertura do interior do estado. Diante à prevalência de espaços destinados às práticas ligadas à colonização agrícola de Rondônia, os espaços voltados para uma cultura tradicional podem ser tomados como locais de resistência dentro do próprio jornal. Esta posição é explicitada pelo editor-geral do Diário da Amazônia:

A gente tem aqui um personagem, que é até nosso colunista, o Silvio Santos, o Zé Katraca, que é um pouco uma representação dessa raiz cultural. Ele é um nativo do beiradão do Madeira, nasceu em São Carlos, na margem do rio Madeira, e é um pouco da raiz da identidade local, ou seja, vamos pegar o migrante que chegou aqui do Sul, Sudeste, e quem já estava aqui. O Zé Katraca representa isso, e o espaço que ele ocupa, que é uma página inteira, é dedicado quase que inteiramente a esse movimento cultural, de *resistência dessa identidade primeira* (LIBERATO, 2009). [destaque meu]

A cobertura preferencial de eventos ligados ao complexo cultural da colonização agrícola de Rondônia é tomada no Diário da Amazônia como um reflexo das demandas da sociedade, em geral, e dos seus leitores, em particular. Essa posição é adotada ao mesmo tempo em que se tenta oferecer espaço na cobertura para temas relacionados às populações tradicionais, mas torna-se claro, na comparação entre os textos voltados para uma e outra temática, que não há paridade, mas a prevalência de uma dessas posições. Se por um

lado há a tentativa de manter um espaço de “resistência” no jornal, por outro há a decisão de se priorizar a cobertura de temáticas ligadas, direta ou indiretamente, ao agronegócio e às suas representações: “Isso é uma demanda da sociedade. A gente aborda por que é um tema da ordem do dia, como é o agronegócio. A gente criou o caderno de agronegócio para refletir a economia do estado. Se vai refletir comercialmente, é uma consequência” (LIBERATO, 2009). A lógica utilizada no Diário da Amazônia segue na mesma direção de um movimento já identificado por Martin-Barbero, para quem o gosto popular está ligado ao prazer da repetição e do reconhecimento, onde

Falam tanto o gozo quanto a resistência: a obstinação do gosto popular por uma narrativa que é ao mesmo tempo matéria-prima de formatos comerciais e dispositivo ativador de uma competência cultural, terreno no qual a lógica mercantil e a demanda popular às vezes lutam, e às vezes negociam (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 303).

A concentração na cobertura das feiras agropecuárias acontece no interior do estado, justamente onde os recursos e a disposição de jornalistas é reduzida. Mesmo assim este trabalho é priorizado, em detrimento da cobertura de eventos realizados em Porto Velho, como é o caso do Flor do Maracujá. É possível apontar que a cobertura de um evento em Porto Velho teria melhores condições para ser levada a efeito, o que não se repete no interior de Rondônia, onde o Diário da Amazônia mantém, normalmente, seis correspondentes, apenas. Este aspecto, que evidencia a preferência pela cobertura das feiras agropecuárias, torna-se mais aparente em casos de feiras realizadas em cidades onde não há correspondentes permanentes, como deixado claro pela editora dos cadernos de feiras agropecuárias, Aurimar Souza: “A estrutura usada para a cobertura já estava nas cidades, e foi mantida a mesma que já se oferece aos correspondentes. Só em Jaru, que não tem, e aí foi gente pra lá” (SOUZA, 2009).

A contradição que leva a ser efetivada a cobertura extensa de um grupo de eventos, sem os devidos recursos para tal, é apontada pelo editor-geral do Diário da Amazônia, Guarim Liberato, como falta de gestão e planejamento estratégico. Com isso a

prática cotidiana e as condições oferecidas, somadas a atrelamentos econômicos e políticos acabam limitando as possibilidades e levando a haver mais atenção a um setor que a outro. Isso, no entanto, não é o índice necessário para se compreender a razão pela qual há prevalência de eventos, e conseqüentemente de um complexo cultural, distantes do local onde estão concentrados os principais recursos disponíveis para o Diário da Amazônia. Tal índice pode estar na conjunção dos elementos já elencados com outras posições, relacionadas à legitimação da cultura dos imigrantes da colonização agrícola:

Eu não entendia a filosofia dos cadernos de exposições. Agora eu chego e pergunto: o que a gente quer? É a divulgação do agronegócio, a fomentação, a movimentação popular, as figuras que aparecem na feira, pois aparecem pessoas que não têm nada a ver com o agronegócio, mas que vão atrás da feira. O evento proporciona a aglomeração, e então as pessoas correm atrás para atender o que elas buscam. E o jornal foi para atender também (SOUZA, 2009).

Outro elemento é a distância entre as referências culturais dos produtores do Diário da Amazônia do complexo cultural da população tradicional, o que pode resultar em obstáculos para a compreensão das práticas efetivadas nas festas tradicionais. Esse movimento pode ser apontado a partir da fala de Santiago Roa Júnior, secretário de redação do Diário da Amazônia:

Eu, como leitor que há oito anos mora em Rondônia, falo: eu não via [a cultura tradicional]. E se via não entendia. Eu lia a coluna do Zé Katraca e não entendia. Então falta o quê? Uma tradução dos movimentos culturais daqui. Falavam do Flor do Maracujá, e eu não sabia o que era, se era uma festa de quadrilha ou não sei o quê (ROA JÚNIOR, 2009).

O contato com as práticas ribeirinhas é conjugado com as práticas jornalísticas do Diário da Amazônia a partir de um discurso de paridade da cobertura. Mas, ao mesmo tempo em que pretendem a aproximação os produtores do DA – jornalistas, editores e proprietários do jornal – tomam as práticas ribeirinhas como diferentes. E como diferentes são tratadas nas páginas do Diário da Amazônia, passíveis dessa tradução pelos leitores.

5.1.2. Uma semana, duas representações

Nas sete edições que compõem o corpus de análise deste trabalho as posições até aqui mencionadas, se não se tornam explícitas, são verificadas de maneira contundente. Assim, tanto os espaços destinados a um e outro grupo de eventos, e em particular ao Arraial Flor do Maracujá e à Expovil, são índices de uma cobertura preferencial e, da mesma forma, os sentidos colocados em circulação a partir dos textos publicados, são exemplos da legitimação de um conjunto de práticas em detrimento de outro, apesar das pretensões dos produtores do Diário da Amazônia, que não deixam esconder uma bem marcada preferência por um complexo cultural. Essa preferência se dá no discurso, na construção de uma narrativa a partir de um contexto sócio-histórico específico.

Durante o período delimitado na pesquisa, entre os dias 27 de junho e 5 de julho de 2009, foi feita a observação de matérias publicadas que faziam referência direta às práticas e interesses próprios de um e outro complexo cultural. Nesta etapa ficou evidente a preponderância da presença de temas que se referem às práticas dos colonos, tal como apresentado na tabela abaixo, em que são tomados os títulos das matérias encontradas com este perfil como índices de uma cobertura preferencial pelo Diário da Amazônia. Para isso não foram considerados espaços específicos, como os cadernos de feiras agropecuárias, o caderno Agronegócio e a página Zé Katraca

Tabela 4
Matérias ligadas aos complexos
culturais ribeirinho e da colonização

Data Edição	Práticas tradicionais	Práticas dos colonos
27 e 28/06 Ed. 4319	“Benefício: Lula sanciona Lei da Pesca” A-6	“Código florestal: Deputados cobram revisão de legislação” A-4 “ALE: Audiência pública discute novo código florestal” A-4 “Ruralista: Prazo para pagar dívida é ampliado” A-6 “Ariquemes: ‘Boi pirata’ não terá mercado” D-1

29/06 Ed. 4320		“Terra legal: Agricultores de Nova Mamoré pedem solução rápida” A-6
30/06 Ed. 4321		“ALE: Deputados discutem Código Florestal” A-3 “Código Florestal: Desmatamento zero beneficia agricultores” A-4 “Ambiental: Lei será amenizada aos pequenos produtores” A-6 “Acre: Olarias podem parar por falta de matéria-prima” A-7 “Nova Mamoré: Problemas fundiários ainda sem solução” D-3 “Terra legal: Site informa dados atualizados” B-3
1º/07 Ed. 4322	“Acre: Projeto alfabetizará 400 pescadores” A-7 “Infraestrutura: Começa obra do porto do Cai N’Água” B-3	“Código Florestal: Peculiaridades devem ser atendidas” A-3 “Bovinos: Abate cai 11,1% no 1º trimestre” A-6 “Arco Verde: Terra Legal regulariza lotes” D-2 “Ji-Cred: Câmara homenageia cooperativa” D-2 “Jorge Teixeira: Certificada a primeira gleba em Rondônia” D-2 “Mais uma agroindústria adere ao Prove” D-3
02/07 Ed. 4323	“Ribeirinhos: Prefeito lança obras do terminal hidroviário” A-3	“Pará: Deputados aprovam projeto que facilita a regularização fundiária” A-7 “Rolim de Moura: Produtores debatem Código Florestal” D-1 “São Miguel: Associações recebem maquinário” D-2 “Machadinho: Mutirão Arco Verde nesta semana” D-2 “Cacoal: Estradas vicinais serão recuperadas” D-3 “Theobroma: Políticas fortalecem a agropecuária” D-3
03/07 Ed. 4324		“Código Florestal: Raupp participa de audiência pública” A-4 “Pecuária: BNDES vai exigir origem dos bois” A-7
04 e 05/07 Ed. 4325	“Conferência: Pescadores discutem produção” B-3 “Inclusão: Karitianas vão aprender informática” B-5	“Machadinho: Mutirão Arco Verde reúne agricultores” D-2 “Alto Paraíso: Produtores rurais solicitam apoio” D-2

A maior presença de matérias voltadas para as preocupações e interesses da parcela da população rondoniense ligada ao complexo cultural do colono – são 27 matérias

contra seis voltadas para o que são interesses ribeirinhos – é apontada como natural pelo editor-geral do Diário da Amazônia, Guarim Liberato, como já explicitado anteriormente, ao ser considerada uma “demanda da sociedade” ter acesso a estas informações. Este movimento, tido como de interesse maior da sociedade, se reflete na seleção das pautas a serem contempladas em cada edição do DA, e na seleção de eventos e festas populares que terão menor ou maior atenção e espaço de cobertura.

No recorte específico da pesquisa, a cobertura de festas ligadas ao complexo cultural ribeirinho ou da colonização, é possível verificar a mesma predominância, o que leva a novo índice sobre as preferências de cobertura no Diário da Amazônia. Entre os dias 27 de junho e 5 de julho, referentes às edições 4319 a 4325, o DA publicou oito cadernos especiais de feiras agropecuárias, sete sobre a Expovil e um sobre a Exposição Agropecuária, Comercial e Industrial de Ji-Paraná, Expojipa – que aconteceu de 4 a 12 de julho. Em função da coincidência de datas das festas nos dias 4 e 5 de julho, o jornal fez circular dois cadernos especiais na mesma edição, a número 4325. Este conjunto de cadernos especiais traz 41 matérias especificamente sobre estes eventos. No mesmo período foram publicadas na página Zé Katraca 12 matérias referentes ao Arraial Flor do Maracujá, além de outras três matérias que faziam referências a eventos culturais sem ligação com as populações ribeirinhas (Tabela 5). Ainda na página Zé Katraca foram publicadas, no mesmo período, cinco colunas Lenha na Fogueira, que ocupa um terço da página, quase na totalidade dedicadas ao Flor do Maracujá.

A disparidade entre a atenção dispensada a um e outro grupo de eventos é indicativo da preferência pela cobertura daqueles ligados ao complexo cultural da colonização, que tem suas práticas voltadas principalmente para a atividade agrícola e com isso acaba por haver mais espaço para suas demandas e interesses no Diário da Amazônia. No entanto, a presença mais destacada de matérias não é o suficiente para apontar a legitimação de um grupo de práticas culturais como próprias da identidade cultural de Rondônia. O

conteúdo destas matérias é fundamental para chegar a uma percepção sobre os movimentos de legitimação realizados no Diário da Amazônia e, por extensão, nos demais veículos do SGC, e com isso inferir um movimento preferencial nos meios de comunicação de Rondônia.

Tabela 5
Matérias sobre feiras e festas ribeirinhas em páginas específicas

Edição Data	Cadernos de feiras	Número de matérias	Caderno Cultura	Número de Matérias
4319 27 e 28/06	Expovil	04	Zé Katraca	01
4320 29/06	Expovil	04	Zé Katraca	02
4321 30/06	Expovil	04	Zé Katraca	02
4322 1º/07	Expovil	03	Zé Katraca	02
4323 02/07	Expovil	05	Zé Katraca	02
4324 03/07	Expovil	05	Zé Katraca	03
4325 04 e 05/07	Expovil e Expojipa	15*	Zé Katraca	01

*Na mesma edição foram veiculados dois cadernos de feiras agropecuárias. O número corresponde à soma de matérias neles publicadas.

Esta noção leva à necessidade de um recorte ainda mais específico, a fim de se deter sobre os discursos acionados e postos em circulação. Para isso, além dos números referentes à quantidade de matérias publicadas como índices de uma cobertura preferencial, toma-se um *corpus* específico de análise, formado por matérias publicadas nos cadernos de circulação diária no jornal. Nos espaços específicos destinados às feiras agropecuárias ou às festas tradicionais os Textos, uma vez considerados o caráter excepcional dos cadernos de feiras agropecuárias, por exemplo, acabam por ter caráter marcadamente laudatório dos conjuntos de práticas a que se referem. Já nas editorias fixas do Diário da Amazônia a presença de matérias voltadas para um e outro grupo de eventos é indicativo dos discursos acionados pelo jornal e dos movimentos de legitimação possíveis de serem verificados. Nestes espaços não se assume a relação direta com um ou outro complexo cultural, mas a pretensão

de distanciamento. O corpus de análise, então, é composto pelas matérias publicadas nas edições selecionadas, mas fora dos espaços específicos.

Tabela 6 – Matérias selecionadas para análise

Edição Data	Ribeirinhos	Colonos
4319 27 e 28/06	Capa: “É festa no Arraial do Flor do Maracujá” (anexo 1-A) B-2: “Festas juninas: Arraiais geram emprego e renda” (anexo 1-B)	
4320 29/06	Capa: “Beleza e fogos no arraial do Flor do Maracujá” (anexo 2-A) B-1: “Flor do Maracujá: Quadrilhas desabrocham no arraial” (anexo 2-C)	Capa: “Expovil abre com grande cavalgada” (anexo 2-A) A-7: “Expovil: Maior cavalgada de todos os tempos” (anexo 2-B)
4321 30/06	Capa: “Pescadores agradecem a São Pedro” (anexo 3-A) Capa: “Disputa é boa no Arraial Flor do Maracujá”** (anexo 3-A) B-1: “Tradição: Devotos agradecem em procissão” (anexo 3-B)	Capa: “Nicole é eleita rainha da Expovil”*** (anexo 3-A) D-3: “Vilhena: Pecuária sustentável é tema de palestra” (anexo 3-C)
4322 1º/07	Capa: “Temporal danifica arraial do Flor do Maracujá” (anexo 4-A) B-1: “Temporal” (foto legenda) (anexo 4-B)	D-3: “Izidolândia: 3ª Expolândia atrai milhares de pessoas” (anexo 4-C)
4323 02/07	Capa: “Noite dos terceirões no Flor do Maracujá”** (anexo 5-A)	D-1: “Expoari: Belas jovens concorrem ao título de Rainha” (anexo 5-B) D-3: “Expoari 2009: Cavalgada não passará pela BR-364” (anexo 5-B) E-4: “Ji-municipal 2009: Expojipa adia jogos da 3ª rodada” (anexo 5-D)
4324 03/07		Capa: “Expoac: Passaporte a preço promocional é facilitado no cartão” (anexo 6-A) D-1: “Expoac: Passaportes vendidos no cartão” (anexo 6-B) D-2: “Machadinho: Associação firma parceria para Expoama” (anexo 6-C)
4325 04 e 05/07		Capa: “Expojipa: Exposição começa hoje com cavalgada” (7-A) D-1: “Ji-Paraná: 30ª Expojipa começa neste sábado” (anexo 7-B)

*Remete para página Zé Katraca, no caderno Cultura. **Remete para caderno especial Expovil.

É assim que chega-se a um conjunto de nove matérias sobre feiras agropecuárias publicadas durante o período destacado, mas fora dos cadernos especiais; e ao conjunto de quatro matérias sobre festas tradicionais, esta também fora dos espaços comumente destinado à cultura ribeirinha.

A partir delas se estabelece um conjunto de estratégias e movimentos, no Diário da Amazônia, que acabam por legitimar um conjunto de práticas e representações culturais, enquanto outro é mantido à margem, seja nos espaços tomados no jornal, seja na circulação de Textos a partir das matérias que tomam como pauta um e outro complexo cultural que se encontram atualmente em Rondônia.

5.1.2.1. Movimentos de legitimação

Ao se deter sobre este conjunto de matérias alguns movimentos podem ser apreendidos a partir dos Textos por eles acionados. Trata-se de posições que não são verificáveis apenas pelos espaços ocupados por um ou outro conjunto de matérias, mas por estratégias presentes nos enunciados. É assim que pode-se verificar (a) a presença do Estado como *tutor* dos eventos ribeirinhos, sem o qual eles poderiam não acontecer, enquanto surge como *parceiro* das iniciativas para a realização dos eventos agropecuários; (b) as festas tradicionais ribeirinhas tomadas como um evento *singular*, enquanto cada feira agropecuária é apresentada como evento *plural*, composto por acontecimentos distintos e interligados; (c) os protagonistas⁶² das festas do complexo cultural ribeirinhos são *apagados* dos Textos do Diário da Amazônia, enquanto os protagonistas das feiras agropecuárias estão *presentes* nas matérias publicadas; (d) o atrelamento dos eventos ribeirinhos a *grupos determinados*, ao mesmo tempo que as feiras são consideradas festas do *conjunto da população* de Rondônia; (e) as práticas ribeirinhas tomadas como *diferentes*, em contraste com as práticas dos colonos,

⁶² Aqui protagonistas deve ser compreendido tanto como os organizadores e promotores dos eventos e festas como a parcela da população que deles participa.

estas *naturalizadas*. Trata-se de direções tomadas nos Textos presentes no Diário da Amazônia, que acabam por rumar para a legitimação de um complexo de práticas culturais.

O primeiro movimento destacado (a) é a presença marcante do Estado tanto nos eventos ligados a ribeirinhos como a colonos, com destaque para o seu papel de *tutor* no primeiro caso. Ao tratar do Arraial Flor do Maracujá as presenças da prefeitura de Porto Velho e do governo de Rondônia surgem como fundamentais para a realização do evento, e ainda com a necessidade de aportes maiores para garantir à festa a visibilidade que os organizadores esperam. A matéria “Arraiais geram emprego e renda” pauta a preparação e os custos para a confecção de fantasias e adereços para a apresentação de quadrilhas e bumbas:

Na manhã desta sexta-feira, o prefeito Roberto Sobrinho entregou um cheque de R\$ 100 mil para a Federação de Folclore e Grupos de Quadrilhas e Bois Bumbás de Rondônia [...] “Como está crescendo a competitividade e ninguém quer perder, os investimentos precisam ser maiores”, diz Severino. [...] Além dos recursos repassados pela prefeitura e pelo governo do Estado (R\$ 200 mil), ele conta com dinheiro repassado pela iniciativa privada, por meio da Lei Rouanet, que permite o abate de imposto de renda para empresas que investem na cultura (Diário da Amazônia, ed. 4319, p. B-2). [anexo 1-B]

Diferente da presença do Estado como responsável pela iniciativa no Flor do Maracujá, ao tratar de feiras agropecuárias ele surge como *parceiro*, enquanto a tomada de iniciativas é atribuída às entidades constituídas para a realização dos eventos. É este movimento que se pode notar a seguir:

A grande cavalgada, organizada pela Associação dos Agropecuaristas de Izidolândia, [...] A prefeitura de Alta Floresta [...] apoiou sem limites a realização do evento, disponibilizando máquinas e equipamentos e realizando a divulgação do evento (Diário da Amazônia, ed. 4322, p. D-3). [anexo 4-C]

Trata-se do mesmo movimento verificado em outra matéria:

A Associação Agropecuária de Machadinho do Oeste firmou parceria com a prefeitura da cidade para realização de serviços de limpeza e mão de obra para os trabalhos que antecedem a Expoama (Exposição Agropecuária de Machadinho do Oeste) (Diário da Amazônia, ed. 4324, p. D-2). [anexo 6-C]

A presença do Estado como *parceiro* de um grupo de eventos e *tutor* de outro pode ser tomada aqui como reflexo da institucionalização de práticas próprias do complexo cultural da colonização, enquanto outros conjuntos de práticas não encontram o mesmo

espaço de participação. A aproximação e a legitimação da cultura do colonizador pelo Estado em Rondônia é, então, consequência do contexto sócio-histórico-cultural recente de sua ocupação. Assim, as práticas ribeirinhas precisam ser *tutoradas* e buscar o fomento de suas práticas junto ao Estado, enquanto o mesmo Estado busca a *parceria* nos eventos próprios do complexo cultural da colonização agrícola, uma vez que ele mesmo pode ser tomado como parte deste complexo. Com isso o Estado, que institucionaliza as práticas da colonização, torna-se incentivador dos eventos ribeirinhos – sem o qual estes poderiam não acontecer – enquanto surge como parceiro das iniciativas para a realização dos eventos agropecuários motivados pelo interesse da sociedade.

A distinção entre os diversos momentos que compõem uma feira agropecuária em Rondônia, composta por eventos menores e por isso *plural*, é marcante quando há a aproximação da maneira como as festas tradicionais são tomadas como um único evento, e desta forma *singular*, sem que haja distinção de diferentes momentos que as constituem (b). Nas matérias publicadas pelo DA nas edições 4319 e 4320 isso pode ser observado pela homogeneização feita nos textos, que tratam, por exemplo, o Arraial Flor do Maracujá como uma “grande manifestação cultural do estado”, sem, no entanto, detalhar os momentos que constituem a festa. No primeiro texto a confecção de fantasias – pauta da matéria – é tomada de maneira genérica: “Responsável pela confecção de roupas da maioria dos grupos folclóricos de Porto Velho, o ateliê da Escola de Samba São João Batista está trabalhando a todo vapor para produzir as fantasias das quadrilhas que se apresentarão no arraial Flor do Maracujá” (Diário da Amazônia, ed. 4319, p. B-2) [anexo 1-B].

A mesma generalização pode ser notada no material veiculado no dia seguinte, em que se conta a origem do festival de quadrilhas e bumbás, e é apresentada a configuração dos grupos e as personagens que os compõem e “[...] bailam pela arena e os grupos acrescentam temas e enredos com esta configuração e contam e encantam com suas histórias”

(Diário da Amazônia, ed. 4320, p. B-1) [anexo 2-C]. Há outros exemplos da ausência da tomada de particularidades das festas ribeirinhas, em que o texto veiculado pelo DA as qualifica como as melhores e maiores manifestações das representações de uma cultura própria de Rondônia, sem apresentar justificativas para tal:

As quadrilhas e os bois-bumbás são hoje as principais manifestações da cultura rondoniense. [...] A riqueza nos detalhes, a beleza das roupas e adereços, assim como o rigor e a dedicação nas coreografias, além da motivação do público, fazem da festa a maior manifestação cultural do Estado (Diário da Amazônia, ed. 4320, capa). [anexo 2-A]

A festa começou na sexta-feira e prossegue até o dia 5 de julho com apresentações do que Rondônia tem de melhor em grupos de danças folclóricas (Diário da Amazônia, ed. 4319, capa). [anexo 1-A]

A ausência de particularidades das festas ribeirinhas contrasta com a apresentação das etapas que compõem uma feira agropecuária, estratégia repetida pelo Diário da Amazônia em diversos momentos durante o período superior a 90 dias em que, ao longo de 2009, aconteceram estes eventos em Rondônia. A escolha da rainha da festa, a cavalgada de abertura e a feira agropecuária propriamente dita são tratadas como momentos independentes e interligados. As sete edições foco de análise trazem matérias específicas sobre cada uma dessas etapas. A cavalgada de abertura da Expovil mereceu matéria no Caderno A do Diário da Amazônia, mesmo havendo um caderno especial sobre a feira: “A tradicional cavalgada que marcou o início da 24ª Expovil foi considerada a maior de todos os tempos” (Diário, ed. 4320, capa) [anexo 2-A]. Da mesma forma há o destaque para a escolha da rainha do evento: “Com apenas 15 anos, Nicole Nicolielo ganhou o título de mais bela da maior feira agropecuária do Cone Sul, a Expovil” (Diário da Amazônia, ed. 4321, capa) [anexo 3-A].

Mesmo movimento está presente em outras matérias, também sobre feiras agropecuárias, como é o caso de duas matérias publicadas na edição 4323, ambas sobre a Exposição Agropecuária, Comercial e Industrial de Ariquemes, Expoari. Outra nuance que merece menção é a tomada – assim como acontece com as festas ribeirinhas – das feiras agropecuárias como eventos grandiosos:

A APA [Associação dos Agropecuaristas de Ariquemes] informou que atendendo as reivindicações da população foi alterado o itinerário da cavalgada que será realizada dia 25 de julho de 2009, com início às 08hs00 (Diário da Amazônia, ed. 4323, p. D-3). [anexo 5-C]

Anualmente a Exposição Agroindustrial de Ariquemes (Expoari) é antecedida por um grande evento. [...]Na oportunidade será eleita a Rainha, Princesas e Garota Rodeio da feira agropecuária (Diário da Amazônia, ed. 4323, p. D-1). [anexo 5-B]

Ao serem apresentadas com momentos distintos no Diário da Amazônia as feiras agropecuárias acabam por ter sua presença no jornal acentuada, além de serem tomadas como eventos maiores, com maior visibilidade no jornal. Tal movimento se inverte quando as festas ribeirinhas são apresentadas com eventos *singulares*, em uma única narrativa sem distinção de suas nuances. Trata-se de cobertura preferencial, assumida a partir das Matrizes Culturais fixadas em Rondônia e da decorrente *institucionalização* dessas matrizes, que tornam maiores, mais “atentas” e abundantes as pautas voltadas para o complexo cultural da colonização.

As matérias têm – no período selecionado – uma similitude marcante quando se observa os textos dos eventos ligados ao complexo cultural ribeirinho e um contraste visível quando feitas comparações às matérias sobre as feiras agropecuárias. Trata-se do (c) *apagamento* dos protagonistas das primeiras, e da *presença*, nas páginas do DA, dos participantes das feiras agropecuárias. Mesmo que as procissões e arraiais sejam apresentados como “as principais manifestações da cultura rondoniense” (Diário da Amazônia, ed. 4320, capa) [anexo 2-A], há o evidente *apagamento* dos protagonistas dessas manifestações. Em nenhum dos quatro textos publicados entre os dias 27 de junho e 5 de julho foi dado voz para os membros de quadrilhas ou bois-bumbás. Na matéria “Arraiais geram emprego e renda” (Diário da Amazônia, Ed. 4319, p. B-2) [anexo 1-B] são ouvidos costureiros, artistas e artesãos, mas nenhum deles é apontado como membro de um dos grupos que participa do Flor do Maracujá. Ao invés disso são apresentados como membros e diretores de escolas de samba de Porto Velho, cuja estrutura é colocada a serviço dos grupos folclóricos:

Além de costurar, os profissionais ainda criam e desenham novas fantasias, enriquecendo o visual dos grupos. Francilene do Araci Barreto, costureira e presidente da Escola de Samba São João Batista, diz que no período do carnaval o ateliê é exclusivo para a produção das fantasias da escola. “Contribuímos para a cultura dessa forma, por isso o nosso trabalho é mais voltado para essas peças”, diz (Diário da Amazônia, ed. 4319, p. B-2). [anexo 1-B]

As fontes constantes nas matérias sobre o Arraial Flor do Maracujá são oficiais, pessoas que representam o Estado ou então informações atribuídas diretamente a instituições. Isso acontece ao mesmo tempo em que se mantém o discurso em que se afirmam as manifestações ribeirinhas como próprias de Rondônia.

Uma equipe da Secretaria Estadual de Cultura e Lazer (Secel) fez os reparos necessários para a realização da festa, que teve mais uma noite de sucesso e continua até o próximo domingo (Diário da Amazônia, ed. 4322, p. B-1). [anexo 4-B]

Quem afirma tal mudança é o professor Isaias Vieira dos Santos, então Secretário Adjunto de Cultura, Esporte e Lazer, que assistiu e participou da criação do grande evento. “Na época, o governador Jorge Teixeira era um grande incentivador da cultura”, explica Isaias (Diário da Amazônia, ed. 4320, p. B-1). [anexo 2-C]

A exceção do grupo de textos sobre as festas ribeirinhas é o que se refere à Festa de São Pedro, em que pessoas que participam da festa são ouvidas na matéria do Diário da Amazônia, mas mesmo neste caso é importante destacar o que pode ser um movimento que leva à desvalorização da prática ribeirinha. É isso que parece ocorrer quando a um ato de fé é contraposto um pedido não atendido:

Segundo a devota, entregou a filha e o neto nas mãos de São Pedro esperando por um milagre e prometendo dar o nome de Pedro, caso ele nascesse. Hoje Pedrinho já tem quatro anos de idade [...] Dona Maria Jacinta Monteiro Maia, também pescadora, fez uma promessa ao santo há três anos, que seria cumprida se seu irmão ficasse curado do câncer. Mesmo depois de apresentar melhoras, o homem faleceu após um ano, mas a fé e a devoção não foram abaladas, e dona Jacinta continua agradecendo a São Pedro nas procissões anuais (Diário da Amazônia, ed. 4321, p. B-1). [anexo 3-B]

Se por um lado os indivíduos que fazem as festas ribeirinhas estão ausentes das matérias do Diário da Amazônia, os participantes das festas agropecuárias, e os organizadores desses eventos, aparecem constantemente nos textos. Contraste ainda mais evidente entre estes dois grupos de matérias é a ausência de fontes ligadas ao Estado, e a presença de representantes de entidades que agregam agropecuaristas e são as responsáveis pela organização das feiras.

O Presidente da Arca [Associação Rural de Cacoal], Silvio Masiero, fez questão de entregar pessoalmente o aparelho e agradecer o apoio dado ano após ano pelo supermercado (Diário da Amazônia, ed. 4324, p. D-1). [anexo 6-B]

De acordo com João Molina, que faz parte a coordenação da Expoari, por determinação dos poderes públicos somente será autorizado incorporar os veículos na carreata, aqueles que estiverem vistoriados pelo Corpo de Bombeiros (Diário da Amazônia, ed. 4323, p. D-3). [anexo 5-C]

O consultor técnico do Fundo de Apoio a Defesa Sanitária Animal do Estado de Rondônia (Fefa-RO) e médico veterinário, Roberto Andrade Gracellé, apresenta nesta terça-feira (30/6), a palestra Pecuária: a necessidade de um “negócio” sustentável, durante a programação da 24ª Exposição Agropecuária de Vilhena (Expovil). O evento é uma promoção do Senar-RO e do Sindicato dos produtores Rurais de Vilhena, atendendo ao pedido do secretário, Evandro César Padovani, com apoio do Fefa-RO (Diário da Amazônia, ed. 4321, p. D-3). [anexo 3-C]

Da mesma forma no Diário da Amazônia os participantes das festas agropecuárias surgem como protagonistas dos eventos, e a eles é dado voz no jornal.

Para o tocador de berrante José Francisco Teixeira a cavalgada foi bonita, “eu que já estou participando da minha oitava, posso dizer que esta é a melhor de todos os tempos”. [...] “isso aqui está uma delícia bem temperado e assado, tá bom demais”, disse Valdir Santos. Mas não é somente ele que aprovou o tempero da carne para Carlos Gentil estava tudo muito bom [...] (Diário da Amazônia, ed. 4320, p. A-7). [anexo 2-B]

Por outro lado, o que se percebe é a ausência do protagonista das festas ribeirinhas, o indivíduo que participa destes eventos não está presente nas matérias do Diário da Amazônia. Ao invés dele está ali o representante do Estado, ou aqueles que o representam, o mesmo Estado que nos textos sobre as feiras agropecuárias é apenas “parceiro” dos eventos. É assim que o participante anônimo das feiras agropecuárias ganha voz, enquanto aquele que está nas festas ribeirinhas é silenciado, o que reforça a idéia destas festas como *singulares* e fechadas em torno de uma parcela determinada da população de Rondônia, em contraste com as feiras, estas acessíveis a todos, *plurais*.

Nos textos do Diário da Amazônia as festas de colonos e ribeirinhos têm ainda outro contraste: (d) se as feiras agropecuárias são apresentadas como eventos que envolvem o *conjunto da população* de Rondônia, quadrilhas, bumbás e procissões são ligadas a *grupos determinados* da população. Isso é visto na matéria sobre a Festa de São Pedro, claramente ligada aos pescadores da beira do rio Madeira:

[...] pescadores ligados às colônias do rio Madeira, de Abunã a Calama, participaram ontem da procissão de São Pedro, uma tradição que navega pelas águas barrentas do Madeira há 58 anos (Diário da Amazônia, ed. 4321, capa). [anexo 3-A]

A história de amor e devoção é contada por todos os pescadores que seguem o exemplo desde os tempos dos pais e avós (Diário da Amazônia, ed. 4321, p. B-1). [anexo 3-B]

As mesmas posições surgem quando se trata de recuperar a gênese do Arraial Flor do Maracujá e a sua configuração como festival folclórico. A festa é ligada explicitamente a um grupo determinado, os ribeirinhos e imigrantes nordestinos chegados a Rondônia em fins do século XIX e início do século XX. Há referências a figuras próprias de uma cultura nordestina, além de reforçar a presença destas manifestações em lugares determinados de Rondônia.

A América Latina e todo o interior do Estado, povoado com característica diferentes do povo de Porto Velho, assiste o festejo tradicional do folclore de um dos estados mais novos da federação. [...] Com a chegada em terras brasileiras, o evento [festas juninas] recebeu influências da cultura africana e cabocla tornando-se evento característico do nordeste brasileiro. Com a formação do povo de Rondônia, uniu-se a tradição dos primeiros pioneiros oriundos do Ceará, responsável pelo envio de gente na época de ouro da borracha e consequentemente o povo caboclo e indígena (Diário da Amazônia, ed. 4320, p. B-1). [anexo 2-C]

Responsável pela confecção de roupas da maioria dos grupos folclóricos de Porto Velho, o ateliê da Escola de Samba São João Batista está trabalhando a todo vapor, [...] Há 20 anos trabalhando com artesanato e confecção de peças para grupos de boi bumbá, e há 10 anos produzindo para quadrilhas da Capital e Humaitá [AM], [...] (Diário da Amazônia, ed. 4319, p. B-2). [anexo 1-B]

Ao tratar das feiras agropecuárias a posição é inversa, e a ela é ligado o *conjunto da população*, sem qualquer distinção de grupos que a freqüentam. Tal movimento é verificado quando se trata de cavalgadas, para as quais não há qualquer apresentação, pressupondo o domínio, pelos leitores, do que trata e como funciona tal evento:

João Molina diz que acredita que as mudanças no trajeto não irão tirar o brilho da cavalgada, e que espera a participação maciça de toda a população, com carros caracterizados [...] (Diário da Amazônia, ed. 4323, p. D-3). [anexo 5-C]

No dia 31 de julho (sábado) acontece a tradicional cavalgada pelas ruas da cidade (Diário da Amazônia, ed. 4324, p. D-2). [anexo 6-C]

Com a tradicional Cavalgada começa neste sábado a 30ª Feira Agropecuária, Industrial e Comercial de Ji-Paraná (Expojipa) (Diário da Amazônia, ed. 4325, p. D-1). [anexo 7-B]

O mesmo acontece quando diversos grupos da população são citados como participantes ativos dos eventos agropecuários, sem que sua presença tenha preponderância:

A escola local Izidoro Stédile representou [na cavalgada] a pecuária local e o rodeio em suas alegorias. [...] Seguindo os preceitos de incentivar o desenvolvimento local, a cozinha [da feira agropecuária] que atendeu à todos com almoço, jantar e lanches, ficou sob responsabilidade dos formandos do 3º ano da escola Izidoro Stédile (Diário da Amazônia, ed. 4322, p. D-3). [anexo 4-C]

Conforme informou a diretoria da LJFA [Liga Jiparanaense de Futebol Amador] a decisão de adiar os próximos confrontos, foi de comum acordo com os dirigentes das equipes após analisar que à maioria dos atletas estariam participando diretamente, no sábado e domingo, da abertura da Expojipa 2009 (Diário da Amazônia, ed. 4323, p. E-4). [anexo 5-D]

Essa percepção complementa e reforça uma anterior, dos eventos ribeirinhos como blocos homogêneos, enquanto as festas agropecuárias são compostas por um conjunto de diversos eventos. Tomadas dessa forma as festas ribeirinhas são apresentadas como próprias de um determinado grupo, e compostas por um único conjunto de práticas, ligadas a esta parcela da população. Por seu turno as festas agropecuárias, ligadas ao complexo cultural do colono, têm a participação da totalidade da população e por isso é possível localizar nela momentos distintos entre si, que representam os diferentes grupos que compõem a população de Rondônia. É este movimento que torna possível a tomada dos eventos dos colonos como representativos do *conjunto da população* de Rondônia, enquanto as manifestações ribeirinhas são as que ficam à margem, representando apenas *uma parcela da população* do estado.

Estas posições levam àquela que pode ser apontada como de maior relevância para a percepção de uma identidade preferencial legitimada nas páginas do Diário da Amazônia. Trata-se (e) da tomada das práticas ribeirinhas como *diferentes*, exógenas à maioria da população de Rondônia, enquanto as práticas dos colonos são apresentadas como *naturais*, intrínsecas, desta mesma população. Esse movimento é explicitado em diversos momentos no conjunto de matérias analisadas, e uma das evidências para isso é a presença de textos para que as festas ribeirinhas sejam explicadas para o leitor, enquanto, ao se abordar as

feiras agropecuárias, vai-se diretamente à narrativa de cada um de seus momentos. É isso que ocorre na matéria “Quadrilhas desabrocham no arraial” (Diário da Amazônia, ed. 4320, p. B-1) [anexo 2-C], em que é contada a origem das quadrilhas e sua configuração em Rondônia, e a maneira como se dá a disputa entre os grupos concorrentes. Estas mesmas explicações não são necessárias quando se trata das feiras agropecuárias, e procede-se, assim, diretamente a descrição e a narrativa de cavalgadas, bailes e concursos que as compõem.

Tudo começou no bairro Triângulo em 1982 onde a moda eram as quadrilhas de São João. [...] A conhecida Festa Junina começou no período gregoriano. [...] O festejo foi trazido para o Brasil pela Coroa Portuguesa. [...] Os ídolos de literatura de cordel, Lampião e Maria Bonita, a autoridade do Juiz de Paz, polícia e a presença da igreja, foram inseridos na festa dando mais graça e a cara de Rondônia. [...] Para quem assiste pela primeira vez a apresentação das quadrilhas, vários personagens figuram na arena como participassem de uma grande festa de casamento. [...] Cada apresentação deve durar no mínimo 30 minutos e no máximo 50 minutos para as Quadrilhas Adultas (Diário da Amazônia, ed. 4320, p. B-1). [anexo 2-C]

O mesmo não acontece quando se trata das feiras agropecuárias, tomadas como próprias da população de Rondônia e por isso tornando desnecessária a explicitação de sua configuração e suas origens. É o que se nota na primeira matéria publicada pelo Diário da Amazônia – fora dos cadernos especiais de feiras agropecuárias – no período analisado:

A tradicional cavalgada que marcou o início da 24ª Expovil foi considerada a maior de todos os tempos. [...] Alegria descontração e muita inovação foram primordiais para os vilhenenses que tomaram as principais avenidas da cidade. Mas além da inovação não poderiam faltar as comitivas de cavaleiros e o velho e tradicional berrante (Diário da Amazônia, ed. 4320, p. A-7). [anexo 2-B]

A limitação das festas ribeirinhas a um determinado grupo é reforçada pela referência de que se trata da “maior manifestação cultural do Estado” (Diário da Amazônia, Ed. 4320, capa) [anexo 2-A], mas sem que qualquer número referente à participação no evento seja apresentado. Ao mesmo tempo as referências ao número de participantes, nas matérias sobre as feiras agropecuárias, são abundantes. É possível, no que se refere aos eventos do complexo cultural da colonização, apontar para menções aos eventos como sendo os maiores já realizados. Com relação às manifestações ribeirinhas o que há é, além da localização destes com um grupo determinado, a sua limitação quando à extensão dos eventos:

Uma parte dos 4 mil pescadores ligados às colônias do rio Madeira, de Abunã a Calama, participou ontem da procissão de São Pedro [...] (Diário da Amazônia, ed. 4321, capa). [anexo 3-A]

Segundo Fernando Rocha, durante a Mostra de Quadrilhas e Bois Bumbás do Flor do Maracujá se apresentam 33 grupos, que envolvem cerca de 4.500 pessoas, entre brincantes e pessoas encarregadas da organização das apresentações (Diário da Amazônia, ed. 4319, p. B-2). [anexo 1-B]

Quando os textos do Diário da Amazônia se referem aos eventos agropecuários ao invés de limitação há a expansão, o largo uso de números referentes a eles, ou a adjetivação dos eventos quando não há o uso de números:

Com mais de 500 veículos e 3 mil pessoas, a cavalgada deu o ritmo do que serão os próximos nove dias de festa. [...] “quando começamos era apenas 50 [costelões] hoje, estamos assando 120 para o ano que vem este número vai aumentar”, disse o presidente Ilário Bodanese (Diário da Amazônia, ed. 4320, p. A-7). [anexo 2-B]

A grande cavalgada de abertura, organizada pela Associação dos Agropecuaristas de Izidolândia, [...] A 3ª Expolândia ficou marcada como a maior festa já realizada, [...] (Diário da Amazônia, ed. 4322, p. D-3). [anexo 4-C]

Anualmente a Exposição Agroindustrial de Ariquemes (Expoari) é antecedida por um grande evento. [...] “Para que o Baile do Cowboy continue um sucesso, as candidatas estão ensaiando as coreografias, [...]” (Diário da Amazônia, ed. 4323, p. D-1). [anexo 5-B]

No conjunto os movimentos destacados a partir de matérias do Diário da Amazônia constituem Textos que constroem uma posição privilegiada, na qual se assenta uma representação preferencial dos eventos realizados em Rondônia. Há a nítida prevalência, seja na quantidade como no conteúdo, das festas ligadas ao complexo cultural da colonização agrícola ocorrida a partir da segunda metade do século XX. A presença das festas ligadas ao complexo cultural ribeirinho se dá a partir do interesse pelo exótico, o diferente que deve ser explicado, mesmo que em determinados momentos seja apresentado como próprio de Rondônia.

5.2. Das práticas às narrativas, uma identidade preferencial

As lógicas de produção do Diário da Amazônia são transpassadas por outras lógicas, e por elas diretamente influenciadas. Pensar as decisões tomadas no jornal como voltadas apenas para aquilo que se considera interesse do leitor não condiz com as nuances

presentes no fazer cotidiano de repórteres e redatores. É assim que vínculos com o mercado, seja ele compreendido como anunciantes ou os próprios leitores, e os espaços disponíveis e destinados aos mais diferentes temas são fundamentais para apreender as lógicas que, submersas ou aparentes, determinam o que é posto em circulação.

A instância das decisões sobre a pauta no Diário da Amazônia é permeada por inúmeros interesses, que acabam por levar à presença dominante de um conjunto de práticas, e suas manifestações, ao invés de outro. O “natural” nos textos do jornal é a presença de práticas e manifestações próprias dos colonos, legitimada pelas ligações que o DA tem com esse grupo, e por isso mesmo merecedoras de maior destaque, o que fica claro também a partir da visão do editor-geral do Diário da Amazônia.

O que eu posso dizer é que a gente se pauta pelos setores produtivos da economia de Rondônia, e essa é uma preocupação que eu tive a partir do momento em que eu comecei a trabalhar no jornal, de tentar pautar as notícias pela economia do estado. Então, sendo a economia do estado o agronegócio, a gente até criou o caderno Agronegócio, e a diversidade da agricultura do estado, ela é bem distinta, ou seja, tem o pequeno produtor, tem a agricultura familiar e tem o grande pecuarista (LIBERATO, 2009).

Há a mesma clareza quando se trata dos espaços e do papel das práticas ribeirinhas na pauta do DA, colocadas como opostas às representações preferenciais assumidas no jornal e localizadas em determinados espaços e sob angulação determinada:

Tem um contraponto interessante da identidade do estado, e a identidade mais antiga do estado está um pouco ligada à identidade de Porto Velho como município, e aí eu acho que a gente tem pautado mais essa identidade histórica e cultural da raiz, do povo nativo, ou que veio primeiro pra Rondônia, mais no caderno de Cultura do que no caderno Economia ou de Política ou de Geral. Por que a gente tem aberto um espaço grande, também, para as manifestações culturais locais, e aí é exemplo o arraial Flor de Maracujá, os bois-bumbás, as manifestações culturais locais tanto de Porto Velho como de municípios aqui da região. Então isso também sai, então existe esse movimento de resistência dessa identidade cultural de Porto Velho, e de Rondônia, das origens de Porto Velho e de Rondônia e ele tá mais presente no caderno de Cultura (LIBERATO, 2009).

Esta oposição é deliberada nas páginas do Diário da Amazônia, e mesmo havendo pautas que tratem tanto de um conjunto de práticas como de outro, os produtores do jornal sabem haver uma prevalência de um sobre o outro, e que estão, com isso, reforçando uma identificação preferencial da população de Rondônia, em detrimento de outra.

Então, pra tu estabelecer, de repente, o núcleo central dessa representação que a gente tá criando, talvez até em termos de o que tem saído mais, talvez até prevaleça um pouco essa identidade vinculada ao setor produtivo.

[...]

Na verdade, com esses cadernos de feiras [agropecuárias] a gente tá alimentando uma cultura country, uma cultura exportada, uma cultura que vem um pouco americanizada, à moda sertaneja do Brasil, né. Estimula isso, enquanto sobrepuja, então, uma cultura tradicional. Eu acho que há espaço para cultura tradicional, e a gente podia explorar isso, e temos exemplos comerciais para isso. [...] Faltou o estalo de alguém aqui dentro para pensar isso (LIBERATO, 2009).

Os Textos de cultura colocados em circulação no Diário da Amazônia são então condicionados pelas condições de produção do jornal, que por sua vez influenciam a tomada de decisão e as práticas cotidianas do fazer jornalismo. Mas, somente isso não oferece elementos para se compreender as razões por que um complexo cultural prevalece em detrimento de outro. As condições oferecidas, por exemplo, aos jornalistas correspondentes que atuam no interior do Estado são inferiores às existentes para os que trabalham diretamente na redação do DA. Mesmo assim, o material sobre eventos agropecuários realizados no interior de Rondônia é mais abundante que aqueles sobre festas ocorridas em Porto Velho, onde está instalada a redação. Dos textos analisados, todos os que se referem a feiras agropecuárias foram produzidos por correspondentes. Trata-se de indicador de motivações que vão além das condições e dispositivos de produção postos à disposição dos jornalistas, ou mesmo de atrelamento às práticas dos colonos por motivações financeiras. O diretor financeiro do Diário da Amazônia garante que durante as feiras os cadernos especiais não representam lucro para o jornal, e no restante do ano o setor de agronegócios “não significa grande coisa”. Se aproximar do setor, no entanto, é assumido pelo jornal como estratégia comercial prioritária (TAESKOVINSKY, 2009)

As motivações para a prevalência, então, estariam no contexto sócio-histórico da formação da atual população de Rondônia. Com uma base cultural assentada nas práticas de imigrantes recentes chegados ao estado durante a colonização agrícola, oriundos na maioria do centro-sul do Brasil, esta parcela da população assume a posição de grupo predominante e tem essa posição refletida no Diário da Amazônia, com seus eventos e festas

mais presentes que aqueles voltados para a população que já ocupava anteriormente o mesmo espaço. Isso faz com que, nas páginas do Diário da Amazônia, as práticas ribeirinhas sejam apresentadas como exóticas, sob necessidade de explicação, enquanto as práticas do colono são *naturalizadas*, tomadas como ordinárias e próprias do conjunto da população. Trata-se de discursos bem marcados em que as práticas são representadas a partir de narrativas determinadas.

Um evento histórico “bruto” não pode, nessa forma, ser transmitido, [...] No momento em que um evento histórico é posto sob o signo do discurso, ele é sujeito a toda a complexidade de “regras” formais pelas quais a linguagem significa. Por isso, paradoxalmente, o acontecimento deve se tornar uma “narrativa” antes que possa se tornar um *evento comunicativo* (HALL, 2003, pp. 366, 367).

Estes movimentos de legitimação de um conjunto de práticas, ligadas ao complexo cultural dos colonos se apresenta como preferencial não apenas nas páginas do Diário da Amazônia, mas trata-se de uma posição que pode ser verificada no conjunto da sociedade rondoniana. Trata-se, tal como aponta Canclini (2006), de uma relação própria de lugares de fronteira, onde há embate no campo do simbólico entre diferentes representações. Não se trata de um conjunto de práticas culturais cristalizadas e por isso não constituem uma identidade cultural que possa ser apontada como própria de Rondônia. Ao invés disso, o que há é um ambiente de encontro de representações culturais, em que elementos residuais de um complexo cultural constituído a partir de práticas de imigrantes nordestinos integrados a uma cultura amazônica cabocla anterior a ele, se vê em contato com o complexo cultural trazido por imigrantes do Sul e Sudeste do Brasil, estes já sob outras influências culturais. Estas são as condições em que é possível identificar em Rondônia as condições que são colocadas por Canclini (2006) sob o conceito de *Hidridismo*, e por Hall (2003) como *Diáspora*.

É híbrido por haver o contato de diferentes práticas e significações no campo da cultura, e a manutenção de um processo de agregação e divisões, aproximação e distanciamento, aceitação e recusa de umas e outras. Um processo que, ao contrário do que previa Thieblót (1977) na década de 1970, ainda não fez surgir uma cultura própria de

Rondônia, mas ao invés disso se mantém como processo, o que por si só pode ser apontado como uma característica própria desta sociedade. E é diaspórico por haver ainda – e aí não é possível afirmar se deixará de haver – o distanciamento do lugar do vivido, ao mesmo tempo em que o imigrante sente-se distante da origem. Não se está totalmente integrado a Rondônia, este lugar em que a constituição de uma identidade é um processo constante e nunca definido, mas estar inserido neste processo o faz distante do lugar de origem, e por isso o impede de sentir-se totalmente parte dele novamente.

A economia de Rondônia assentada sobre o agronegócio e os políticos sendo ligados ao complexo cultural da colonização, muitos deles proprietários de veículos de comunicação, são fatores que fazem surgir uma ligação orgânica entre estes setores, que acabam por ter suas práticas refletidas nos Textos postos em circulação. São Textos de uma cultura *naturalizada* e legitimada, de fronteira, que leva à perda da referência imediata com o espaço geográfico, levando a uma reconstrução da trajetória sócio-histórica, ao garantir a forte presença de elementos ligados à colonização, ao tempo em que tornam exóticos aqueles da cultura ribeirinha. O exótico é *diferente*, curioso, e por isso distante, ao tempo em que o ordinário faz parte do indivíduo sem a necessidade de detidas explicações.

No entanto, como lembra Canclini, pensar estas relações como sendo entre hegemônicos e subalternos não ajuda a compreendê-las, pois é preciso incluir nessas equações “movimentos de afetos, a participação em atividades solidárias ou cúmplices, em que hegemônicos e subalternos precisam uns dos outros” (CANCLINI, 2006, p. 347). É assim, num ambiente de negociações, que o conjunto de práticas culturais do complexo cultural da colonização é tomado, não sem influências e apropriações de outros conjuntos de práticas e representações, como as representações identitárias preferenciais no Diário da Amazônia para a constituição de uma identidade cultural de Rondônia.

DISCURSOS MOVEDIÇOS

O olhar lançado sobre um objeto de estudo deve ser sempre comprometido, sob pena de se perder na trajetória de pesquisa as mais fascinantes nuances daquilo sobre o que se debruça o pesquisador. Se esta percepção, apreendida durante o caminho percorrido para a produção deste texto, é verdadeira, não resta dúvida ao menos com relação à primeira parte da sentença: não faltou comprometimento ao pensar as relações entre os meios de comunicação e o contexto sócio-histórico que conforma Rondônia. Fica a vontade de ter conseguido apresentar os pormenores dessas relações, que têm sua gênese na proximidade entre pesquisador e objeto. Este envolvimento levou à busca por um distanciamento que garantisse a visão crítica sobre o recorte do vivido selecionado, pois foi preciso conviver com o envolvimento direto com o objeto de pesquisa. Por isso o exercício de distanciamento se mostrou necessário para a clareza do trabalho empreendido, não sem fascinação, o que torna o trabalho realizado gratificante e, ao mesmo tempo em que se conclui uma etapa, converte-o em novo ponto de partida.

Ao se deter sobre o processo de formação da sociedade rondoniana e da conformação dos meios de comunicação em Rondônia, novos olhares precisaram ser lançados sobre eles e, se já havia a suspeita sobre os resultados possíveis de serem alcançados, os processos que se mostraram acabaram por ser a mais relevante descoberta. Deparou-se com uma sociedade nova em que atuam meios de comunicação social que corroboram um grupo

de práticas culturais ali presentes – e isso vai além de demandas políticas e econômicas. Reconhecer, mesmo numa redução, Rondônia como uma sociedade de antagonismos, mas sem dualismos limitadores, foi fundamental para tentar compreender os mecanismos submersos que levam a tomar uma cultura, anteriormente estabelecida, como distante do vivido, enquanto outra, posterior, é tida como própria do estado.

Este posicionamento tem suas bases nos reconhecimentos que se dão a partir das práticas culturais que significam como representações de um lugar de chegada – e esse é um ponto importante para compreender Rondônia, uma sociedade formada a partir da experiência recente da imigração – e dos lugares deixados para trás. Se as práticas residuais nordestinas se mantêm no complexo cultural ribeirinho, depois de apropriações mútuas com populações indígenas e com grupos caboclos previamente fixados, as práticas dos colonos trazem sedimentadas as experiências de uma migração anterior, a européia, e a vivência no centro-sul do Brasil. Neste ambiente de encontro de culturas, as demandas históricas fazem surgir a preponderância das práticas dos colonos sobre os ribeirinhos e, para isso, fundamental foi o apoio do Estado para a fixação desta população imigrante e o reconhecimento de sua organização social e sua integração ao conjunto mercantil brasileiro como legítimas.

Reconhecidos como a nova população de Rondônia, e sob os auspícios do Estado, os imigrantes colonos conquistam espaço na economia e na política e impõem suas práticas culturais no novo espaço. A legitimação de sua cultura se dá pela criação de espaços de reprodução das práticas trazidas na bagagem, e no lento e constante apagamento das práticas ribeirinhas. Mas, isso não se dá sem negociações e mútuas apropriações. Elementos da cultura ribeirinha estão integrados às práticas dos colonos, que precisaram aprender a viver no novo ambiente, enquanto ribeirinhos assimilaram elementos da conformação social que se impôs em Rondônia a partir dos anos 1970. O que há, então, é um processo de constantes encontros de culturas, mas com a prevalência do complexo cultural da colonização, enquanto

os espaços que passam a ser ocupados pela cultura ribeirinha se configuram como áreas de resistência. Este é o tom dos conflitos existentes a partir da vivência em um ambiente híbrido e diaspórico, que torna também possíveis as existências de representações tão díspares como o boi-bumbá e o rodeio da festa agropecuária, mas é também uma vivência que torna possível circular entre umas e outras.

É neste contexto que surge a ação política que tem suas bases assentadas nos grupos formados a partir da colonização agrícola, que legitima suas práticas e atende suas demandas. A institucionalização da cultura do colono se reflete nas ações do Estado, na atenção dispensada à manutenção e ampliação do espectro do agronegócio, seja na legalização de propriedades rurais, na sanidade animal, na ampliação de áreas para lavouras extensivas, ou na organização das cidades como lugar de suporte para o complexo agropecuário, e, por fim, na presença marcante do Estado nos eventos e festas voltados para a celebração destas práticas. É nas festas que surge um marcante contraste: o Estado assume uma postura populista ao se apresentar como *tutor* dos eventos ribeirinhos, ao mesmo tempo em que assume tais práticas como *diferentes*, e as transforma em espetáculo deixando de identificá-las com o que é próprio de Rondônia.

O populismo tornou possível para os setores populares novas interações com a modernidade, tanto com o Estado quanto com outros agentes hegemônicos: que suas demandas de trabalho, moradia e saúde sejam parcialmente escutadas, que os grupos subalternos aprendam a relacionar-se com funcionários, fazer trâmites, falar por rádio e televisão, fazer-se reconhecer. [...] Nesse processo é importante a convergência do populismo político com a indústria cultural (CANCLINI, 2006, p. 265).

Neste movimento as demandas apresentadas pelos setores populares não encontram total acolhida junto ao Estado e os meios de comunicação se convertem na alternativa para que suas demandas sejam apresentadas e haja a expectativa de supri-las. São os meios que substituem o Estado como mediadores entre os setores populares e sua vivência cotidiana e, ao oferecer um dilúvio de narrativas fragmentadas, garantem a sensação de informação e participação. Mas, e quando – como acontece nas páginas do Diário da

Amazônia – um complexo cultural é *apagado* enquanto outro é convertido em *presença*? Parte de uma sociedade é relegada à margem, enquanto outra parte dela assume o centro. É este o movimento que se constata no Diário da Amazônia e, por extensão, pode ser relacionado aos meios de comunicação social de Rondônia e da Amazônia.

Ao se deter na análise dos textos publicados pelo Diário da Amazônia sobre festas ligadas aos complexos culturais ribeirinho e da colonização encontrou-se o que pode ser nomeado de *movimentos da legitimação*, em que diversos elementos são conjugados de maneira a garantir que um conjunto de práticas culturais se sobreponha a outro. É assim que os Textos sobre os eventos e festas ligados ao complexo cultural ribeirinho, em específico o Arraial Flor do Maracujá, acionam um conjunto de movimentos que apresentam o *Estado como tutor* de suas práticas, as festas como um *evento singular*, *apagam seus protagonistas*, e os tomam como *eventos de grupos determinados*, o que leva à tomada deste complexo cultural como o *diferente* no meio em que se encontra. Por outro lado os Textos do complexo cultural da colonização acionam movimentos opostos, que tomam o *Estado como parceiro* de seus eventos, que são apresentados como *plurais*, e onde está o *conjunto da população*, e tornam os *protagonistas presentes* no jornal. Isso leva à *naturalização* das práticas deste complexo como próprias de Rondônia.

As práticas ribeirinhas desaparecem sob os textos e as condições dadas para a produção no Diário da Amazônia são usadas como as razões para tal apagamento. No entanto, trata-se mais de uma justificativa de que se lança mão de primeira hora do que uma razão verificável. No percurso de pesquisa realizado ficam claros alguns elementos destes *movimentos de legitimação*, entre eles a distribuição dos recursos disponíveis para “fazer” o Diário da Amazônia. A sede do jornal está exatamente na região onde o complexo cultural ribeirinho se apresenta com maior força: o norte de Rondônia, às margens do rio Madeira, na cidade de Porto Velho, historicamente uma das referências para a exploração de recursos da

floresta amazônica. E é na sede do DA, assim como acontece – é possível afirmar – em todos os jornais diários do país, que se concentram os maiores recursos para apurar matérias e desenvolver coberturas especiais.

No entanto, o que se verifica é que as coberturas especiais se detêm sobre temas diretamente relacionados ao complexo cultural da colonização, e o material é produzido a partir das sucursais. Além disso, os correspondentes do Diário da Amazônia em cinco cidades do interior são responsáveis por boa parte do material que é produzido pelo jornal, mesmo com menos recursos, muitas vezes tendo à disposição somente um telefone. A distância da redação, onde está a maior parte dos profissionais que atua no DA, e a ausência de condições adequadas de produção não são obstáculos para que se publiquem 37 cadernos especiais a partir das cidades do interior, todos voltados para eventos agropecuários.

Fazer circular estes cadernos e centrar atenção em pautas ligadas ao agronegócio é apontado como uma decisão estratégica da empresa jornalística. Há motivações comerciais, como explicitado pelo diretor administrativo e financeiro do Diário da Amazônia, Waldo Taeskovinsky, e pelo editor-geral, Guarim Liberato. O jornal está imerso na lógica que legitima o complexo da colonização, uma vez que o mercado onde buscam os recursos é configurado a partir de empresas que se originaram de colonos imigrantes, ou que têm nelas as principais parceiras – exemplo desta “parceria” são as multinacionais de implementos e insumos agrícolas, ou frigoríficos, grandes empregadores e geradores de renda dependentes da atividade agropecuária que seguidamente ampliam sua atuação em Rondônia.

Mas, é o próprio diretor financeiro que afirma que o agronegócio pouco significa como retorno financeiro direto, já que não anuncia no jornal, e nem mesmo há número significativo de assinantes ligados ao setor, o que é corroborado pelo editor-geral:

As empresas, os fazendeiros, esse pessoal não costuma ler jornal. Eles já têm as empresas com que trabalham, e fazem mais publicidade no boca-a-boca. Eles geralmente anunciam quando querem divulgar um produto novo, mas eles aparecem principalmente durante as feiras agropecuárias, no restante do ano não representam grande coisa (TAESKOVINSKY, 2009).

Do ponto de vista econômico a gente não teve lucro nenhum com esses cadernos. E do ponto de vista editorial nenhuma vantagem também. O caderno é 24 páginas e metade é anúncio. Foi uma baita burrada. [...] foi uma estratégia totalmente comercial e a redação assumiu a parte dela, [...] mas prevaleceu a visão comercial e ela se mostrou totalmente infrutífera (LIBERATO, 2009).

Ao mesmo tempo em que reconhecem limitações, os produtores do DA têm a clareza que as decisões que levam à maior cobertura de um complexo cultural implicam em tornar aparente um conjunto de práticas culturais, ao tempo que outro é mantido à margem. Isso, no entanto, é visível apenas para o editor-geral: “Então o núcleo central dessa representação que a gente tá criando, talvez até em termos do que tem saído mais, talvez até prevaleça um pouco essa identidade vinculada ao setor produtivo” (LIBERATO, 2009).

Os demais profissionais do DA ouvidos assumem posições ao lado de uma paridade de espaços e formas de tratamento do material sobre ribeirinhos e colonos. É assim com o secretário de redação, Santiago Roa Júnior – e aqui é relevante salientar que se trata de uma função recente no jornal, e talvez por isso ainda não totalmente integrada às práticas cotidianas da redação –, e com a editora de cadernos especiais, Aurimar Souza, que consideram a cobertura de feiras agropecuárias e do complexo cultural da colonização uma consequência da conformação social de Rondônia, um reflexo da sociedade.

O pessoal que chegou e desconhece a cultura do estado vai ficar sabendo dela por onde? Através da feira agropecuária, que acaba sendo o grande evento do ano, que aparece mais no jornal por que é o que vende mais (ROA JÚNIOR, 2009).

A exposição, por se tratar de agronegócio, da parte econômica, está se popularizando muito. [...] O povo está indo, você percebe que tem povo ali, você percebe pelos cadernos, [que] é uma forma de quê? De você popularizar a festa. [...] Pois para mim ela se popularizou muito (SOUZA, 2009).

O que fica, então, é a possibilidade de afirmar que as condições de produção e os recursos disponíveis não são determinantes nas decisões de cobertura do Diário da Amazônia. Se a apreensão das motivações financeiras e a distribuição de recursos não se colocam como elementos determinantes, mas devem ser reconhecidos como importantes para compor o quadro geral, é preciso acrescentar novos elementos à equação.

Os espaços destinados à cobertura de temas voltados para um e outro complexo cultural são claramente díspares, e para isso basta tomar os números referentes à quantidade de matérias publicadas: entre 27 de junho e 5 de julho foram publicadas 27 matérias diretamente relacionadas ao agronegócio, enquanto apenas seis eram relacionadas às atividades tradicionais. Se do mesmo período somarmos 41 matérias publicadas nos cadernos especiais de feiras agropecuárias e 12 na página Zé Katraca, além das nove referentes a festas agropecuárias e quatro voltadas para o Flor do Maracujá, chegamos a um número indicador dos rumos dados à cobertura do Diário da Amazônia: 77 voltadas para o complexo cultural da colonização agrícola e 22 ligadas ao complexo cultural ribeirinho.

Mas, mais importante que os espaços destinados são os discursos acionados pelos Textos postos em circulação. Se as condições de produção no Diário da Amazônia não são determinantes para centrar atenção numa ou noutra cobertura, o percurso sócio-histórico que traz Rondônia até sua atual conformação ganha relevo para compreender todo o contexto. Rapidamente os imigrantes chegados a partir da década de 1970 assumiram posições fundamentais na economia do estado, que se voltava primeiro para a exploração de recursos naturais e depois para o agronegócio. Em seguida passaram a assumir postos políticos e, com isso, a amearhar veículos de comunicação. Esta sequência rápida de tomadas de posições preparou os diversos cenários em que atua a população de Rondônia e que são apresentados no Diário da Amazônia tal como organizados a partir das necessidades dos colonos imigrantes.

Especificamente no caso do Diário da Amazônia a dependência e conseqüente ligação com o mercado é potencializada por ser parte do Sistema Gurgacz de Comunicação, controlado por um grupo empresarial com interesses políticos diretos e crescentes – exemplo disso é a recente posse de Acir Gurgacz, um dos presidentes do Grupo Eucatur, que controla o

DA, como senador por Rondônia⁶³. Dependente de uma estrutura que tem suas bases constituídas a partir da colonização agrícola e do aporte financeiro de um grupo de empresas voltado para o mesmo complexo, os esforços de fazer presentes no Diário da Amazônia as representações do complexo cultural ribeirinho encontram pouco eco nas suas estruturas de direção. Ao invés disso, o que há é a abertura de espaços para o complexo da colonização.

Do ponto de vista editorial eu vejo o seguinte: falta gestão e planejamento. Eu digo isso por quê? Na condição de editor-chefe eu estou mais no operacional do que na gestão e no planejamento. Então eu estou editando o jornal. Então o quê está faltando é o editor-executivo. [...] E às vezes muitas coisas passam batido mesmo. A gente pensa, mas pensa numa coisa e está trabalhando em outra, e aí não tem o time para planejar, por que precisa de planejamento, precisa de projeto (LIBERATO, 2009).

Com isso são estratégias de antecipação que dão o tom na tomada de decisões para a cobertura no Diário da Amazônia. Os editores e diretores têm apenas vagas informações sobre quem compõe o público leitor do jornal, e por isso inferem quais são os seus campos de interesse. O DA, assim como a totalidade dos meios de comunicação de Rondônia, está imerso na lógica que legitima o complexo cultural da colonização agrícola. Com baixa tiragem, poucas vendas avulsas e de assinaturas, e com um mercado onde não se consegue captar nem mesmo os recursos necessários para cobrir os custos de operação do jornal, resta atender os interesses do Grupo Eucatur que o subsidia e, de forma indireta, ao ambiente social e econômico preferencial deste grupo.

Tal cenário aponta para as motivações que levam a privilegiar as práticas culturais do colono em detrimento daquelas próprias de uma cultura ribeirinha, mediadas por fatores que extrapolam qualquer redução. É aqui que as condições verificadas no Diário da Amazônia, e os Textos postos por ele em circulação, vão ao encontro do que Jesús Martin-Barbero aponta como o movimento diacrônico no Mapa das Mediações. Trata-se do movimento que estabelece uma relação direta entre as Matrizes Culturais e os Formatos Industriais, o que “remete à história das mudanças na articulação entre *movimentos sociais* e

⁶³ O empresário Acir Gurgacz (PDT), segundo colocado nas eleições para o Senado Federal em 2006, assumiu a vaga deixada por Expedito Júnior (PR), depois que este foi cassado sob a acusação de compra de votos.

discursos públicos, e destes com os modos de produção do público que agenciam as formas hegemônicas de comunicação coletiva” (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 16). Este movimento permite deixar de lado maniqueísmos estruturais e pensar as relações e as tramas que se formam entre grupos sociais, sobre um pano fundo que sempre deve considerar as especificidades históricas, e abrir mão das abordagens fragmentadas convertidas em garantia de rigor e critério de verdade, que sustentam o paradigma hegemônico. É a partir das especificidades que se formam

Gramáticas gerativas, que dão lugar a uma topografia de discursos movediça, cuja mobilidade provém tanto das mudanças do capital e das transformações tecnológicas como do movimento permanente das *intertextualidades* e *intermedialidades* que alimentam os diferentes gêneros e os diferentes meios. E que hoje são lugares de complexos entremeados de resíduos (R. Williams) e inovações, de anacronias e modernidades, de assimetrias comunicativas que envolvem, da parte dos produtores, sofisticadas “estratégias de antecipação”[...] (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 17).

A comunicação assume papel fundamental para compreender as intersecções entre as realidades sociais distintas em que vivem diferentes grupos, mas que têm nas relações entre si um ponto para fazer surgir, a partir de trocas e aproximações, uma nova conformação social. A comunicação se converte no espaço em que bloqueios e contradições podem ser pensadas, exatamente no meio do caminho entre “um subdesenvolvimento acelerado e uma modernização compulsiva” (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 270). Trata-se de um olhar complexo lançado sobre o objeto de estudo tomando o campo da comunicação como ponto de maior adensamento das relações. Reconhecer esta proximidade não é, ainda, suficiente para apreender todo o quadro que compõe a legitimação de um conjunto de práticas e representações culturais como a identidade cultural de Rondônia.

Não há uma identidade cristalizada em Rondônia, mas diversas identidades que se ligam, cada uma, a grupos imigrantes chegados ao estado desde o século XIX. A figura do indígena, assim como acontece em todo o país, não é forte o suficiente para compor uma identidade, mas práticas residuais, principalmente entre ribeirinhos, ainda são observáveis no trato com o meio, em especial a floresta e os rios. Trata-se de uma conformação complexa, em

que as reduções pouco dizem e assumir uma dualidade chega a ser perverso diante de inumeráveis nuances presentes. Tal como aponta Canclini “quando na pesquisa expõe as relações entre setores populares e hegemônicos apenas em termos de oposições dá para os próprios sujeitos uma visão enviesada e inverossímil do real” (CANCLINI, 2006, p. 279).

Apontar para uma identidade hegemônica também é não possível, uma vez que não há um grupo claramente hegemônico, mesmo que os imigrantes do processo de colonização, e toda a carga cultural com eles imigrada, ocupem posições políticas e econômicas de destaque. As apropriações são constantes, e por isso não foi a intenção apontar onde se localiza a hegemonia em Rondônia. Ao invés disso a busca foi por compreender o contexto sócio-histórico e a conformação dos meios de comunicação social do estado, em especial do Diário da Amazônia, para a partir daí inferir a existência de um movimento de legitimação de um conjunto de representações culturais como sendo a identidade preferencial de Rondônia. Na fronteira em que se converte Rondônia, por ser o ponto de encontro entre diferentes grupos de imigrantes de referências culturais absolutamente distintas, o jornal Diário da Amazônia legitima as práticas culturais do complexo da colonização como constituidoras da identidade do estado de Rondônia.

Mas, trata-se de uma afirmação localizada dentro dos limites que uma pesquisa neste nível impõe e pelas contingências sócio-históricas até aqui apreendidas. Se Rondônia é agora um estado voltado para o agronegócio, com imigrantes do centro-sul do Brasil ocupando as principais funções políticas, um novo ciclo – e a história de Rondônia se constitui da soma de ciclos econômicos – começa a se configurar e a estrutura social começa a se alterar e, em um novo contexto, as relações entre os diferentes grupos que compõem esta sociedade podem ser totalmente alteradas. Por isso as considerações aqui apresentadas não devem ser tomadas como conclusões, mas como índices para novos olhares.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Lúcio. **Da caixa francesa à internet, 100 anos da imprensa em Rondônia**. Porto Velho: S/E, 2009.

ÁLVARES-AFONSO, Frederico Monteiro. **Rondônia: ocupação, crescimento e organização agrária**. Fortaleza: Realce, 2008.

ARBEX JR., José. **“Terra sem povo”, crime sem castigo**. In: TORRES, Maurício (org.). *Amazônia revelada: os descaminhos ao longo da BR-163*. Brasília: CNPq, 2005. pp. 21-65.

BARICHELLO, Eugenia M. M. da Rocha. **A construção da visibilidade institucional na mídia**. In: *Comunicação Midiática*. Ada Cristina Machado da Silveira (org.). Santa Maria: UFSM, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade, a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BECKER, Bertha K. **Amazônia**. São Paulo: Ática, 1991.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: um pouco-antes e além-depois**. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977.

BERGER, Christa. **Do jornalismo: toda notícia que couber, o leitor apreciar e o anunciante aprovar, a gente publica**. In: Porto, Sérgio Dayrell (org.). *O jornal – Da forma ao sentido*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002, p. 273-284.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Diferentes, Desiguales y Desconectados, Mapas de la Interculturalidad**. Barcelona: Editora Gedisa, 2004.

_____. **Culturas Híbridas – Estratégias para entrar e sair da Modernidade**. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação. A Sociedade em Rede: economia, sociedade e cultura – vol. 1**. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CEMIN, Arneide Bandeira. **Colonização e Natureza: análise da relação social do homem com a natureza na colonização agrícola de Rondônia**. Dissertação de mestrado - Sociologia. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.

CHAPELLE, Richard. **Os índios cintas-largas**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982.

COGO, Denise. **Mídia, interculturalidade e migrações contemporâneas**. Rio de Janeiro: E-Papers; Brasília – DF: CSEM, 2006 (versão eletrônica)

COLFERAI, Sandro A. **A caça aos diamantes**. In: *Revista Época*, 5 de março de 2001. São Paulo: Globo.

_____. **Texto, textualidades e jornalismo: a legitimação de práticas culturais nos editoriais do diário Folha de Rondônia.** In: Anais do II Colóquio binacional Brasil-México de Ciência da Comunicação. São Paulo, 2009.

COULDRY, Nick. **Inside Culture – Re-imagining the method of cultural studies.** London: Sage, 2000.

DIÁRIO DA AMAZÔNIA, Porto Velho (RO), 18 abr. 2004

DIÁRIO DA AMAZÔNIA, Porto Velho (RO), 27 e 28 jun. 2009

DIÁRIO DA AMAZÔNIA, Porto Velho (RO), 29 jun. 2009

DIÁRIO DA AMAZÔNIA, Porto Velho (RO), 30 jun. 2009

DIÁRIO DA AMAZÔNIA, Porto Velho (RO), 1º jul. 2009

DIÁRIO DA AMAZÔNIA, Porto Velho (RO), 2 jul. 2009

DIÁRIO DA AMAZÔNIA, Porto Velho (RO), 3 jul. 2009

DIÁRIO DA AMAZÔNIA, Porto Velho (RO), 4 e 5 jul. 2009

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografia dos Estudos Culturais – Uma versão latino-americana.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção.** Revista Comunicação, Mídia e Consumo. v.4, n.11. São Paulo: ESPM, 2007.

FEIRAS agropecuárias movimentam US\$ 3 bilhões ao ano. Sócio & Negócio, Vilhena, ano 2, número 9, ago. 2005.

FERREIRA, Paulo Roberto. **Mais de 180 anos de imprensa da Amazônia.** Disponível em: <www.redealcar.ufsc.br/cd3/midia/paulorobertoferreira.doc>. Acesso em 09/04/2009.

FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan. **Jornalismo e Identidade Cultural – Construção da Identidade Gaúcha em Zero Hora.** Tese de doutorado – Comunicação Social. Porto Alegre: PUCRS, 2006.

FRANÇA, Vera Veiga. **Construção jornalística e dizer social.** In: Porto, Sérgio Dayrell (org.). O jornal – Da forma ao sentido. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002, p. 483-498.

FRANÇA JÚNIOR, Oswaldo. **De ouro e de Amazônia.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas técnicas para o trabalho científico: explicitação das normas da ABNT.** 13ª ed. Porto Alegre: s.n., 2004.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. In: Educação & Realidade, 22(2): 15-46, jul./dez., 1997.

_____. **The work of representation**. In: HALL, Stuart (org.). Representation. Cultural representations and signifying practices. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

_____. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Couto. 8ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. **Da Diáspora, Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2006

HATOUM, Milton. **Relatos de um certo oriente**. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

HOHLFELDT, Antonio; FRANÇA, Vera; MARTINO, Luiz. **Teorias da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2001.

HUGO, Vítor. **Historiografia do vale do Alto Madeira (Rondônia-Brasil)**. Porto Velho: ABG Gráfica, 2000.

JOHNSON, Richard. **O que é, afinal, Estudos Culturais**. In: O que é, afinal, Estudos Culturais. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

KARAM, Tanius. **Las relaciones entre lenguaje y comunicación em la obra de Raymond Williams**. In: Razón y Palabra, número 66, ano 14, janeiro-fevereiro 2009. Disponível em: <www.razonypalabra.org.mx>. Acesso em 18/04/2009.

LEAL, Paulo Nunes. **O outro braço da cruz**. Porto Velho: Governo de Rondônia, 1984.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica – Uma poética do imaginário**. São Paulo: Escrituras, 2001.

LUFT, Schirley. **Jornalismo, meio ambiente e Amazônia: os desmatamentos nos jornais O Liberal do Pará e A Crítica do Amazonas**. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2005.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações – Comunicação, Cultura e Hegemonia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

_____. **Ofício de cartógrafo – Travessias latino-americanas da comunica na cultura**. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. **As formas mestiças de mídia**. Entrevista à Mariluce Moura. Disponível em <<http://www.ueg.br/materia/as-formas-mestias-da-midia-entrevista-com-jesus-martin-barbero-/2461>>. Acesso em 05/11/2009.

_____. **Uma aventura epistemológica.** Entrevista à Maria Immacolata Vassalo Lopes. In: Matrizes, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. Vol. 2, n. 2 (1º sem. de 2009). São Paulo: ECA/USP: 2009

MIDLIN, Betty. **Nós paiter, os Suruí de Rondônia.** Petrópolis: Vozes, 1985.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Teoria da notícia: as relações entre o real e o simbólico. Construção jornalística e dizer social.** In: Porto, Sérgio Dayrell (org.). O jornal – Da forma ao sentido. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002, p. 305-320.

MOURA, Confúcio. **A flecha – Ariquemes, colonização e rapto na selva.** Porto Velho: Eudfro, 2002.

OBERST, Kanitar. **Rondônia vai exportar energia elétrica.** In: Sócio & Negócio, ano 2, número 9, agosto/2005.

OLIVEIRA, Ovídio Amélio. **Geografia de Rondônia – Espaço e Produção.** Porto Velho: Dinâmica, 2003.

_____. **Desenvolvimento e Colonização do Estado de Rondônia.** 6ª ed. Porto Velho: Dinâmica, 2007.

OROZCO, Guillermo. **La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa.** Guadalajara: Instituto Mexicano para o Desenvolvimento Comunitário, 2000.

PERDIGÃO, Francinete & BASSEGIO, Luiz. **Migrantes Amazônicos – Rondônia: Trajetória da Ilusão.** São Paulo: Loyola, 1992.

PINTO, Emanuel Pontes. **Rondônia, evolução histórica – A criação do território de Guaporé, fator de integração nacional.** Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1993.

PIZARRO, Ana. **Imaginario y discurso: la Amazonía.** In: Revista de Crítica Literária Latinoamericana. Ano XXXI nº 61. Lima-Hannover, 1º semestre de 2005, pp. 59-74.

PREZIA, Benedito & HOORNAERT, Eduardo. **Esta terra tinha dono.** São Paulo: FDT, 1992.

RABAÇA, Carlos Alberto & BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de comunicação.** Rio de Janeiro: Campus, 2001.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro – A formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

RODRIGUES, Etiene S. **Os massacres e chacinas que marcaram a garimpagem do rio Madeira.** Mimeografado, s/d.

ROOSEVELT, Theodore. **Nas selvas do Brasil.** Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp. 1976.

ROQUETTE-PINTO, E. **Rondônia**. 5ª ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1950.

SAMPAIO, Wany & SILVA, Vera da. **Os povos indígenas de Rondônia – Contribuições para a compreensão de sua cultura e de sua história**. Porto Velho: Editora da Universidade Federal de Rondônia, 1997.

SILVA, Amizael Gomes da. **No rastro dos pioneiros: um pouco da história de Rondônia**. Porto Velho, Escopo. 1984.

SILVA, Maria das Graças. **O Espaço Ribeirinho**. São Paulo: Terceira Margem, 2000.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. **Representações midiáticas: reflexão sobre o estatuto representacional das mídias**. In: Comunicação Midiática. Ada Cristina Machado da Silveira (org.). Santa Maria: UFSM, 2002.

SORANZ, Gustavo. **Imagens da Amazônia**. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/soranz-gustavo-imagens-da-amazonia.pdf>>. Acesso em 30/06/2009.

SOUZA, Carla Monteiro de. **Gaúchos em Roraima**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

SOUZA, Márcio. **Galvez, Imperador do Acre**. Rio de Janeiro: Ed. Brasília, 1977.

_____. **Mad Maria**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

STRELOW, Aline do Amaral Garcia. **Análise Global de Periódicos Jornalísticos (AGPJ): uma proposta metodológica para o estudo do jornalismo impresso**. Tese de doutorado – Comunicação Social. Porto Alegre: PUCRS, 2007.

SZYMANSKI, Heloisa (org.). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano Editora, 2002.

TACCA, Fernando de. **Luiz Thomaz Reis: etnografias fílmicas estratégicas**. In: Teixeira, Francisco Elinaldo (org.). Documentário no Brasil: tradição e transformação. São Paulo: Summus, 2004.

TEIXEIRA, Carlos Corrêa. **O aviamento e o barracão na sociedade do seringal**. Dissertação de mestrado – Ciências Sociais. São Paulo: USP, 1980.

_____. **Seringueiros e colonos: encontro de culturas e utopias de liberdade em Rondônia**. Tese de doutorado – Ciências Sociais. Campinas: Unicamp, 1996.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. **Campesinato negro de Santo Antônio do Guaporé: identidade e sustentabilidade**. Tese de doutorado – Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido – PDTU. Belém: UFPA, 2004.

TÉTU, Jean-François. **A informação local: espaço público local e suas mediações**. In: Porto, Sérgio Dayrell (org.). O jornal – Da forma ao sentido. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002, p. 431-448.

THIÉBLOT, Marcel Jules. **Rondônia, um folclore de luta**. São Paulo: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1977.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo – Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

_____. **Teorias do jornalismo – A tribo jornalística, uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005

VIEIRA Jr., Antônio. **Rondônia-1987: A influência do poder político nos jornais de Porto Velho (Executivo e Legislativo)**. Dissertação de mestrado – Ciências da Comunicação. São Paulo: USP, 1993.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

YAMAGUCHI, Tieko. **A selva amazônica e três etapas da ficção ibero-americana**. Tese de doutorado – Literatura brasileira. São José do Rio Preto: UNESP, 1969.

DVDs

BRUHN, Joice *et alli*. **A Conquista do Oeste**. Porto Alegre: RBSTV, 2004. DVD duplo, son., color.

COWELL, Adrian. **Na trilha dos Uru-eu-wau-wau**. Década da destruição vol. 1. Co-prod. Universidade Católica de Goiás. 55 min. 1979.

GOVERNO do Estado de Rondônia. **Rondônia, estado natural da pecuária**. São Paulo: TIJD Produções, 2008. 5,16 min.

Sites

DIÁRIO DA AMAZÔNIA

Disponível em: <www.diariodaamazonia.com.br>. Acesso em 22/10/2009.

DONOS DA MÍDIA

Disponível em: <www.donosdamidia.com.br>. Acesso em 21/07/2009.

ESTADÃO DO NORTE

Disponível em: <www.estadaodonorte.com.br>. Acesso em 18/06/2009.

EUCATUR

Disponível em: <www.eucatur.com.br>. Acesso em 15/06/2009.

FEST CINE AMAZÔNIA

Disponível em: <www.cinefestamazonia.com.br>. Acesso em 29/10/2009

FOLHA DE RONDÔNIA

Disponível em: <www.folhaderondonia.com.br>. Acesso em 28/10/2008.

GOVERNO DE RONDÔNIA

Disponível em: <www.rondonia.gov.br>. Acesso em 12/06/2009.

GRUPO MERIDIONAL

Disponível em: <www.grupomeridional.com.br>. Acesso em 17/06/2009.

IBGE

Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em 08/10/2009.

REDE GLOBO

Disponível em: <globo.com>. Acesso em 27/04/2009.

RONDONIAGORA

Disponível em: <www.rondoniagora.com>. Acesso em 18/10/2009.

SGC

Disponível em: <www.sgc.com.br>. Acesso em 15/06/2009.

Entrevistas

GOMES, Adão. **Histórico e estrutura do Sistema Gurgacz de Comunicação**. Diretor de jornalismo da Rede TV! Rondônia. Entrevista concedida ao autor. Porto Velho, agosto de 2009.

LELO, Liz Noele. **Distribuição e circulação do Diário da Amazônia**. Encarregada de circulação do Diário da Amazônia. Entrevista concedida ao autor. Porto Velho, agosto de 2009.

LIBERATO, Guarim. **Processos de produção e organização do Diário da Amazônia**. Editor geral do Diário da Amazônia. Entrevista concedida ao autor. Porto Velho, agosto de 2009.

MERLO, Janete. **Configuração da Rede Amazônica de Televisão em Rondônia**. Diretora da TV Vilhena, afiliada Rede Amazônica. Por e-mail. Vilhena, 2009.

ROA JÚNIOR, Santiago. **Processos de produção do Diário da Amazônia**. Secretário de redação do Diário da Amazônia. Entrevista concedida ao autor. Porto Velho, agosto de 2009.

SILVA, Carlos Alencar. **Jornalistas em atuação em Rondônia**. Presidente do Sindicatos dos Jornalistas Profissionais de Rondônia. Por e-mail. Porto Velho, outubro de 2009.

SOUZA, Aurimar Lima do Nascimento. **A produção dos cadernos de feiras agropecuárias**. Editora dos cadernos de feiras agropecuárias do Diário da Amazônia. Entrevista concedida ao autor. Porto Velho, agosto de 2009.

TAESKOVINSKY, Waldo Alves. **Estratégias comerciais do Diário da Amazônia**. Gerente administrativo e financeiro do Diário da Amazônia. Entrevista concedida ao autor. Porto Velho, agosto de 2009.

ANEXOS



DIÁRIO DA AMAZÔNIA



Porto Velho-RO, 27 e 28 de junho de 2009 www.diariodamazonia.com.br ANO XV Nº 4319 Porto Velho R\$ 2,00 Brasília e outros Estados R\$ 3,00

O maior classificados de automóveis e imóveis: mais de 2.870 oportunidades



Revista TV
Overdose de morfina mata o Rei do Pop
 Autor de Thriller, o disco mais vendido de todos os tempos, Rei do Pop deixa uma multidão de luto.

Revista TV
Louvar a Deus está com tudo
 Jovens universitários louvam a Deus da forma que eles entendem e curtem, deixando para trás hábitos antigos.



Revista TV
Caminho das índias chega em fase decisiva
 Yenne (Letícia Sabatella) prepara artilharia pesada para clima de Ramiro (Humberto Martins).



Transexual recorre à Justiça para trabalhar

Vitor ou Vitória, transexual quer ser professora

Com 27 anos, formada em Física e Letras, com especialização e mestrado e recentemente aprovada para um doutorado em educação, a transexual Vitória Angello Bacon passou por várias escolas da Capital como professora emergencial, mas, segundo ela, foi repudiada por colegas da profissão,

pais e alunos. Para defender seu direito de trabalhar, fez uma queixa ao Ministério Público Federal, que promete providências para o caso Vitória Bacon, como preferir ser chamada, na verdade se chama Vitor, e diz que não é um travesti, mas um transexual. Ela conta que tem um distúrbio peniano e apenas

um testículo. "Não quero me prostituir, não tenho dom para ser cabeleireira ou costureira, e as pessoas não estão acostumadas a ver pessoas como eu em outros ramos profissionais que não estes. Isso é uma questão de costume, cultura e conscientização social", pondera. **Página B1**



É festa no Arraial do Flor do Maracujá

Porto Velho vive o clima da dança folclórica com a realização da 28ª Mostra de Quadrilhas e Bois-Bumbás no Arraial Flor do Maracujá. A festa começou na sexta-feira e prossegue até o dia 5 de julho com apresentações do que há de melhor em grupos de danças folclóricas. **Página B2 e Revista da TV**



EUA sonha com uma vitória contra o Brasil

Brasil e Estados Unidos fizeram treinos blindados na preparação final para a decisão neste domingo às 14h30 (Horário de Brasília), no Ellis Park, em Johannesburg. Os Estados Unidos liberou o treino apenas 15 minutos à imprensa. O Brasil, por sua vez, treinou no Orlando Stadium. Dunga teve a disposição todos os jogadores, com exceção de Juan. A novidade poderá ser Daniel Alves que se propõe jogar na lateral esquerda. **Página B3**

Embrapa orienta produtores de leite de Nova Mamoré

O uso de tecnologias pode ajudar grandes e pequenos produtores de gado leiteiro na Amazônia a terem maior lucratividade sem a necessidade

de desmamentamento. É o que mostram os pesquisadores da Embrapa que participam da segunda rodada do Mutirão Arco Verde. **Agronegócio**



Fábrica de apoio industrial dará suporte a Jirau

Representantes da Energia Sustentável do Brasil e da Budele, o prefeito Roberto Sobrinho e secretário da Semepe, Pedro Beber, participaram, na última quinta-feira, do lançamento da pedra fundamental da fábrica de apoio a usina hidrelétrica de Jirau, que será instalada no Pólo Industrial Porto Velho. **Página A3**



Lula sanciona lei da pesca e aquicultura

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou na sexta-feira a Lei da Pesca, que tramitava no Congresso há 14 anos. Com a nova legislação, os pescadores e aquicultores passam a ser considerados produtores rurais, o que dará direito ao crédito rural, com acesso a recursos mais baratos. **Página A6**

Verdão atrás de vitória para levantar moral
Página E2

Ariquemes
Frigoríficos boicotam carne ilegal
Página D1

Guajará-Mirim
Aspra faz balanço de Associação
Página D2

Andreazza
PT reúne afiliados em curso no Acre
Página D2

Cacoal
Município não atinge meta de vacinação
Página D3

Ji-Paraná
Plantão de polícia leva Top Of Mind
Página D3



Mengão será só ataque contra o Fluminense

Página E3

ARROIA DO BOM	
R\$ 67,00	
POURANÇA	
0,5953%	
VAL ANO ANTERIOR	
R\$ 465,00	
OURO	
R\$ 59,20	

BOJAS	
Comercial	1,938
Particular	1,840
Paralelo	2,000
	2,150

MEC e Timão vencem na Copa Eucatur

Página E4

1-B

B-2 Porto Velho, 27 e 28 de junho de 2009

DIÁRIOcapital

DIÁRIO da
AMAZÔNIA

FESTAS JUNINAS

Arraiiais geram emprego e renda

Ateliê da Escola de Samba São João Batista trabalha a todo vapor para as quadrilhas e bois bumbás

Vanessa Farias

Responsável pela confecção de roupas da maioria dos grupos folclóricos de Porto Velho, o ateliê da Escola de Samba São João Batista está trabalhando a todo vapor para produzir as fantasias das quadrilhas que se apresentarão no arraial Flor do Maracujá. São saias, babados, fitas e diversos adereços que fazem o conjunto das indumentárias que brilharão nas apresentações dos grupos.

Há 20 anos trabalhando com artesanato e confecção de peças para grupos de boi bumbá, e há 10 anos produzindo para quadrilhas da Capital e Humaitá, Elcio Marinho conta que o grupo que mais investiu na quadrilha para este ano foi o Rádio Farol adulto, que gastou mais de R\$ 15 mil com as fantasias de personagens e piloto dos brincantes. Segundo Elcio, uma roupa completa com material e mão de obra

custa cerca de R\$ 1,5 mil.

O estilista e artesão revela que as fantasias mais caras são as de boi-bumbá, que chegam a custar até R\$ 6 mil cada peça. "O preço de uma pena de faisão é R\$ 100. Mas para todas as fantasias, de quadrilha ou boi-bumbá, o que mais pesa no preço são os aviamentos, e alguns adereços como o galão, uma espécie de fita com 50 metros, que custa R\$ 50 o rolo", declara.

Preços

Elcio conta que mais de 80% de todo o material usado é trazido de São Paulo e, mesmo assim, os gastos são muito altos. "Isso porque os tecidos usados hoje em dia são mais caros, como o cetim e a organza. Não existe mais aquela história de vestidinho de chita, temos hoje espetáculos com estilo e muito luxo", afirma.

Além de costurar, os profissionais ainda criam e de-



Grupos apostam em roupas sofisticadas e na criatividade para competir na mostra do Flor de Maracujá

senham novas fantasias, enriquecendo o visual dos grupos. Francilene do Araci Barreto, costureira e presidente da Escola de Samba São João Batista, diz que no período de carnaval o ateliê é exclusivo para a produção das fantasias da escola. "Contribuímos para a cultura dessa forma, por isso o nosso trabalho é mais voltado para essas peças", diz.

Os artesãos Elcio, Francilene e Carlos Eduardo trabalham durante todo o ano. "Quando não é arraial, época em que trabalhamos inclusive para grupos de Humaitá, tem o carnaval, para o qual começamos a trabalhar logo que acaba o período das festas juninas e julinas, e ainda pegamos algumas encomendas como o vestido de gala da Miss Rondônia 2008, que nós criamos e produzimos", conta Elcio. Cada estilista tem um lucro, livre de gastos com alimentação e energia, de aproximadamente R\$ 4 mil por produção.

Sofisticação exige mais recursos

Ana Aranda

Na manhã desta sexta-feira, o prefeito Roberto Sobrinho entregou um cheque de R\$ 100,00 para a Federação de Folclore e Grupos de Quadrilhas e Bois Bumbas de Rondônia (Federon), na presença de presidentes de grupos folclóricos, vereadores e secretários municipais. O presidente da Federon, Fernando Rocha, recebeu o cheque das mãos do prefeito Roberto Sobrinho. Como não poderia deixar de ser em uma cerimônia desta

natureza, os pronunciamentos giraram em torno do financiamento dos grupos, "que estão cada vez mais sofisticados e por isso exigem mais investimentos", disse o tesoureiro da Federon, Severino Silva Costa, presidente da quadrilha Rádio Farol, que vem se destacando nos últimos anos pela criatividade e requinte das indumentárias, adereços e encenações utilizadas durante suas apresentações. "Como está crescendo a competitividade e ninguém quer perder, os investimentos precisam ser maiores", diz Severino.

"Nós precisamos dar um pulo de qualidade", considerou Fernando Rocha durante a entrega do cheque. O prefeito na ocasião solicitou ao presidente da Fundação Municipal Irapuna, Altair dos Santos, que preste uma assessoria para que os grupos folclóricos possam se estruturar para enfrentar a burocracia exigida para o financiamento de projetos. Ele também fez um pedido aos empresários, "para que apoiem os grupos folclóricos, que fazem um trabalho importante de fortalecimento da

cultura regional".

Segundo Fernando Rocha, durante a Mostra de Quadrilhas e Bois Bumbas do Flor do Maracujá se apresentam 33 grupos, que envolvem cerca de 4.500 pessoas, entre brincantes e pessoas encarregadas da organização das apresentações.

Rádio Farol

Severino Silva Costa informa que a preparação da Rádio Farol para o Flor do Maracujá deste ano

custou R\$ 80 mil. Além dos recursos repassados pela prefeitura e pelo governo do Estado (R\$ 200 mil), ele também conta com dinheiro repassado pela iniciativa privada, por meio da Lei Rouanet, que permite o abate de imposto de renda para empresas que investem na cultura.

Mas a grande novidade para este ano é que a Rádio Farol foi aprovado em edital do Ministério da Cultura que a transformou em um Ponto de Cultura, programa que destina recursos para a estruturação de entidades voltadas para

a cultura. Com estes recursos, o grupo poderá investir na comunidade, formando costureiros, artesãos, marceneiros e outros profissionais do ramo. Mas não é só isso. A Rádio Farol também aluga roupas de anos anteriores, por R\$ 30, para quadrilhas que se apresentam em arraiais no período de festas. Além disso, o grupo conta com a força da própria comunidade. As costureiras envolvidas com o grupo, por exemplo, cobram menos para fazer os sofisticados vestidos das quadrilhas.



DIÁRIO DA AMAZÔNIA



Porto Velho-RO, segunda-feira, 23 de Junho de 2009 www.diariodamazonia.com.br ANO XV Nº 4200 Porto Velho R\$ 1,35 Brasília e outras Edições R\$ 1,00

O maior classificados de automóveis e imóveis: mais de 2.870 oportunidades

Menina de 14 anos mata colega de 13 com dois tiros

A duas viviam brigando e têm várias passagens pela polícia. Tiros foram dados à queima roupa

Uma menina de 14 anos matou, na noite de sábado, em Porto Velho, com dois tiros de revólver, um no tórax e outro na nuca, de misericórdia, uma ex-colega de 13 anos, com quem já tinha brigado outras vezes. As duas tem várias passagens pela Central

de Polícia por envolvimento em confusões. A última ocorrência foi registrada na terça-feira passada, onde a vítima, de 13 anos, figurava como agressora da ex-amiga, de 14 anos. O marido da menor agressora, que seria filho de um ex-vereador da Capital, deu

cobertura ao homicídio, levando a agressora e uma amiga dela na garupa de sua moto até o local do crime. A motivação do assassinato seria vingança, já que na última terça-feira as duas foram apreendidas pela Polícia Militar após mais uma briga entre as duas. **Página B3**



Beleza e fogos no arraial do Flor do Maracujá

As quadrilhas e os bois-bumbás são hoje as principais manifestações da cultura rondoniense. Nos três primeiros dias do arraial do Flor do Maracujá, que vai até o dia 5 de julho, em Porto Velho, a animação ficou por conta das quadrilhas. A partir de amanhã, começam as apresentações dos bois-bumbás. A riqueza nos detalhes, a beleza das roupas e adereços, assim como o rigor e a dedicação nas coreografias, além da motivação do público, fazem da festa a maior manifestação cultural do Estado. **Página B1**



Sarney divide poder e briga pelo cargo

Página A5



Taxista é preso usando o táxi para traficar
Página B3

Outro estudante é pego armado e Ji-Paraná
Página B3

Estuprador de mulher é preso em flagrante
Página B2

Policial civil é acusado de estupro
Página B2



Espanha vira no finalzinho e fica em 3º
Página E1

Brasil vira contra EUA e é campeão

A seleção brasileira sofreu, mas derrotou de virada os Estados Unidos ontem, em Johannesburg, na África do Sul, e conquistou pela terceira vez o título da Copa das Confederações. Ontem, os Estados Unidos abriram uma vantagem de 2 a 0 no primeiro tempo, com Dempsey e Donovan. Na etapa final, o Brasil diminuiu com Luis Fabiano. Kaká ainda teve um gol não marcado ao ver o goleiro Howard defender a cabeçada depois de a bola ter ultrapassado a linha. A pressão aumentou, e Luis Fabiano empatou o jogo. A virada veio com uma cabeçada de Lúcio, aos 39 min. **Página E1**



Expovil abre com grande cavalgada

A tradicional cavalgada que marcou o início da 24ª Expovil foi considerada a maior de todos os tempos. Com mais de 500 veículos e 3 mil pessoas, a cavalgada deu o ritmo do que serão os próximos nove dias de festa. Alegria descontração e muita inovação foram primordiais para os vilhenenses que tomaram as principais avenidas da cidade. Mas, além da inovação não poderiam faltar as comitivas de cavaleiros e o velho e tradicional berrante. **Página A7**



Fest Cine desce ao baixo Madeira

A caravana da mostra itinerante do Fest Cineamazônia 2009 estará percorrendo a pátria de hoje as localidades ribeirinhas de Rondônia e Amazonas. É a quarta etapa do projeto que leva cinema e vídeo ambiental para comunidades. As projeções serão feitas ao ar livre, sempre as margens do rio Madeira. **Página C1**



Mengão vence Brasília na decisão
Página E3

INDICADORES

ANROBA DO BOI	Compra	R\$ 67,00
POUPANÇA	Comercial	1,980
	Tesouro	1,970
	Período	1,950
SALÁRIO MÍNIMO		R\$ 465,00
OURO	Compra	2,743
	Venda	2,746

Morre primeiro brasileiro com gripe suína
Página A2

2-B

DIÁRIO DA
AMAZÔNIA

DIÁRIOCIDADES

Porto Velho, segunda-feira, 29 de junho de 2009 A-7

EXPOVIL

Maior cavalgada de todos os tempos

Cavalgada que marcou o início da 24ª Expovil foi considerada a maior de todos os tempos, com a participação de 500 veículos e 3 mil pessoas



Cavaleiro anuncia com o seu berrante a abertura da 24ª Exposição Agropecuária de Vilhena

Elton Bittencourt

A tradicional cavalgada que marcou o início da 24ª Expovil foi considerada a maior de todos os tempos. Com mais de 500 veículos e 3 mil pessoas, a cavalgada deu o ritmo do que serão os próximos nove dias de festa. Alegria descontração e muita inovação foram primordiais para os vilhenenses que tomaram as principais avenidas da cidade. Mas além da inovação não poderiam faltar as comitivas de cavaleiros e o velho e tradicional berrante.

Para o tocador de berrante José Francisco Teixeira a cavalgada foi bonita, "eu que já estou participando da minha oitava, posso di-

zer que esta é a melhor de todos os tempos", Disse. Teixeira brinca que o berrante vem na frente da comitiva para guiar e mostrar o caminho para os animados festeiros da cavalgada, "antes nós usávamos o berrante guiar os animais agora na festa é para guiar os participantes desta festa", disse.

Após enfrentarem mais de 7 km os participantes da cavalgada foram recepcionados no parque de exposição com 120 costelões para matar a fome depois da maratona de alegria e diversão. "quando começamos era apenas 50 hoje, estamos assando 120 para o ano que vem este número vai aumentar", disse o presidente Ilário Bodanese.

Quem aprovou o coste-

lão foram os participantes, "isso aqui esta uma delicia bem temperado e assado, ta bom de mais", disse Valdir Santos. Mas não é somente ele que aprovou o tempero da carne para Carlos Gentil estava tudo muito bom "cara depois de andar e pular tanto na cavalgada chegar aqui e ter este costelão é muito bom", disse.

Para o presidente a cavalgada foi um sucesso e com certeza foi a maior de todas, "quando olhei na avenida major Amarante e ela estava repleta de pessoas e carros eu já deduzi como será a festa, "depois de ver e sentir a animação das pessoas na cavalgada eu tive a certeza que a festa será a maior de todas", finalizou.

GUAJARÁ MIRIM

Cremero denuncia Saúde

Em reunião, na manhã de sexta-feira (26), com o secretário estadual de saúde, Milton Moreira, a presidente e a tesoureira do Conselho Regional de Medicina de Rondônia (Cremero), Inês Motta e Simi Mirian Bennesby Marques, respectivamente, entregaram relatório oficial apontando o sucateamento da saúde pública no município de Guajará-Mirim.

Além de dar ciência sobre a precariedade do atendimento à saúde pública naquele município, as diretoras do Cremero pediram ao Secretário que o Estado dê maior apoio ao município, para que pessoas não tenham prejuízos por conta das dificuldades do setor de Saúde no atendimento médico.

Os problemas na saúde pública de Guajará foram constatados durante fiscalização recente, da diretoria do Cremero, ao hospital regional do município. "O sucateamento abrange de mobiliários aos instrumentais. Não há telefone para que sejam chamados os médicos que ficam de sobrelavagem e, pior, falta gasolina para que pacientes graves sejam transferidos para a Capital", alertou a presidente do Cremero.

Em conversa com Inês Motta, o prefeito Atalbio José Pegorini, reclamou



Conselheiras Inês Motta (e) e Simi Marques durante fiscalização ao hospital

dá insuficiência nos repasses feito ao município. Segundo ele, o SUS (Sistema Único de Saúde) repassa R\$ 167 mil por mês ao município. "Esse valor não cobre o que é gasto com a folha de pagamento, compra de material de expediente e com pequenas reformas necessárias para o bom funcionamento do hospital", reclamou o prefeito.

Inês Motta alerta para outro problema: o único hospital particular que atende em convênio com a prefeitura, Hospital Bom Pastor, ameaça parar o atendimento público por falta de repasse de verba referente ao convênio. O principal atendimento é no setor de maternidade.

O Secretário Estadual de Saúde, Milton Moreira,

disse que vai se reunir com prefeito Atalbio para tentar buscar uma solução e amenizar o problema que, segundo ele, é agravado pelo número excessivo de pacientes. "Muitos municípios têm dificuldades, mas Guajará-Mirim é um caso especial porque, além da população local, que é composta também por índios, o município atende inclusive pacientes bolivianos", observa o secretário.

Segundo Milton Moreira, faz parte do município de Guajará-Mirim a maior reserva indígena do Estado, composta por cerca de oito mil índios. "Para o atendimento dos indígenas há o repasse da Funasa (Fundação Nacional de Saúde), mas é de apenas R\$ 5 mil ao mês".

2-C

AMAZÔNIA

Capital

Porto Velho, segunda-feira, 29 de junho de 2009



Preso acusado de estelionato em São Francisco do Guaporé

Página B2

FLOR DO MARACUJÁ

Quadrilhas desabrocham no arraial

Evento de quadrilhas surgiu para salvar os bois-bumbás e hoje é a cara da cultura de Rondônia que é apresentada para o mundo

Luciano Santiago

Tudo começou no bairro Triângulo em 1982 onde a moda eram as quadrilhas de São João. Vários grupos formados em escolas agitavam a cultura da Capital. A idéia de juntar as quadrilhas com os bois-bumbás, que estavam em baixa foi à salvação para os movimentos culturais e isso resultou no nascimento do Arraial Flor do Maracujá, que chega a sua 28ª Mostra de Quadrilhas de Boi Bumbas e 27º Arraial Flor do Maracujá.

Da união das quadrilhas realizadas no bairro Triângulo com a quadrilha Flor do Maracujá, que ensaiava nos trilhos da Ferrovia Madeira Mamoré, nasceu o evento. Da quadra do Colégio Rio Branco, para imediações do Ginásio Cláudio Coutinho e hoje no espaço Flor do Maracujá ao lado do prédio do Tribunal de Justiça. O crescimento do evento proporcionou uma evolução para atender as necessidades de consumo.

Quem afirma tal mudança é o professor Isaias Vieira dos Santos, então Secretário Adjunto de Estado de Cultura, Esporte e Laser, que assistiu e participou da criação do grande evento. "Na época, o go-

J. Gomes



Quadrilha do grupo Mahutos na Cidade Grande fez belas evoluções no curral do Arraial do Flor do Maracujá

vernador Jorge Teixeira era um grande incentivador da cultura", explica Isaias. "A competição criada tirou o ar lúdico que era o motivo do passado em vir fazer uma grande festa. Do simples vestido de chita aos enredos hoje apresentados com personagens estilizados, isso é evolução do movimento cultural que está crescendo e a cada ano aumenta o número de adeptos", comenta.

O professor assistiu o primeiro dia que contou com a apresentação da Quadrilha da Terceira Idade, quadrilha Mirim Matutinhos da Princesa e quadrilha adulta Flor do Palheiro. "Cultura é o povo que estabelece e antes era uma festa de bairro e hoje virou evento de massa", disse Isaias.

Hoje o mundo passa a

conhecer a cultura de Rondônia. Várias emissoras de TV seguem o ato pioneiro do Sistema Gurgacz de Comunicação (SGC), que por meio da Rede TV! Rondônia foi a primeira a transmitir o evento na íntegra. A América Latina e todo interior do Estado, povoado com características culturais diferentes do povo de Porto Velho, assiste o festejo tradicional do folclore

de um dos estados mais novos da federação.

O começo

A conhecida Festa Junina começou no período Gregoriano. Era uma festa pagã que comemorava a colheita. Na idade média tornou-se uma festa cristã, a festa Joana em homenagem a São João Batista. O festejo foi trazido ao Brasil pela Coroa Portuguesa. Na época, era dançado o "quadrilhê", com apenas quatro pares que bailam músicas da França, no estilo dos filmes de época com toda pompa exigida na época.

Com a chegada em terras brasileiras, o evento recebeu influências da cultura africana e cabocla tornando-se evento característico do Nordeste brasileiro. Com a formação do povo de Rondônia, uniu-se a tradição dos primeiros pioneiros oriundos do Ceará, responsável pelo envio de muita gente na época de ouro da borracha e consequentemente o povo caboclo e indígena.

Os ídolos de literatura de cordel, Lampião e Maria Bonita, a autoridade do Juiz de Paz, polícia e a presença da igreja, foram inseridos na festa dando mais graça e a cara de Rondônia. Ao som de "Pé de Cão", de Zé Holanda, a música é o sucesso obrigató-

rio que comanda as ações das quadrilhas.

Personagens

Para quem assiste pela primeira vez a apresentação das quadrilhas, vários personagens figuram na arena como participassem de uma grande festa de casamento. O Padre e Sacristão; Juiz e Escrivão; Guarda; Lampião e Maria Bonita; Marcador que funciona como um locutor; Caçador; Seringueiro; Casal de Velhos e Casal de Noivos (incluindo Cavaleiro e Dama de Honra), Rainha do Milho, Rainha da Fogueira e Rainha das Flores, bailam pela arena e os grupos acrescentam temas e enredos com esta configuração a contam e encantam a todos com suas histórias.

Cada apresentação deve durar no mínimo 30 minutos e no máximo 50 minutos para as Quadrilhas Adultas. No mínimo 25 minutos e no máximo 45 minutos para as Quadrilhas Mirins. Caso algum Grupo Folclórico venha a se atrasar no seu horário de apresentação, perderá um ponto a cada cinco minutos de atraso, e, se o atraso for superior a 20 minutos, o grupo será automaticamente desclassificado. Para cada minuto ultrapassado o grupo perde um ponto.



DIÁRIO DA AMAZÔNIA



Porto Velho-RO, terça-feira, 30 de junho de 2009 www.diariodamazonia.com.br ANO XV Nº 4321 Porto Velho R\$ 1,25 Brasília e outros Estados R\$ 1,00

O maior classificados de automóveis e imóveis: mais de 2.122 oportunidades

Capotamento causa duas mortes na 364

Jovens saíam de festa e seguiam em alta velocidade

Dois ocupantes de um Ford Fiesta, placas NDE 5812, morreram no final da tarde de domingo em um capotamento no quilômetro 724 da BR-364, na Capital. O motorista do veículo, Kildet Karan Modesto, seguia em alta velocidade e perdeu o controle do carro, saindo da pista e capotando várias vezes. Três ocupantes do veículo foram arremessados para fora do carro e dois deles morreram: Geraldo da Silva Souza e outro passageiro cujo nome ainda não foi identificado. De acordo com o Boletim de Ocorrência nº 4453/2009, registrado na Central de Polícia Civil, foi constatado que

o condutor do veículo estava em estado de embriaguez, motivo este que teria provocado o acidente. O motorista e o passageiro Leandro Jorge Ferreira sofreram ferimentos e foram conduzidos para o Hospital João Paulo II onde estão em observação.

Página B2



Pescadores agradecem a São Pedro

Uma paité dos 4 mil pescadores ligados às colônias do rio Madeira, de Abunã a Calama, participou ontem da procissão de São Pedro, uma tradição que

navega pelas Águas Barrentas do rio Madeira há 58 anos. A procissão de São Pedro, padroeiro dos pescadores, é também um agradecimento pelas riquezas que

o rio oferece. O trajeto tradicional, com saída da cachoeira de Santo Antônio, será feita pela última vez este ano.

Página B1



Taxista é preso usando o carro no tráfico

Página B1

Caramonês é pego no golpe Dinheiro Preto

Página B1

Menor de 12 anos estaqueia agressor da mãe

Página B1

Dupla rouba relógaria e moto de fiscal

Página B1



Nove de Julho e Moto na Copa dos Campeões

Página B1

Disputa é boa no Arraial Flor do Maracujá

As quadrilhas já desfilaram com brilho pelo Arraial do Flor do Maracujá e agora é a vez dos boi-bumbás. A briga pelo título de melhor apresentação fica a cada noite mais acirrada. O Boi-Bumbá Vencedor é uma das atrações na noite de hoje no Arraial. O bumbá tem a frente os folcloristas dona Edineiza e seu esposo Sebastião, que ensaiam no bairro Mariana, Zona Leste de Porto Velho. Apesar das dificuldades enfrentadas pela falta de patrocínio, a direção do grupo garante que vai surpreender em sua apresentação.

Página C3



Nicole é eleita rainha da Expovil

Com apenas 15 anos, Nicole Nicolielo ganhou o título de mais bela da maior feira agropecuária do Cone Sul, a Expovil. Com rosto de princesa, Nicole foi eleita entre 14 meninas a rainha da Expovil, a festa que começou no sábado em Vilhena e vai até o dia 5 de julho. O tradicional concurso "leiteiro congela hoje" cobra, durante todo o dia, haverá a comercialização de animais e a noite show com Gustavo e Bruna Viola, Bruna Viola e Junior e Leonardo.

Colaboração Expovil



Educadores discutem alfabetização

Em Rondônia apenas oito municípios participam do programa Brasil Alfabetizado, financiado pelo Ministério de Educação (MEC), que visa reduzir o percentual de analfabetos do país, dos atuais 10% para até 6,7% até 2015, para cumprir meta determinada pela Unesco. Com o objetivo de ampliar o número de cidadãos atendidos pelo programa, o Instituto Mateus Moraes realizou uma oficina para auxiliar as secretarias municipais de educação sobre os procedimentos de adesão. A oficina começou ontem no teatro Banzeleros e prosseguirá até o final da tarde de hoje.

Página B3

Ariquemes

Declarado toque de recolher no município

Página D1

Alta Floresta

TRE mantém cassação de vereador

Página D3

Theobroma

Projeto prevê aumento na frota de táxi

Página D2

Cacoal

Feira comemora 21 anos de solidariedade

Página D3

Rolim de Moura

Vacinação anti-rábica entra em sua 2ª fase

Página D4



Nacional canta de galo na Copa Homem do Campo

Página E4

INDICADORES	ARROIA DO BOI	POLAR
RS 67,00	Comercial	1.963
POUPANÇA	Turismo	1.964
0,5639%	Paralelo	2.090
SALÁRIO MÍNIMO		2.099
RS 465,00		2.100
OURO		
RS 59,00	Compet	2.752
	Venda	2.755

Gabriel troca o Tricolor-SP pelo do Rio

Página E4

3-B

DIÁRIO DA
AMAZÔNIA

Capital

Porto Velho, terça-feira, 30 de junho de 2009

Conen interioriza
ações no interior
do Estado

Página B4

TRADIÇÃO

Devotos agradecem em procissão

Ribeirinhos e pescadores homenageiam São Pedro com procissão fluvial até a igreja de Santo Antônio

Vanessa Farias

Uma tradição que já se arrasta pelas águas barrentas do Madeira há 58 anos na Capital. A procissão de São Pedro, padroeiro dos pescadores, é uma homenagem dos devotos e ribeirinhos que vivem da pesca em comemoração ao dia do santo. A diferença de outras procissões é que, no dia 29, que também é dedicado aos pescadores, a comemoração é feita em barcos que vão até a Igreja de Santo Antônio, às margens da já extinta cachoeira de Santo Antônio, onde está sendo construída uma das usinas hidrelétricas do Rio Madeira.

Segundo contam os antigos moradores das margens do rio, a festividade começou no ano em que foi fundada a Colônia dos Pescadores de Porto Velho, em 1954. Tradicionalmente, os devotos de São Pedro seguem por terra até a igreja de Santo Antônio, pegam a imagem do santo, levam até a igreja de São Pedro, localizada na avenida Farquhar, no bairro Arigolândia, enfeitam a imagem dentro de uma barquinha com flores e adornos e levam de volta pelo mesmo caminho. "É aí que nós vamos até a igreja por água, como manda a tradição, e fazemos o percurso de volta até a igre-

J. Gomes



Com uma tradição de 58 anos, a procissão de São Pedro segue pelo Madeira no trajeto do Cai N'Água até a vila de Santo Antônio

ja dele. Quando descemos no Cai N'água, seguimos a pé em procissão pela avenida Farquhar", conta dona Irene Pinheiro.

A história de amor e devoção é contada por todos os pescadores que seguem o exemplo desde os tempos dos pais e avós. "A história do meu neto é um milagre que

recebi quando ele ainda estava no ventre da minha filha. Com sete meses de gestação ela começou a ter problemas de pressão alta e risco de perder a criança. Aos oito meses, ela foi levada às pressas para a maternidade, mas o líquido da bolsa já havia secado inteiro, e os médicos diziam que não seria possível salvar

o bebê, mas tentariam salvar a vida de minha filha, eu ainda assinei um termo de responsabilidade sobre a cirurgia que fizeram nela", conta Adjanira Gil.

Segundo a devota, entregou a filha e o neto nas mãos de São Pedro esperando por um milagre, e prometendo dar à o nome de Pedro, caso

ele nascesse. Hoje Pedrinho já tem quatro anos de idade e, com saúde, acompanha a avó todos os anos à procissão do santo que, segundo Adjanira, abençoou a vida do menino. Mas nem sempre é assim. Dona Maria Jacinta Monteiro Maia, também pescadora, fez uma promessa ao santo há três anos, que seria cumprida

caso seu irmão ficasse curado de câncer. Mesmo depois de apresentar melhoras, o homem faleceu após um ano, mas a fé e a devoção não foram abaladas, e dona Jacinta continua agradecendo a São Pedro nas procissões anuais.

Tradição

Com a construção da usina de Santo Antônio, os devotos temem pelo fim da tradição que fortalece a religiosidade e crença dos pescadores. "Acho que ano que vem não vai dar mais pra ancorar o barco aqui perto da igreja e praticar o ritual. Isso vai ser muito triste se realmente acontecer", lamenta Maria Jacinta. Mas segundo a presidente da Colônia dos Pescadores, Marina Gomes Veloso, uma reunião deve ser marcada com o Consórcio Santo Antônio Energia, responsável pela usina, que definirá se ainda será possível realizar o evento em 2010, e onde será a parada dos barcos para a busca da imagem.

Para o padre Genésio Pereira da Silva, o evento é uma tradição marcada pela devoção e religiosidade dos devotos, o que deve ser mantida. "Isso é movimento de fé e prática religiosa, que anima as pessoas e dá uma esperança para a vida desses cristãos", finaliza.

CACOAL

Feira comemora sua 21ª edição

A feira, realizada há mais de 20 anos, é para arrecadar fundos para o Centro Assistencial de Reabilitação Neurológica e Infantil de Cacoal (Cernic)

Carolina Sá

A 21ª Feira da Solidariedade vai acontecer nos dias 11 e 12 de julho, na avenida Porto Velho, no centro de Cacoal. A entidade assistencial para pessoas portadoras de deficiência, CERNIC, realiza o evento como uma forma de mostrar à sociedade os trabalhos feitos pelos mais de 200 alunos da instituição. Ali, eles aprendem artesanato em argila, pintam quadros, fazem aulas de artes e até dança. Tudo que é produzido pelos alunos é vendido nas feiras da solidariedade e numa ex-

posição de arte, que acontece tradicionalmente no final do ano.

Investimentos

Segundo o presidente do Cernic de Cacoal, Valteir Kaiser, a entidade precisa de todo apoio da sociedade, através da feira foi possível por exemplo concluir uma piscina de Hidroterapia, utilizada para tratamento fisioterápico dos alunos. Além disso, ainda este ano será construído um centro Clínico especializado dentro da entidade, de forma a atender melhor os jovens que depen-

dem da escola.

Convênios e recursos

A entidade depende exclusivamente de dois convênios, um com o município, no valor de R\$ 50 mil/ano, e outro do governo do estado, no valor de R\$ 44 mil/ano. Os 34 professores da escola também são pagos com verba do estado e município. Porém, o gasto mensal com despesas em geral além do quadro de funcionários e alimentação, gira em torno de R\$ 14 mil, com isso existe a necessidade de patrocínio e colaboração de empresas.

Para a 21ª Feira, o número de patrocinadores já passa de 25, e ainda há possibilidade de outras empresas colaborarem com a realização do evento.

Apoio da comunidade

A comunidade também contribui com pequenas doações. Existe um programa em parceria com a Ceron, através do qual o contribuinte pode doar valores a partir de R\$ 2 até a quantia desejada. O dinheiro é descontado diretamente na conta, e revertido em benefício da entidade.

MULHER CONTABILISTA

Encontro supera expectativas em Jipia

Raquel Keller

Neste fim de semana, aproximadamente 400 contabilistas estiveram reunidos no V Encontro da Mulher Contabilista do Estado de Rondônia, que aconteceu em Ji-Paraná. Profissionais de todo o Brasil prestigiaram o evento, organizado pelo Conselho Regional de Contabilistas (CRC/RO), que teve como tema "Desenvolvimento com Sustentabilidade".

De acordo com a coordenadora do Projeto Mulher Contabilista, Vilma Mendes, o encontro buscou homenagear a mulher por sua atuação no mercado de trabalho. "É importante destacarmos a participação dos homens neste evento também, como forma de reconhecimento ao desempenho da mulher nesta profissão, já que nós representamos atualmente 47% dos profissionais no Estado", disse.

Ênfase

Presente no evento, a presidente do CRC do Pará (PA), Regina Vila Nova, comentou que em seu Estado, as mulheres são a maioria neste mercado e que esse fato tem crescido significativamente em todo o País. "Eventos como esse demonstram a posição que as

mulheres têm assumido no cotidiano e a vida dessas profissionais de todo o Brasil aqui, só comprovam que o mercado tem sido incentivado e próspero", acrescentou a convidada.

O presidente do CRC/RO, José Domingos, ressaltou que o destaque do encontro foi para as mulheres e que os homens não podiam deixar de prestigiar. "É fundamental enfatizarmos que o trabalho que elas têm desempenhado na sociedade tem sido de muito orgulho para a classe. E organizar um evento como esse, dessa magnitude também é digno de elogios", concluiu.

Atividades

Na programação do evento, esteve o show com o humorista João Cláudio Moreira, que marcou a abertura na sexta-feira (26/6) e palestras sobre o tema apresentado, durante todo o sábado (27/6). O V Encontro da Mulher Contabilista do Estado de Rondônia, encerrou suas atividades com um café da saúde. "Estamos imensamente agradecidos pela participação desses profissionais e conseguimos atingir nosso objetivo de integrar a classe", comentou satisfeita com o resultado do encontro a organizadora Vilma Mendes.

VESTIBULAR FACIMED

Lista dos aprovados será divulgada hoje

A Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal (Facimed) divulgou ontem (29/06) a relação dos aprovados no processo seletivo 2009/2. Foram oferecidas vagas para os cursos de Ciências Biológicas, Educação Física, Enfermagem, Fisioterapia, Medicina Veterinária, Psicologia, Química, Matemática e os tecnológicos em Gestão Ambiental, Gestão em Recursos Humanos, Gestão em Cooperativas, Agronegócios e Processos Gerenciais. As aulas serão iniciadas no dia 20 de julho.

Durante as provas realizadas ontem (28/06) a qualidade de ensino e a estrutura física da Facimed foram elogiadas pelos vestibulandos. A jovem Lanara Cintya Almeida, de 17 anos, residente em Pimenta Bueno, se inscreveu no curso de Fisioterapia. Ela disse que escolheu a Facimed por causa da qualidade de seus profissionais e da estrutura física oferecida.

Ângela Kreidl Oliveira, de 26 anos, moradora de Cacoal, escolheu o curso de matemática pelas boas referências dadas por colegas que já estão na Instituição. Outro ponto que pesou em sua deci-



Facimed após processo seletivo divulgou nome dos aprovados nos 13 cursos oferecidos pela faculdade

são, foi o incentivo de 30% de desconto para alunos egressos de escolas públicas. "Este incentivo oferecido pela Facimed facilita para muitas pessoas ingressarem no ensino superior", disse.

O vestibulando Gean Carlos de Aquino, de 24 anos, veio do município de Ministro Amédrea para concorrer a uma

das vagas do curso de medicina veterinária. Apesar de estar em fase de recuperação de um acidente e usando aparelho especial para a coluna cervical ele não perdeu a oportunidade de fazer a prova. "Gosto do curso e não quero perder as oportunidades que a Facimed oferece", enfatizou.

Raimunda Maria Teixeira, de 41 anos, se desfez de Cuiabá-MT para participar do processo seletivo da Facimed. Ela disputa uma das vagas do curso tecnológico em Gestão Ambiental e passará a residir em Cacoal, caso seja aprovada. "Trabalho com madeira e quero fazer o curso porque me preocupo com o meio ambiente", ressaltou.

NOVA MAMORÉ

Problemas fundiários ainda sem solução

Resumido com mais de 100 produtores rurais no auditório da Câmara de Vereadores de Nova Mamoré, distante da capital Porto Velho, 330 quilômetros, o coordenador do programa "Terra Legal" em Rondônia, Antonio Roberto Ferreira, deixou bem claro que os litígios fundiários no Estado, principalmente, os do distrito de Nova Dimensão, não podem ser resolvidos a curto-prazo. Falhou espaço e muita gente acompanhou do lado de fora as perguntas e respostas durante sete horas. Dote presidentes de associações rurais, vereadores e o prefeito do município, Antonio Brasileiro (PSB), estavam presentes.

"Isso foi uma ducha de água fria, a gente esperava uma resposta", interveio o produtor rural Vitor Sebald de Jesus, que explora uma área de 150 hectares produzindo café, leite, gado e lavouras de subsistência. O coordenador Antonio Roberto Ferreira, ouviu críticas pesadas ao governo Federal, de produtores rurais, de vereadores e do prefeito, todos se sentem penalizados pelas falhas atribuídas ao próprio poder Executivo.

Dano

Segundo um levantamento apresentado durante

o encontro, mais de 30 mil famílias entre os municípios de Nova Mamoré e Buriti, incluindo quatro distritos estão sendo prejudicadas pelas medidas adotadas pelo ministério do Meio Ambiente. "Isso é uma periculosidade com o povo trabalhador" esbravejou, o prefeito Antonio Brasileiro, assegurando, "casos proibidos de produzir por que o governo não deixa".

Na mesma linha de raciocínio o vereador Luiz Carlos Rodrigues (PSDC), está formando uma comissão, incluindo autoridades locais e produtores rurais para que somados aos deputados Eduardo Valverde (PT), e Edson Martins (PMDB), possam continuar pressionando o governo Federal. Eles entendem que a "pressão" vai ser caminho mais curto para resolver o litígio.

Derrubando a liminar

Sem perder a calma diante dos ânimos mais contundentes, Antonio Roberto Ferreira, sustentou que para começar a resolver a questão fundiária daquele município, o primeiro passo é derrubar as instâncias superiores a liminar que proíbe o uso daquela área. "O Terra Legal veio para resolver essas



Produtores buscam diálogo com o poder público

questões, mas nós sabemos que elas são demoradas, não posso marcar uma data e depois não cumprir".

As críticas deles são fortes, contudo sem ameaça de violência, e ataques pessoais, todos só pediram reconhecer o trabalho no campo livre de empecilhos burocráticos. Com o apoio dos parlamentares a comissão também vai procurar o governo do Estado em busca de ajuda, sem politizar o processo que necessita de uma solução técnica.

A área em litígio que foi ocupada a mais de 20 anos com autorização do próprio governo Federal, e que o litra não regularizou, se encontra engessada por determinação judicial, tem a 6ª produção de bovinos no Estado e a 4ª na produção de leite. No entanto, pelo plano do ministro Carlos Minc,

de 41 anos, se desfez de Cuiabá-MT para participar do processo seletivo da Facimed. Ela disputa uma das vagas do curso tecnológico em Gestão Ambiental e passará a residir em Cacoal, caso seja aprovada. "Trabalho com madeira e quero fazer o curso porque me preocupo com o meio ambiente", ressaltou.

VILHENA

Pecuária sustentável é tema de palestra

O consultor técnico do Fundo de Apoio à Defesa Sanitária Animal do Estado de Rondônia (Fefa-RO) e médico veterinário, Roberto Andrade Greccellé, apresenta nesta terça-feira (30/6), a palestra Pecuária: a necessidade de um "região" sustentável, durante a programação da 24ª Exposição Agropecuária de Vilhena (Expovil). O evento é uma promoção do Senar-RO e do Sindicato dos Produtores Rurais de Vilhena, atendendo ao pedido do secretário, Evandro César Padovani, com o apoio do Fefa-RO.

Tema

A palestra abordará as ne-

cessidades da atividade pecuária se adequar as novas demandas da sociedade, dentre as quais, o respeito ao meio ambiente vem ganhando dia a dia maior notoriedade.

Sustentabilidade

Segundo o palestrante, assuntos como preservação de mata ciliar, recuperação de áreas degradadas, manejo das fontes naturais de água da propriedade, serão destacados como iniciativas capazes de permitir um desenvolvimento sustentável da atividade. A palestra inicia às 19 horas no stand do Sindicato dos Produtores Rurais de Vilhena. O evento será aberto ao público.

RECORDE

Justiça Rápida realiza 150 audiências

No sábado (27/6), mais de 300 pessoas foram atendidas na operação Justiça Rápida que aconteceu em Ji-Paraná. As inscrições para participar da ação encerraram no dia 5 de junho e entre os serviços oferecidos estiveram os relacionados a penitências alimentícias, divórcios, separações consensuais, cobranças e indenizações de até 40 salários mínimos.

Atendimento

O mecânico Vanderlei Alves foi um dos atendidos e saiu satisfeito com o resultado obtido. Além de resolver os problemas com agilidade, o atendimento prestado foi excelente. A equipe foi muito

atenciosa", comentou. Para os organizadores o número de casos solucionados superou as expectativas. "O sucesso deste trabalho foi graças a união de todos os profissionais. Contamos com a participação de vários juizes, promotores e defensores. E a maioria dos casos houve acordo, o que facilitou a operação", destacou o Juiz da 3ª Vara Criminal, Oscar Francisco.

Equipe

A Operação Justiça Rápida mobilizou mais de 50 servidores das varas civis e criminais do Fórum, somando mais de 150 audiências realizadas.



DIÁRIO DA AMAZÔNIA



Porto Velho-RO, quarta-feira, 7 de julho de 2009 www.diariodamazonia.com.br ANO LV Nº 4222 Porto Velho RS 135 Brasília e outras Escolas RS 139

O maior classificados de automóveis e imóveis: mais de 2.335 oportunidades

Fábrica de cimento está quase pronta

A obra de construção da fábrica de cimentos da Votorantim, visitada ontem pelo prefeito Roberto Sobrinho (PT) está bem adiantada e a previsão é de que esteja pronta em agosto. O investimento na fábrica da Votorantim Cimentos é da ordem de R\$ 110 milhões. Na obra, atualmente, trabalham 600 pessoas. Quando entrar em operação deverá empregar cerca de 250 pessoas. A fábrica terá capacidade para produzir 700 mil toneladas por ano e deve entrar em operação no início de setembro.

Página A4

Deputados sugerem projeto inconstitucional

A Assembleia Legislativa realizou ontem uma audiência pública para discutir a formulação de projeto de lei para regulamentar o transporte intermunicipal por meio de taxi. A proposta apresentada pelo deputado Tiziu Jilalinas (RDB) pode abrir a possibilidade da prestação do serviço de taxi-lotação intermunicipal, o que é proibido por legislação federal. A Constituição de 1988 define o serviço de transporte coletivo como da titularidade do Estado, de natureza essencial e reservada para ônibus.

Página A3



Temporal danifica arraial do Flor do Maracujá

O forte temporal registrado na manhã de ontem em Porto Velho provocou uma série de estragos no Arraial Flor do Maracujá. A decoração com bandeirolas foi danificada, fuzos de iluminação foram arrancados e partes do telhado dos camarões arrancado pela força do vento. Segundo os organizadores, o temporal não provocou danos maiores na estrutura do arraial. Uma equipe da Secretaria Estadual de Cultura e Lazer (Secel) fez os reparos necessários para a realização da festa, que teve mais uma noite de sucesso e que continuará até o próximo domingo.

Página B1

Rede do tráfico de chineses é mapeada

MPF-RO denunciou 24 envolvidos em organização criminosa internacional

Um grupo de "coiteiros" que agia em Rondônia foi identificado e apurou-se que alguns deles agiam a mando de uma paraguáia chamada Hilda Beatriz Goiri, com atuação principalmente na Bolívia e Paraguai. Hilda já havia sido presa em flagrante no começo deste ano, quando entrou no Brasil pela fronteira de Foz do Iguaçu (PR), transportando chineses ilegalmente. O chinês Zhu Ming Wen, conhecido como Tomi, foi identificado pela Polícia Federal como o líder da quadrilha. Ele mora em São Paulo (SP) e tem visto permanente no Brasil. Há fortes indícios de que ele também atua na área

de contrabando, com o transporte de mercadorias, via aérea, de São Paulo para Recife (PE). Vinte e quatro integrantes dessa rede de tráfico internacional foram identificados na Operação Da Shan, da Polícia Federal, e denunciados pelo Ministério Público Federal em Rondônia (MPF/RO).

Página B3

Al prende outro incendiário, o 'Pega Leve'
Página B2

Nemem é morto por dupla a golpes de pau
Página B2

Identificado o 2º morto do capotamento
Página B2

Dupla leva R\$ 30 mil de um depósito
Página B2

Foragido há 13 anos é pego em S.F. do Guaporé
Página B2



Juiz proíbe presídio de receber detentos

A direção do presídio de Alvorada D'Oeste está proibida de receber novos presos condenados pela Justiça. A proibição foi determinada no último dia 24 de junho pelo Juiz Flávio Henri-

que através de portaria, assinada após constatar a superlotação. Nas únicas quatro celas que deveriam abrigar apenas 20 pessoas, hoje convivem 60 presos. Para piorar a situação, na última

sexta-feira a vigilância estadual lacrou as portas do local onde funcionava a cozinha do presídio. De acordo com o juiz Flávio Henri-

que, as reclamações sobre a falta de espaço para abrigar novos detentos no Presídio Central aumentaram, mesmo com a aplicação de multas que somam mais de R\$ 3 milhões em consequência das péssimas condições em vários presídios. **Página D1**

Ariquemes
Viveiro amplia serviços de jardinagem
Página D2

Cacaulândia
Curso beneficia motoristas do município
Página D2

Arco Verde
Mutrão realiza mais de 15 mil atendimentos
Página D2

Rolim de Moura
Servidores voltam ao trabalho
Página D3

Cacoal
Suspeita de gripe suína alerta saúde
Página D3



Cruzeiro tem vantagem na decisão
Página E3

INDICADORES		DÓLAR	
ARROBA DO BDI	R\$ 67,00	Comercial	1,961 1,963
POUPANÇA	0,5659%	Turismo	1,860 2,080
SALÁRIO MÍNIMO	R\$ 465,00	Paralelo	2,000 2,150
OURO	R\$ 59,40	EURO	
		Compra	2,779 2,741
		Venda	

Corinthians preparado para a final
Página E2

4-B

DIÁRIO DA
AMAZÔNIA

Capital

Porto Velho, quarta-feira, 1 de julho de 2009



Obras do Porto do
Cai N' Água já estão
em andamento

Página B3

CHACINA URSO BRANCO

Presos são acusados por mortes

Ministério Público denuncia 37 detentos pela morte de 12 presos em rebelião ocorrida em 2004 no Urso Branco

Vanessa Farias

Depois de cinco anos de uma das rebeliões mais chocantes e sangrentas ocorridas no presídio José Mário Alves, o Urso Branco, em Porto Velho, no ano de 2004, o procurador de Justiça do Ministério Público Estadual, Ademir José de Sá, divulgou dados sobre a denúncia apresentada contra 37 pessoas por homicídio duplamente qualificado pelas mortes de 12 detentos na rebelião de

abril daquele ano.

Segundo o procurador, o objetivo da denúncia é fazer com que os envolvidos sejam julgados e recebam a devida penalidade de acordo com o crime. "No processo, todos os nomes estão anexados às fotos de cada um para que não haja erro ou dúvida. Da decisão judicial e análise para a abertura de um novo julgamento até o julgamento propriamente dito, o processo deve ser concluído daqui a dois anos", revela.

Um dos envolvidos, Jair Rocha de Matos Sousa, preso atualmente em uma penitenciária no Estado do Pernambuco por tráfico de drogas, tem prisão preventiva solicitada para uma unidade da Capital. "Não pedimos prisão preventiva para todos porque não vimos a necessidade, visto que muitos já estão em liberdade, ou foragidos e três deles já até morreram", justifica Ademir José. O procurador esclarece que o perfil de todos os envolvidos é de criminosos

comuns, como ladrões e homicidas. A maioria dos mortos respondia por crimes relacionados à violência sexual, como estupro.

Segundo o promotor, a demora para a apresentação da denúncia foi motivada pela não conclusão do inquérito, de responsabilidade da Polícia Civil. "Eles foram pedindo prorrogação do prazo de 30 dias para a conclusão, e isso se arrastou por todo esse tempo passando pela responsabilidade de vários outros promo-

tores que já avaliaram esse caso", conta.

Questionado sobre uma possível displicência do Ministério Público em permitir que o processo permanecesse tanto tempo "parado", já que o processo recolhido recentemente pela 18ª Promotoria de Justiça contém todas as provas necessárias para a denúncia, o procurador Ademir José alegou a independência jurisdicional que cada profissional tem quando é responsável por um processo, e que, portanto, nenhum

outro procurador poderia se manifestar ou interferir no trabalho do outro.

Quanto às indenizações às famílias das vítimas da chacina na rebelião, o procurador não sabe informar se algum dos familiares entrou com o pedido junto à Defensoria Pública de Rondônia, mas a qualquer momento o pedido pode ser formalizado contra o Estado, responsável pela ordem, segurança e administração logística do presídio Urso Branco.

HOMOFOBIA

MPF investiga denúncia de professora

O Ministério Público Estadual está investigando denúncia feita pela professora Vitória Angello Bacon, que é transexual, feita na edição de domingo do Diário da Amazônia. A professora afirma que foi impedida de trabalhar em uma escola

Capital, por preconceito de professores, alunos e colegas de trabalho. Vitória é formada em Letras e Física, com especialização e mestrado e recentemente foi aprovada para cursar um doutorado em Educação.

Para apurar a denúncia, foi instaurado na 8ª Promotoria da Capital (Promotoria da Cidadania) procedimento investigatório preliminar para apu-

rar o caso e expedido ofício à Secretaria Estadual de Educação (Seduc), solicitando informações sobre o caso e a notificação da professora mencionada para comparecer na Promotoria de Justiça da Cidadania, a fim de prestar esclarecimentos.

Na manhã da última segunda-feira, a Secretária de Estado da Educação, Marli Cahúla prestou esclarecimentos informais, na sede da Secretaria, sobre os acontecimentos, bem como sinalizou quanto à possibilidade de ser providenciada a imediata renotação da referida professora, até que os fatos sejam apurados no âmbito do Ministério Público e da pró-

pria Seduc.

Vitória Bacon, como prefere ser chamada, na verdade se chama Vítor, e diz que não é um travesti, pois não faz shows ou se veste de maneira artística, mas se comporta como mulher e se veste normalmente como qualquer mulher. Ela conta que tem um distúrbio peniano e apenas um testículo. "Não quero me prostituir, não tenho dom para ser cabeleireira ou costureira, e as pessoas não estão acostumadas a ver pessoas como eu em outros ramos profissionais que não estes. Isso é uma questão de costume, cultura e conscientização social", pondera.

TEMPORAL



O forte temporal registrado na manhã de ontem em Porto Velho provocou uma série de estragos no Arraial Flor do Maracujá mas segundo os organizadores do evento não provocou danos maiores na estrutura da festa. Logo depois do ocorrido, uma equipe da Secretaria Estadual de Cultura e Lazer (Secel) fez os reparos necessários para a realização da festa, que continua até o próximo domingo.

4-C

AMAZÔNIA

DIÁRIO cidades

Porto Velho, quarta-feira, 1 de julho de 2009 D-3

ROLIM DE MOURA

Servidores voltam ao trabalho

Depois de sete dias parado, funcionalismo público volta ao trabalho com a promessa de 6% de reposição salarial

Denis Farias

A greve dos servidores municipais de Rolim de Moura, que já durava sete dias, terminou na tarde da última segunda-feira (29/6). Nesta terça-feira, todo o funcionalismo voltou ao trabalho, com a promessa de receber 6% de reposição salarial até agosto deste ano. Segundo o presidente do Sinsezm, Luiz Alves Felipin, o índice será dividido em duas partes. A primeira, 4%, já será implementada agora no mês de julho. O restante, 2%, só no mês que vem.

Desde o último dia 23 de junho, ao menos 60% de todo o funcionalismo municipal de Rolim de Moura havia decretado estado de greve, pelo não cumprimento da pauta de reivindicações do sindicato que defende a categoria. Uma assembleia extraordinária decidiu pela paralisação das atividades, o que



Cerca de 450 manifestantes aderiram ao movimento em reivindicação à equiparação salarial.

engessou hospitais e escolas. Enquanto isso, os servidores marchavam pelas ruas da cidade e protestaram em frente a prefeitura do município.

Acordo

O acordo acabou com a greve começou a ser desenhado ainda na semana passada. Uma reunião

entre membros do Sinsezm, o prefeito Tião Serrão e alguns vereadores, na sexta-feira, expôs algumas propostas para o executivo municipal. Ao con-

trário dos 13% pedidos pelos servidores, 6%, dividido em duas vezes. O índice, apresentado pela controladoria interna da prefeitura, foi o máximo segundo os técnicos, para não infringir a Lei de Responsabilidade Fiscal.

A promessa de um reajuste maior que os 5,7% oferecidos antes da greve acabou sendo um dos motivos do término da paralisação. A nova proposta também veio junto com uma correção no auxílio alimentação dos servidores. A partir de janeiro de 2010, quem ganhava pouco mais de R\$ 70,00, vai passar a ganhar R\$163,00, formando apenas duas categorias de benefícios. O Sinsezm também participará diretamente na elaboração da LDO anualmente.

Reivindicação

"Foi uma conquista. Entramos nessa batalha e conseguimos muito. São 6% de

reposição agora, até agosto, e com a promessa de um estudo mais aprofundado a partir de setembro, quando fecha o segundo quadrimestre do ano, para ver como vai se comportar a arrecadação. Foi uma proposta justa, mas esperamos que sejam realmente implantadas, uma vez que, do contrário, voltamos às ruas e dessa vez definitivamente", explicou Luiz Alves Felipin, presidente do Sinsezm.

A paralisação de sete dias, segundo fontes do movimento, foi a maior de toda a história do sindicato. Nesta terça-feira (30/6), o secretário de administração do município, Carlos Alberto de Lima, disse ao Diário que o prefeito Tião Serrão nunca evitou a negociação com os grevistas, mas sim que deixou as propostas para a equipe técnica da prefeitura. Ratificou ainda, que os índices acertados com o sindicato serão respostados e implantados nas datas correspondentes.

IZIDOLÂNDIA

3ª Expolândia atrai milhares de pessoas

O distrito de Izidolândia em Alta Floresta D'Oeste foi palco de uma linda festa que se iniciou na quinta-feira, dia 25 e se estendeu até domingo (28/6).

A grande cavalcada de abertura, organizada pela Associação dos Agropecuaristas de Izidolândia, se iniciou às 10h00 horas da manhã, em frente ao parque de exposições do distrito, e percorreu diversas ruas. Cavaleiros, moqueiros, e vários carros participaram do desfile, que seguiu a cavalcada. A escola local Izidoro Stédile representou a pecuária local e o rodeio em suas alegorias.

A abertura dos trabalhos na noite de quinta-feira (25/6) foi realizada por Dário Moreira, narrador reconhecido em todo o estado, que é de Alta Floresta, trazendo emoção e diversão para a arena, seguido por Cristiano Torres. Na sexta-feira (26/6), foi realizada a premiação da Campanha de Combate ao Câncer Africano, que contou com apoio da associação e realizou a entrega de 7 prêmios aos participantes melhor colocados.

Mais de 60 peões boateiros e cavaleiros montaram nas 4 noites de festa. Na noite de sábado, aconteceu a abertura oficial dos trabalhos que contou com a presença do prefeito municipal Daniel Delina (PTN), deputado estadual Luiz Cláudio da Agricultura (PTN), autor de

uma emenda de R\$ 23 mil para a realização de melhorias no Parque da Associação, o secretário adjunto da agricultura do estado de Rondônia, Evaldo Lima, chefe local da Emater, Benevides, chefe local do Idaron, José Luiz, do presidente da câmara municipal Itamar Sucuri, e de demais autoridades, que acompanharam a cerimônia oficial, que foi sucedida por uma queima de fogos, e por belíssimas montarias.

A Emater com sua equipe foi responsável pela realização do 1º concurso leiteiro no evento.

Segundo os preceitos de incentivar o desenvolvimento local, a cozinha que atendeu à todos com almoço, jantar e lanches, ficou sob responsabilidade dos formandos do 3º ano da Escola Izidoro Stédile.

A 3ª Expolândia ficou marcada como a maior festa já realizada, destaque para as melhorias no parque como barracão de mostra leiteira, novo muro e biblioteca, amplo estacionamento, ampliação da arquibancada, e melhorias no salão de festas, que recebeu o Show Regional com o Grupo Forró Brasil e o Show com Meninos da Viola.

A Prefeitura Municipal de Alta Floresta, através da administração Construindo o Futuro, apoiou se limites a realização do evento, disponibilizando máquinas equipamentos e realizando a divulgação do evento.



O evento agradado e público que compareceu para a queima de fogos.

CACOAL

Judocas podem ter contraído H1N1

Carolina Sá

A gripe suína, que já matou um brasileiro no sul do país, é uma ameaça em toda a América do Norte e Sul. Em países como Chile, o número de casos aumenta a cada dia. As atletas de judô da Delegação Brasileira, que representam o país no Campeonato Sulamericano, realizado em Santiago no Chile, no final do mês de junho, estariam na lista de risco. Duas delas moram em Cacoal, e estão em observação desde a última sexta-feira, por recomendação da própria Confederação Brasileira de Judô, que enviou nota oficial aos atletas comunicando a situação. Segundo o pai de uma das



Dois atletas que foram para o Chile podem ter contraído a doença.

atletas (S. L.), de 16 anos, a filha estaria em observação, porém não apresentou agrava-

vamento de qualquer sintoma, ou seja, está descartada a hipótese de ter contraído a

Nota oficial da CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ

A Confederação Brasileira de Judô informa sobre a suspeita de contaminação por vírus Gripe H1N1 (gripe suína) de cinco atletas que participaram do Campeonato Sul-Americano no Chile. Dois atletas já estão em isolamento e outros três aguardam parecer médico. Os atletas são provenientes das cidades Amazônicas: Rio de Janeiro e Santa Catarina.

doença. Já a atleta T.L., de 17 anos, está em observação até esta quinta-feira (2 de julho), já que o período de incubação do vírus da gripe é de 10 dias. Só após este prazo será possível observar se houve ou não avanço dos sintomas.

ARIQUEMES

Mais uma agroindústria adere ao Prove

A Prefeitura de Ariquemes inaugurou no último domingo (28/6) mais uma agroindústria que aderiu ao Programa de Verticalização da Agricultura Familiar (Prove), o Laticínio São Lucas, localizado na LC-45 BR 364.

O Prove conta atualmente com 30 agroindústrias em pleno funcionamento. Parte delas voltada à produção de derivados de leite e outra parte ao beneficiamento de frutas. Estas agroindústrias são implantadas com a parceria da Prefeitura e associações rurais. A Prefeitura entra com a terraplanagem do local, os equipamentos para a industrialização e dá suporte técnico aos agricultores. Em contrapartida as associações rurais constroem as agroindústrias. Para facilitar ainda mais a construção, o município disponibiliza, em sistema de comodato, espaço em algumas escolas da área rural.

Estrutura

O proprietário do Laticínio São Lucas Laurivaldo Pereira de Oliveira está satisfeito com a parceria da Prefeitura. Para ele a implantação do Sistema de Inspeção Municipal (SIM) veio fortalecer as agroindústrias e atestar a qualidade dos seus produtos. "Apesar de todo começo ter dificuldades, hoje



A verticalização da produção permite maior agregação no valor final do produto e aumento na renda do agricultor.

contamos como uma estrutura de 28 metros quadrados com receptor, tina, freezer, desnatadeira, caldeira, seladora, iogurteira, salgadeira, depósito de bojo, lira (cortador de massa), balança digital e mesa inox com dois metros de largura. A nossa capacidade média de produção diária é de 70 kg de mussarela, sendo 2100 kg por mês, trabalhando com cinco pessoas", comemora o produtor.

A comercialização dos produtos do Laticínio São Lucas está sendo feita em alguns estabelecimentos comerciais da cidade, como padarias e supermercados e entrega direta ao consumidor.

Benefícios

Benefícios

A agroindústria também está fornecendo produtos para a merenda escolar, através do projeto de compra direta da Prefeitura. "Atualmente o nosso principal produto é a mussarela e o doce de leite, mas temos um projeto para começar a fabricar outros produtos derivados do leite", informa Laurivaldo.

O Secretário da Agricultura Adelino Follador sa-

liênou a importância desses empreendimentos para economia do município de Ariquemes. "A união do poder público com o setor privado mostra formas de superar barreiras e viabilizar projetos como este". O secretário consentiu que o compromisso da atual administração é de apoiar o homem do campo e continuar com parcerias junto às associações, sindicatos e cooperativas. Os agricultores que queiram aderir ao programa devem procurar a Secretaria de Agricultura para receber as devidas informações.



DIÁRIO DA AMAZÔNIA



Porto Velho RO, quinta-feira, 7 de julho de 2013 www.diariodaamazonia.com.br ANO XV Nº 4322 Porto Velho RS 1,25 Brasília e outros Estados RS 2,00

O maior classificados de automóveis e imóveis: mais de 2.567 oportunidades

Perigosos vão para isolamento

39 detentos foram transferidos do Urso Branco para Penitenciária Federal

Uma mega operação envolvendo mais de 120 homens das polícias federal, civil, militar e rodoviária, além da patrulha aérea, foi montada ontem para a transferência de 39 detentos do superlotado presídio Urso Branco para a recém inaugurada Penitenciária Federal de Porto Velho.

Os presos a serem custodiados na nova unidade federal são líderes de facções criminosas ou aqueles considerados de alta periculosidade. Cinco detentos transferidos ontem integram a lista dos líderes de rebeliões ocorridas entre 2002 e 2007 no Urso Branco, e que resultaram na morte de 85 presos.

São eles: Ednaldo Paulo Souza (o Birrinha), com 24 anos de pena; Elias da Silva Tejas (o Elias Maluco), 68 anos de pena; Márcio Viana da Silva (o Piha), com 36 anos de pena; Marcos Ciríaco Alves de Oliveira, com 240 anos de pena, e Pedro da Cruz Marinho, com 100 anos.

Página B3



Lucas



Gari é morto a tiros por dupla em motocicleta
Página B2

Roubam e debiam as vítimas amarradas
Página B2

Dois menores são mortos em Bom Futuro
Página B2

Agência dos Correios é Assaltada
Página B2

Choque de moto e carro mata mulher
Página B2



Noite dos terceiroes no Flor de Maracujá

A quadrilha Rosa de Ouro juntamente com o Boi-bumbá "Marrozinho", são as principais atrações da noite de hoje da 18ª Mostra de Quadrilhas e Boi-bumbás do Arraial Flor do Maracujá. A notada folclórica começa com a apresentação da quadrilha mirim "Matutinhos do Triângulo" às 20h, e ainda tem o boi mirim "Estrelinha" entre às 22h e 23h. Em seguida é a vez da quadrilha adulta Rosa de Ouro. Página C3

Santos precisa vencer o Sport para respirar
Página E3

Beiradão recebe o Fest CineAmazônia

O cotidiano tranqüilo da comunidade de São Carlos, no bairro Madureza, foi alterado na última terça-feira (30) pela mostra itinerante de cinema do Fest CineAmazônia. Cerca de 400 pessoas se reuniram na quadra de esporte do distrito de Porto Velho para assistir a 13 curtas metragem com tema ambiental. A ação tem o objetivo de integrar as comunidades do bairro Madureza através da arte. Página B1



Ibama repassa madeira para sete prefeituras

O Ibama repassou ontem a sete prefeituras do Estado um total de 790,143 metros cúbicos de madeira, produto de apreensão durante todo o ano de 2008. O critério para a escolha dos municípios contemplados foi a análise de projetos enviados pelas prefeituras, baseados em desenvolvimento sustentável e benefícios sociais e ambientalmente viáveis, como a construção de pontes, casas populares, viveiros de plantas, funerárias, entre outros. Página B1



Turismo se prepara para Copa de 2014

Com a escolha do Brasil para sediar os jogos do Mundial de 2014, Ministério do Turismo já trabalha para aumentar investimentos nas cidades sedes. Esse foi o foco da coletiva do ministro do Turismo Luiz Barreto, logo após a abertura oficial do 4º Salão de Turismo, que iniciou ontem, e vai até o próximo domingo, no Anhembi, em São Paulo. Para isso, o governo deverá dobrar o orçamento do ministério do Turismo já no próximo ano e abrir novas linhas de financiamento pelo Prodetur. Página A6



Interdistrital tem decisões a partir de amanhã
Página B1

INDICADORES

ARROZA DO BOI	Compra	Venda
RS 67,00		
POUPANÇA	Correntista	1,961 1,963
0,5659%	Poupança	1,960 2,060
SALÁRIO MÍNIMO	Paralelo	2,000 2,130
RS 465,00		
OURO	Compra	Venda
RS 59,40	2,739	2,741

DÓLAR

Compra	Venda
1,961	1,963
1,960	2,060
2,000	2,130

Cruzeiro vão vai mudar o estilo de jogo
Página E2

5-B

DIÁRIO DA
AMAZÔNIA

Cidades



Bom Futuro
Escola padece com
violência

Página D2

Porto Velho, quinta-feira, 2 de julho de 2009

ROLIM DE MOURA

Produtores debatem código florestal

Assembleia Legislativa promove audiência para ouvir os agricultores e critica a atuação do ministro Carlos Minc

Denis Farias

Produtores rurais de toda a região da zona da mata rondoniense participaram da tarde desta quarta-feira (01/07), de mais uma audiência pública da Assembleia Legislativa, sobre o novo código florestal brasileiro. A intenção dos deputados foi ouvir os agricultores e representantes da sociedade, para enviar uma carta com as propostas de Rondônia ao Congresso Nacional, responsável por aprovar o documento. O ministro do meio ambiente, Carlos Minc, foi duramente criticado.

O presidente da ALE, Nedi de Oliveira e os deputados Luiz Cláudio e Kaká Mendonça representaram o poder legislativo no encontro. Luiz, que é o proponente da audiência, disse durante seu discurso, que só com organização, produtores e empresários rondonienses podem barrar o que chamou de "arroyo ambiental" com Rondônia. "O Brasil só está rico por causa do setor produtivo. Se esse código passar, vamos ter o maior êxodo rural já visto na história", criticou.

Prefeitos e vereadores de municípios vizinhos também acompanharam a audiência. O plenário do teatro municipal ficou lotado de agricultores e representantes de as-



Assembleia busca organizar produtores rurais para obter uma maior força política

sociações rurais. Para esse público, o deputado Nedi fez sonoras críticas a Carlos Minc. Para o presidente da ALE, o homem verde de Lula não passa de um "show man", especialista em pirotecnia e muito bem relacionado com "maconheiros" e donos de ONGs que atuam na Amazônia.

"Ele simplesmente acabou com a região da grande Ariquemes. Desceu de helicóptero, tirou foto com uma madeira apreendida, gastou mais dinheiro com todo esse circo do que vale aquela apreensão. Temos que mostrar para o Congresso que Rondônia é hoje altamente produtiva e que seria um retrocesso ter

que plantar árvore em áreas onde se produz café, milho, arroz e feijão. Se não fizermos isso, nosso estado será varrido do mapa", lembrou.

Depois de Rolim de Moura, todo o aparato da audiência pública para a elaboração do código segue para Vilhena, última cidade visitada pelos deputados. Porto

Velho, Ariquemes e Ji-Paraná foram os outros pólos escolhidos para receber o evento. O atual documento, que rege as ações do meio ambiente no Brasil, foi feito na década de 1930 e até hoje sofre pequenas modificações a cada ano. As novas regras serão votadas em breve na Câmara e no Senado.

EXPOARI

Belas jovens concorrem ao título de Rainha

Anualmente a Exposição Agroindustrial de Ariquemes (Expoari) é antecedida por um grande evento. É o Baile do Cowboy, que chega a sua 20ª edição, no dia 18 deste mês. Na oportunidade será eleita a Rainha, Princesas e Garota Rodeio da feira agropecuária.

Segundo a organizadora do Baile, Amanda Amorim, oito jovens participam da disputa, onde a beleza não é o único critério para a escolha da vencedora. Amanda explica que para levar o título de Rainha da Expoari, as candidatas precisam mostrar desenvoltura com as danças countrys, berrante e pinhola.

"Para que o Baile do Cowboy continue sendo um sucesso, as candidatas estão ensaiando as coreografias, e que nas próximas semanas os ensaios vão ser mais frequentes ainda, quase que diariamente", argumenta Amanda.

Os ingressos para quem deseja assistir ao Baile já estão sendo comercializados. O ponto de venda oficial foi instalado na Trilha Fashion, localizada na avenida Canaã. O contato também pode ser feito pelo telefone 3535 2035.

Estradas vicinais são recuperadas

Quase 200 km de estradas vicinais, em vários trechos, serão recuperadas com verba do município

Carolina Sá

Em reunião com vereadores e secretários, o prefeito de Cacoal, Franco Vialeto, assinou Ordem de serviço para recuperação de estradas vicinais. A previsão é de que sejam recuperados cerca de 177 km de estradas, através de duas frentes de serviço do setor 1, nas linhas 1, 2, 3 e 4, totalizando 67 km. Quem fará este trecho será a empresa Compav, o investimento nesta etapa será de R\$ 237 mil. No Setor 02, na região de Divinópolis, serão recuperados 110 km de estradas. A empresa que fará o serviço será a CRM, e o recurso para esta etapa é na ordem de R\$ 427 mil, com prazo de 90 dias para execução.



Recurso de R\$ 664 mil serão investidos para a recuperação de 177 km no prazo de noventa dias

Outras melhorias

Conforme explicou o secretário de Obras, Gervano Vicente, o maquinário utilizado será da própria Secretaria de Obras do município. Ele destacou ainda, que no dia 13 de julho começam os trabalhos do projeto FITHA, nas

linhas 6, 7, 8, 12 e 13. Vias urbanas

Sobre a situação das ruas de Cacoal, que foram danificadas durante a obra de saneamento básico, exe-

cutada pela empresa Aripuanã desde o ano de 2007, o secretário garantiu que a Construtora já se comprometeu a adquirir massa asfáltica para recuperar os trechos, onde foi feita uma espécie de recorte na pis-

ta. Nos últimos meses, a imprensa de Cacoal tem divulgado um grande número de reclamações por parte da população, já que os buracos estariam causando problemas mecânicos em veículos e até acidentes.

THEOBROMA Políticas fortalecem a agropecuária

A Prefeitura do município de Theobroma reuniu 30 entidades representativas do setor agrícola recentemente para discutir políticas públicas que possam valorizar e fortalecer o produtor rural. A informação é do Secretário de Agricultura João Batista que convocou técnicos da Emater para presidir uma palestra de orientação ao

município de Agricultura de Theobroma (Semagri), no último dia 08, legitimando através da Lei 256/GP/PMT/09. O início dos trabalhos de recuperação do setor produtivo da cidade. O projeto será fiscalizado pelo Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural (CMDR).

Como já era esperado, a grande reclamação dos cooperativistas, sindicalistas e outras entidades ligadas a classe a reunião foi focada na falta de apoio dos órgãos competentes, em especial o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). Para os theobromenses é preciso fortalecer em especial os assentamentos rurais com maquinários, redução do custo de produção e a sustentabilidade através de incentivo a culturas variadas, já que a monocultura centraliza o trabalho e quando há queda do preço daquele produto no mercado coloca o agricultor em dificuldades.

Outra proposta da Semagri é a reativação do Armaizem do Centro Nacional de Abastecimento (Conab). A necessidade de armazenamento para que o produtor possa posteriormente vender seus produtos por um bom preço de mercado, principalmente naqueles adquiridos pelo Governo.

O vereador Nil (DEM) criticou duramente o INCRA que há 30 anos vem enrolando os colonos na questão de regularização dos lotes e atentos para o fim do prazo dado pelo Governo Federal para legalização da área verde e a necessidade de reflorestamento. "Há uma infundidade de processos parados e isto prejudica sensivelmente principalmente a agricultura familiar que detém 70% da produção da região.

Hoje o município tem área de pastagem de 133.669,6563 ha e a área das propriedades é de 224.566,2500 ha. Foi firmada uma parceria do município com a Emater para levar desenvolvimento sustentável a estes produtores. A Emater em parceria com a Prefeitura vai entrar com cursos de melhoramento genético, implementação de técnicas de manejo, recuperação de pastagens, integração lavoura-pecuária, projetos hortifrutigranjeiros, apoio a agroindústria e apoio a organizações sociais como cooperativas, sindicatos e associações.

O secretário João Batista lembrou a evasão de filhos dos produtores para o exterior devido a falta de opção. Ele lembrou que Theobroma tem hoje 234.938 cabeças de gado e nove mil habitantes 26 cabeças de gado por pessoa muito embora muita a maioria delas não possua gado. "Isto é fruto de uma política que fortalece aos grandes em detrimento dos pequenos" concluiu.

Já esta programação que será oferecida aos produtores daquela região provém de um projeto de Lei criado pelo município através da Secretaria Mu-

Rogério de Oliveira presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Theobroma falou da desmoralização da classe e da necessidade de se adequar às questões ambientais para ter acesso aos recursos públicos federais e concluiu urgência em uma reunião com os representantes do Incra. Uma comissão será montada para discutir uma vasta pauta jun to ao órgão nos próximos dias.

Acijip parabeniza Sicoob Emprecred

Na última terça-feira (23/6), os funcionários da Cooperativa de Crédito dos Empresários de Ji-Paraná (Sicoob) estiveram apostos acompanhados da presidente da cooperativa, Raquel Graeff, para recepcionar os convidados na inauguração da nova agência do município. Entre eles esteve o presidente da Associação Comercial e Industrial de Ji-Paraná (Acijip), Márcio Pinto, a juíza e diretora do Fórum, Ana Valéria Santiago, o deputado estadual Jesualdo Pires, e o vice-prefeito, José Otávio.



Sicoob inaugura uma nova filial buscando tornar as linhas de crédito mais acessíveis aos empreendedores

De acordo com a presidente, nos três anos de trabalho dedicado a Ji-Paraná, a equipe sempre tratou como prioridade o atendimento diferenciado e de qualidade para seus cooperados. "Queremos ser referência no segmento e reconhecido como fomentador de negócios e oportunidades para a classe. A abertura dessa extensão para no primeiro distrito, foi idealizada para atender a demanda que tem crescido significativamente", disse Raquel Graeff.

O presidente da Acijip, parabenizou o serviço prestado pela cooperativa na cidade, enfatizando a relação entre instituição e empresas que se apresenta de forma mais humanizada. "O papel que a Sicoob vem assumindo, assim como outras cooperativas, é fundamental para proteger o empresariado da voracidade das grandes corporações financeiras. Através do seu serviço de crédito as oportunidades de investimento se tornam mais acessíveis", destacou Márcio Pinto.

A Sicoob possui em todo o Brasil mais de 1700 pontos de atendimento. Só no Estado de Rondônia, está presente em 30 municípios. O diretor operacional do Sistema Sicoob Central Norte, Iris Fernando, em seu discurso, falou sobre o grande momento que vive a Emprecred e sobre a responsabilidade que recai sobre seus diretores e cooperados. "Agora todos devem trabalhar ainda mais para

consolidar esse momento favorável que vive a cooperativa", finalizou.

A Emprecred aproveitou a concentração de pessoas na inauguração para divulgar a campanha "Pé na Tábua", que está em vigor em todas as cooperativas do Sistema Sicoob Central Norte e vai sortear um carro zero quilômetro entre os cooperados.

EXPOARI 2009

Cavalgada não passará pela BR-364

A APA informou que atendendo as reivindicações da população foi alterado o itinerário da cavalgada que será realizada dia 25 de julho de 2009, com início às 08h00. A concentração será próximo ao posto RO e Hotel Joacem, na Avenida Capitão Silvío.

o início será descendo a Av. Capitão Silvío entrando na Av. J.K., na primeira rotatória entra na Av. Jamarí seguindo a mesma até a Av. Candéias, na Av. Candéias desce até o semáforo da Maripien, virando à direita na Av. Canaã, indo pela mesma até a Av. Tancredo Neves. Na Avenida Tancredo Neves entra à direita fazendo o contorno em frente à Terra Nova, descendo a Avenida Tancredo Neves até seu final, ao final da Tancredo Neves entra a esquerda, pela Avenida Hugo Fray (linha c-65) até a entrada do aeroporto. Na entrada do

aeroporto segue pela rua que dá acesso aos estacionamentos pela APA finalizando a carreira no estacionamento da APA. No ponto de chegada haverá distribuição de águas e rampas de embarque e desembarque de animais. De acordo com João Molina, que faz parte a coordenação dos poderes públicos somente será autorizada a incorporação dos veículos na carreira, aqueles que estiverem vistoriados pelo Corpo de Bombeiros. João Molina diz que acredita que as mudanças no trajeto não irão tirar o brilho da cavalgada, e que espera a participação maciça de toda a população, com carros caracterizados, e que esse ano um número ainda maior de pecuaristas participando com suas famílias montados em cavalos.

GRANDE JARU Auto Escolas Sindicato de instrutores

Uma reunião realizada entre instrutores de auto-escola dos municípios de Jaru, Theobroma, Jorge Teixeira, Ouro Preto, Nova União, Mirante da Serra, Vale do Anari, Vale do Paraíso e do distrito de Tardância culminou na criação do Sindicato dos Instrutores de Auto Moto Escolas e Centro de Formação e Centro de Formação de Condutores de veículos de Jaru e Adjacências (Sindimac), no último dia 23 de junho. Um nome complicado como o de várias entidades similares, porém com um fim comum de

amparar os instrutores de auto-escola destes locais. Segundo o presidente eleito Wilson Lopes já existe o Sindicato em nível de Estado, mas este pertence aos donos de auto-veículos e infringe uma série de dispositivos de Lei e das normas trabalhistas, alguns deles são o salário do Instrutor e a cobrança equiparada por CNH, por isso que necessidade de uma representação regional que dê sustentação a classe. O Sindicato é formado por diretores de ensino e diretores gerais, além de instrutores práticos e teóricos.

CONSELHO REGIONAL DE CONTABILIDADE DO ESTADO DE RONDÔNIA
CONCURSO PÚBLICO SIMPLIFICADO
EDITAL Nº 02/2009

1.0 Conselho Regional de Contabilidade do Estado de Rondônia retifica o local de trabalho informado no item 2.2.2. Cargo: Auxiliar Administrativo, onde se há 37(Trinta e sete) vagas para a sede do CRCRO em Porto Velho-RO, (uma) vaga para a sub-sede do CRC no município de Araguesmenses(RO), (uma) vaga para a Delegacia do CRC no município de Ji-Paraná(RO), (uma) vaga na Delegacia do CRC no município de Cacoal(RO) e cadastro de reserva nos municípios de Vilhena(RO) e Rolim de Moura(RO) e formação de cadastro de reserva para todos os locais de trabalho inerentes a este cargo. Ina-se: 1 (uma) vaga para a sede do CRCRO em Porto Velho-RO, 1 (uma) vaga para a sub-sede do CRC no município de Araguesmenses-RO, 1 (uma) vaga para a Delegacia do CRC no Município de Ji-Paraná, 1 (uma) vaga na Delegacia do CRC no Município de Cacoal-RO e cadastro de reserva para todos os locais de trabalho inerentes a este cargo.

2. Realiza-se ainda no item 8.3. onde se há (...) de julho de 2009, seção (...) de agosto de 2009.

3. Os demais itens do edital permanecem inalterados.

Porto Velho, 02 de julho de 2009

Contador Luiz Ivo Sobrinho
Presidente da Comissão Organizadora do Concurso Público Simplificado do Conselho Regional de Contabilidade do Estado de Rondônia

5-D

E-4 Porto Velho, quinta-feira, 2 de julho de 2009

DIÁRIO esporte

DIÁRIO DA
AMAZÔNIA

VETERANOS DA ESPERANÇA

JI-MUNICIPAL 2009

Fim de Tarde e os Amigos do 13 decidem

Expojipa adia jogos da 3ª rodada

Não existe favoritismo para o Fim de Tarde e nem para os Amigos do Treze as duas equipes têm o mesmo potencial técnico

Com as arquibancadas cheias e torcedores tomando as laterais do campo este foi o palco da semifinal realizada no Campo da Associação Esperança da Comunidade onde as equipes do Atalanta, Fim de Tarde, Amigos do Treze e Ipase se defrontaram em dois jogos pra lá de bom, com as quadro equipes brigando pela posse da bola e atrás de gols que garantirem as classificações, mas só dois tiveram o privilégio de garantir vaga para a decisão neste sábado. Fim de Tarde e Amigos do Treze.

A decisão está sendo aguardada com muita expectativa, já que as duas equipes devem levar centenas de simpatizantes para a grande decisão. O organizador dos Veteranos, o desportista Kek disse à reportagem que mais uma vez está cumprindo o que prometeu. "A premiação, que é expressiva, será entregue ao campeão e vice". Kek disse que contou com a cooperação do Sarapó para organizar o evento.

Na primeira partida entre o Atalanta e o Fim de Tarde a decisão ficou para o segundo tempo, porque no primeiro, o empate sem abertura de contagem foi a prova do equilíbrio e no segundo tempo os dois times voltaram com a mesma disposição deixando os torcedores na expectativa os do Atalanta apostavam que o gol poderia sair de um minuto para o outro, já que o time chegava com muito perigo no



A equipe do Fim de Tarde soube aproveitar melhor as chances que teve

gol adversário.

Entretanto, ainda nos primeiros minutos de jogo a decepção, em jogada muito rápida, depois de tomada de bola, o Fim de tarde explorou a velocidade de seus jogadores e abriu o marcado com Elson, sem que o goleiro Renato pudesse fazer nada. Passados

poucos minutos o Fim de tarde amplia com Donca.

O Atalanta reagiu e procurou diminuir conseguindo com o Gerson e poderia ter empatado se o lateral esquerdo Carlão, perdeu chance incrível e o "castigo veio a cavalo" com Nonato Borges que pos número finais ao espetáculo.

Time

Fim de Tarde: Igor, Rômulo, Valtir, Alexandre, Paraná, Clóvis, Badu, Donca, Cemitério, Elson e Nonato Borges.

Técnico: Branco.

Atalanta: Renato, Jaburu, Rainha, Cacau, Carlão, Marcos, Nena, Barão.

Bosco, Adão.

Depois: Bila, Magreza, Baby, Marlicio.

Técnico: Banana.

Arbitragem: Uibracy de Jesus, com bom trabalho.

Confrontos

Até a segunda rodada, disputada na última semana o Campeonato Municipal já havia registrado 19 partidas e dezenas de gols assinalados. Os resultados até o momento foram:

1ª Rodada - Aspirante

Japurá 2x0 AAB
 Ji-Paraná 7x0 Jovem Vilela
 Arfa-B 4x2 Aeroporto
 Santiago-B 4x0 JAS
 Madelira 4x2 Atlético Jiparanaense

2ª Rodada

Jovem Vilela 1x2 AUS
 Madelira 1x0 Ji-Paraná
 Atlético Ji-Paraná 0x0 Santiago-B
 Sanfex 0x5 Aeroporto
 Juventude 1x1 Bola Vista
 Arfa-B 0x0 Botafama
Titulares - 1ª Rodada
 Santiago 1x2 Gazin
 Darwin 3x5 Benis
 Transpacífico 0x0 Aki Agora
 São Bernardo 2x1 Arfa

2ª Rodada

Gazin 2x2 Arfa
 São Bernardo 4x1 D'Inapolis
 Benis 2x2 Aki Agora
 Transpacífico 0x11 Capelasso

O maior classificados de automóveis e imóveis: mais de 2.130 oportunidades

Ladrões levam R\$ 50 mil em assalto aos Correios

Cientes e funcionários de agência dos Correios de Costa Marques foram violentados durante assalto

Armados com revólver e pistola dois homens invadiram na manhã de ontem a agência dos Correios de Costa Marques, no Vale do Guaporé, roubaram os clientes e os funcionários e limpam os caixas e um malote que seria retirado por uma empresa de transporte de valores. Os dois assaltantes chegaram em uma motocicleta de cor preta e sem placa, estacionaram em frente a agência e entraram de armas em punho amarrando o assalto. Quando eles saíram da agência tiveram um pouco de dificuldade para colocar a moto em funcionamento, mas mesmo assim conseguiram fugir antes da chegada da polícia. A Polícia Militar e a Polícia Civil foram acionadas e fecharam as saídas do município. Uma pessoa suspeita foi detida, mas liberada por falta de provas. **Página B2**



Transexual reconquista trabalho

Com interferência do Ministério Público Federal, a professora Vitória Racon, 27 anos, foi lotada no Colégio Estadual Carmela Dutra. A professora é transexual e denunciou na edição de domingo do Diário da Amazônia que foi rejeitada em outras escolas pela sua condição sexual. Vitória é formada em Letras e Física e conta com um mestrado. A professora foi contratada no início deste ano pela Secretaria Estadual de Educação (Seduc) através da aprovação no concurso seletivo emergencial que tem um prazo de dois anos de validade, mas foi impedida de trabalhar em escolas públicas do Estado quando descobriram sua condição sexual. Ela começará a trabalhar no dia 15 de julho no Carmela Dutra. **Página B3**

Sovic desvendado assalto em São Miguel
Página B2

Acusados de metralhar casa são presos
Página B2

Detido por tentar estuprar irmã de criação
Página B2

Morte de Gari é investigada pela Homicídio
Página B3

Menor que foi baleado morre no João Paulo
Página B2

Copa Eucatur tem rodada movimentada
Página B1



Uso de formol é banido dos salões de beleza

A moda do cabelo liso popularizou um tratamento conhecido como 'escova progressiva', que pode provocar problemas graves e inclusive a morte, se o tratamento incluir produtos à base de formol, um produto tóxico que provoca doenças graves como câncer, pneumonia e aumento do fígado. O alerta é da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Segundo a agência, existem produtos para alisamento que não incluem o formol em sua formulação. **Página B4**

Salão é vitrine para o turismo do Brasil

Todas as regiões do Brasil e diversos municípios estão em São Paulo para divulgar o que cada um tem de bom na área do turismo. A quarta edição do Salão do Turismo, que segue até domingo (5), além dos negócios e promoções, é uma oportunidade para que as pessoas conheçam os diversos roteiros turísticos que o Brasil oferece. Manifestações culturais são apresentadas a cada momento na feira. **Página A6**



Unir adota Enem para ingresso em 2010

A Unir vai adotar um caráter experimental, e média do Enem para ingresso na universidade para 10% das 2,6 mil vagas que serão oferecidas em 2010. A decisão atende determinação dos Conselhos Superiores da instituição. Segundo o reitor Januário Amaral, a substituição definitiva do vestibular pelo Enem nos próximos anos vai depender do número de vagas ocupadas por estudantes de outros Estados em 2010. **Página B1**

Mano foca a Libertadores com o grupo

Página E2

Ariquemes

Cota realizará ação social no fim de semana
Página D1

Expoac
Passaporte a preço promocional é facilitado no cartão
Página D3

Jaru
Semáforos ganham novas lâmpadas leds
Página D2

Andreazza
Obras evitarão poças de chuvas e água parada
Página D3

Rolim de Moura
Tapa buraco recupera 70% das avenidas
Página D3



Interbairros começa hoje no Aluizão
Página E3

INDICADORES

ANOSIA DO BOI	R\$ 47,00
POUPANÇA	0,5659%
SALÁRIO MÍNIMO	R\$ 465,00
DIURO	R\$ 39,40

DÓLAR	Compra	Venda
Centenário	1,961	1,963
Turismo	1,860	2,080
Paralelo	2,000	2,100
EURO	Compra	Venda
	3,738	3,741

Veja Pôster do Campeão da Copa do Brasil
Página E4

6-B

DIÁRIO DA
AMAZÔNIA

Cidades

Porto Velho, sexta-feira, 3 de julho de 2009



Em Rolim operação
tapa buraco atinge
70% da meta

Página D3

ARIQUEMES

Cufa promove o 2º Arituning Fest

A Cufa é uma organização sólida, reconhecida nacionalmente pelas esferas políticas, sociais, esportivas e culturais

A Central Única das Favelas (Cufa/RO) promoverá no próximo sábado e domingo (04 e 05/7) em Ariquemes no espaço alternativo, o 2º Arituning Fest, evento que teve a primeira edição no ano passado e conquistou grande público.

Bem estar

O evento tem a finalidade de incentivar jovens a participarem de atividades culturais e a prática de esportes, no sábado terá apresentação de dança de rua, skate, Dj's e campeonato de basquete de rua, a equipe campeã do basquete irá representar Rondônia em competição oficial no Rio de Janeiro, haverá também o sorteio de uma motocicleta Honda Titan.

Promoção

A programação continua domingo, onde terá campeonato de som automotivo com premiação em dinheiro, já está confirmado a presença de várias equipes de todo o estado que irão trazer seus veículos para competir.

O coordenador da CUFA em Ariquemes, o músico e artista Robynho Dy convida a todos para prestigiar o evento que terá entrada franca.



Na última edição ate quem não conhecia a arte de rua foi conferir



Visitantes se impressionam com as performances e atrações

EXPOAC

Passaportes vendidos no cartão

Nesta quarta-feira (01/7), através da parceria que vem sendo feita com a operadora de Cartões de Créditos Visa, a Associação Rural de Cacoal (Arca) realizou a entrega de mais duas máquinas de cartão em pontos de venda da cidade. O objetivo é facilitar ao público a aquisição de passaportes para as cinco noites da XI Expoac. Um dos Postos de Venda que receberam a máquina de cartão Visa foi o Supermercado A Luzitana. O Presidente da Arca, Silvio Masiero, fez questão de entregar pessoalmente o aparelho e agradecer o apoio dado ano após ano pelo supermercado.

Em seguida a equipe da Arca realizou a entrega de um aparelho no Auto Posto VIP "Escolhemos locais de fácil acesso ao público, como é o caso do Posto VIP bem centralizado no nosso município", disse Silvio Masiero.

Com o cartão Visa os interessados poderão adquirir o seu Passaportes divididos em 2 parcelas e, mesmo assim, ainda estar pagando o preço promocional de antecipado. Conforme explicou o presidente, o valor do passaporte é 60 Reais, mas antecipadamente está sendo vendido a R\$ 50. Quem possuir o passaporte também concorre,

através de sorteio, a 4 motos e 1 carro. "Com certeza vale a pena adquirir o passaporte, não só por sair mais barato mas também pelos prêmios aos quais estarão concorrendo", destacou o presidente.

Além do Supermercado A Luzitana e Posto Vip, os passaportes poderão ser adquiridos através de cartão nas Lojas Umurama, Americana Modas, Posto Doralice e no Escritório da Arca. Para compras a dinheiro, além destes, existem diversos outros Posto Credenciados espalha dos pela cidade. Maiores informações podem ser obtidas através do site www.expoac.com.br



Máquinas auxiliam a aquisição de passaportes a preços promocionais e com condições facilitadas

D-2 Porto Velho, sexta-feira, 3 de julho de 2009

DIÁRIOCIDADES

Cidade da AMAZÔNIA

JARU

Semáforos ganham novas lâmpadas

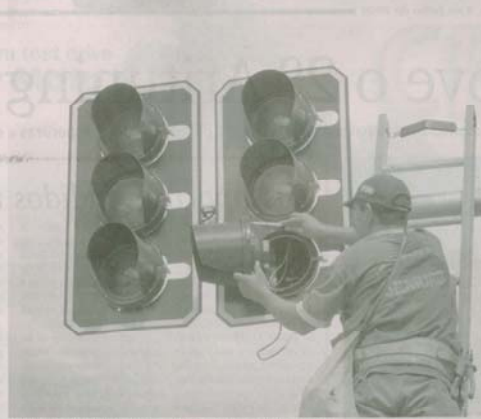
Semáforos de Jaru estão funcionando com lâmpadas de leds de 200 mm que consomem menos energia

A Prefeitura de Jaru realizou a substituição das lâmpadas dos semáforos que antes de pouca resistência e pouca visibilidade. A Secretaria de Obras do Município promove a troca por um produto de maior durabilidade e que proporciona mais segurança aos usuários das vias públicas.

Depois de constatar vários problemas nos semáforos, o prefeito de Jaru, Jean Carlos dos Santos (PMDB) pediu que fosse feita a substituição por lâmpadas de leds.

Hoje os semáforos de Jaru estão funcionando com lâmpadas de leds (200 mm) que além de gastar menos energia, garantem uma excelente visibilidade e tem maior durabilidade.

"A segurança do trânsito é de fundamental importância e os semáforos não poderiam continuar com uma iluminação deficitária. Promovemos a troca das lâmpadas e continuaremos a investir neste setor", completou o prefeito Jean Carlos.



Lâmpadas garantem uma excelente visibilidade e possuem maior durabilidade

SÃO MIGUEL

Unidades de saúde recebem visita



Prefeito visita as condições em que se encontram os postos de saúde do município

Com o objetivo de acompanhar de perto o trabalho desenvolvido nas unidades de saúde do Município, o prefeito Ângelo Penali (PV) visitou o hospital e alguns postos de saúde da cidade.

Como a corpo

Segundo o prefeito, é fundamental para o administrador conhecer de perto as necessidades de cada setor e principalmente checar se a

comunidade está satisfeita com o trabalho desenvolvido nas unidades públicas.

"Estas visitas serviram para conhecer os reclames da sociedade e conferir as aparelhagens que temos nos nossos postos de saúde. Este setor tem muito ainda para crescer e vamos investir bastante nestes próximos anos. Acompanhando de perto esta realidade será mais fácil agir em prol do nosso povo", comentou o prefeito.

MACHADINHO

Associação firma parceria para Expoama

A Associação Agropecuária de Machadinho do Oeste firmou uma parceria com a Prefeitura da cidade para realização de serviços de limpeza e mão de obra para os trabalhos que antecedem a Expoama (Exposição Agropecuária de Machadinho).

O presidente da entidade, Enoc Dionísio, ressaltou os convênios firmados com o Governo do Estado e Assembleia Legislativa. "O deputado Neodil Oliveira viabilizou duas emendas parlamentares para a Expoama. Uma no valor de 200 mil para asfaltamento das ruas internas do parque e outra de 195 mil para construção de três barracões para expositores", comentou o presidente da Associação.

Durante os cinco dias da Expoama serão reali-

zados grandes shows para animar o público.

No dia 31 de julho (sábado) acontece a tradicional cavalgada pelas ruas da cidade. Já no dia 5 de agosto será realizado o show de Ari Santos e os Recampados.

Já no dia 6 de agosto os visitantes do parque de exposição terão o show regional com Milton Durra e Cia. Dia 07 de agosto a dupla sertaneja Zaqueli e Thiago comanda a festa. Ainda no dia 7, haverá o bingo de um carro 0x modelo Gol.

Dia 08 de agosto o show será da banda Ferro do Bom e no dia 09 o encerramento ficará por conta do trio Nechivile.

Durante a Expoama acontecerá o concurso leiteiro que deve movimentar os produtores de toda a região.

SENAI

Programa beneficia deficientes auditivos

Cerca de 20 jovens portadores de necessidades especiais foram beneficiados com o programa de gratuidade do Senai que disponibilizou um curso de informática básica na unidade de Ji-Paraná.

Capacitação

Com carga horária de 160 horas, os alunos que possuem surdez terão conhecimentos básicos nas áreas de digitação, Windows Vista, Microsoft Word, Microsoft Power Point, Microsoft Excel e Internet.

O programa busca a construção de conhecimento e melhora da auto estima dos alunos.

Responsabilidade social

O Senai desempenhando seu papel social entende que a informação deve ser transmitida de forma rápida e atualizada, sendo assim, o uso do computador passa a ser uma ferramenta imprescindível para a inserção desse jovem no mercado de trabalho.

BOM JESUS

Distrito é contemplado com pavimentação



Os serviços de pavimentação asfáltica são supervisionados por engenheiros

Os moradores do distrito de Bom Jesus, em Jaru, são beneficiados com serviços de pavimentação asfáltica. A obra teve início no dia (26/6) e mostra um grande avanço. A empresa El Construtora e Terra Planejadora vencedora da licitação, iniciou a obra com uma frota de máquinas modernas, garantindo mais rapidez e qualidade na obra.

Ao todo serão feitos cerca de 1 km de pavimentação asfáltica, divididos em duas pistas com meio fio e canteiros, os serviços de pavimentação asfáltica beneficiarão a população, evitando a poeira e valorizando os imóveis.

A obra custará aos cofres públicos cerca de R\$ 300 mil reais de emenda do senador Valdir Raupp (PMDB), junto ao Ministério da Defesa, através do projeto Calha Norte, este recurso é uma reivindicação do Prefeito Jean, quando vereador.

Além dos serviços de pavimentação asfáltica do distrito de Bom Jesus, já foram licitados os serviços para a pavimentação da Rua Princesa Izabel e do distrito de Tarilândia, ao todo a prefeitura de Jaru estará investindo cerca de R\$ 3 milhões de reais em pavimentação asfáltica ainda este ano.

Segundo o prefeito Jean Carlos dos Santos (PMDB), a pavimentação do distrito de Bom Jesus é apenas o início dos projetos que serão desenvolvidos pela prefeitura de Jaru para os próximos 4 anos.

MINISTRO ANDREAZZA

Cidade ganha obra de manilhamento

A prefeitura de Ministro Andreazza através da Secretaria Municipal de obras vem realizando trabalhos na zona rural e urbana do município. As obras iniciaram no final do mês de junho e buscam melhorar a qualidade de vida dos moradores de Andreazza.

Reivindicação

No mês de junho, foram executados serviços na zona urbana, pois a tempos os moradores sofriam com a falta de atendimento inclusive reclamações eram feitas acerca de alguns bueiros que estavam a céu aberto, prejudicando o acesso das pessoas a suas casas, impossibilitando o trabalho de recuperação das ruas, e colocando as pessoas que ali residem em risco de contrair doenças.

Preocupado com tal situação o Prefeito Neuri acionou ao Secretário de Obras Valdírio, para que o mesmo tomasse as devidas providências para solucionar o problema. O secretário programou a execução do serviço e nesse dia, os trabalhos foram iniciados para



Município é beneficiado com obras de infraestrutura que melhorará escoamento de águas pluviais

atender a esses moradores que há tempos esperavam este benefício.

O serviço de manilhamento teve início primeiramente nas ruas que estão recebendo bloqueamento, e

já atendeu a vários pontos do município que estavam urgentemente necessitando do serviço. O prefeito municipal juntamente com o secretário de obras esteve presente acompanhando os tra-

balhos e cobrou qualidade e agilidade no andamento do serviço, e disse que sua meta é manilhar todos os pontos do município que estejam necessitando do referido serviço.

MACHADINHO

Projovem e Peti recebem kits



A entrega dos kits foi feita pela Secretaria de Ação Social

A Secretaria Municipal de Ação Social de Machadinho do Oeste realizou no mês de junho a distribuição de 150 kits escolares para o Projovem e ainda 200 kits para o PETI com mochila, camiseta, boné e material escolar.

Além disso, a Secretaria entregou mais de mil cartões do Programa Bolsa Família Rural. De acordo com o secretário Paulo César, a entrega

foi realizada pela Secretaria devido a dificuldade dos Correios em encontrar os beneficiários.

"Para não prejudicar ninguém e concluir a entrega dos cartões, nós resolvemos fazer a convocação de todos os beneficiários para um grande evento para que todos recebessem o cartão Bolsa Família", comentou Paulo César.

O maior classificados de automóveis e imóveis: mais de 2.920 oportunidades

Revista TV



O que faz alguém ser um Rei?
 Roberto Carlos completa 50 anos de carreira como o maior cantor da história da música brasileira, o Rei da música brasileira.

Revista TV

Júlia e Beca planejam o sequestro
 Ramiro (Humberto Martins) que se esconde: Júlia (Vitória Frute) e Beca (Javi Mayan) estão planejando seu sequestro, movida pelo desejo de vingança.



Revista TV

Lucas e Bahuan trocam socos em um bar
 Lucas (Murilo Rosa) vai agredir Bahuan (Márcio Garcia) em um bar. Tudo porque o médico vai ver o indiano tirar uma foto dele com Duda.



Adeus informalidade

Trabalhador informal recebe incentivos para deixar informalidade e virar empreendedor

A partir desta semana, manicures, costureiras, carpinteiros, pipoqueiros, vendedores ambulantes e todo tipo de trabalhador autônomo que fature até R\$ 36 mil por ano (R\$ 3 mil por mês) poderão passar a ser microempresários reconhecidos formalmente. Eles serão os empreendedores individuais, figura criada pela Lei Complementar 128 de 2008, que passou a vigorar no último dia 1º de julho. Nesta categoria, os empreendedores poderão pagar menos impostos do que como pessoas físicas, terão acesso a crédito nos bancos públicos e a benefícios da Previdência Social, como aposentadoria. Os empreendedores individuais na área de comércio e indústria, como vendedores ambulantes e artesãos, pagarão um valor fixo mensal de 11% do salário mínimo – hoje R\$ 51,15 – como contribuição à Previdência Social, mais R\$ 1 de imposto (ICMS).



R\$ 30 milhões em multa geram protestos
 Iniciada há um mês, a operação Terra Nova, deflagrada para desocupar a Floresta Nacional do Bom Futuro, em Porto Velho, já emitiu R\$ 30 milhões em multas e noticiou 361 criadouras de gado. Os fiscais do Ibama estão garantindo desmatamento zero e enfrentam represálias, como o incêndio de uma viatura e cartas com ameaças. Recentemente, o governo do Estado e o Ministério do Meio Ambiente firmaram um acordo que permite a permanência dos ocupantes da Flona. Mesmo assim a operação continua, porque decorre de uma decisão judicial. Um Grupo de Trabalho foi criado para acompanhar o acordo feito entre o governo federal e o estadual.

Pesca será liberada no Vale do Guaporé

A lei estadual que proíbe a pesca no Vale do Guaporé deverá ser anulada em breve. Como o rio Guaporé fica na fronteira com a Bolívia está sob a jurisdição da União e, portanto, não está



Assaltantes dos Correios são presos

As polícias militar e civil prenderam, ainda na noite de quinta-feira, os dois assaltantes da agência do Banco Postal dos Correios de Costa Marques, que roubaram todo o dinheiro da agência: R\$ 53.745,00 foram recuperados. Os dois assaltantes, identificados como sendo Antônio Pereira da Silva, 24 anos, Werner Alves Cunha, 28 anos, com recibo de serem mortos no confronto, se entregaram ao cerco montado na saída da cidade.



Rodrigo Selhorst & Cia dão show

Disputa ferrenha na pista com os melhores pilotos do Estado e as emoções nas arquibancadas é a tônica de domingo no município de Buritis, onde acontece a 2ª Etapa do Campeonato Estadual de Motocross, que tem público seletivo. As ultrapassagens sensacionais, acrobacia máxima, equilíbrio em duas rodas e acrobacias aéreas na rampa, são os principais atrativos da disputa de hoje.

Tapajós é o campeão do Nacional
 Página E1

Expojipa
 Exposição começa hoje com cavalgada
 Página D1

Machadinho
 Mutirão Arco Verde reúne trabalhadores
 Página D2

Alto Paraíso
 Falta de calcário pode causar prejuízo à lavoura
 Página D2

Ariquemes
 Reivindicação em tom de humor pede providência
 Página D3

Cooperativismo
 Em época de crise alternativa pode virar solução
 Página D3



Calama decide com Extrema o Interdistrital
 Página E2

INDICADORES

ARRODO DO BOI	R\$ 67,00
POUPANÇA	0,5953%
SALÁRIO MÍNIMO	R\$ 465,00
OURO	R\$ 59,20

DÓLAR

Compre	Venda
1,938	1,940
1,840	2,060
2,000	2,130

Na Argentina Cruzeiro joga com máscaras
 Página E2

7-B

Estado de
AMAZÔNIA

Cidades

Porto Velho, 4 e 5 de julho de 2009

Moradores usam
o humor para
reivindicarem

Página D3

JI-PARANÁ

30ª Expojipa começa neste sábado

A partir das 8 horas o tráfego na BR-364 dentro do perímetro urbano será desviado para o Anel Viário

Com a tradicional Cavalgada começa neste sábado a 30ª Feira Agropecuária, Industrial e Comercial de Ji-Paraná (Expojipa). A solenidade de abertura está marcada para as 19 horas na arena de rodeio do parque de exposições, Hermínio Victorelli. Durante os nove dias de festa o público terá shows, leilões, sorteios de veículos e moto, palestras e expositores de Rondônia e outros estados. A primeira atração musical fica por conta da dupla, Cesar Menotti e Fabiano. Também começa à noite o Qualifay que serve de classificatório para o Rodeio Profissional. O tráfego na BR-364 será desviado a partir das 8 horas.

Cavalgada em 2 pontos

Pela primeira vez em toda a sua história a tradicional Cavalgada da Expojipa terá dois pontos de partidas. A primeira delas no centro do primeiro distrito de onde sairão as carretas, motocicletas e caminhões. Já do bairro da Vila João saem os cavaleiros, carroças e blocos. Essa mudança, segundo as autoridades foi tomada em consequência das obras de alargamento da ponte sobre o

rio Machado com objetivo de evitar possíveis acidentes.

Desvio

Conforme informou a delegacia de Polícia Rodoviária Federal de Ji-Paraná (DPRF) a partir das 8 horas o tráfego de veículos na BR-364, dentro do perímetro urbano da cidade será desviado para o Anel Viário. De acordo com o Inspetor/PRF Sebastião

Cazaroto a medida se faz necessária devido à realização da Cavalgada.

Os motoristas entram no Anel Viário, próximo da Polícia Rodoviária e chegam até Presidente Médici usando a RO-135 e a BR-364. "Estaremos desde as primeiras horas desta manhã orientando todos os motoristas", afirmou Sebastião Cazaroto. O início da Cavalgada está previsto para as 9 horas.



Edição terá a maior premiação da história: cinco S-10 e uma moto XTZ 125cc

De Porto Velho para o mundo, pode escolher. A gente leva você.

Vá até a CVC ou consulte seu agente de viagens.

CVC
No Porto Velho Shopping
Av: Rio Madeira, 3288 - loja 107/4, 1º piso
Ligue: (69) 3218 8158